

Escola Superior de Educação João de Deus



Relatório de Estágio Profissional

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Ana Luísa Abecassis Queiroz de Oliveira

ORIENTADORA:

Professora Doutora Diana Boaventura

Lisboa

Dezembro 2009

Escola Superior de Educação João de Deus



Relatório de Estágio Profissional

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Ana Luísa Abecassis Queiroz de Oliveira

ORIENTADORA:

Professora Doutora Diana Boaventura

Lisboa

Dezembro 2009

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço à minha Professora e Orientadora Diana Boaventura pela excelente orientação e apoio que me deu para a elaboração do presente relatório.

Ao Dr. Ponces de Carvalho, enquanto director da Escola Superior de Educação João de Deus, os meus sinceros agradecimentos pela oportunidade que me deu. Foram meses de muitas aprendizagens e experiências fabulosas que ajudaram para o meu crescimento pessoal e profissional.

A todos os docentes da ESE e do Jardim-Escola pela forma como me receberam e tornaram todo este tempo tão produtivo e rico em novas experiências.

A todas as crianças do Jardim-Escola um obrigado muito especial pois sem elas nada teria sido possível.

Às minhas colegas, que depois de tanto esforço, conseguimos ultrapassar mais uma etapa juntas, o meu Muito Obrigada. Agradeço em especial ao meu grupo, Rute e Patrícia, que tanto apoio me deram durante estes 4 anos.

Aos meus amigos e amigas, que me apoiaram neste tempo, que por vezes parecia interminável. Obrigada Mafalda, Bruno, Ana, Janssimara, Carla e Noemi entre muitos outros que me ajudaram a ultrapassar muitas dificuldades.

A toda a minha família, tio, tia, primos (Sílvia, Rute e Diogo) e mana obrigada pelo apoio e paciência que tiveram nesta luta.

A todos o meu muito Obrigada!

Índice geral

	Página
Agradecimentos	
CAPITULO I – INTRODUÇÃO	17
1.1- Caracterização do local do estágio	17
1.2- Cronologia/Duração	18
1.3- Metodologia utilizada para a realização do estágio	20
1.4- Importância	21
1.4.1- Importância da Educação Pré-Escolar	21
1.4.2- Importância pessoal	22
CAPÍTULO II – RELATOS DIÁRIOS	23
2.1 – Caracterização das turmas	23
2.2– Horários	24
2.3 - As Rotinas no Jardim-Escola	28
2.3.1 – O acolhimento	29
2.3.2 – A Higiene	30
2.3.3 – A Refeição	31
2.3.4 – A Sesta	31
2.3.5 – O Recreio	32
2.3.6 – A Escola e a Família	33
2.3.7 – Aulas Extra-Curriculares	33

2.3.7.1 – Informática	33
2.3.7.2 – Biblioteca	34
2.3.7.3 – Música	34
2.4 - Práticas observadas	37
2.4.1.- 1º Momento de estágio – Bibe Amarelo	37
2.4.1.1. - Reflexão sobre o estágio no bibe amarelo	87
2.4.2. - 2º Momento de estágio – Bibe Encarnado	89
2.4.2.1. – Reflexão sobre o estágio no bibe encarnado	128
2.4.3 - 3º Momento de Estágio – Bibe Azul	130
2.4.3.1 – Reflexão sobre o estágio no bibe azul	171
CAPITULO III – PLANIFICAÇÕES	172
3.1 – Planear	172
3.2 - Modelo T de aprendizagem – A planificação	172
3.3 - Planos de aula	175
3.3.1- Planos de aula do bibe amarelo	175
3.3.2 – Planos de aula do bibe encarnado	202
3.3.3 – Planos de aula do bibe azul	228
3.3.4 – Plano de aula da Prova Prática de Aptidão de Capacidade Profissional	246
CAPITULO IV – DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO	261
4- Avaliação	261
4.1- Área de Conhecimento do Mundo	263

4.1.1 – Contextualização e Metodologia	264
4.1.2 - Proposta de trabalho	265
4.1.3- Descrição dos Parâmetros e Critérios	266
4.1.4 – Grelha de avaliação de Conhecimento do Mundo	267
4.1.5 - Interpretação da grelha de avaliação	269
4.2- Área de Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita	270
4.2.1 – Contextualização e Metodologia	270
4.2.2 - Descrição dos Parâmetros e Critérios	271
4.2.3 – Grelha de avaliação de Estimulação à Leitura	274
4.2.4 - Interpretação da grelha de avaliação	276
4.3- Área de Matemática	276
4.3.1 – Contextualização e Metodologia	277
4.3.2 - Proposta de trabalho	278
4.3.3 - Descrição dos Parâmetros e Critérios	279
4.3.4 – Grelha de avaliação de Matemática	281
4.3.5 - Interpretação da grelha de avaliação	283
CAPITULO V – REFLEXÃO FINAL	284
5.1 – Reflexão	284
5.2 – Limitações	285
5.3 – Novas Pesquisas	286
BIBLIOGRAFIA	287

Índice de Figuras

Figura 1 – Jogo Kim Visual	39
Figura 2 – Diagrama de Carroll	46
Figura 3 – Blocos Lógicos	47
Figura 4 - Placard e CD utilizados para a actividade	50
Figura 5 – Cartolina preenchida com carneiro, ovelha e cria	58
Figura 6 - Desenho elaborado pela educadora a partir do retroprojector	59
Figura 7 - Desenho elaborado por um aluno do bibe amarelo	59
Figura 8 - Aluno do bibe amarelo a fazer picotagem	61
Figura 9 - Aluno do bibe amarelo a fazer grafismos	61
Figura 10 – Exemplo de uma aula de ginástica	62
Figura 11 – Placard “Tabela de atributos”	63
Figura 12 - Proposta de trabalho – grafismos	64
Figura 13 - Joanelinha viva	65
Figura 14 - Joanelinha artificial	65
Figura 15 - Desenho pintado por aluno do bibe amarelo	66
Figura 16 -Trabalho final da actividade de Expressão Plástica	66
Figura 17 - Enfiamentos em placas de plástico.	68
Figura 18 - Enfiamentos em placas de plástico.	68
Figura 19 - Suporte didáctico - “Televisão”	68
Figura 20 - Colocação do fósforo dentro da garrafa	70
Figura 21 – Experiência do ovo	70

Figura 22 - Tintas para a pintar o ovo de madeira	70
Figura 23 - Crianças do bibe amarelo a pintarem o ovo de madeira	70
Figura 24 - Triângulo colado na proposta de trabalho	71
Figura 25 - Ovo antes de ser enfeitado	74
Figura 26 - Ovo enfeitado com vários materiais	74
Figura 27 - Jogo do loto	75
Figura 28 – Árvore para a dramatização	76
Figura 29 - Relógio para dramatização	76
Figura 30 – Ruínas de Conímbriga	77
Figura 31 – Sé Velha de Coimbra	78
Figura 32 – Fantoches da história “Capuchinho Vermelho”	85
Figura 33 – Capa do livro “ O Porquinho Vítor”	86
Figura 34 – Comboio com as peças do Cuisenaire	94
Figura 35- Estação verde escura	95
Figura 36- Comboio para estação verde-escura.	95
Figura 37 – Comboio	95
Figura 38 – Dois Comboios para a estação verde escura	96
Figura 39 – Flanelógrafo com “p”, “q”, “d”, “b”	99
Figura 40 – Cartilha Maternal	100
Figura 41 – Sequência de peças de blocos lógicos	101
Figura 42 – Conjunto a	102
Figura 43 – Conjunto completo	102
Figura 44 – Desenho de simetrias elaborado por aluno do bibe encarnado	103
Figura 45 – Inquérito feito aos alunos	105

Figura 46 – Construção do “espelho da princesa” com o material Tangram.	107
Figura 47 – Tangram	110
Figura 48 – Construção do pato em Tangram	110
Figura 49 – História contada pela aluna estagiária	112
Figura 50 – Itinerário com o material Cuisenaire	113
Figura 51 – Aluna vestida de cenoura	114
Figura 52 – Capa do livro “Adivinha o quanto eu gosto de ti”	115
Figura 53 - Quadro “Natureza morta”	118
Figura 54 – Tapeçaria	118
Figura 55 – Sectores da Roda dos alimentos	120
Figura 56 – Alimentos separados em prateleiras	120
Figura 57 – Cestos de fruta	122
Figura 58 - Cenoura pintada por aluno	123
Figura 59 – Cenoura – resultado final	123
Figura 60 – Figuras geométricas no geoplano	126
Figura 61 – Simetria de figuras geométricas no geoplano	126
Figura 62 – Simetria no geoplano	132
Figura 63 – O Elefante Elmer	134
Figura 64 – Capa de livro “Parabéns à Docas”	135
Figura 65 – Itinerário com o Cuisenaire	137
Figura 66 – Desenho elaborado por criança do bibe azul	137
Figura 67 – Meninos a pegarem na varinha mágica	138
Figura 68 – Desdobrável em feltro	139
Figura 69 – Imagem da história “Não abanem o barco”	139

Figura 70 – Fantoche	139
Figura 71 – Calculadores Multibásicos	140
Figura 72 – Actuação das crianças no Congresso da OMEP	142
Figura 73 – Itinerário	143
Figura 74 – Praia improvisada	145
Figura 75 – Bandeiras da praia	145
Figura 76 – Estagiária a ajudar aluno a colocar as conchas no conjunto	146
Figura 77 – Estagiária a contar a história “A Tina e o mar”	147
Figura 78 – Composição com figuras geométricas	148
Figura 79 – Imagem de vulcão	150
Figura 80 – Vulcão de laboratório	150
Figura 81 – Bandeira pintada pelos meninos do bibe azul	153
Figura 82 – Crianças a pintarem as mãos para pintarem a bandeira	153
Figura 83 – Tabela (Cuisenaire)	157
Figura 84 – Capa do livro “Mariana e a missão Primavera”	158
Figura 85 – Proposta de trabalho	159
Figura 86 – Feijão-Verde e venda para os olhos	160
Figura 87 – Livro “ A ovelhinha que veio para o jantar”	161
Figura 88 – Aluna a dar aula de Matemática através da confecção de um bolo.	161
Figura 89 – Operação realizada pelas crianças	162
Figura 90 – Capa do livro “A fada da cor”	165
Figura 91 – Salão enfeitado para aula sobre a Índia	166
Figura 92 – Aluna com o Sari vestido	167
Figura 93 – Capa do livro “Lili e o jardim da Índia”	168

Figura 94 – Placard de Boas vindas	170
Figura 95 – Galinha Ruiva	179
Figura 96 - Eu, vestida de rã.	187
Figura 97 - Visualização de uma rã	191
Figura 98 - Exercícios de relaxamento	192
Figura 99 – Algarismos móveis	200
Figura 100 – Desenho da história – Quando se deve apanhar a batata	204
Figura 101 - Roda dos alimentos	208
Figura 102 – Roda dos alimentos por preencher	208
Figura 103 – Eu a dar a aula sobre a roda dos alimentos	209
Figura 104 – Livro “ O Ruca não quer comer”	212
Figura 105 – Imagem de livro “Vamos todos viajar I”	215
Figura 106 – Imagem do livro “Vamos todos viajar II”	215
Figura 107 – Três cartolinas - Para as crianças fazerem correspondência entre o transporte e o meio em que estes circulam.	219
Figura 108 – Puzzle em esponja	222
Figura 109 – Puzzle dos transportes	222
Figura 110 – Eu, a iniciar aula de IV Dom de Froebel	225
Figura 111 – Lenga-lenga – Os 8 soldados	226
Figura 112 – Ecopontos	230
Figura 113 – Eu, vestida de homem do lixo	231
Figura 114 – Capa do livro “Ana Gotinha de Água”	234
Figura 115 – Ciclo da água	237

Figura 116 – Elaboração do placard do ciclo da água	238
Figura 117 – Jogo de Tabuleiro	240
Figura 118 – Concretização do jogo	241
Figura 119 - Capa do livro “ O segredo da Tartaruga Huga”	248
Figura 120 – Reprodução e nascimento da tartaruga	251
Figura 121 – Tartaruga	252
Figura 122 – Almofada com a forma de tartaruga	255
Figura 123 – Peças do material Cuisenaire	259

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Cronologia de actividades / tempo de estágio	19
Tabela 2 – Horário Bibe Amarelo A	25
Tabela 3 - Horário Bibe Encarnado A	26
Tabela 4 – Horário do Bibe Azul A	27
Tabela 5 – Modelo T de aprendizagem	173
Tabela 6 – Plano de aula extra dada no bibe amarelo – 1ª aula	177
Tabela 7 – Plano de aula programada dada no bibe amarelo – 2ª aula	182
Tabela 8 – Plano de aula programada dada no bibe amarelo – 3ª aula	185
Tabela 9 – Plano de aula programada dada no bibe amarelo – 4ª aula	189
Tabela 10 – Plano de aula programada dada no bibe amarelo – 5ª aula	194
Tabela 11 – Plano de aula programada dada no bibe amarelo – 6ª aula	197
Tabela 12 – Plano de aula extra dada no bibe encarnado – 7ª aula	203
Tabela 13 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 8ª aula	206
Tabela 14 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 9ª aula	211
Tabela 15 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 10ª aula	214
Tabela 16 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 11ª aula	217
Tabela 17 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 12ª aula	221
Tabela 18 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 13ª aula	224
Tabela 19 – Plano de aula programada dada no bibe azul – 14ª aula	229
Tabela 20 – Plano de aula programada dada no bibe azul – 15ª aula	233
Tabela 21 – Plano de aula programada dada no bibe azul – 16ª aula	236

Tabela 22 – Plano de aula programada dada no bibe azul – 17ª aula	239
Tabela 23 – Plano de aula programada dada no bibe azul – 18ª aula	242
Tabela 24 – Plano de aula prova prática – 19ª aula	247
Tabela 25 – Plano de aula prova prática – 20ª aula	250
Tabela 26 – Plano de aula prova prática – 21ª aula	254
Tabela 27 – Plano de aula prova prática – 22ª aula	257
Tabela 28 – Classificação quantitativa e qualitativa	264
Tabela 29 – Classificação atribuída à actividade de Conhecimento do Mundo	266
Tabela 30 - Grelha de avaliação da actividade de Conhecimento do Mundo	267
Tabela 31 - Classificação atribuída à aula de Estimulação à Leitura	273
Tabela 32 - Grelha de avaliação da área de Estimulação à Leitura	274
Tabela 33 - Classificação atribuída à aula de Matemática	280
Tabela 34 - Grelha de avaliação da proposta de trabalho de Matemática	281

Índice de gráficos

Gráfico 1:

Resultados obtidos na proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo	269
---------------------------------------------------------------------	-----

Gráfico 2:

Resultados obtidos na aula de observação de Estimulação à Leitura	276
-------------------------------------------------------------------	-----

Gráfico 3:

Resultados obtidos na proposta de trabalho de Matemática	283
----------------------------------------------------------	-----

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

O presente relatório insere-se no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional, apresentando-se este dividido em 5 capítulos.

No primeiro capítulo começo por descrever a caracterização do local do estágio realizado desde Janeiro de 2009 até Julho de 2009 assim como a respectiva cronologia. Após a mesma, passo a explicar a metodologia utilizada para a realização do estágio bem como a importância da educação pré-escolar e a importância pessoal.

No capítulo seguinte (capítulo II) menciono a caracterização das 3 turmas (bibes) em que estagiei bem como as suas rotinas diárias, sendo estas seguidas pelos respectivos relatos diários devidamente fundamentados.

As planificações das aulas leccionadas por mim encontram-se no capítulo III. Estas foram relatadas e fundamentadas no decorrer deste capítulo.

O capítulo que se segue refere-se aos dispositivos de avaliação (capítulo IV). Foram alvos de avaliação as três áreas curriculares (Conhecimento do Mundo, Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita e Matemática). Para cada área decidi indicar a contextualização da actividade e como forma de avaliação foram elaboradas grelhas e gráficos.

No 5º e último capítulo reflecto sobre o trabalho apresentado. Ainda neste capítulo refiro as minhas limitações ao elaborar o trabalho, bem como as novas pesquisas que pretendo fazer.

1.1- Caracterização do local do estágio

O Jardim-Escola onde realizei o estágio pertence a uma rede de associações (quarenta escolas divididas entre Portugal Continental e Ilhas). Possui também um Museu e uma Escola Superior de Educação. Este estabelecimento de ensino engloba o pré-escolar e o 1ºciclo com alunos de idades compreendidas entre os 3 e os 9/10 anos. Estas crianças têm actividades extra-curriculares tais como: música, ginástica, biblioteca, informática e inglês.

O Jardim-Escola possui doze salas de aula, um salão, um ginásio, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala de professores, um gabinete de direcção, uma secretaria, um refeitório, uma cozinha, três despensas, uma sala de material de educação física, cinco casas de banho para crianças, uma casa de banho de adultos, dois recreios.

Relativamente aos docentes e funcionários desta instituição pode referir-se a directora, seis educadoras de pré-escolar, oito professores de 1ºciclo, quatro educadoras polivalentes, professores das áreas extra-curriculares (música, ginástica, entre outros), a secretária e as auxiliares de cozinha e de acção educativa.

O Jardim-Escola está situado numa zona urbana – uma avenida com bastante movimento onde podemos encontrar pequeno comércio, bancos, escritórios de empresas ligadas a várias áreas da actividade económica.

O quadro socioeconómico das famílias dos alunos do Jardim-Escola é heterogéneo em virtude desta instituição ser uma I.P.S.S., no entanto a maioria das famílias dos alunos do Jardim-Escola pertencem à classe média. No que diz respeito ao nível cultural e académico das famílias dos alunos do Jardim-Escola pode dizer-se que este corresponde a um nível médio/superior.

1.2- Cronologia/Duração

A tabela (tabela 1) que se segue mostra a cronologia do tempo de estágio e elaboração do relatório. Podemos observar o número de horas de estágio, de aulas dadas bem como as utilizadas para a elaboração do relatório e pesquisas bibliográficas, perfazendo um total de 848 horas.

Relatório de Estágio Profissional

Tabela 1 – Cronologia de atividades / tempo de estágio (1/2/3/4 – semanas de cada mês – Data de início 1/1/2009)

Tempo (semanas) /Atividades	Janeiro				Fevereiro				Março				Abril				Maio				Junho				Julho				Agosto				Setembro				Outubro				Novembro				Total de horas
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4									
Estágio	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓																					
Aula surpresa educadora							✓					✓											✓																						
Aulas programadas/extra					✓	✓		✓	✓			✓	✓	✓		✓		✓					✓	✓	✓															348h					
Elaboração do relatório de estágio e reuniões com orientadora																				✓	✓	✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓		450h				
Pesquisas bibliográficas																			✓				✓				✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓		50h				
Total																																					848h								

1.3 - Metodologia utilizada para a realização do estágio

Tendo em consideração que no nosso estágio nos foi pedido um relatório e não uma tese, quando fomos observar as aulas registámos tudo o que se passava no dia-a-dia de um jardim-escola, isto é, não tínhamos que nos cingir a um tema.

Daí que a observação que fizemos, foi uma observação participante tendo em conta que nós estávamos lá e fazíamos parte do grupo de pessoas.

Deste modo, eu observei tudo, desde a rotina das crianças, ao modo como se deve falar com as crianças, perceber quais as formas da educadora conseguir manter a disciplina, qual a forma de dar as aulas para as diferentes áreas.

Tendo em conta Veríssimo (2000) existem dificuldades na avaliação, nomeadamente na observação directa por parte do professor. Assim sendo, é necessária, a elaboração de grelhas de análise ou de observação para posteriormente analisar a progressão de certos comportamentos dos alunos e que permitam fazer uma sistematização, ou seja, escalas de classificação resultantes da observação.

No meu caso específico, durante o estágio elaborei algumas propostas de trabalho para os alunos, com vista a perceber se a criança interiorizou a matéria leccionada. Essas propostas de trabalho servem como instrumento de avaliação, o que levará à elaboração de grelhas de avaliação.

1.4 – Importância

1.4.1 – Importância da Educação Pré-Escolar

É fundamental que a criança tenha contacto com a escola desde cedo. A educação pré-escolar é muito importante porque a criança com esta idade está apta à aprendizagem e necessita de se socializar com as outras crianças e adultos. Estes anos da criança são decisivos para o seu desenvolvimento. Durante esta fase a criança prepara-se para receber um grande número de estímulos, quer de ordem cognitiva, quer de ordem emocional. O jardim-de-infância promove o desenvolvimento de várias aptidões e capacidades bem como o sucesso escolar.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a, p.15) os objectivos a atingir são os seguintes:

- a) “Promover o desenvolvimento pessoal da criança com base em experiência de vida numa perspectiva de educação para a cidadania.
- b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;
- c) Contribuir para a igualdade de oportunidade no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- d) Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas;
- e) Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- g) Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, no âmbito da saúde individual e colectiva;
- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.”

(Lei de Quadro da Educação Pré-Escolar, p.15)

1.4.2 – Importância pessoal

A realização deste trabalho foi muito importante tanto para a minha formação académica, como para a minha formação pessoal.

O presente relatório é um dos elementos de avaliação final para a conclusão do mestrado em Educação Pré-Escolar e servirá um pouco para que haja uma retrospectiva e reflexão das aulas leccionadas e assim, tentar corrigir e melhorar os aspectos que foram menos positivos.

O trabalho apresenta acuidade científica, isto é, é um trabalho actual, que se sustenta em algumas das últimas investigações que têm surgido.

Devo notar que a realização do estágio profissional e do presente relatório teve uma grande importância para a minha formação pessoal, uma vez que aumentei o meu conhecimento e dei valor a aspectos muito importantes na vida da criança e do educador. Da actividade de pesquisa gostaria de destacar o livro: “Pais brilhantes, professores fascinantes” de Augusto Cury, uma vez que me identifiquei muito com as ideias do autor.

CAPÍTULO II – RELATOS DIÁRIOS

Este capítulo será iniciado pela caracterização das turmas e dos horários dos bibes pelos quais passei. Na minha opinião achei pertinente colocar no início deste capítulo para que o leitor esteja desde já integrado e conheça as características de cada turma e por sua vez a rotina deste jardim-escola. Desde já fundamento as rotinas e posteriormente, ao longo do trabalho as áreas curriculares e extra curriculares.

2.1 – Caracterização das turmas

No local onde estagiei, diferenciam-se as idades através da cor dos bibes. O bibe amarelo corresponde aos 3 anos, o bibe encarnado aos 4 anos e o bibe azul aos 5 anos. Cada faixa etária possui 2 salas, denominando-se de turma A e B.

O **Bibe Amarelo A** era uma turma formada por 28 alunos.

A turma era composta por 14 crianças do sexo feminino e 14 crianças do sexo masculino. Este grupo pertencia a um nível socioeconómico médio/alto. Algumas tinham dificuldades de linguagem. Na generalidade as crianças eram meigas e afectuosas embora um pouco agitadas e de fácil dispersão. Tinham um grande respeito pela educadora da sala, mas por vezes eram indisciplinadas com as estagiárias.

A turma do **Bibe Encarnado A** era composta por 28 crianças, 16 do sexo feminino das quais 13 tinham quatro anos e 3 tinham três anos e 12 do sexo masculino das quais 7 tinham quatro anos e 5 tinham três anos. Estas crianças pertenciam ao nível socioeconómico médio/médio alto e os seus pais possuíam na sua grande maioria formação superior. Deste grupo de crianças duas necessitam de alguns cuidados especiais visto que uma possuía uma doença chamada Fenilcetonúria e outra que sofria de problemas respiratórios.

A Fenilcetonúria é uma doença genética caracterizada pela ausência da enzima fenilalanina. O cuidado que tínhamos com esta menina era que esta não comesse nada sem que víssemos. Esta criança tinha uma dose certa de fenilalanina que podia ingerir diariamente sendo assim, a mãe preparava-lhe as refeições para que tivesse noção das porções tomadas.

O menino com problemas respiratórios tinha uma botija de oxigénio portátil. Não podia fazer esforços, nem correr como os outros meninos. Não podia estar em locais com pó. Quando preparávamos uma actividade tínhamos que ter sempre em

conta o problema deste menino para que ele pudesse participar. Este grupo de crianças estava bem integrado na dinâmica do Jardim Escola. Demonstrando motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. Eram crianças alegres e evidenciavam grande afecto pelos adultos.

Quanto ao **Bibe Azul A**, a turma era constituída por 28 crianças, 18 do sexo feminino das quais 6 tinham quatro anos e 12 tinham cinco anos e 10 do sexo masculino das quais 2 tem quatro anos e 8 têm cinco anos. Estas crianças pertenciam a famílias maioritariamente estruturadas, cujo nível socioeconómico é médio e médio/alto e os seus pais possuíam na sua grande maioria formação académica superior. Eram crianças interessadas e motivadas por aprender as diversas áreas. Gostam de brincar, eram extrovertidas, com a excepção de 3 crianças. Este pequeno núcleo de crianças mais tímidas e demonstravam pouco à vontade para responder às questões, a menos que fossem solicitadas. Uma destas crianças apresentava algumas dificuldades de oralidade, não respondendo às questões colocadas, a não ser que fossem feitas ao ouvido e respondida em tom muito baixo. De um modo geral, era um grupo trabalhador embora por vezes um pouco barulhento.

2.2– Horários

Nesta secção apresento os horários das diferentes turmas. Há que salientar que o estágio decorria às segundas, quartas e sextas-feiras, sendo assim não assisti às actividades da terça e da quinta-feira, estando realçado com cor, as horas assistidas.

Tabela 2 – Horário Bibe Amarelo A

Bibe Amarelo A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9h/9h30	Acolhimento, Canções de Roda e Higiene				
9h30/10h	Act. Desenv. Verbal	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Estimulação à Leitura	Educação Musical
10h/10h30	Recreio	Desenho	Estimulação à Leitura	Informática/ Biblioteca	Recreio
10h30 /11h	Ginástica	Recreio	Recreio		Estimulação à Leitura
11h/11h30	Estimulação à Leitura	Trabalho de grupo	Grafismos	Recreio	Iniciação à Matemática
11h30/12h	Desenho	Cantinhos		Iniciação à Matemática	
12h/12h30	Almoço				
13h/15h	Sesta				
15/15h30	Iniciação à Matemática	Picotagem	Picotagem	Pintura	Modelagem/Barro
15h30/16h	Recorte e Colagem	Desenho	Desenho	Desenho	Cantinhos
16h/16h30	Cantinhos	Cantinhos	Cantinhos	Jogos	Jogos
16h30/17h	Lanche/Saída				

Tabela 3 - Horário Bibe Encarnado A

Bibe Encarnado A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
09h00 / 09h30	Acolhimento, Canções de Roda e Higiene				
09h30 / 10h00	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática
10h00 / 10h30	Educação Física	Iniciação à Matemática	Estimulação à Leitura	Iniciação à Matemática	Educação Musical
10h30 / 11h00	Recreio				
11h00 / 11h30	Conhecimento do Mundo	Moldagem/Dobragens	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Informática/Biblioteca
11h30 / 12h00	Conhecimento do Mundo	Moldagem/Dobragens	Iniciação à Matemática	Educação Física	Informática/Biblioteca
12h00 / 13h00	Almoço				
13h/15h	Recreio				
15/15h30	Desenho/corte /colagem	Trabalho de Grupo	Dramatização/fantoches	Pintura/Desenho	Estimulação à Leitura
15h30/16h	Desenho/corte /colagem	Trabalho de Grupo	Desenho de série/grafismos	Pintura/Desenho	Assembleia dos alunos
16h/16h30	Desenho/corte /colagem	Trabalho de Grupo	Desenho de série/grafismos	Pintura/Desenho	Assembleia dos alunos
16h30/17h	Lanche/Saída				

Tabela 4 – Horário do Bibe Azul A

Bibe Azul A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
09h00 / 09h30	Acolhimento, Canções de Roda e Higiene				
09h30 / 10h00	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita
10h00 / 10h30	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita	Cartilha / Escrita
10h30 / 11h00	Recreio	Aula de Ginástica	Recreio	Aula de Ginástica	Recreio
11h00 / 11h30	Conhecimento do Mundo	Recreio	Informática / Biblioteca	Recreio	Aula de Música
11h30 / 12h00	Dobragens / Fitas	Matemática (material)	Informática / Biblioteca	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo
12h00 / 13h00	Almoço				
13h/14h30	Recreio				
14h30/15h	Matemática (material)	Matemática (escrita)	Matemática (material)	Pintura/Desenho	Matemática (material)
15h/15h30	Dobragens/Fitas	Pintura/Modelagem	Histórias/Lengas-lengas/Destrava-linguas	Matemática (escrita)	Aula de Inglês
15h30/16h	Matemática (escrita)	Desenho de série	Matemática (escrita)	Pintura/Desenho	Aula de Inglês
16h/16h30	Histórias/Lengas-lengas/Destrava-linguas	Dramatização	Matemática (escrita)	Pintura/Modelagem	Assembleia de grupo
16h30/17h	Lanche/Saída				

2.3 - As Rotinas no Jardim-Escola

No Jardim-Escola existem horários pensados pormenorizadamente para que as crianças tenham uma boa aprendizagem. Deste modo são criadas rotinas e horas certas para determinada actividade. Essas rotinas variam consoante a faixa etária. Regra geral, o funcionamento do dia-a-dia baseia-se no (a):

- Acolhimento
- Higiene
- Actividades na sala de aula
- Lanche
- Actividades na sala de aula
- Higiene
- Almoço
- Sesta ou intervalo (dependendo da idade)

Passo a fazer referência a que existem outras actividades durante o dia, após a sesta/recreio, contudo irei dar mais ênfase até às 13h, sendo este o horário a que terminam os dias de estágio.

A criança em idade pré-escolar necessita das **rotinas** para que se preparem para o dia-a-dia de uma vida futura. A criança desde tenra idade tem que ganhar disciplina nos horários. A rotina também serve para que a criança perceba quais as actividades pelas quais vai passar, durante o dia, sem que lhe tenham que dizer.

Falo de rotinas, de um modo geral, mas não nos podemos esquecer que a criança com 3 anos tem uma mente muito diferente de uma criança de 5 anos. A criança aos 5 anos já passou por 2 anos de rotinas e já as tem mais interiorizadas que uma criança de 3. Tem que se ter em consideração que a criança de 3 anos terá que ter um tempo de adaptação à rotina.

De acordo com Zabalza (1998, p.52) pude constatar que “as rotinas desempenham, de uma maneira bastante similar aos espaços, um papel importante no momento de definir o contexto no qual as crianças se movimentam e agem. As rotinas actuam como organizadores estruturais das experiencias quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro (principalmente às crianças com dificuldade para construir um esquema temporal de médio prazo) por um esquema fácil de assumir. O quotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e a autonomia.”

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a, p.40) “A sucessão de dia ou sessão tem um determinado ritmo

existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. Nem todos os dias são iguais, as propostas do educador ou das crianças podem modificar o quotidiano habitual.”

Tal como acabei de referir na citação acima mencionada, nem todos os dias são iguais, como poderemos ver mais à frente existe um horário em que todos os dias da semana têm actividades em diferentes horas. A criança depois de algum tempo irá habituar-se à rotina do seu jardim-escola.

Para Hohmann e Weikart (2003, p.242) os aspectos básicos da rotina diária são os seguintes:

“A rotina diária apoia a iniciativa da criança

- Fornece tempo à criança para expressar e seguir até ao fim os seus objectivos e intenções;
- Permite aos adultos envolverem-se totalmente no apoio e encorajamento das crianças para que estas façam e digam as coisas por si próprias.

A rotina diária oferece um enquadramento social.

- Permite às crianças terem um ambiente psicológico e emocionalmente seguro, e com uma finalidade.
- Suaviza a transição das crianças na passagem de casa para o contexto educativo pré-escolar através da construção de um sentido comunitário.

A rotina diária proporciona uma estrutura flexível.

- Fornece uma alternativa às estruturas rígidas e às estruturas sem regras;
- Tem o potencial de ensinar aos adultos qualquer coisa de novo sobre cada criança e cada dia.

A rotina diária apoia os valores do currículo

- Permite às crianças construírem conhecimento.
- Inclui os ingredientes da aprendizagem activa em cada segmento do dia.”

2.3.1 – O Acolhimento

Relativamente ao **acolhimento**, nesta instituição este era feito no recreio ou no salão (consoante a situação climatérica). Por volta das 9h os meninos faziam a roda, inicialmente, os meninos do bibe amarelo formam-se em círculo, de seguida os meninos do bibe encarnado formam roda à volta dos meninos do bibe amarelo. Seguindo-se os meninos do bibe azul e assim sucessivamente até aos meninos do

4ºano. Formada a roda os meninos em conjunto com as educadoras e estagiárias cantam algumas músicas terminando assim com o Hino da escola. “ Cada modalidade de educação pré-escolar tem características organizacionais próprias e uma especificidade que decorre da sua dimensão e dos recursos materiais e humanos de que se dispõe.” (Ministério da Educação, 1997a, p.41) Isto indica que cada instituição é livre de implementar as suas rotinas.

Relativamente à **Expressão Musical** e ao facto das crianças cantarem na Roda, Cordeiro (2008,p.373) pergunta “qual a criança que não gosta de cantar? Aliás, qual o ser humano que não gosta de ouvir música, independentemente de ser melómano ou de não saber reconhecer estilos musicais?

A aprendizagem de novas canções (partilhando algumas entre elas) permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e de tempo.”

2.3.2 – A Higiene

Terminada a roda cada turma era encaminhada pelo seu educador/professor para a sala de aula. Quando a casa de banho é externa à sala, as crianças vão fazer a higiene e juntam-se em comboio para irem para a sala.

O mesmo autor, (Cordeiro, 2008,p.373) refere que “a higiene é um momento deveras importante. Variando muito de criança para criança (e de idade para idade), há um elo comum: o desenvolvimento da autonomia (é uma grande vitória conseguir abrir a torneira e usar o sabonete sozinho, entre outros). Sente-se o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo. Por outro lado, aprende-se que depois das actividades ou de fazer xixi, as mãos devem ser lavadas.”

A lavagem das mãos é fundamental. Visto que é através delas que se transmitem as doenças. Tendo em conta Cordeiro (2008,p.105) “nas mãos, há bactérias residentes, que existem normalmente nas camadas profundas da pele e no interior dos folículos pilosos, e que têm funções importantes na prevenção da colonização com outras bactérias que eventualmente podem causar danos. Uma lavagem de mãos bem-feita e nos momentos em que deve ser, poderá impedir três dos principais modos de transmissão de doenças: fecal-oral, contacto indirecto com secreções respiratórias e contactos directos com fluidos corporais.”

2.3.5 – A Refeição

Por volta as 10h30/11h as crianças do jardim-escola tomam uma pequena merenda (uma peça de fruta, uma fatia de pão ou uma bolacha) e às 12h almoçam. Dentro do nosso período de estágio, eram as refeições que víamos os meninos a fazer.

“O almoço e o lanche, do ponto de vista de socialização, servem também para criar uma maior autonomia (estimulada pelos outros e por um sentido correcto de competição, o que faz comerem tudo pelo seu punho no jardim de infância e em casa terem de ser os pais a dar), passar noções implícitas de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo que com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição (as educadoras e auxiliares explicam porque é que se deve comer peixe, massa, alface ou qualquer outra coisa). Há também um controlo das exigências pessoais, aprendendo a aceitar o menu do dia sem reclamar, como é por vezes hábito em casa.” (Cordeiro, 2008,p.373)

Para Hohmann e Weikart (2003, p. 232) “as refeições são períodos para as crianças e os adultos apreciarem comida saudável num contexto social apoiante”.

É o período de tempo em que as crianças aprendem a ter regras e desse modo aprendem a socializar-se.

2.3.6 – A sesta

A sesta é fundamental para a criança. Com esta idade ainda é um ser muito sensível e necessita de repor energias descansando assim o corpo e a mente. Cordeiro (2008,p.373) refere que “a sesta deve ser feita num ambiente calmo (contrastando com o ambiente de “converseta” da hora do almoço), e estimulada a autonomia (as crianças devem tirar elas próprias os sapatos, deitar-se e tapar-se sozinhas, mesmo que as educadoras dêem o toque final), e mais uma vez se respeitam os ritmos do grupo.”

A criança geralmente trás de casa um boneco, ou uma fralda para dormir. Estes são chamados os objectos de transição e devem acompanhar a criança, visto que assim lhes trás lembrança dos pais e da casa. Deste modo, a criança sente que está num ambiente tranquilo e isso traz-lhe segurança.

No entanto existem muitas crianças que não gostam desta hora. O que por vezes se torna um problema, visto que, não dormem nem deixam dormir (Gesell, 1979). Portanto, cabe ao educador arranjar estratégias para que essa criança deixe a

restante turma dormir. O facto de a criança estar deitada já se encontra a descansar o corpo, sendo assim, se for necessário deixar que a criança esteja a brincar em silêncio não deve ser considerado uma má opção.

“Algumas crianças podem dormir ainda à hora da sesta, mas para a maioria delas a sesta é apenas uma “sesta de brincadeira”. A maior parte não revela grande entusiasmo por esta rotina. É preferível que as que não dormem tenham ao seu alcance uma porção razoável de coisas para elas brincarem. (...) Mesmo em relação às que não dormem, aquele breve período de folga que uma sesta de recreio proporciona é repousante para a criança.” (Gesell, 1979, p.195)

Apenas as crianças do bibe amarelo dormem nesta instituição. Quando os meninos iam dormir, eu sentava-me junto daqueles elementos mais irrequietos da turma. Antes de sair tapava-os e dava sempre um afecto. É uma hora ótima para nos aproximarmos das crianças e criar vínculos de amizade, nesse momento podemos sempre dizer “gosto muito de ti”. Depois podemos então, observar a carinha deles de felicidade.

2.3.5- O recreio

Cordeiro (2008) acha que é muito vantajoso para a criança a hora do recreio. É fantástico ter um momento de desconstracção com “ brincadeira livre, imaginação, correria, possibilidade de fazer novos movimentos que estimulam a motricidade grossa sem andar aos encontrões aos móveis, contacto com a natureza. E estabelecimento e reforço das amizades.” (Cordeiro, 2008,p.374)

No ponto de vista de Hohmann e Weikart (2003, p.231) “o tempo no exterior permite às crianças brincarem juntas, inventarem os seus próprios Jogos e regras e familiarizarem-se com os ambientes naturais. Permite também aos adultos observar e interagir com as crianças num contexto que as faz sentirem-se confortáveis”.

Neste ponto devo então salientar que durante o período de estágio no bibe amarelo nunca vi os meninos a irem ao recreio exterior, talvez também se devesse às condições meteorológicas, sendo assim, os meninos ficavam na sala e brincavam com plasticina.

No bibe encarnado, os meninos já foram mais vezes ao recreio, mas como referi em cima, o tempo melhorou e estes já tiveram oportunidade de brincar livremente.

Em relação ao bibe azul e tendo em consideração, que havia demasiadas estagiárias na sala de aula que tinham aulas para leccionar, os meninos não tinham oportunidade de ir ao recreio tantas vezes quanto o desejado.

2.4.6 – A Escola e a Família

Nesta secção, importa referir a ponte que o jardim-escola faz com a família das crianças. Organizando e calendarizando atempadamente um dia para que os pais passem com os seu filhos na sala de aula. Não tive a oportunidade de acompanhar esse dia visto ser sido agendado para uma terça-feira (período fora do estágio).

Considerando Hohmann e Weikart (2003) a relação entre a família e os professores é fundamental para as crianças aprenderem a dar valor às suas experiências familiares e às dos outros. Deste modo, segundo este autor o educador deve incluir as famílias no contexto escolar.

Segundo Reis (2008, p. 62) “a interacção entre a Escola e a Família pode ir desde o alheamento profundo à participação mais activa. O cruzamento das actividades de confrontação e das atitudes dessas duas entidades pode ter diversas manifestações e diferentes níveis. No entanto, não devemos nunca esquecer de que a Escola faz parte do quotidiano familiar de cada criança. Cada família vive a Escola com diferentes graus de interesse, envolvimento e expectativas.”

2.4.7 – Aulas Extra-Curriculares

2.4.7.1 – Informática

As aulas de Informática nesta instituição são dadas ao mesmo tempo em que decorre o momento de biblioteca. Portanto as turmas são divididas ao meio e um grupo está na Informática e o outro na biblioteca passados trinta minutos trocam os grupos.

Estas aulas funcionam muito bem, todas as crianças do jardim-escola têm oportunidade de frequentar esta aula. A educadora que dá esta aula é uma óptima profissional e tem um relacionamento muito bom com as crianças.

As aulas de Informática propiciam momentos em que o aluno pode trabalhar individualmente, em pares ou em grupo. Segundo Botelho (2009,p.115) “ a interacção com os computadores estimula a comunicação verbal e a colaboração entre as crianças”. Ao trabalhar em pares a criança sentirá necessidade de pedir a colaboração do colega quando lhe surgir alguma dúvida.

Cada vez mais vivemos na sociedade do conhecimento, tudo à nossa volta é informatizado e cada vez mais cedo é necessário que a criança aprenda a mexer nas tecnologias.

Tendo em conta as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar “ os registos audiovisuais são meios de expressão individual e colectiva e também meios de transmissão do saber e da cultura que a criança vê e aceita com prazer. A educação pré-escolar pode facilitar a relação do audiovisual com outras formas de expressão, como o desenho e a pintura, utilizando-o como meio de informação e registo”. (Ministério da Educação, 1997a, p. 72) As crianças gostam particularmente das aulas ministradas com um computador. Ao visualizarem a imagem projectada a partir do computador as crianças aprendem com maior facilidade.

2.4.7.2 – Biblioteca

Tal como especifiquei no ponto anterior, o momento de biblioteca é dado em parceria com a aula de Informática.

“O gosto e o interesse pelo livro e pela palavra escrita inicia-se na educação pré-escolar. O contacto e a frequência de bibliotecas pode também começar nesta idade, se as crianças tiveram oportunidade de utilizar, explorar e compreender a necessidade de as consultar e de as utilizar como espaços de recreio e de cultura” (Ministério da Educação, 1997a, p.729)

É muito importante que a criança sinta a necessidade de ler, de se instruir. Desse modo, as crianças terão fortes probabilidades de virem a ser bons alunos, de construírem boas frases e de conseguirem ter bons diálogos.

Tendo em conta Sequeira (2000) a biblioteca tem como finalidade relacionar a criança com o texto escrito, bem como o manuseamento de livros. Os objectivos da biblioteca recaem sobre o facto de responderem à necessidade da criança ouvir histórias, estimular as crianças à leitura bem como o desejo de querer saber ler, melhorar a linguagem, aumentar o conhecimento sobre o mundo que rodeia a criança.

“O importante é que levemos o livro à criança e ajudemos a estabelecer uma conduta de comunicação com este precioso meio de desenvolvimento”. (Sequeira, 2000,p. 67)

2.4.7.3 – Música

As aulas de Música, nesta instituição, eram leccionadas em diferentes dias, como se pode observar nos horários dos diferentes bibes. As duas turmas de cada bibe tinham aulas em conjunto. O grau de dificuldade das aulas aumentava consoante a faixa etária. Segundo Sousa (1999, p.14) “a participação activa de todos os alunos e o desenvolvimento da criatividade partindo da experiência” é tão, ou mais importante que um aspecto musical.

Baseando-me nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a,p.63) “A Expressão Musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspectos que caracterizam os sons: intensidade (fortes e fracos), altura (graves e agudos), timbre (modo de produção), duração (sons longos e curtos), chegando depois à audição interior, ou seja, a capacidade de reproduzir mentalmente fragmentos sonoros.”

Considerando o autor Sousa (2003, p.23) “na educação pela música, pretende-se eminentemente proporcionar à criança meios para satisfazer as suas necessidades desenvolvimentais, sobretudo as necessidades de exploração e integração no mundo sonoro, de expressão e de criação. O objectivo é a criança.”

Considerando Borrás (2002, p.430), “na educação infantil, a música deve chegar aos alunos de forma adequada, formando-lhes um ouvido disposto a escutar e a receber estímulos sonoros que lhes permitam ligar-se com a música.”

É fundamental perceber que “a Expressão Musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar.

- Escutar

A exploração das características dos sons pode passar, também, por escutar, identificar e reproduzir sons e ruídos da natureza – água a correr, vento, “vozes” dos animais, etc. – e de vida corrente como o tic-tac do relógio, a campainha do telefone ou motor do automóvel, etc.

- Cantar

A relação entre a música e a palavra é uma outra forma de expressão musical. Cantar é uma actividade habitual na educação pré-escolar que pode ser enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmo. Trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com o da linguagem, que passa por compreender o sentido do que se diz, por tirar partido das rimas para discriminar os sons, por explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original.

- Dançar

A música pode constituir uma oportunidade para as crianças dançarem. A dança como forma de ritmo produzido pelo corpo liga-se à expressão motora e permite que as crianças expressem a forma como sentem a música, criem formas de movimento ou aprendam a movimentar-se, seguindo a música. A dança pode também apelar para o trabalho de grupo que se organiza com uma finalidade comum.

- Tocar

O acompanhamento musical do canto e da dança permite enriquecer e diversificar a expressão musical. Este acompanhamento pode ser realizado pelas crianças, pelo educador ou recorrer a música gravada” (Ministério da Educação, 1997a, p.63-65)

É fundamental perceber que “as crianças em idade pré-escolar gostam de cantar melodias de todo o tipo, sejam canções de embalar, tradicionais ou populares, ou associadas com festividades e celebrações. A forma como aprendem a cantá-las é por ouvir cantar, juntando-se e cantando vezes sem conta até as canções já serem “suas”. (Hohmann & Weikart, 2003, p.669)

Para além de tudo o que foi falado Hohmann e Weikart (2003, p.670) referem ainda que a criança quando canta em grande grupo e tendo em consideração que envolve toda a gente “torna-se um tempo muito agradável para cantar músicas favoritas conhecidas e introduzir novas canções.”

2.5 - Práticas observadas

2.5.1 - 1º Momento de estágio

Bibe Amarelo

Quarta-feira, dia 7/01/2009

Quando cheguei ao local do estágio, às 9h30, a turma teve uma recepção, com vista a sermos apresentadas à directora do jardim-escola, bem como às instalações do jardim-escola.

Às 10h30 fui para a sala do bibe amarelo A, nessa altura as crianças estavam a fazer um Jogo no tapete, denominado de “Cinderela” em que se retirava um sapato a uma criança e outra com os olhos vendados teria que descobrir a quem faltava o sapato. Este Jogo trabalhava a memorização visto que as outras crianças tinham os pés escondidos no bibe.

Às 10h45, as crianças ficaram na sala (nas mesas) a comer bolachas e de seguida brincaram com a plasticina. Quinze minutos mais tarde, a educadora encaminhou-os para o tapete fazendo Jogos de retorno à calma, nos quais estiveram em roda de mãos dadas a cantar algumas músicas. Desse modo vai-se estipulando os lugares para sentar, de modo a iniciar uma nova actividade.

A educadora fez o Jogo Kim visual com o 1º Dom de Froebel. Iniciou a actividade mostrando a caixa de madeira de modo a obter como resposta o nome do Jogo. De seguida fez algumas questões direccionadas, tais como:

- De que é feita a caixa?
- De que parte das árvores se retira a madeira?
- Quais são as partes constituintes das árvores?

Depois começou por contar uma breve história sobre Froebel, começando depois a retirar bolas, a primeira a tirar foi a amarela (por ser a cor do bibe) e colocou no tapete. Depois tirou a encarnada e perguntou:

- Qual é a cor da próxima bola a sair, se se misturar o amarelo com o encarnado qual a cor que vai dar?

Então a bola seguinte foi a laranja.

A estratégia que utilizou foi fingir que colocava tinta na amarela numa mão e encarnada na outra (e os meninos imitavam) depois juntava as duas mãos e originava a cor-de-laranja. No final fingiam que estavam a lavar as mãos com sabonete e que limpavam com papel. Uma criança levantou-se e foi buscar o balde do lixo e todos colocaram os seus papéis “sujos” imaginários.

A educadora continuou a retirar as bolas da caixa saindo assim a verde, pediu a uma criança que a colocasse atrás de outra criança. A bola azul veio de seguida e foi colocada debaixo do pé de outra criança. Por fim, só faltava a bola roxa e a educadora explicou que as cores do arco-íris são sete, mas como a cor lilás e anil são

muito parecidas optam por ensinar apenas o roxo. Este Dom de Froebel tem seis bolas por essa mesma razão.

Comentário crítico

Os Dons de Froebel, são um material estruturado, muito utilizado neste jardim-escola.

Segundo Prestes (1896, p.33) “o I Dom é constituído por 6 bolas cobertas de lã com as cores do prisma. “É conducente à observação e ao uso de elementos de:

1. Número
2. Cor
3. Substancia
4. Movimentos
5. Posição
6. Direcção
7. Forma
8. Cantos e Jogos relativos a frutos e flores de variadas cores.”

Na minha opinião, o I Dom é um material muito apelativo para as crianças, e tal como o autor referiu, é possível de trabalhar vários conceitos. As crianças a brincar, acabam por aprender todos os conceitos sem darem conta.

De seguida, a educadora fez um Jogo para trabalhar a lateralização. Como a criança ainda não tem noção da direita e da esquerda, este Jogo irá trabalhar o “em cima”, “em baixo”, “ao lado”. Posteriormente a educadora explicou-me que não se diz, às crianças, o “atrás” e o “à frente”, porque como as crianças estão de frente para ela por tanto o que está “à frente” da educadora será para as crianças “ atrás” substituindo-se assim pelo “aqui”.

A educadora colocou a bola amarela “em cima” da caixa, a vermelha “ao lado” da caixa e a azul “à frente” da caixa (**Figura 1**). Todas as crianças olham de modo a memorizar a posição das bolas, uma das crianças levantou-se e foram-lhes vendados os olhos. De seguida a educadora coloca noutros lugares as bolas e a criança terá que colocar na posição em que estava inicialmente.

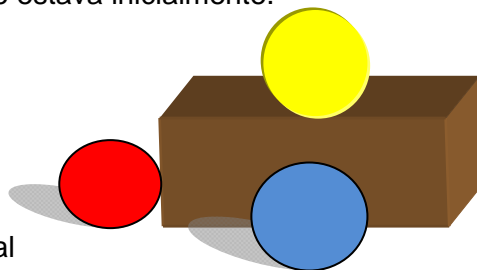


Figura 1 – Jogo Kim Visual

Comentário crítico

Na minha opinião, este tipo de Jogos são muito importantes para a criança. Em primeiro lugar, é um Jogo que é feito em grande grupo o que facilita a socialização das crianças. E o facto, de trabalharem a lateralidade e orientação espacial é fundamental nesta idade. Percebendo assim, expressões tais como: “em cima”, “em baixo” e “ao lado”.

No Jogo Kim, Meur e Staes (1989, p.113) explicam que a criança terá que “descobrir o objecto que está a faltar ou memorizar o lugar de diferentes objectos”, trabalhando desse modo a memória perceptiva”.

Segundo Meur e Staes. (1989, p.12) “não devemos confundir lateralidade (dominância de um lado em relação ao outro, a nível da força e da precisão) e conhecimento de “esquerda-direita” (domínio dos termos “esquerda” e “direita”).”

Os mesmos autores (1989, p.12) referem também que “a lateralidade é importante na evolução da criança, contribuindo para determinar a estruturação espacial: percebendo o seu eixo do corpo, a criança percebe também o seu meio ambiente em relação a esse eixo”.

Às 11h45, as crianças foram à casa de banho e enquanto iam em grupos, os restantes estavam a fazer o Jogo do “Tim Tim, Tim Tão”, este Jogo faz-se com a criança com a cabeça no colo da educadora e esta diz:

Ó Tim Tim Ó Tim tão

Quantos dedos tem na minha mão!

(enquanto isso a educadora toca nas costas da criança com X dedos, se a criança acertar o Jogo está terminado e passa a outra criança, se não acertou no número de dedos tocados nas costas continua-se a fazer o Jogo).

Se dissesses X

Não perdias mas ganhavas

Ó Tim Tim Ó Tim tão

Quantos dedos tem na minha mão!

Às 12h encaminharam-se as crianças para o refeitório para almoçarem. À medida que acabavam de almoçar iam à casa de banho e de seguida dormir a sesta.

No final de as crianças estarem deitadas, a educadora deu-nos algumas indicações, tais como, pesquisarmos acerca do Método João de Deus. Explicou também que as crianças não são castigadas e que temos que saber contornar o

problema sem que a criança perceba que está a ser punida. Por exemplo: se uma criança estiver a destabilizar quando estão em roda no tapete, troca-se essa criança de lugar sem que a criança perceba e o problema fica resolvido. Uma das estratégias fundamentais para o bom funcionamento da aula é fazer perguntas direccionadas, falando uma criança de cada vez e respeitando a vez do outro. O objectivo é que todas as crianças participem e desse modo dar a oportunidade a que todos respondam e raciocinem sobre a questão colocada. As actividades devem ter a duração de vinte minutos visto ser o tempo que as crianças conseguem interiorizar a informação.

Comentário crítico

A meu ver, esta aula foi muito produtiva, a educadora esforçou-se para que vissemos algumas das actividades que as crianças fazem diariamente. Fiquei a conhecer o material - I Dom de Froebel, que até então era-me completamente desconhecido. A educadora foi muito atenciosa pelo facto de, no final da manhã nos ter dado algumas recomendações sobre o funcionamento das rotinas diárias das crianças, bem como as do jardim-escola.

Para que não haja instabilidade durante a aula, a educadora explicou que as perguntas dirigidas são muito importantes, visto que deste modo as crianças tenham que conseguir aguardar pela sua vez de falar e assim não falarão todas ao mesmo tempo.

O autor Cury (2004) é da opinião que se devem fazer pelo menos dez perguntas durante o decorrer de uma aula. Quanto a este autor a primeira pergunta deve ser feita no geral, deste modo a “pergunta começa por “stressar” positivamente os alunos e melhorar a concentração. Se ninguém se atrever a responder, ele (o professor) deve chamar um aluno pelo nome e fazer-lhe a pergunta. Independentemente da resposta, o aluno deve ser elogiado pela sua participação. Os alunos mais arredios são conquistados com este procedimento.” (Cury, 2004, p. 130)

Nesta instituição é aplicado o Método João de Deus. “Segundo Paz e Lebrero (1991, citado em Ruivo, 2009, p.121), definimos método como sendo o conjunto de estratégias escolhidas pelo professor que permitirá organizar e estruturar o seu trabalho face aos objectivos fixados. Assim, a eficácia de um método dependerá do grau em que:

- i. Contribua para o desenvolvimento total do aluno
- ii. Fomente a actividade do aluno no processo de aprendizagem, assim como a intercomunicação entre os alunos.
- iii. Se adapte ao ritmo e às características individuais do aluno

- iv. Seja intrinsecamente motivante
- v. Se desenvolva num ambiente relaxado e de liberdade controlada
- vi. Torne possível ao aluno o conhecimento dos seus progressos, permitindo a evolução da sua aprendizagem
- vii. Permita a transferência para outros domínios.”

Segundo Golbert (1988, citado em Ruivo, 2009, p.121) “é peremptório em afirmar que “uma boa parte das dificuldades existentes na escola serão superadas se as metodologias de ensino considerarem os princípios básicos que dirigem a linguagem oral.”

Sexta-feira, 9 de Janeiro de 2009

Às 9h15, os meninos do bibe amarelo ficaram todos juntos na sala B a cantar e a jogar ao “Rei manda” enquanto esperavam pelo professor de música.

Quinze minutos mais tarde, chegou o professor e cantou a música de boas vindas:

Olá meninos } professor
Olá, olá, olá }

Olá professor } crianças
Olá, olá, olá }

O professor iniciou a aula, cantando músicas tais como: “Havia um pastorzinho”, “Música no coração”, “Dó, ré, mi”, entre outras. Para finalizar cantou a música do “Adeus” como forma de despedida.

Comentário crítico

Estas aulas eram muito interessantes, as crianças aprendiam e divertiam-se ao mesmo tempo. O professor mantinha a disciplina embora tivesse uma relação muito agradável com as crianças. Eram umas aulas muito bem coordenadas e as crianças aprendiam muitas músicas e conseguiam captar os ritmos das mesmas.

As aulas de Música são fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Estas aulas surpreenderam-me bastante, visto que o professor era muito dinâmico e muito divertido, tanto com os alunos como com as estagiárias. As crianças ficavam muito entusiasmadas e tinham um comportamento exemplar.

Às 10h10, as crianças do bibe amarelo A foram para a sua sala, e a educadora em conjunto com o grupo de estagiárias, organizaram as actividades para fazer a

seguir ao intervalo. As actividades seriam de Expressão Plástica: carimbo de cenoura e carimbo da mão. As crianças seriam distribuídas em grupos e as restantes brincavam na cozinha das bonecas e fantasiavam-se a seu gosto.

Eu e outra aluna estagiária ficámos numa mesa a fazer carimbos de cenoura, em que esta estava cortada na vertical e na horizontal, chamávamos apenas 4 crianças de cada vez. Na outra mesa, ficaram duas colegas estagiárias, que pintavam as mãos das crianças (uma de cada vez) com a finalidade de fazer carimbagem da mão.

Comentário crítico

No domínio da Expressão Plástica, achei que estas crianças deviam gostar mais de fazer certas actividades. Durante a actividade apercebi-me que havia crianças que tinham medo de sujar as mãos. A meu ver, a Expressão Plástica, e pensando que estamos a falar de crianças de 3 anos, devia ser isso mesmo, o sujar, o mexer, o obter novas sensações. Mas depois de estudar um pouco o tema, percebo que provavelmente essas crianças não tiveram oportunidade de experimentar os instrumentos de Expressão Plástica anteriormente, e agora lhe possa causar alguma confusão. Para se ser um bom educador, deve-se estar atento às necessidades dos alunos e desse modo contornar os problemas.

Tendo em consideração as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a, p.61), “as crianças exploram espontaneamente diversos materiais e instrumentos de Expressão Plástica, mas há que ter em conta que, se algumas crianças chegam à Educação Pré-Escolar com uma grande experiência na sua utilização, outras não tiveram essa oportunidade. Todas terão que progredir a partir da situação em que se encontram.

A Expressão Plástica implica o controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão (...).

O desenho, pintura, digitinta bem como a rasgagem, recorte e colagem são técnicas de expressão plástica comuns na Educação Pré-Escolar. Porque de acesso mais fácil, o desenho é por vezes a mais frequente. Não se pode porém, esquecer que o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo. Depende do educador torná-la uma actividade educativa. (...)

Os contactos com a pintura, a escultura, etc. constituem momentos privilegiados de acesso à arte e à cultura que se traduzem por um enriquecimento da criança, ampliando o seu Conhecimento do Mundo e desenvolvendo o sentido estético”.

Segundo Stern (1974, p.12) “uma das grandes virtudes da educação artística é a de explorar as faculdades sensoriais da criança. Estas são geralmente esquecidas quando o ensino, mal concebido, se torna um treino mental. A expressão artística toma então na vida da criança o papel de compensador indispensável.”

Cardoso e Valsassina (1988,p.70) “afirmaram que quando vemos uma criança a pintar assistimos ao diálogo entre o EU e o quadro que constrói. Segundo esta observação, não se deve ensinar às crianças uma maneira de representar a natureza, mas sim encorajá-las a exprimir, o mais intensamente possível, o que se esconde nelas”.

As outras crianças brincavam livremente sob vigilância da educadora. Nesta actividade livre, eu brinquei com as crianças ao Jogo do faz de conta. Havia meninas a pentearem-me (visto eu ser a filha). O “pai” era uma menina que fazia voz grossa e estava sempre ao telemóvel, despediu-se de mim dizendo que ia trabalhar. A menina que fazia o papel de mãe, foi à “cozinha das bonecas” e preparou-me o pequeno-almoço a fingir.

Comentário crítico

É muito bom acompanharmos as crianças nestas brincadeiras. Deste modo, ficamos a conhecê-las melhor e ganhamos uma maior proximidade com as mesmas.

Segundo Hohmann e Weikart (2003) as crianças têm uma grande influência nos adultos, mostrando-se estes receptivos às ideias e sentimentos que as crianças expõem. Por vezes, os adultos deixam de ter um papel autoritário para se transformarem em companheiros das crianças, ou seja, para captar e construir os entusiasmos naturais das crianças. Desta forma, partilham os interesses, gostos, prazeres e impulsos criativos das crianças, seguindo as indicações delas, estimulando com vontade os papéis do “faz de conta” que as crianças lhe atribuem e fazem Jogos seguindo as regras das crianças.

No final, arrumou-se a sala e as crianças sentaram-se no tapete, vieram também os meninos do bibe amarelo B e eu contei a história da “Branca de Neve e os sete anões”. De seguida, uma aluna contou a história da Bela Adormecida, ao grupo.

Segunda-feira, dia 12 de Janeiro de 2009

Às 9h30, as crianças foram para sala e a educadora deu indicação para que se sentassem no tapete.

A educadora foi buscar uma caixa e as crianças tinham que tentar adivinhar o que nela continha. As crianças responderam que eram peças/ Jogos/ blocos lógicos.

No tapete em que as crianças estavam sentadas estava delineado uma fronteira de um conjunto, de modo a que fosse mais fácil de trabalhar com elas.

Inicialmente a educadora perguntou quais eram os atributos que são diferentes nas peças dos blocos lógicos. Como não estava a conseguir obter resposta a educadora mostrou 3 peças em forma de rectângulo de cores diferentes, explicando assim que diferem na cor (amarelas, vermelhas ou azuis).

De seguida fez conjuntos de peças de diferentes formas, tamanhos e espessura mas com a mesma cor. Por exemplo: colocou 4 peças (1 peça com a forma de rectângulo grande e fino, 1 peça com a forma de círculo grande e fino, 1 peça com a forma de quadrado pequeno e fino e 1 peça com a forma de quadrado grande e grosso) todas com os atributos diferentes excepto na cor.

Noutro conjunto que fez, tinham a mesma forma e tamanho, mas tinham cores e espessuras diferentes.

Ao mostrar as diferentes formas, a educadora, cantou com as crianças a música das formas.

Eu sou um **círculo**

Sou igual à lua

Sou o mais bonito

Da minha rua.

Eu sou um **quadrado**

Bonito de mais

Tenho quatro lados

E todos iguais.

Eu sou um **triângulo**

Tenho três biquinhos

Sirvo de chapéu

Para os palhacinhos

Eu sou um **rectângulo**

Cresci mais de um lado

Para fazer inveja

Ao senhor quadrado.

De seguida, fez questões sobre o que seria um conjunto universal (espalhou as peças todas dentro da linha de fronteira) e um conjunto vazio (retirou todas as peças do linha de fronteira).

A educadora fez uma revisão dos diferentes atributos das peças dos blocos lógicos, com o intuito de mostrar um placard em que estava desenhada uma tabela de dupla entrada, explicando assim que para fazermos um Jogo nesta tabela temos sempre que olhar para os dois lados. Chamou uma criança, e perguntou-lhe os dois atributos (a tabela de dupla entrada apenas especificava a cor e a forma) que vinham na tabela (**Figura 2**). A criança respondeu acertadamente (amarelo, forma de círculo) e foi buscar ao tapete a forma correspondente colocando no sítio certo da tabela.









				
				
				
				

Figura 2 – Diagrama de Carroll

Comentário crítico

Esta actividade, com os blocos lógicos (**Figura 3**), é muito importante visto que as crianças manuseiam o material e desse modo aprendem os atributos bem como os conjuntos possíveis de fazer com os mesmos.



Figura 3 – Blocos lógicos

Quanto ao facto de colocarem as peças numa tabela de dupla entrada faz com que as crianças percebam que, com uma só tabela se pode ver vários atributos de uma determinada peça, de uma só vez.

Segundo (Correia, 1993, p.3) “Umas das características da moderna metodologia das Matemáticas elementares é a importância que tem a investigação e a manipulação no processo de aprendizagem. Todos os pedagogos estão de acordo em que os métodos de ensino devem ser essencialmente dinâmicos e que se apele continuamente para a iniciativa dos alunos. A uma criança não se “ensina” Matemática. O que se faz é colocá-la em situação de, por si mesma, poder construir, ao seu nível, as primeiras estruturas lógico-matemáticas.

Para que isto possa ser feito temos de partir dos conhecimentos que a criança tem do meio que a rodeia, indo-se gradualmente, do concreto para o mais abstracto. Surge assim, no ensino, a necessidade de se manipular “coisas”, não interessando contudo à Matemática, uma manifestação arbitrária mas sim aquela manipulação que leva a uma reflexão e que dê um sentido ao acto de manipular”.

Só nesta acepção tem cabimento dizer-se que a Matemática entra em Jogo quando a criança age sobre as “coisas”. Interessa que os objectos que ela observa e manipula se distingam uns dos outros por critérios facilmente detectáveis e não, que entre uns e outros haja possibilidade de confusão e distinção imprecisa.” (Correia, 1993, p.3)

Os autores, Cunha e Nascimento (2005, p.36) são da opinião que os blocos lógicos “favorecem o desenvolvimento do pensamento lógico; a aquisição de conceitos; desenvolvimento da linguagem; a classificação, a conceituação de formas geométricas; associação de atributos; a formação de conjuntos; e a manipulação de semelhanças e diferenças.

Existem várias formas de exploração: manipular as peças livremente, descobrindo o que pode ser feito com elas; formar conjuntos por livre escolha e descobrir quais foram os critérios utilizados para a formação de conjuntos (cor, forma, tamanho ou espessura); Verificar a quantos conjuntos cada peça pode pertencer; descrever as peças por seus atributos; descrever a peça dizendo o que ela não é; encontrar peças solicitadas por dois, três ou quatro atributos; agrupar todas as peças que não tenham determinado atributo ou atributos.”

Às 10h30 as crianças foram para a ginástica; eu e o meu grupo fomos fazer o intervalo.

Quarenta minutos mais tarde as crianças sentaram-se em roda e dois meninos de cada vez levantaram-se para fazer um exercício (um menino e uma menina). Estes ficam de frente um para o outro e ambos esticam o braço direito de maneira a chegar ao ombro do colega e dizem:

1,2,3,4,5,6,7

Sete horas a bater e o João sem aparecer.

- Olá João

- Olá Maria

- Dás-me um beijinho? (diz o menino)

- Isso é que não! (diz a menina)

- Então porquê? Mamã não está, papá não vê! (diz o menino)

- Então dá cá (diz a menina)

E dão um beijinho.

Às 11h30, a educadora disse para as crianças irem para as mesas, de modo a fazerem uma proposta de trabalho de grafismos. Esta seria para unir a galinha aos pintainhos.

De seguida, foram à casa de banho e iam-se sentando no tapete enquanto lhes colocávamos os babetes, a educadora contou a história “Quem comeu a minha papa?” de Nick Ward.

Comentário crítico

A actividade de grafismos é uma preparação para o início da escrita. A criança aprende a manipular o lápis trabalhando assim a motricidade fina.

Segundo Meur e Staes (1989) referem que uma criança aprende a segurar correctamente o giz e o lápis através dos diferentes gestos num plano vertical. Deste modo, a criança precisa de trabalhar com certa rapidez sobre uma grande superfície colocada à sua altura para adquirir um traço regular.

Quarta-feira, 14 de Janeiro de 2009

Às 9h30 as crianças foram para a sala dirigindo-se assim para o tapete. A aula era da área de Conhecimento do Mundo com o tema: “os animais”.

A educadora mostrou uma imagem de uma foca. E fez algumas questões, por exemplo:

- Alguém já viu uma foca no jardim zoológico?

Depois explicou que as focas gostam muito de brincar dentro e fora de água e adoram brincar com bolinhas. Posteriormente, a educadora disse às crianças para olharem bem para a imagem e de seguida mostrou outra, igual, mas em que faltava uma parte do corpo, ou o nariz da foca, ou a bolinha ou as barbatanas. Na primeira imagem faltava a bola, na segunda faltavam as barbatanas, na terceira faltava o nariz, na quarta faltava o olho e na última não faltava nada.

Na imagem a seguir, tinha um desenho de uma galinha e um pintainho. A educadora fez perguntas sobre os animais e de seguida ia mostrando outras imagens para que as crianças descobrissem o que faltava. Por exemplo: quando faltavam as patas, a educadora perguntava de que cor, eram estas (apelando deste modo à memorização).

Às 10h, foram para as mesas preencher uma avaliação de visita de estudo do aluno. Tinham que pintar a carinha alegre ou a triste consoante tenham ou não gostado do teatro. De seguida, tinha uma caixa de texto para que as crianças desenhassem, o que mais lhes agradou na visita de estudo ao teatro, e pintassem a lápis de cera.

Mais tarde, voltaram a ir para o tapete em que tinham um placard grande, com uma imagem de uma quinta (**Figura 4**) e nas laterais do placard, estavam quadradinhos com imagens com os intervenientes da quinta (animais e pessoas). A educadora colocava o som de um animal, no rádio, e eles teriam que adivinhar a quem pertencia aquele som e ir colocar o quadradinho correspondente sobre a imagem.

Os sons pertenciam aos seguintes animais: porco, cavalo, burro, galo, peru, pato, vaca, ovelha, entre outros.



Figura 4 - Placard e CD utilizados para a actividade

Comentário crítico

A actividade das imagens, no meu ponto de vista, foi muito bem elaborada. É uma actividade fácil de fazer com as crianças, e ao mesmo tempo que se trabalha a memorização faz-se a ponte com o Conhecimento do Mundo.

Nesta última aula, achei muito interessante porque as crianças tinham que perceber o som que ouviam e identificá-lo deste modo, estimulam os sentidos. O que é muito importante para o desenvolvimento intelectual da criança.

Sexta-feira, 16 de Janeiro de 2009

Às 9h30, já estavam os dois grupos sentados no tapete quando chegou o professor de música e iniciou a sua aula com a canção de boas vindas.

Terminada a aula, o grupo A foi para a sua sala. Às 10h10 estavam no tapete com o objectivo de jogar ao Kim Visual com o I Dom de Froebel.

A educadora começou por falar nas cores, em que explicou que se juntarmos branco mais o encarnado irá dar o cor-de-rosa. Esta é a única cor que se altera quando se junta com a cor branca.

Foi colocado na frente dos meninos a caixa do I Dom de Froebel em cima de um banco e a educadora pediu que uma criança escolhesse três cores das bolas para se retirarem de dentro da caixa e fez perguntas, tais, como:

- Quais são as cores que queres escolher? (educadora)
- Encarnado e azul. (criança)
- Quantas, te disse para escolher? (educadora)
- Três. (criança)
- Quantas cores escolheste? (educadora)
- Duas. (criança)
- Quantas faltam? (educadora)
- Três. (criança)
- Não! Só falta uma! E a que falta é o roxo. (educadora)

A educadora colocou as bolas em sítios diferentes da caixa a criança teria que memorizar os sítios das bolas, de seguida tapava os olhos, nesse instante a educadora alterava o sítio das bolas e a criança teria que colocar no sítio correcto.

Uma das vezes a educadora retirou uma bola a mais de dentro da caixa, mas a criança percebeu e quando ia colocar as bolas no sítio correcto abriu a caixa e colocou a bola intrusa.

Às 10h30, as crianças já estavam nas mesas e a educadora explicou o Jogo que iriam fazer a seguir. Este seria o Jogo do loto das cores.

Foi distribuído por cada mesa um cartão do loto. Cada mesa distinguia-se por ter cartões com cores diferentes. Cada criança teria 8 tampinhas de modo a tapar a cor que saísse. As crianças estiveram com as mãos debaixo da mesa (enquanto se distribuía o material), isto porque é nestas idades que as crianças se têm que habituar às regras e têm que conseguir esperar.

A educadora colocou os cartões com as cores dentro de um chapéu de modo a que a criança retirasse, a imagem, de dentro sem que visse. Depois de tirar o cartão a

criança, mostrava aos colegas a cor que tinha saído para que estes pudessem tapar o seu cartão com a tampinha.

Comentário crítico

A aula do Jogo Kim Visual já foi anteriormente fundamentada.

Relativamente ao Jogo do loto é um Jogo que também trabalha a memória perceptiva. Segundo Meur e Staes (1989, p.115) “o loto apresentará sempre o mesmo modelo. Somente um detalhe varia: ou a cor ou a forma.” É um Jogo de equipas, logo permite a socialização e o companheirismo. Foi interessante vê-los a jogar porque estavam muito entusiasmados.

Às 10h50 as crianças foram para o tapete. As meninas encostaram-se à parede e os meninos saltavam enquanto cantavam.

Salta a bola, salta, salta

Salta a bola pelo ar

Os meninos desta sala

Gostam muito de saltar.

Nesta altura, as crianças trocam, os meninos encostam à parede e as meninas vão saltar enquanto se canta:

Salto eu

Saltas tu

Vamos ver quem mais salta

Não sou eu

Não és tu

Quem mais salta é o Canguru.

As crianças foram para a mesa e foram-lhes distribuídas folhas brancas, de seguida a educadora deu um pedaço de papel, com a forma de um quadrado, azul e disse às crianças para amarrotarem o papel, mas com muito cuidado para não rasgar, depois tinham que desdobrar também com muito cuidado. O objectivo era que o papel ficasse ondulado. Colou-se o papel amarrotado na folha branca. Posteriormente, distribuíram-se peixes feitos em cartolina, de modo a que as crianças colassem no papel azul.

Noutra mesa, duas colegas terminavam com uns meninos umas propostas de actividade em que teriam que unir os pontos de um triângulo com lá

Comentário crítico

Mais uma vez, nesta aula, foi trabalhada a motricidade fina, mas desta vez através da expressão plástica. Gostei, embora não tivesse sido muito criativa, as crianças limitaram-se a colar os peixes na folha. O objectivo seria que as crianças amassassem o papel e o desenrolassem sem estragar, de modo a ficar ondulado.

Foi uma aula que correu muito bem e nós (estagiárias) estivemos a ajudar as crianças, na execução da actividade.

Segunda-feira, 19 de Janeiro de 2009

Às 9h30 iniciou-se uma aula surpresa supervisionada para as alunas do 4º ano.

A aluna sentou as crianças no tapete, de modo a dar uma aula de Matemática com o material, blocos lógicos. Distribuiu uma peça de blocos lógicos a cada criança, e fez perguntas tais como:

- Qual é a cor da peça que tenho na mão?
- Quem tem uma peça igual à minha? (quem tinha a peça levantava o braço e mostrava a peça).
- Quem tem a peça da mesma cor que a de um determinado colega? (mais uma vez levantava a mão quem tinha).

De seguida, mostrou duas peças com a forma de círculo, de cor azul e questionou em que é que estas peças se assemelham. Fez questões quanto aos vários atributos das peças dos Blocos lógicos.

Cada criança que ia chegando ia sendo integrada no grupo, em que a estagiária, explicava o que estava a trabalhar com os meninos. Este é um processo de acolhimento da criança à escola, deste modo a criança é de imediato integrada na turma e na aula que está a decorrer. Com este tipo de acolhimento, a criança ao ser de imediato integrada no que esta a ser dado, fica interessada no tema da aula.

Na actividade seguinte, foi pedido a outra aluna que trabalhasse umas imagens A3 com o objectivo de dar a área de Estimulação à Leitura. A imagem tinha uma girafa numa nuvem e as crianças deram o nome de Joana à girafa. A aluna foi fazendo perguntas às crianças sobre as imagens que iam vendo. No decorrer da história, a girafa encontrou uma galinha chamada Marta, também em cima de uma nuvem, e pediu-lhe para ajudar as árvores, estas estavam a secar porque já não chovia há muito

tempo. Então, a galinha tirou uma pena e fez cócegas á girafa, de modo a que esta espirra-se e com o vento, as nuvens andassem para cima das árvores. E, assim foi, certo dia choveu e as árvores ficaram muito contentes. No final, fizeram a contagem das árvores que estavam na última imagem da história. Perguntou às crianças se ainda se lembravam do nome da girafa e da galinha. Como as crianças já estavam muito inquietas, a aluna estagiária decidiu fazer uma roda e cantaram uma música do “nosso galo é bom cantor”.

Às 10h10min deu-se início a uma aula de Conhecimento do Mundo. A outra aluna propôs às crianças saltarem no lugar. Estas começaram a fazer muito barulho, a aluna tentou fazer perguntas sobre a história sem qualquer êxito. A estagiária não conseguiu dar a aula proposta.

De seguida, as crianças sentaram-se nas cadeiras para lancharem e à medida que terminavam de comer iam-se sentando no tapete.

A actividade seguinte era um Jogo em que outra aluna queria que as crianças saltassem em cima das almofadas espalmadas que têm na sala. Não deu para perceber o objectivo da actividade, visto que a aluna não conseguiu manter a disciplina nas crianças.

Durante a reunião foi falado que as alunas têm que ter atenção de como passam a turma às colegas, ou seja, devem tentar acalmar as crianças antes de passarem para a actividade seguinte.

Comentário crítico

As actividades deste dia, foram as primeiras aulas supervisionadas a que assistimos. Nesta altura, achava que seria mais fácil controlar as crianças em momentos de indisciplina. Quanto às aulas das alunas, umas conseguiram melhor que outras. A primeira aluna conseguiu controlar bem a turma, foi muito cuidadosa com as crianças que entravam mais tarde na aula e conseguiu explorar alguns conceitos.

A segunda aluna ainda conseguiu dar a aula, fazendo interdisciplinaridade com a Matemática. É importante estabelecermos uma ponte entre as várias áreas para que as aulas sejam mais produtivas. As duas últimas aulas, não foram positivas visto que as alunas não conseguiram manter a disciplina no grupo.

Neste momento podemos falar de indisciplina e deste modo tentar perceber de onde esta provém e como combatê-la dentro das nossas salas de aula, visto ser um assunto que deve importar a todos os profissionais de educação.

Segundo Silva, Nossa e Silvério (2000) para podermos compreender a indisciplina devemos questionar sobre o tema, com vista a obter algumas respostas. Estes autores perguntam-se se o problema provém de incapacidades de resposta dos sistemas educativos ou se serão as diferenças sociais, culturais e económicas que fazem geralmente o conflito.

Entre muitas outras questões colocadas, estes autores definem disciplina como sendo “ de origem pedagógica. Derivando do conceito de discípulo, a saber, aquele que aprende, passou a designar aquilo que aprende. Assim sendo, a indisciplina na sala de aula diz respeito às atitudes e comportamentos que ocorrem na mesma e que impedem ou dificultam a aprendizagem”. (Silva et al., 2000,p. 15)

Ainda tendo em conta Silva et al., (2000, p.33), e tendo como base a ACA (análise comportamental aplicada) não existem receitas de propostas de intervenção eficazes, mas sim estratégias adequadas a utilizar.

“A ACA pressupõe um conjunto de procedimentos indispensáveis:

a) Descrição objectiva da situação em que ocorrem os comportamentos de indisciplina (objectivação), isto é, o contexto espaço-temporal e interpessoal, e a descrição detalhada das ideias, emoções e sentimentos (subjectivação) que precedem a ocorrência dos mesmos (factor S - situacionais);

b) Descrição detalhada de ideias, raciocínios, emoções, sentimentos, sensações viscerais, sensações proprioceptivas e reacções que o individuo apresenta face à situação descrita (factor P - pessoais);

c) Descrição das respostas (factor R - comportamentais) que o indivíduo revela para lidar com os factores situacionais e pessoais;

d) Descrição das consequências das respostas do ponto de vista do indivíduo (factor C – consequenciais dos comportamentos) e não do observador”.

É importante perceber que as crianças, não são todas iguais, logo, não existem receitas nem dicas infalíveis para as educar. É necessário que haja uma motivação maior da parte do educador, de forma, a dar aulas apelativas contendo estratégias para o mau comportamento. Isto é, quando a estratégia não está a resultar mudar de imediato para outra.

Quarta-feira, dia 21 de Janeiro de 2009

A directora do jardim-escola contou a história “Quem comeu a minha papa?”, às crianças sentadas no tapete, pelas 9h30.

De seguida fizeram exercícios de relaxamento e eu iniciei a minha actividade de Estimulação à Leitura, que se encontra descrita e fundamentada no capítulo 3.

Depois do intervalo, a minha colega de grupo fez uma dramatização da história por mim contada. Com todos os meninos sentados à volta do tapete, a aluna, chamou três meninos, um fez de porquinho, o outro de gato e outro de pato. A aluna estagiária era a galinha ruiva. À medida que ia dramatizando a história ia imitando os movimentos que a galinha fazia, a ceifar, a apanhar o trigo (levando mesmo trigo), entre outros. As crianças falavam na altura certa com a ajuda da aluna estagiária.

No final da dramatização, a aluna disse para as crianças se sentarem nas cadeiras e distribuiu pratos descartáveis e logo de seguida massa de pão, para que as crianças pudessem amassar o pão. Sugeriu-lhes que fizessem a forma de uma carcaça e colocou todos os pães num tabuleiro, dizendo-lhes que mais tarde comeriam o pão que amassaram.

Pelas 11h15, outra colega estagiária deu uma aula de Conhecimento do Mundo, sobre os animais da quinta, fazendo um Jogo de memória com cartolinas A4. A aluna sentou os meninos no tapete, em filas, e mostrou uma primeira imagem relacionada com os animais da quinta, que estava completa, de seguida mostrava outra em que faltaria uma parte, por exemplo numa imagem de um gato faltava a cauda. E assim sucessivamente, mostrando cerca de 4 imagens, a última a ser mostrada não lhe faltava nada, desse modo percebia-se se as crianças estavam ou não com atenção.

No final, a educadora deu-nos o feedback das aulas dadas. Disse que fiz inflexões e tive um bom tom de voz. Fiz uma boa iniciação da história, em que enquadrei com o tema que estava a ser trabalhado na sala. Foi bom ter dado ênfase à moral da história.

Quanto aos pontos a melhorar, seria aumentar o tamanho das imagens, embora eu tenha focado esse aspecto enquanto contava a história.

Comentário crítico

Gostei extremamente da primeira aula, a colega tem muito jeito para a dramatização o que foi muito favorável nesta actividade. Pediu o apoio das crianças o que foi muito enriquecedor. Desta forma, todas as crianças tinham funções e assim estavam todos entusiasmados por participar. O facto de posteriormente ter feito o pão com as crianças também foi muito interessante.

Tendo em conta as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a, p.59) “A Expressão Dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o (s) outro (s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interacção com outra ou outras crianças, em actividade de Jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reacções, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal. O Jogo dramático decorre da intervenção do educador a possibilidade de chegar a dramatizações mais complexas que implicam o encadeamento de acções, em que as crianças desempenham diferentes papéis, como por exemplo, a dramatização de histórias conhecidas ou inventadas que constituem ocasiões de desenvolvimento da imaginação e da linguagem verbal e não verbal.”

Na aula seguinte, o Jogo, já não era novidade, portanto, a meu ver, perdeu um pouco em termos de criatividade, embora, as imagens estivessem extremamente apelativas esta aula foi de Conhecimento do Mundo visto que tratava do tema dos animais. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a, p.79) “os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interacção com o mundo que os rodeia. A criança quando inicia a Educação Pré-Escolar já sabe muitas coisas sobre o “mundo”, já construiu algumas ideias sobre a relação com os outros, o mundo natural e construído pelo homem, como se usam e manipulam os objectos.

A área de Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na Educação Pré-Escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo.

Por isso, todas as áreas de conteúdo constituem de certo modo, formas de Conhecimento do Mundo.

Se o contexto imediato de educação pré-escolar é fonte de aprendizagens relativas ao Conhecimento do Mundo, este supõe também uma referência ao que existe e acontece no espaço exterior, que é reflectido e organizado no jardim-de-infância”.

Sexta-feira, dia 23 de Janeiro de 2009

Após o acolhimento as crianças foram encaminhadas para a sala da educadora do bibe B com a finalidade de terem a aula de música, em que estiveram as duas turmas juntas.

Terminada a aula de música, expliquei a proposta de trabalho, de grafismos, que os alunos não fizeram no dia da minha actividade sobre a Galinha Ruiva. Fizeram a mesma e dirigiram-se para o tapete, cantaram duas músicas e a educadora iniciou uma actividade de Conhecimento do Mundo (o Jogo das famílias).

A educadora mostrou uma cartolina duplex dividida em três partes (**Figura 5**), cada coluna tinha uma palavra: Macho, Cria e Fêmea.




Macho	Fêmea	Cria
		

Figura 5 – Cartolina preenchida com carneiro, ovelha e cria

A educadora fez uma revisão do que é o macho, a fêmea e a cria perguntando o seguinte:

- Temos uma cria, como é que chamamos à mãe? (educadora)
- Fêmea. (criança)
- E ao pai? (educadora)
- Macho. (criança)

- E como é que se chamam os filhos de um macho e de uma fêmea?
(educadora)

- Crias. (crianças)

À medida que ia mostrando imagens, tais como, um carneiro, um cordeiro e uma ovelha, as crianças iam ao placard colar com bostick na coluna correcta.

Terminada a actividade fez-se o intervalo.

Às 11h50, a educadora fez uma actividade de estimulação à escrita. A educadora encaminhou os meninos para as mesas e distribuiu uma folha e um lápis de carvão. Utilizando um retroprojector, e uma folha de acetato em branco, a educadora fez um desenho de um pintainho e à medida que fazia, as crianças tinham que imitar para a folha deles. (**Figura 6 e Figura 7**)



Figura 6 - Desenho elaborado pela educadora a partir do retroprojector.



Figura 7 - Desenho elaborado por um aluno do bibe amarelo.

Às 12 horas, enquanto um grupo de crianças ia fazer a higiene, as restantes estavam no tapete a contar lenga-lengas.

Está a chover
Está a pingar
E a raposa
No quintal

A apanhar laranjinhas
Para o dia de Natal.

Gata gatinha

É branca a gata gatinha
É branca como a farinha
É preto o gato gatão
É preto como o carvão
E os gatinhos são todos
Aos quadradinhos.

Réu, réu

Vai ao céu
Vai buscar o meu chapéu.
Se ele é novo
Trás mo cá
Se ele é velho
Deixa-o lá.

Comentário crítico

Este dia foi surpreendente. Gostei particularmente da actividade de estimulação à escrita a partir do retroprojector.

Para Meur e Staes (1989, p. 17) referem que “os exercícios de pré-escrita e de grafismo são necessários para a aprendizagem das letras e dos números: a sua finalidade é fazer com que a criança atinja o domínio do gesto e do instrumento, a percepção e a compreensão da imagem a reproduzir”.

As crianças nesta idade, já estão a ser preparadas para a escrita. Para quando chegarem ao bibe azul já terem essa competência desenvolvida.

Segunda-feira, dia 26 de Janeiro de 2009

Às 9h40, as crianças foram encaminhadas para as mesas com o objectivo de fazerem uma proposta de trabalho em que era pedido que fizessem a picotagem (**Figura 8**) e o grafismo do triângulo (**Figura 9**)

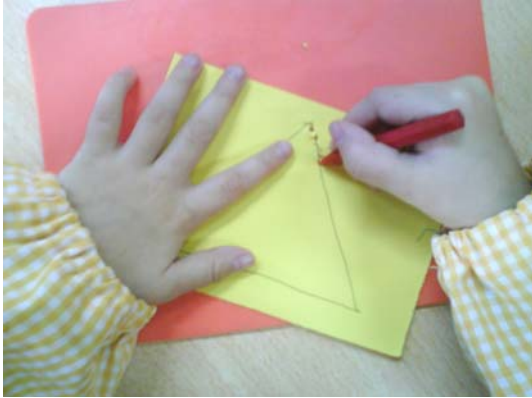


Figura 8 - Aluno do bibe amarelo a fazer picotagem.

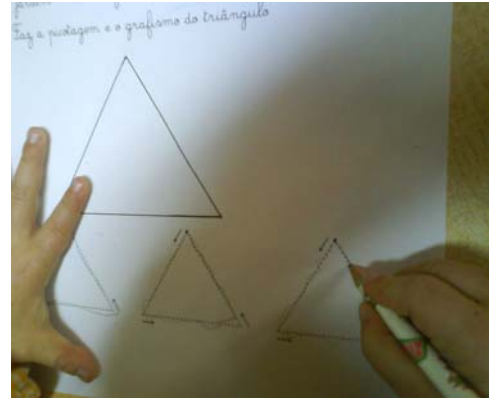


Figura 9 - Aluno do bibe amarelo a fazer grafismos.

Às 10h15, a educadora contou a história dos três porquinhos na manta às crianças. Fez muitas inflexões de voz e mímica que ajudou na excelente contagem da história.

Quinze minutos mais tarde, as crianças foram para a aula de ginástica, para isso despiram o bibe (despiram aos pares, a criança que está atrás sabotou o bibe do que está a frente e vice versa) e colocaram-no na cadeira.

Já na aula de ginástica (**Figura 10**), as crianças correram livremente e depois cantaram uma música acompanhada de gestos. No ginásio, estavam quatro bancos, as crianças fazem 4 filas, uma atrás de cada banco. O menino que ficou à frente foi nomeado de chefe da fila. O exercício tinha a finalidade de que as crianças sentadas no banco fizessem força com os braços e percorressem o banco todo até ao fim.

Outro exercício baseava-se na utilização da força dos braços para puxarem o corpo (deitado) pelo banco inteiro.



Figura 10 – Exemplo de uma aula de ginástica

Comentário crítico

As aulas de ginástica eram muito disciplinadoras para as crianças e desenvolviam a motricidade grossa. São actividades muito boas para que haja percepção do próprio corpo. As aulas de ginástica permitem que a criança obedeça a regras. A educadora mantinha uma relação muito boa com as crianças.

As aulas eram estruturadas com um tempo de aquecimento, depois de exercícios e por fim, de relaxamento. Este último tempo era de facto relaxante, as crianças deitavam-se, fechavam os olhos e ouviam uma música muito calma.

Segundo Vayer (1989,p.18), “o corpo é o primeiro objecto percebido pela criança: bem-estar e dor, mobilizações e deslocamentos, sensações visuais e auditivas...e esse corpo é o meio de acção, do conhecimento e da relação.

A construção do esquema corporal, isto é, a organização das sensações relativas ao seu próprio corpo relacionada com os dados do mundo exterior, tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois esta organização é o ponto de partida dessas diversas possibilidades de acção. Ela vai-se elaborando progressivamente, acompanhando o desenvolvimento e a maturação nervosa, paralelamente à evolução sensório-motora relacionada com o corpo do outro.”

Considerando os autores Maeur e Staes (1989, p.9), estes referem que “a criança sentir-se-á bem na medida em que o seu corpo lhe obedece, e que o conhece bem.”

Depois da aula de ginástica, as crianças foram para a sala a terminar de ouvir a história dos três porquinhos. Eles gostaram bastante e estavam muito concentrados a ouvir a história. No final, a educadora propôs fazerem a dramatização da história na qual ela seria o narrador e as crianças as personagens. As crianças que não entravam

na história faziam de plateia. Deste modo, todos teriam cargos e assim todos estavam concentrados e com atenção.

Quarta-feira, dia 28 de Janeiro de 2009

Eu e as minhas colegas levámos as crianças, em comboio, para a sala e cantámos algumas músicas com elas. Como momento de relaxamento, uma colega fez o Jogo das cadeiras com os meninos.

Às 9h55 uma aluna estagiária iniciou a sua aula de blocos lógicos. Fez as perguntas de revisão, tentando perceber se as crianças sabiam qual era o material que ia ser trabalhado, bem como, os diferentes atributos.

De seguida mostrou um placard feito em cartolina duplex (**Figura 11**).

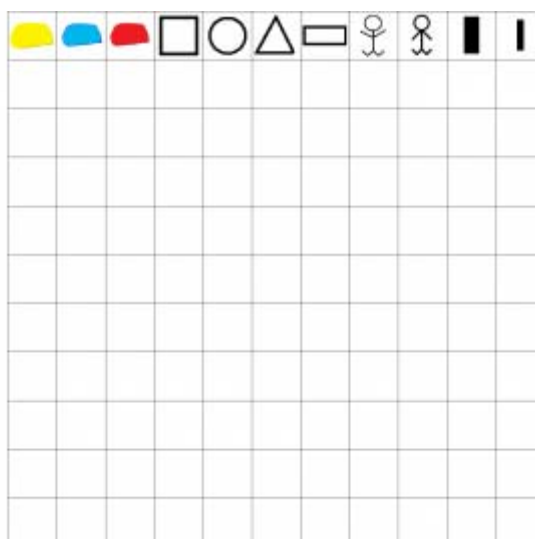


Figura 11 – Placard “Tabela de atributos”

A criança ia à caixa tirar uma peça e tinha que a identificar quanto à cor, forma, tamanho e espessura. Nas colunas para colocar a forma, as crianças colavam com bostick a peça do material dos blocos lógicos. Para preencher a cor, espessura e tamanho colocavam na tabela um papel em forma de círculo. A aluna ia pedindo a cada criança individualmente os atributos de uma determinada peça e as crianças colocavam por exemplo: a peça com a forma de rectângulo amarela, pequena e fina. No local onde era para colocar a forma seria colada a peça, para os restantes atributos colavam com bostick um círculo em papel.

Terminada a actividade, as crianças foram para a mesa fazer uma proposta de trabalho de grafismos (**Figura 12**). (Cobre o tracejado e pinta as figuras geométricas).



Figura 12 - Proposta de trabalho – grafismos elaborada por criança do bibe amarelo.

Às 11h05 a colega estagiária deu uma aula de Estimulação à Leitura. Leu a história da “Cigarra e da Formiga”. Estipulou as regras no início, dizendo que iria fazer perguntas dirigidas e só responderia quem ela perguntasse. Correu bem a leitura da história, mas quando terminou ao fazer algumas perguntas o grupo dispersou e a educadora foi fazer actividades de retorno à calma.

Pelas 11h40 iniciei a minha aula, que está descrita no capítulo 3 das planificações.

Comentário crítico

Na minha opinião, as crianças neste jardim-escola ficam muito bem preparadas para uma vida futura de sucesso. São preparadas desde cedo a trabalhar e a pensar.

Aborda-se muito a Matemática através de materiais estruturados, neste caso os blocos lógicos. Gostei desta aula, a estagiária, estava muito à vontade o que fez com que a aula fosse positiva.

Trabalham-se também com muita frequência os grafismos como exercício de pré-escrita, o que acho que seja fundamental para obter mais destreza.

A Estimulação à Leitura foi muito boa, esta estagiária tinha grandes potencialidades nesta área.

Sexta-feira, dia 30 de Janeiro de 2009

Enquanto decorria a aula de música, uma aluna estava na sala a preparar a aula que ia dar. Quando terminou a aula, o professor e a educadora fizeram um grande suspense com o que estaria na sala do bibe amarelo A. Combinaram que os meninos tinham que ir muito devagar e sentar-se em roda no tapete. E assim foi, as crianças não percebiam muito bem o que se passava mas estavam muito entusiasmados a observar. A aluna estava vestida de joaninha, e estava de cócoras no meio do tapete. Começou por falar do habitat da joaninha e quantas pintinhas tinha aquela joaninha nas asas (as crianças ajudaram a contar). De seguida fez passar pela turma uma caixa transparente com uma joaninha viva (**Figura 13**) e outra com uma de plástico (**Figura 14**).



Figura 13 - Joaninha viva



Figura 14 - Joaninha artificial

De seguida, contou a história da Joaninha Suzete, fez inflexões de voz e deu alguns sinónimos de palavras mais difíceis à medida que ia lendo.

Mais tarde, a aluna estagiária distribuiu um desenho da joaninha Suzete para que as crianças pintassem com lápis de cor (**Figura 15**).



Figura 15 -Desenho pintado por aluno do bibe amarelo

Para a actividade seguinte, de expressão plástica, a aluna, mostrou uma casca de noz (partida ao meio) e cartolinas em forma de flor. O objectivo da actividade seria pintar com tinta encarnada a casca da noz e colar na flor de cartolina (**Figura 16**).



Figura 16 -Trabalho final da actividade de Expressão Plástica.

Enquanto as crianças pintavam a casca da noz, as restantes brincavam livremente.

Comentário crítico

A aula desta aluna estagiária foi muito boa. A aluna conseguiu atingir todos os objectivos propostos. A aluna foi serena e conseguiu manter a disciplina. Gostei muito, de tal maneira que acabei por retirar um pouco da ideia dela, para uma aula minha. Acho que os bons exemplos são para serem seguidos.

Segunda-feira, dia 2 de Fevereiro de 2009

Às 9h30 a educadora contou uma história com recurso ao projector de vídeo. A história chamava-se “ O elefante que não queria ser elefante”. Terminada a história, as crianças fizeram a picotagem da imagem de um elefante.

Pelas 11h20 mudámos a disposição da sala para que pudéssemos fazer um teatro.

Uma mesa fazia de casa da carochinha, as personagens eram: o porco, o padre, o gato, a galinha e o cão, as restantes crianças estavam a assistir na plateia. As crianças portaram-se lindamente, tendo dramatizado muito bem durante toda a história.

Às 11h45, foram ao planetário que estava instalado no ginásio do jardim-escola. O planetário era uma tenda insuflável. Muitas crianças estavam com medo de lá entrar. Depois de todas estarem lá dentro, sentavam-se em roda e olhavam para o tecto onde tinham imagens a passar.

A história falava da importância dos animais, da natureza bem como a preservação do meio ambiente. Mostrava também a importância da água, da chuva, dos lagos, dos rios, entre outros.

Comentário crítico

Foi muito interessante ver a reacção das crianças dentro do insuflável. Foi uma forma diferente de trabalharem o Conhecimento do Mundo. Gostei muito e as crianças também gostaram e senti que aprenderam bastante.

Na opinião de Almeida (2002, p. 21) a “educação ambiental é uma educação para a responsabilidade perante as futuras gerações, as diferentes formas de vida e a Terra em si mesma. Desta foram, colocam-se a esta área educativa metas ambiciosas apoiadas na ideia de que o ser humano deve procurar o bem nas suas acções e, consequentemente, assegurar a sobrevivência da espécie. Para tal é necessário imprimir mudanças tanto a nível pessoal como social, uma vez que o surgimento dos problemas decorre dos comportamentos individuais bem como das estruturas e estilos de vida na nossa sociedade”

Devo notar que a informação que existe hoje sobre o meio ambiente é muita, tanto ao nível das escolas como da comunicação social. A criança nesta idade entende tudo o que o educador diz como o mais correcto, portanto se a mensagem for bem transmitida na escola a criança irá querer fazer tudo o que aprendeu, em casa. E será ela própria a transmitir essas informações aos pais.

Quarta-feira, dia 4 de Fevereiro de 2009

Este dia foi iniciado pela actividade de enfiamentos em placas de plástico tal como mostra nas imagens (**Figura 17** e **Figura 18**).



Figura 17 - Enfiamentos em placas de plástico.



Figura 18 - Enfiamentos em placas de plástico.

Os enfiamentos em placas de plástico são fundamentais para que as crianças desenvolvam a motricidade fina. Esta actividade ajuda também as crianças a conseguirem, mais tarde colocar os atacadores nos furos dos sapatos com mais facilidade.

Às 9h55 a aluna, encaminhou as crianças para o tapete com o intuito de contar a história da “Galinha dos ovos de ouro”. Contou a história através de uma “televisão” (**Figura 19**) feita em cartão. No final resumiu a história e explicou a moral da mesma.



Figura 19 - Suporte didáctico - “Televisão”

Às 10h05min iniciou uma experiência do ovo. Esta consistia em colocar para dentro de uma garrafa um fósforo aceso (**Figura 20**) e nesse instante colocava-se um ovo no gargalo da garrafa (**Figura 21**). Como deixa de haver oxigénio dentro da garrafa o ovo cozido é sugado e cai para dentro da garrafa.

Comentário crítico

É fundamental para as crianças este tipo de aulas. O facto de as crianças, terem aulas de ciências, faz com que consigam interpretar e reflectir sobre os acontecimentos do dia-a-dia. Estas aulas são muito benéficas no desenvolvimento da criança, porque o facto de se utilizar uma linguagem científica aumenta o seu vocabulário e ajuda a ter um melhor raciocínio para as questões em todas as áreas.

Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira (2009, p.12) referem ser a “favor da educação em ciências desde os primeiros anos e pode ser sistematizada do seguinte modo:

- 1- As crianças gostam naturalmente de observar e tentar interpretar a natureza e os fenómenos que observam no seu dia-a-dia.
- 2- A educação em ciências contribui para uma imagem positiva e reflectida acerca da ciência.
- 3- Uma exposição precoce a fenómenos científicos favorece uma melhor compreensão dos conceitos apresentados mais tarde, no ensino básico.
- 4- A utilização de uma linguagem cientificamente adequada com as crianças pequenas pode influenciar o desenvolvimento dos conceitos científicos.
- 5- As crianças são capazes de compreender alguns conceitos científicos elementares e pensar cientificamente.
- 6- A educação em ciências favorece o desenvolvimento da capacidade de pensar cientificamente.”

Tal como os autores referem, as crianças estão predispostas a novas aprendizagens, mesmo que sejam com termos científicos. O papel do educador é “conceber e dinamizar actividades promotoras de literacia científica, com vista ao desenvolvimento de cidadãos mais competentes nas suas dimensões pessoal, interpessoal, social e profissional” (Zabalza & Arnau, 2007 citado em Martins et al., 2009, p.15).



Figura 20 - Colocação do fósforo dentro da garrafa



Figura 21 – Experiência do ovo

Às 10h15 os meninos foram para a mesa para comer a bolacha. Meia hora mais tarde, a educadora sentou-se no tapete a contar uma história enquanto a aluna estagiária fazia uma actividade de expressão plástica com um grupo de 4/5 meninos. A actividade consistia em pintar um ovo de madeira com tintas (**Figura 22** e **Figura 23**).



Figura 22 - Tintas para a pintar o ovo de madeira



Figura 23 - Crianças do bibe amarelo a pintarem o ovo de madeira

Pelas 11h15min todas as crianças foram para a mesa fazer uma actividade com a educadora. Foi distribuído a cada criança papel de lustro vermelho com a forma de um quadrado, as crianças teriam que unir as duas pontas de modo a ficar um triângulo. Depois de terem o triângulo feito colavam numa proposta de trabalho (**Figura 24**) em que teriam que desenhar uma casa, sendo o triângulo o telhado.

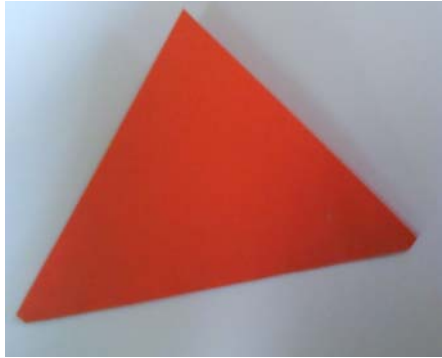


Figura 24 - Triângulo colado na proposta de trabalho.

De seguida as crianças foram para o tapete e a aluna deu aula de Conhecimento do Mundo através de imagens de animais. Através de folhas com desenhos, em cartolinas de tamanho A4, a aluna mostrava uma imagem completa e quando mostrava outra imagem, as crianças teriam que descobrir que parte faltava. Era um Jogo de memorização.

Comentário crítico

Este dia foi muito produtivo, foram trabalhadas várias áreas e todas elas muito enriquecedoras para as crianças. Os materiais que a aluna utilizou foram muito apelativos, tais como: a televisão feita em cartão e os ovos em madeira para as crianças se expressarem livremente na pintura.

A aula que a educadora propôs, quanto a mim, foi muito boa, porque trabalha as formas geométricas, em que a criança a partir de um quadrado fazia um triângulo. Foi interessante quando, a dada altura, a educadora pediu que colassem o triângulo numa folha e desenhasssem uma casa sendo essa figura o telhado. Esta actividade apelou para a criatividade das crianças. Foi um dia muito interessante.

Sexta-feira, dia 6 de Fevereiro de 2009

Pelas 10h30, chegaram os professores que nos indicaram uma aula surpresa supervisionada.

Propuseram a uma colega dar uma aula de Matemática com o material, blocos lógicos. A educadora facultou-lhe uma tabela de dupla entrada em cartolina duplex em que iriam trabalhar a forma, a cor, o tamanho e a espessura. A aluna conseguiu dar a aula embora a meio as crianças começassem a dispersar um pouco.

Às 10h50 foi-me pedido que desse um Jogo, mas que fosse um Jogo em que de movimento, visto que as crianças tinham estado demasiado tempo sentadas. Como eu já tinha feito o Jogo das formiguinhas (estafetas) numa aula anterior, decidi fazer o mesmo. Comecei por explicar o Jogo e quando tentava colocá-los em filas eles não as formavam. Acabou por ser uma confusão e eu acabei por desistir, chamando a educadora.

Comentário crítico

Esta aula não foi positiva. Naquele momento, senti variadas sensações: a de que não podia falhar e ao mesmo tempo de impotência, porque estava a falhar e não conseguia superar os nervos de modo a solucionar o problema. Se fosse hoje fazia as coisas de maneira diferente, mas naquele momento a opção mais rápida, que me ocorreu foi de desistir. Senti-me muito mal por tê-lo feito, mas serviu de lição. Nesta profissão nunca se pode desistir, foi isso que aconteceu com esta aula.

“Educar é acreditar na vida, mesmo nos momentos menos alegres; é ter esperança no futuro, mesmo que o presente nos desiluda” (Cury, 2004,p.9)

É neste tipo de frases, em que me quero apoiar. Ter consciência que podemos falhar mas que no momento seguinte temos que acreditar que conseguimos.

À outra aluna foi pedida uma aula de Estimulação à Leitura. Como eu não fiz uma boa passagem para a colega que foi a seguir a mim, foi difícil para ela conseguir acalmar os meninos. Passou parte do tempo a tentar que se calassem, e não conseguiu ler a história.

Às 12h fomos para a reunião de supervisão pedagógica.

Comentário crítico

Este dia foi complicado, tanto para mim como para as minhas colegas. Receber a equipa de supervisão foi extremamente constrangedor. O facto de queremos dar uma boa prestação e termos tanta gente a supervisionar-nos foi motivo de algum nervosismo.

No momento seguido das aulas, a equipa de supervisão, reunia-se com o grupo completo. Nessa reunião falava primeiro a pessoa que era avaliada sobre a sua prestação, de seguida falava a educadora da sala e no final a equipa de supervisão. Cada elemento da supervisão fazia críticas, positivas ou negativas, relativamente à aula observada. Tenho noção que tudo o que era mencionado durante a reunião era para nosso bem e neste momento sinto que isso me ajudou a crescer profissionalmente.

Tendo em consideração Alarcão (1995, p. 5) “fazer supervisão implica olhar de uma forma abrangente, contextualizadora, interpretativa e prospectiva. Um bom supervisor lança o seu olhar entre o passado e o futuro, jogando-o no presente; dirige-o para os professores, mas relança-o para os alunos destes; focaliza-o na sala de aula. (...) A multiplicidade destes olhares e a coerência da sua abrangência justificam a presença de uma visão de qualidade superior, de uma super-visão”.

Na opinião de Perrenoud (1993, p.11) “as práticas pedagógicas e profissão docente procuram identificar alguns instrumentos conceptuais para pensar as práticas, organizando-se em torno da prática entre rotina e improvisação regulada”.

Segunda-feira, dia 9 de Fevereiro de 2009

Uma estagiária tinha agendado para este dia a sua manhã programada. Começou com uma actividade de expressão plástica. Enquanto explicava a actividade que ia fazer, mostrava uma galinha em peluche que cacarejava e as crianças estavam muito atentas. A estagiária fingia ter um diálogo com a galinha e as crianças adoraram. De seguida mostrou um ninho feito em cartão que servia para colocarem uns ovos que as crianças iriam fazer. Explicou então que iria distribuir massa de moldar de modo a que fizessem ovos para posteriormente os pintarem e colocarem no ninho após a secagem.

Quando terminaram, a aluna encaminhou-os para o tapete com vista a mostrar uns slides relativamente aos animais ovíparos. Esta aula era de Conhecimento do Mundo, em que a estagiária dava exemplos dos animais que nascem dos ovos, como por exemplo: a galinha, o crocodilo, entre outros.

Às 10h30 fizeram o intervalo para comerem o lanche e foram para a aula de ginástica. Quando chegaram da aula de ginástica a estagiária leu a história “Ovos Misteriosos” com as crianças sentadas em filas no tapete.

De seguida, a estagiária disse para as crianças irem para as mesas e distribuiu uma proposta de trabalho que era para pintar uma galinha com lápis de cor. Essas propostas de trabalho seriam recortadas e as galinhas coladas numa cartolina com a forma de ovo (**Figura 25**). Enquanto pintavam o desenho, a aluna chamava algumas crianças para preencherem o ovo de cartolina, com penas, palhinhas e outros materiais (**Figura 26**).



Figura 25 - Ovo antes de ser enfeitado



Figura 26 - Ovo enfeitado com vários materiais

Comentário crítico

Gostei muito das aulas desta estagiária, ela manteve-se sempre calma. Utilizou bons recursos sendo eles criativos e bem estruturados. A aluna utilizou um bom tom de voz tendo feito inflexões, quando necessário.

Quarta-feira, dia 11 de Fevereiro de 2009

Neste dia, uma colega estagiária deu a manhã de aulas programadas. A aluna iniciou a aula fazendo o Jogo do loto dos animais. Encaminhou as crianças para as mesas e explicou as regras do Jogo. Distribuiu os cartões em que cada mesa teria cartões de cores diferentes, de modo a formar equipas, e distribuiu também oito quadrados brancos por criança para que estas tapassem os animais que saiam (**Figura 27**). A aluna chamava uma criança para ir retirar uma figura de um animal do saco e mostrava à turma. Cada criança preenchia o cartão, a primeira mesa que tivesse os cartões todos preenchidos ganhava o Jogo.



Figura 27 - Jogo do loto

Às 9h50 a aluna deu uma aula de Matemática na qual iria trabalhar os blocos lógicos. A aluna estagiária chamou algumas crianças de cada mesa para se sentarem no tapete, mas como a turma já estava demasiado agitada, a educadora acabou por sugerir que ela fizesse um Jogo, o qual consistia em: a criança ter uma peça de blocos lógicos, olhar, fixar e colocar dentro do bolso. De seguida a aluna perguntava qual era a peça que determinada criança tinha no bolso, esta teria que dizer quais os atributos (através da palpação) e mostrá-la aos colegas.

Posteriormente a aluna estagiária deu a aula de Estimulação à Leitura através de um livro de grandes dimensões em pano. A história era “O lobo, a cabra e os sete cabritinhos”. Nesta actividade conseguiu ser bastante dinâmica, fazendo inflexões de voz o que fez com que as crianças tivessem adorado.

Terminada a história passou à dramatização da mesma. Levou uma árvore (**Figura 28**) para colocar na parede e um relógio (**Figura 29**) para uma criança agarrar (feito em cartolina). Escolheu as personagens e as restantes crianças faziam de

plateia. A aluna fazia de narrador dando as indicações para que as crianças acompanhassem a história.



Figura 28 – Árvore para dramatização



Figura 29-Relógio para a dramatização

Comentário crítico

Relativamente a esta aula, posso dizer que gostei muito embora ache que ao nível da criatividade foi um pouco pobre. Todas as actividades já tinham sido feitas embora tenha sido com temas diferentes.

Sexta-feira, dia 13 de Janeiro de 2009

Às 9h15 as crianças foram para a sala do bibe amarelo B, estiveram em roda a cantar.

Às 9h30 tiveram a ter aula de música. No decorrer da aula fui preparar o espaço para dar a minha aula que se encontra descrita no 3º capítulo.

Segunda-feira, 16 de Fevereiro de 2009

Neste dia tivemos a oportunidade de fazer uma visita de estudo a Coimbra tendo-se alargado para o dia seguinte numa ida a Leiria.

Esta visita teve como objectivo visitar algumas partes históricas da cidade de Coimbra bem como, termos contacto com realidades de outros Jardins-Escola da mesma rede do local onde estagiámos.

A partida deu-se às 7h45 de Lisboa.

Por volta das 10h fizemos uma visita às Ruínas de Conímbriga (**Figura 30**). Tivemos a oportunidade de perceber que naquele espaço foi habitado pelo menos entre século IX a.C. e séculos VII e VIII, da nossa era.

Quando os Romanos chegaram, na segunda metade do século I a.C., Conímbriga era um povoado florescente. Graças à paz estabelecida na Lusitânia operou-se uma rápida romanização da população indígena e Conímbriga tornou-se uma próspera cidade.



Figura 30 – Ruínas de Conímbriga

Às 13h15 chegámos à mais antiga escola infantil em Portugal, inaugurada em 1911. Almoçámos lá e conhecemos as instalações. Tivemos uma excelente recepção.

Terminada a visita ao Jardim-Escola percorremos a cidade de Coimbra. Visitámos a Sé Velha (**Figura 31**) e a Igreja de Santa Cruz na quais tivemos a oportunidade de ver o túmulo de D. Afonso Henriques e D. Sancho I.



Figura 31 – Sé Velha de Coimbra

Terminada a visita a Coimbra dirigimo-nos para o outro Jardim-Escola, o qual tivemos oportunidade de conhecer e de nos instalarmos para passar a noite.

Quarta-feira, 18 de Fevereiro de 2009

Foi-me proposto dar o I Dom de Froebel. Iniciei a aula sentando as crianças em U, de modo a mostra-lhes a caixa e contar a história de como tinham inventado as cores das bolas, mas como não consegui ser muito dinâmica acabei por perder a disciplina do grupo. A educadora acabou por intervir e as crianças acalmaram. De seguida, foram para as mesas fazer uma proposta de trabalho de grafismos, em que tinham que unir os traços com lápis de carvão e pintar o resto do desenho.

Às 11h tivemos reunião da supervisão na biblioteca.

Os professores de supervisão fizeram aula surpresa às alunas de 1ºciclo, ao bibe encarnado B e bibe azul B.

No bibe encarnado B uma aluna deu aula de Estimulação à Leitura, outra aluna deu aula de Matemática utilizando um material alternativo – as palhinhas e outra aluna deu um Jogo.

No bibe azul B uma das alunas deu aula de Matemática utilizando o material Cuisenaire, outra aluna fez Estimulação à Leitura de uma história inventada por ela e a sua dramatização e por fim outra aluna deu um Jogo.

Comentário crítico

A aula que tentei dar, não correu bem, isto porque tentei imitar uma aula dada pela educadora, mas as crianças já tinham ouvido a história de Froebel uma vez e eu não fui dinâmica o suficiente para as “prender” à minha aula.

Não assisti às aulas das colegas, mas acho importante referir algumas das opiniões dos professores de supervisão pedagógica. Nesta reunião o professor referiu que “uma criança conquista-se pelo sorriso,” isto relativamente ao facto de muitas vezes como estamos mais nervosas não conseguimos esboçar um sorriso. Referiu também “que a criança nesta idade é um papagaio, diz tudo o que ouve portanto devemos ter muita atenção como falamos” pelo facto de nem sempre falarmos correctamente ou construirmos bem as frases.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a, p.66) é importante “criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interacção e aprendizagem das crianças.”

Sexta-feira, dia 20 de Fevereiro de 2009

Festa de Carnaval

Neste dia as crianças foram mascaradas para a escola. Estavam todas lindas e deslumbradas com as máscaras. No bibe amarelo, concentraram-se os dois bibes na sala B, dançaram e cantaram. Mais tarde fizeram o desfile para os pais no recinto da escola. Posteriormente ao desfile fizeram uma roda no recreio e cantaram algumas músicas.

Às 10h30 juntam-se todos no salão em que mostram todas as crianças com a finalidade de eleger a melhor máscara.

Comentário crítico

Este dia foi deslumbrante, ver o sorriso das crianças foi fantástico. Na generalidade, quase todas as crianças gostam do Carnaval e estavam muito felizes neste dia. Foi um dia de socialização, as crianças brincaram muito, umas com as outras. Também se pode focar que a família esteve presente no desfile. É extremamente importante a interacção escola - família.

Quarta-feira, dia 25 de Fevereiro de 2009

Roullement (os dois bibes juntos)

Aula surpresa indicada pela Educadora a uma aluna estagiária. A colega deu aula de Estimulação à Leitura, contou uma história através de imagens de retroprojector. As imagens foram retiradas do livro “o Jantar do Júnior”.

Às 10h15 as crianças foram para as mesas elaborar uma proposta de trabalho de grafismos.

Às 10h30, foi-me pedido que desse uma aula de Matemática utilizando o I Dom de Froebel. Questionei as crianças se sabiam de que era feita a caixa e se sabiam de onde vinha a madeira. De seguida perguntei qual era a constituição da árvore e em quantas partes se dividia. Acabei por dar uma ajuda mas a educadora disse que eu deveria ter deixado que eles pensassem e que não devia ter dado logo a resposta.

Posteriormente fiz o Jogo Kim Visual, em que coloquei 3 bolas fora da caixa, uma em cima, outra de lado e outra à frente, depois chamava uma criança que tapava os olhos e eu alterava a ordem das bolas, a criança teria que conseguir coloca-las no sítio inicial. Assim que as crianças ficavam mais agitadas eu trocava de estratégia, passando para o Jogo de lateralização, em que pedia para colocarem as bolas “atrás” de um colega, “à frente” de um objecto, “debaixo” de um sapato etc. No fim da aula, falei da junção das cores, em que imaginariamente colocávamos tinta nas mãos e atirávamos para o tecto, a junção por exemplo do amarelo e o encarnado daria o laranja.

A aluna seguinte tinha que fazer um Jogo, e escolheu o “Jogo do Lencinho”, explicou as regras do Jogo e esteve, sempre, atenta às necessidades dos meninos, isto é, quando eles se enganavam ela parava o Jogo e explicava as regras novamente. Ao som do toque da pandeireta a criança corria deixando o lenço atrás de um colega, este apanhava o lenço e corria atrás do colega até que este se sentasse no seu lugar.

Comentário crítico

Esta aula de dons de Froebel, relativamente à de dia 18 de Fevereiro, correu bem melhor. O segredo foi arranjar uma estratégia diferente das que os meninos estavam habituados. Tentei dinamizar um pouco mais, mas quando eu achava que ia perder o grupo trocava de actividade. Acabei por me exceder ao nível dos conteúdos para os 20 minutos propostos. No entanto, senti que consegui ter a turma comigo, o que fez com que ganhasse mais confiança em mim.

Gostei muito desta aula, embora tivesse sido repetido o conteúdo, consegui ser mais dinâmica o que foi muito positivo.

Relativamente às aulas das colegas, elas estiveram muito bem. A primeira conseguiu contar a história, improvisando, a partir da projecção de imagens e nunca sabia qual o slide que vinha a seguir. Teve uma óptima prestação.

A última aluna pensava que este Jogo seria conhecido das crianças, o que não aconteceu. As crianças não conheciam mas divertiram-se muito. Foi um momento muito agradável. A aluna entregou-se por completo à actividade proposta.

Sexta-feira, dia 27 de Fevereiro de 2009

No decorrer da aula de música falámos com a educadora que nos colocou à vontade para que déssemos mais aulas quando nós quiséssemos, com vista a conseguirmos superar as nossas dificuldades.

Quando as crianças vieram da aula de música uma colega foi dar uma aula de blocos lógicos, mas como não conseguiu manter a disciplina a educadora acabou por intervir, sugerindo que esta fizesse o “Jogo do quente e do frio” com as peças dos blocos lógicos. A aluna estagiária escolhia uma criança para jogar e esta teria que tapar os olhos, enquanto isso, outra criança escondia dentro do bolso do bibe uma peça dos blocos lógicos. Entretanto já se teria combinado com todas as crianças que só se podiam dar as indicações de quente (quando estivesse perto da criança com a peça) e de frio (quando estivesse longe). Correu muito bem o Jogo, visto que as crianças estavam com muita atenção e principalmente com muita vontade de dizer quem era o colega com a peça. Nesta fase do Jogo eu e outra colega ajudámos.

Quando voltámos, falei com a educadora que a minha maior dificuldade era de manter a disciplina principalmente na altura em que era para fazer uma roda com as crianças ou fazer o comboio. Ela sugeriu que eu o fizesse naquele momento, mas como eu já esperava não correu bem e não consegui.

Comentário crítico

O facto de a aula seguinte ser supervisionada preocupou-me em tentar prática no que achava que não conseguia, manter a disciplina, talvez por essa mesma razão não consegui. Enervei-me bastante porque era algo que queria muito conseguir fazer. A educadora explicou, então, que eu preciso de confiar mais em mim e é fundamental que tenha estratégias para o retorno à calma. Isto porque, eu tenho dificuldade em lembrar-me das músicas quando quero cantar nestes momentos em que fico mais nervosa.

A estratégia é fundamental para a turma estar connosco. Vayer e Trudelle (1999, p.123) afirma que “É o medo de não dominar a situação, ou seja o medo da desordem, que leva alguns professores a esconder-se por detrás do seu estatuto, para afirmar ou exercer o seu poder sobre a criança. Este traduz-se por uma forma de intervenção autoritária na acção ou na relação, a qual apresenta vantagem imediata de ser operacional, uma vez que permite, efectivamente, organizar a situação para que as actividades se desenvolvam segundo o desejo do adulto.” O professor/educador quando vai dar uma aula tem que levar pensado algumas estratégias caso a aula não tome o rumo que este pretende. A meu ver não é necessário usar a autoridade, mas antes a imaginação.

Tendo trabalhado vários anos em jardins-escola, tinha conhecimento de uma grande quantidade de músicas. Contudo nesta instituição cantavam-se algumas que eu para mim eram desconhecidas e no momento em que queria cantar com os meninos acabava por não me recordar de nenhuma, nem mesmo daquelas que eu sempre soube.

Segunda-feira, 2 de Março de 2009

Aula programada de supervisão.

Uma aluna deu Estimulação à Leitura, contando a história “A Tartaruga azul.” Na história a tartaruga saía de um ovo. A colega fez um placard, em madeira, com a forma de ovo que estava apoiado no chão em que ela sairia detrás do mesmo quando iniciasse a história. Levava também uma carapaça azul, feita em espuma. As crianças estavam tão entusiasmadas que nem se ouvia barulho na sala. Quando utilizamos boas estratégias conseguimos a concentração da turma.

De seguida, como a história terminava com uma moral relativa à amizade, a aluna distribuiu pelos meninos um desenho de uma tartaruga para colocarem ao

pescoço. As crianças adoraram. Posteriormente foram para as mesas, com a finalidade de pintarem o desenho de uma tartaruga.

Terminada a aula desta aluna, a outra estagiária encaminhou as crianças para o tapete de modo a dar uma aula de Conhecimento do Mundo, utilizando o projector de imagens. A aula baseava-se nos vários habitats da tartaruga. As imagens eram um pouco complexas para esta faixa etária gerando assim o desinteresse. A aluna continuou a dar a aula com um pouco de barulho, tendo sido criticada por isso. O grupo de supervisão pedagógica referiu que nunca se dá uma aula com indisciplina.

No final, a colega colocou as crianças em U e mostrou-lhes uma tartaruga verdadeira dentro de uma caixa. Depois de verem a tartaruga, a aluna organizou a roda com as crianças entrando eu, para iniciar a minha aula de Matemática com o material blocos lógicos, como vem descrita no capítulo 3, na secção das planificações.

11h – Reunião na biblioteca.

Comentário crítico

A primeira aluna esteve muito bem, contou a história e dramatizou ao mesmo tempo. Os meninos estavam radiantes. Chegar ao fim da actividade e ver que os meninos se interessaram é muito positivo.

A aluna seguinte falhou ao colocar slides com demasiada informação assim as crianças dispersaram e gerou um pouco de indisciplina. No fim, mostrou uma tartaruga verdadeira. Foi criticada apenas por não a ter retirado da caixa. Teria sido interessante que as crianças tivessem mexido na tartaruga.

Quarta-feira, dia 4 de Março de 2009

Aula programada supervisão bibe amarelo B

Uma aluna deu aula de Conhecimento do Mundo, em que o tema era “A Semente” e ia vestida de agricultor. A aluna sentou as crianças em U e perguntou-lhes se sabiam do que ela estava vestida. Levava vestido umas jardineiras, uma camisa aos quadrados, uma galochas e um chapéu de palha, as crianças responderam que estava vestida de espantalho. Explicou então que o espantalho era amigo dela mas que estava vestida de agricultor. Começou por explicar que iriam falar sobre sementes e que existem muitos géneros e que estas podem diferir tanto em tamanho como em

cor. Entregou às crianças uns frasquinhos com sementes de várias qualidades. A professora de supervisão disse que as crianças não viam o que estava dentro dos frascos visto que as sementes eram muito pequeninas. De seguida mostrou um placard com a constituição da planta e que esta se dividia em cinco partes (raiz, caule, folha, flor e fruto). Posteriormente mostrou também uma planta, que se dividia em 3 partes: flor, caule e raiz. Depois explicou que existiam frutos e legumes que cresciam das árvores e outros da terra. Para que as crianças pudessem mexer, levou um tomate, um nabo e um feijão verde e passou por todas as crianças para que estas pudessem tactear e cheirar.

A última etapa da aula consistia em serem as crianças a semear, portanto a aluna levou um vaso e um ancinho e chamava alguns meninos para irem cavar a terra e semear a semente. Como não dava para todos os meninos irem ao vaso semear, a aluna tinha preparado um copo de iogurte para que fizessem a experiência da germinação do feijão. O tempo da aula terminou e ela teve que dizer que o fariam noutra altura.

A aula seguinte foi Matemática, através de material alternativo a aluna deu “contagens”. A estagiária voltou a sentar as crianças sem fazer muitos exercícios de relaxamento. A colega estagiária também ia vestida de agricultora e disse que antes de ir para a escolinha lembrou-se de colher umas flores do jardim. Fez suspense, com a caixa das flores, as crianças estavam a adorar. Olhava para dentro da caixa e suspirava e voltava a fechar a caixa. De seguida, mostrou uns vasos que tinham autocolantes de cores diferentes. O objectivo da actividade, era tocar um instrumento musical e a criança ir buscar o número de flores de uma determinada cor e colocá-las no vaso da cor correspondente.

A educadora acabou por ir acalmar o grupo e outra estagiária começou a dar a Estimulação à Leitura. A aluna levou um livro de pano, em grandes dimensões e contou a história “A sementinha”. A aluna tinha na mão um pauzinho com o desenho de uma semente e à medida que ia contando a história, faltavam algumas imagens no livro, as crianças tinham que ir a um placard buscar a imagem e completar no livro. A meio da sua aula entrou uma equipa da SIC para filmar, e ela saiu-se muito bem continuando a contar a história.

Comentário crítico

A primeira aluna deu uma boa aula, mas foi criticada pelos elementos de supervisão por ter excesso de conteúdos para uma aula só. Não estando o tempo suficiente a explorar cada conteúdo. Levava materiais muito apelativos e utilizou um bom tom de voz na sua aula.

A segunda aluna levou também bons materiais e ía bem caracterizada de agricultor mas quando chegou a meio da actividade e devido a ser demasiado repetitiva, a aluna estagiária começou a perder o grupo. Decidindo então parar a actividade e levantá-los para cantarem umas músicas. A duração da actividade não chegou aos 20 minutos visto que, a aluna se atrapalhou com a indisciplina não a conseguindo controlar, acabando por fazer uma má passagem para a colega da actividade seguinte.

A última aluna deu uma boa Estimulação à Leitura, esta aluna tem uma voz meiga e isso transmite tranquilidade.

Sexta-feira, 6 de Março de 2009

Aula surpresa de supervisão na sala do bibe amarelo B

À primeira aluna foi pedido Estimulação à Leitura, através de um conto tradicional. A aluna estagiária contou a história do Capuchinho Vermelho, com a ajuda dos fantoches (**Figura 32**).



Figura 32 – Fantoches da história “Capuchinho Vermelho”

Quando estava a terminar de contar a história houve um pouco de indisciplina. A aluna contornou-a colocando as crianças a representar a história, dando-lhes assim os fantoches.

À aluna seguinte, foi também pedido Estimulação à Leitura. Esta leu o livro “ O porquinho Vítor” (**Figura 33**) com a ajuda de um fantoche que era um porco.



Figura 33 – Capa do livro “ O Porquinho Vítor”

A aula foi iniciada sem que houvesse silêncio, deste modo, apenas as crianças que estavam sentadas mais perto da aluna estiveram com atenção, as restantes brincavam e faziam muito barulho. A aluna tentava que eles fizessem menos barulho mas as crianças não a respeitavam. No fim, tentou fazer a roda com os meninos mas não conseguiu. Não utilizou o tempo previsto de aula.

Na reunião foi focado que esta aula não correu bem porque nunca se começa uma aula com indisciplina.

11h – Reunião com a supervisão pedagógica na biblioteca.

Comentário crítico

Com esta aula se termina o estágio no bibe amarelo e onde se pode concluir que a principal dificuldade em quase todas as estagiárias é o manter a disciplina. Neste dia as aulas podiam ter corrido melhor se não fosse a indisciplina ou a falta de estratégias para a combater.

2.4.1.1 – Reflexão sobre o estágio no Bibe Amarelo

Esta reflexão servirá para demonstrar o meu grande agrado em pertencer a esta família.

Foi com grande vontade e empenho que decidimos entrar para esta Escola. Eu tinha a noção de que não iria ser um percurso fácil, visto que não tínhamos qualquer base acerca do método. Mas, com trabalho, dedicação e vontade todos os objectivos foram atingidos.

Como é de calcular nem tudo é fácil, e por vezes, mesmo com muito empenho as nossas fraquezas vêm ao de cima e aí torna-se mais difícil. O meu objectivo será de perceber bem as minhas fraquezas de modo a poder contorná-las e tornar-me uma boa profissional.

Desde o dia sete de Janeiro de 2009, que começou esta grande jornada na nossa vida. Foi nos proposto estagiar numa sala de 3 anos, bibe amarelo A no Jardim-Escola da Estrela.

Por vezes é difícil escrever num papel todas as emoções pelas quais passei. Inicialmente, foi complicado perceber como se estruturava o método. A educadora, deu um grande apoio, disponibilizando-se sempre para nos tirar qualquer dúvida.

Quanto aos aspectos positivos, pode se realçar que este é um método fantástico para as crianças. O mérito deve-se ao trabalho excelente que a educadora tem tido desde o início do ano lectivo. Estas crianças, com este método, aprendem desde tenra idade a ter valores, a respeitar e a trabalhar.

Como são crianças ainda com 3 anos, necessitam de actividades muito criativas, com muita imaginação e quem está com eles deve ter uma capacidade de improviso muito grande, de modo a captar-lhes a atenção.

As minhas dificuldades assentaram, basicamente, na falta de conhecimentos teóricos que deveriam ter sido aprendidos anteriormente, para que a prática pudesse correr melhor. Outro dos aspectos a focar e pelo qual eu tenho sentido que me está prejudicar é o facto de ficar muito nervosa. Percebi que trabalhando com pressão tenho dificuldade em demonstrar agrado naquilo que me é proposto. O facto, de ter tanto medo de errar e de me encontrar em situação, por exemplo, de surpresa faz com que eu me tente concentrar, de tal modo, que acabo por não ser dinâmica como gostaria.

Concluindo, embora o estágio não tenha sempre corrido como eu esperava, senti que tenho vindo a aprender muito. Os aspectos positivos são muitos e os negativos ajudam-nos a crescer. Nada como a prática, para que possamos perceber as nossas dificuldades, de modo a podermos melhorá-las.

Quanto à instituição em si, só tenho bem a dizer. Tem um método bem conseguido, bem estruturado em que as crianças aprendem muito. O corpo docente, tanto da ESE como do jardim de Infância é muito bom e espero vir a aprender muito mais com a ajuda dos mesmos.

Uma coisa é certa, não há nada melhor no mundo que as crianças, pois elas serão o nosso futuro e temos que ser nós, os alicerces para o seu crescimento e conhecimento.

2.4.2 - 2º Momento de estágio

Bibe
Encarnado

Segunda-feira, dia 9 de Março de 2009

No Bibe encarnado B, havia aula de supervisão das estagiárias do 4ºano e fomos assistir. Enquanto a aula não começava estivemos com os meninos do bibe encarnado A e a educadora disse para nos apresentarmos visto ser o primeiro dia neste bibe. Os meninos estavam todos sentados em filas no tapete e enquanto a educadora foi ao salão buscar material, nós ficámos a contar-lhes uns poemas.

Às 9h30 iniciou-se a aula supervisionada de Conhecimento do Mundo. Eram duas alunas em conjunto a dar a aula em que o tema era: “As plantas e a fotossíntese”. As duas estagiárias dramatizaram como se fossem avó e neta, esta última, ia vestida com o bibe encarnado. As alunas tinham um cenário com uma casa e umas hortas, mesmo com terra e alimentos. Mostraram um desdobrável em flanela em que iam colocando imagens almofadadas da raiz, caule, folha, flor. Na imagem tinha também um sol e um regador para que deste modo pudessem introduzir o tema da fotossíntese.

Na actividade seguinte, mostraram (no papel cenário) a casa da avó e que esta possuía um quintal com uma horta. De seguida, mostraram às crianças uma planta dentro de um vaso, retirando-a para que as crianças pudessem observar as raízes. Mostraram cenouras procedendo à explicação de que este alimento é uma raiz e que fazem parte da nossa alimentação. Foi uma aula positiva, trataram de temas como a constituição da planta, fotossíntese, raízes e tubérculos.

A passagem da aula para a aluna seguinte foi através de uma pequena dramatização, fazendo essa aluna de tia da menina. A aula seguinte foi de Matemática trabalhando assim as contagens. A estagiária levou os alunos em comboio desde a “casa da avó” até ao outro lado do salão sentando-os em U. Mostrou num placard um jardim. Este placard tinha imagens de girassóis, rosas e dalias. Ia pedindo às crianças que fossem retirando as imagens do placard de modo a fazerem conjuntos. A estagiária não conseguiu cumprir a planificação da aula.

A actividade seguinte foi de Estimulação à Leitura. A aluna fez também um pouco de encenação, dizendo que estava muito triste porque tinha uma história muito linda para contar aos meninos, mas que tinha acontecido um problema e a história tinha-se desmanchado toda. Então, os meninos teriam que ajudar a completar a história. A história era “ O Nabo Gigante”, a aluna tinha um placard e os meninos teriam que completar com as imagens e personagens da história. Visto que a história

tinha muitas personagens, tornou-se muito monótono. As crianças rapidamente perderam o interesse gerando assim a indisciplina.

Comentário crítico

As primeiras alunas surpreenderam-me bastante. As aulas que as alunas deram foram extremamente organizadas e utilizaram materiais muito apelativos. As crianças estavam encantadas com todo aquele material. Deram uma aula que nem por isso é fácil, visto que tem conceitos e nomes um pouco complexos, mas elas conseguiram utilizar estratégias muito boas. Deu para notar que as 4 alunas eram um grupo coeso porque ajudaram-se e prepararam bem as passagens das aulas umas das outras.

Na aula seguinte, a aluna fez alguns cálculos mas pelo que foi frisado na reunião, não foi uma aula positiva visto que ter cumprido a planificação. Não tive acesso à planificação mas aquilo que vi - contagens com flores - pareceu-me bem estruturado.

A última aula foi de Estimulação à Leitura, mas no meu entender não foi muito boa. Penso que a história do Nabo Gigante, poderia ser trabalhada de outra forma, menos exaustiva. Existem muitos personagens da história e a aluna contava e colocava no placard um a um. Quanto a mim se o total de animais de uma espécie fosse por exemplo 9, poderia tê-los juntado todos numa imagem e colocá-la no placard de uma só vez.

Quarta-feira, dia 11 de Março de 2009

Quando entrámos no salão deparámo-nos com a equipa de supervisão pedagógica para nos solicitar uma aula surpresa.

Às 9h30 chamaram-me e pediram me que desse blocos lógicos. Sentei os meninos em roda no chão e falei brevemente sobre os atributos das peças dos blocos lógicos. De seguida, coloquei uma linha de fronteira no chão e pedi que as crianças fizessem alguns conjuntos. Eu estava demasiado nervosa e fiquei sem ideias para continuar a aula. Então, fiz um Jogo de memorização em que colocava uma peça no bolso de cada criança sem que estas vissem qual a peça. À medida que eu ia pedindo a criança levantava-se e por palpação teria que descobrir qual a forma, o tamanho e a espessura da peça. Terminada a aula a passagem para a aluna seguinte foi feita através de uma roda a cantar a música do “Cuco na floresta”.

Às 9h50 foi pedido à outra aluna estagiária uma aula de Estimulação à Leitura. Foi-lhe dado um livro com poesias de Amor. Ela não conseguiu manter a disciplina acabando por desistir da actividade proposta.

Às 10h foi pedido a outra aluna estagiária que desse um Jogo. Embora as crianças estivessem muito agitadas, ela optou por fazer um comboio e levar os meninos para o exterior. Teve um pouco de dificuldade em pensar onde iria ser o Jogo e disse-lhes que se sentassem na entrada da escola por baixo do alpendre. Mas, como depressa percebeu que não teria espaço para fazer o Jogo nesse lugar decidiu levantá-los e formarem o comboio novamente para irem para o recreio. A estagiária sentou as crianças em roda, no chão, para que pudesse explicar as regras do Jogo. O Jogo era o “Jogo das cadeiras” mas com arcos. Ao som das palmas as crianças andavam à volta dos arcos, quando paravam as palmas eles tinham que saltar para dentro do arco. À medida que o Jogo decorreu iam-se retirando arcos e o ultimo menino a ficar no arco ganha o Jogo. As crianças adoraram o Jogo e divertiram-se imenso.

11h – Reunião de supervisão pedagógica

Comentário crítico

Esta aula foi mesmo uma surpresa, não imaginámos que ao 2º dia de estarmos naquele bibe que fossemos logo postas à prova. Na realidade era o 1º dia naquele bibe, visto que no anterior tínhamos assistido a aulas no grupo B. Foi-me pedido que desse blocos lógicos, neste dia percebi que estava com falta de conhecimentos sobre este tema, também porque nesta altura ainda não tínhamos aprendido na ESE esta matéria. As crianças portaram-se muito bem, e acabei por fazer um Jogo de memorização em vez de conjuntos, que era o suposto. Posso dizer que quando terminei a aula, estava minimamente satisfeita. Não tinha havido indisciplina e consegui fazer uma boa passagem.

A aluna seguinte desistiu da aula proposta. Tal como já referi noutra aula por mim dada, nós somos sujeitos a muita pressão e o nervosismo por vezes actua desta forma. Fazemos coisas que não queremos e acredito que se fosse hoje ela não teria desistido.

Por fim, a última estagiária teve uma óptima prestação a aula correu muito bem. Teve apenas dificuldade em perceber em que local fazer o Jogo, mas depressa percebeu que o recreio seria a melhor opção.

Sexta-feira, 13 de Março de 2009

Uma aluna estagiária distribuiu uma proposta de trabalho anteriormente pintada, para que as crianças recortassem e colassem.

Às 9h50 saímos com o objectivo de irmos para a reunião com o director da instituição.

Na reunião foi focada a avaliação de cada aluno, bem como os aspectos positivos e os aspectos a melhorar da nossa prestação no primeiro momento de estágio. Calendarizaram as datas dos testes a que seríamos submetidas no final do ano lectivo. No final, foi-nos entregue uma folha com a estrutura do relatório de final de estágio.

Segunda-feira, 16 de Março de 2009

A educadora iniciou a aula perguntando qual era o dia da semana em que se encontravam. Desse modo, falaram no dia que veio antes e no dia que vem depois.

Como era segunda-feira aproveitou-se para se falar no fim-de-semana. Cada criança disse como tinha ocupado o seu tempo nesses dias.

Às 10h foram para a ginástica.

Cerca de 50 min mais tarde uma estagiária iniciou uma aula de Matemática. Explicou às crianças que iriam ter uma aula com o material Cuisenaire e estipulou um chefe para cada mesa (esse chefe tem a tarefa de abrir a caixa e despejá-la para a mesa). Fizeram a decomposição de números através do Jogo dos comboios.

Comentário crítico

Tendo em conta Caldeira (2009, p.251) “pedimos à criança para colocar à sua frente na posição horizontal, uma determinada peça. Depois solicitamos que procure as diferentes possibilidades de formar comprimentos iguais ao da primeira peça, colocando outras em linha recta, unidas pelas extremidades.

Podemos contar uma história, em que as crianças escolhem o nome de uma personagem que quando viaja utiliza sempre o comboio (passando os comboios pelas estações) em que a primeira peça é a estação. As outras são os comboios que passam nessa estação, com carruagens pintadas de diferentes cores. Quando não houver mais comboios para essa estação fechamos, colocando outra peça igual, à primeira. Estão limitadas as possibilidades de decomposição do número pretendido”.

“Este Jogo tem regras. Vejamos quais:

- Não pode haver comboios maiores que a estação.
- Não pode haver comboios menores que a estação.
- Não pode haver comboios iguais (repetidos)
- Quando não se conseguir fazer mais comboios para a estação pretendida, fecha-se a estação com uma peça igual.

Depois de feitos os comboios (**Figura 34**), estes podem ser lidos de quatro maneiras diferentes:” (Caldeira, 2009, p.251)

Exemplo:



Figura 34 – Comboio com as peças do Cuisenaire

- “Leitura em comboios
Uma carruagem cor-de-rosa ligada a uma carruagem encarnada, fazem um comboio para a estação verde-escura.
- Leitura por cores
Uma peça cor-de-rosa e uma peça encarnada é igual à peça verde-escura.
- Leitura em peças brancas
Quatro peças brancas mais duas peças brancas são 6 peças brancas.
- Leitura por valores
Quatro mais dois, igual a seis ($4+2=6$)
Nota: as crianças não só podem fazer a representação numérica no quadro, como também podem usar algarismos móveis.” (Caldeira, 2009, p.251)

Através de perguntas dirigidas, a aluna estagiária questionou as crianças da seguinte forma:

- Qual é a peça mais pequena do Cuisenaire? (estagiária)
- Branca (aluno)
- Quantas unidades vale uma peça branca? (estagiária)
- Uma unidade (aluno)

Posteriormente, explicou que iriam fazer o Jogo dos comboios. Disse para retirarem a peça verde escura (seria essa a estação do comboio). (**Figura 35**)



Figura 35- Estação verde escura

De seguida, disse-lhes que fizessem um comboio para essa mesma estação (havia várias hipóteses a **Figura 36** mostra uma delas).



Figura 36- Comboio para estação verde-escura.

A aluna estagiária chamou uma criança ao quadro e perguntou qual o valor de cada comboio. Após a resposta, a criança foi buscar os algarismos móveis e colocou o algarismo 5 e o algarismo 1. Chamou outra criança e pediu que dissesse o nome do símbolo (+), explicando que é o símbolo que se utiliza quando se quer juntar uma coisa a outra. Foi colocado, o símbolo entre os algarismos. Ex: $5+1$

Chamou outra criança e pediu que colocasse o sinal de igual. Explicou que as duas pecinhas juntas, é igual, à estação. Questionou as crianças novamente acerca do valor da estação.

Para fazer o cálculo a estagiária utilizou a contagem através de palhinhas.

Colocaram então no quadro a soma: $5+1=6$

A estagiária propôs fazer um novo comboio mas estava-se a gerar muita indisciplina, deste modo utilizou uma técnica de retorno à calma, em que a estagiária fez uma pergunta e as crianças responderam.

- Viram por ai a Maria Tim-Tim? (estagiária)
- Qual Maria Tim-Tim? (alunos)
- Aquela que põe as mãos sobre as pernas assim, assim!! (estagiária)

Ao fazer estas perguntas, as crianças, voltaram a ouvi-la e retomaram a atenção.

Posteriormente, voltou a pedir mais um comboio para a estação verde-escura. Uma criança disse-lhe que podiam ser duas peças verde-claras. Juntaram ao comboio essas duas peças (**Figura 37**).



Figura 37 – Comboio

Voltaram a colocar os algarismos móveis no quadro de modo a obter a soma: $3+3=6$. No final, perguntou como se fecha a estação e as crianças responderam que seria com a peça verde-escura (**Figura 38**)

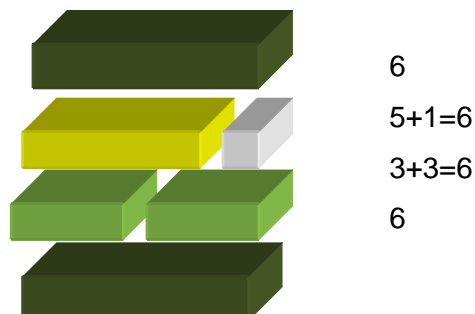


Figura 38 – Dois comboios para a estação verde escura

Para consolidar os conhecimentos a aluna distribuiu uma proposta de trabalho por criança.

Comentário crítico

Esta aula foi muito proveitosa. A aluna utilizou o material Cuisenaire deixando as crianças manipularem, brincarem com as peças e estimularem o seu raciocínio.

Penso que a aluna deu uma boa aula em que fez cálculos mentais e escritos. A criança ia ao quadro escrever as contas, o que é muito bom porque aprende a raciocinar e ao mesmo tempo treina a motricidade fina através da escrita no quadro.

Quarta-feira, 18 de Março de 2009

9h45 – Aula de supervisão surpresa do bibe encarnado B

Foi pedido à aluna que desse o IV Dom de Froebel. A aluna estagiária deu as regras para pegar nas peças com os dedos em pinça. Contou a história do Bob o Construtor em que o cão tinha ido para o jardim do vizinho no momento em que este estava sentado no banco. Foi uma introdução para a construção do banco do jardim. Ia colocando situações problemáticas até finalizar a construção. De seguida, continuou a contar a história e colocou no quadro uma imagem do Bob o construtor. Disse que foram 6 cães para a relva do jardim (colocou 6 imagens de cães no placard) depois chegaram mais 6 cães (colocou mais 6 imagens no placard). Questionou as crianças acerca da “meia dúzia” e de “uma dúzia”. Continuando a história, como no quintal já

tinha 12 cães era necessário construir um muro para o jardim, para que eles não fugissem. Fizeram então essa construção, a aluna estagiária circulou pela sala e no final explicou como se fecha a caixa dos dons.

Pelas 10h10 foi pedido à outra aluna que desse Estimulação à Leitura com o livro “Oh!”. Este livro tinha apenas imagens e a história teria que ser inventada. A aluna não fez perguntas dirigidas e quando queria fazer o suspense dizia “Ah!” e não “Oh!” que seria o título do livro. Isto gerou alguma indisciplina o que prejudicou a aula.

À última aluna pediram que fizesse um Jogo, esta fez um comboio com os meninos e levou-os para o recreio com o objectivo de fazer o Jogo do lencinho. Correu bem a aula, embora ela devesse ter explicado as regras do Jogo dentro do salão e não no recreio (em que as crianças dispersam mais facilmente).

Comentário crítico

A primeira aluna precaveu-se e levou uma boa quantidade de materiais, caso houvesse aula surpresa. Pediram-lhe que desse uma aula de Matemática com o IV Dom de Froebel e a aluna já tinha umas imagens para contar a história. Foi uma boa atitude visto que nunca se sabia quando se tinha aula surpresa e assim preparou algo anteriormente, tendo dado assim uma boa aula.

A segunda aluna não teve tanta sorte e não conseguiu dar uma aula positiva. Penso que quando é pedida uma Estimulação à Leitura, deve-se facultar o livro com mais antecedência, particularmente quando não é um livro muito fácil. Recorria muito ao imprevisto e tornou-se complicado para a estagiária trabalhá-lo.

Por fim, a última aluna, fez o Jogo tradicional do lencinho, correu bem. Gostei da aula.

Sexta-feira, dia 20 de Março de 2009

Como no dia anterior tinha sido o dia do pai, a educadora perguntou se os meninos tinham dado as prendas e se os pais tinham gostado.

De seguida, com os meninos sentados em roda, a educadora deu uma aula de Conhecimento do Mundo relativamente ao tema “Os frutos”. A educadora utilizou a enciclopédia de imagens e perguntou como se chamava a árvore que dá a maçã, que nome se dá ao conjunto desse tipo de árvores e falou nos diferentes tipos de maçãs que diferem na cor.

Às 10h30 os meninos foram para a aula de música, às 11h tiveram aula de Informática e as 11h30 foram com outra educadora para a biblioteca.

Nesse espaço de tempo, das actividades dos meninos, nós ficámos a arrumar as fichas nos dossiers.

Comentário crítico

As aulas de Conhecimento do Mundo, como já fundamentei anteriormente, são muito importantes para a criança. Deste modo, as crianças aprendem os temas relativos à natureza. Na minha opinião, e tal como já foi fundamentado noutra aula, achei que o livro tinha umas imagens muito pequenas, de qualquer das maneiras a educadora passou o livro para que todas as crianças vissem.

Segunda-feira, dia 23 de Março de 2009

Às 9h30 fomos assistir a aula de Cartilha Maternal da cadeira de Investigação e Metodologia da Aprendizagem da Língua Portuguesa no Jardim de Infância no bibe azul, de várias alunas estagiárias da turma.

O objectivo da actividade por nós concebida consistiu em abordar uma (s) letra/letras, de uma forma lúdica e educativa, durante 15 minutos. Depois de terminada a apresentação, uma das estagiárias ia à Cartilha com um grupo de 2/3 alunos enquanto que a outra colega ajudava na elaboração de uma proposta de trabalho. Após o término da actividade repetimos a mesma, invertendo os papéis das estagiárias.

As duas estagiárias iniciaram a actividade com um teatro onde foram apresentadas as 5 vogais. No final, explicaram as diferenças entre as consoantes “p”, “q”, “d”, “b”, mostrando as mesmas (**Figura 39**), de modo a trabalhar a lateralidade. Para terminar, as estagiárias foram alternadamente à Cartilha com o intuito de serem avaliadas.

p	q
d	b

Figura 39 – Flanelógrafo com “p”, “q”, “d”, “b”

As colegas seguintes trabalharam a letra “g” através de uma lenga-lenga. Esta chamava-se “Glim-Glim” e as crianças repetiram-na várias vezes. De seguida, as crianças foram encaminhadas para as mesas, com o objectivo de elaborarem uma proposta de trabalho, enquanto que as estagiárias iam à Cartilha Maternal.

Às 11h tivemos a reunião de avaliação das alunas que leccionaram.

Comentário crítico

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a,p.65) quanto ao domínio da linguagem do oral e abordagem à escrita, “a aquisição e a aprendizagem da linguagem oral tem tido até agora uma importância fundamental na educação pré-escolar, pensando que a leitura e a escrita só deveriam ter lugar no 1ºciclo do ensino básico. É actualmente indiscutível que também a abordagem à escrita faz parte da educação pré-escolar.

Não há hoje em dia crianças que não contactem com o código escrito e que, para isso, ao entrar para a educação pré-escolar não tenham já algumas ideias sobre a escrita. Ao fazer, neste domínio, referência à abordagem à escrita pretende-se acentuar a importância de tirar partido do que a criança já sabe, permitindo-lhe contactar com as diferentes funções do código escrito. Não se trata de uma introdução formal e “clássica” à leitura e escrita, mas de facilitar a emergência da linguagem escrita.”

Comentário crítico

Tendo em conta o Guia Prático da Cartilha Maternal (1997,p.8), “ler é interpretar as mensagens emitidas pelas variadas e diversas formas de expressão.

“O livro (**Figura 40**) era então o meio mais forte de transmissão de saberes, havia que aprender a ler, João de Deus escrevia muito esclarecidamente:

“Não basta ler, é necessário ler com conhecimento de causa.

Quem não tem a análise das letras, quem não sabe as regras dos seus valores, não pode ensinar bem, e ensinando mal, isto é, com muito custo e pouco proveito, naturalmente se furta às ocasiões de ensinar os outros, o que é um grande mal”.



Figura 40 – Cartilha Maternal

“Aprender a ler é ser capaz de construir as regras da escrita, e nesse sentido “a criança precisa de descobrir activamente o que são as letras e as palavras” (Marques, 1991, p.25)

Concordo com as citações descritas, este método é muito bem estruturado e organizado. É necessário que haja quem ensine a ler, as crianças hoje em dia vivem num mundo muito evoluído e precisam de saber ler, saber interpretar tudo o que as rodeia.

Gostei muito de aprender o método da Cartilha Maternal, as crianças através deste método, aprendem a ler. Mas aprendem a essência da letra, como se faz para a ler, quais os seus valores. Considero que este método é brilhante, quem aprende através deste método será sempre um bom aluno e um óptimo ser pensante.

Quarta-feira, dia 25 de Março de 2009

A educadora deu uma aula de blocos lógicos. Espalhou o material pelas diferentes mesas.

Explicou então que os blocos lógicos são um material que habitualmente os meninos trabalham e que têm diferenças. Com perguntas dirigidas, questionou as crianças da seguinte forma:

- ... Lembraste de uma das diferenças os blocos lógicos? (educadora)

- A cor. (criança)

- Quais são as cores? (educadora)

- Amarelo, encarnado e azul. (criança)

- E outra diferença? (educadora)

- A forma. (criança)

- ... Tira do monte duas peças com formas diferentes (educadora). Na mão direita está uma peça com a forma de quadrado e na mão esquerda uma peça com a forma de rectângulo, muito bem!

- Agora, ... diz-me, outra diferença, que podemos encontrar nos blocos lógicos. (educadora)

- É a espessura (criança)

- Agora, tira do monte duas peças com espessuras diferentes. (educadora)

- Muito bem.

Com o intuito de trabalhar as sequências, a educadora pediu a uma criança que retirasse do monte uma peça grande, encarnada, grossa e com a forma de um rectângulo. Outra criança retirou uma peça de tamanho pequeno, forma de triângulo, amarela e grossa. E por fim, outra criança retirou uma peça com a forma de um círculo, tamanho grande, espessura fina e cor azul. (**Figura 41**)

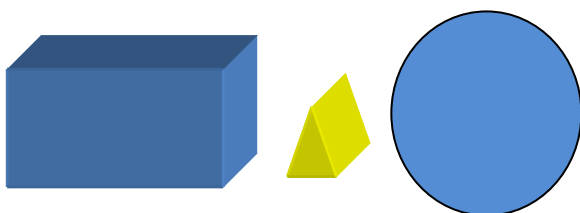


Figura 41 – Sequência de peças de blocos lógicos

De seguida, pediu a uma criança que fosse ao quadro colocar a peça que vem a seguir. Explicou que quando se tem uma sequência temos de olhar para a ordem das peças e colocá-las na mesma posição. Posteriormente a educadora fez uma linha

de fronteira no quadro e colocou 5 peças em forma de triângulo e amarelas dentro do conjunto. (**Figura 42**)

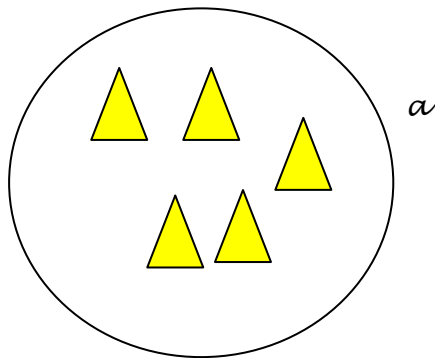


Figura 42 – Conjunto A

A educadora disse que havia outra maneira de dizermos que o conjunto tem 5 peças, chamamos de cardinal. Pediu a uma criança que desenhasse o símbolo do cardinal (#). (**Figura 43**)

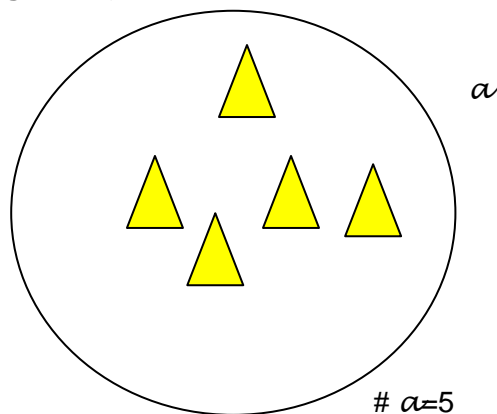


Figura 43 – Conjunto completo

A seguir a educadora perguntou se podia colocar uma peça com a forma de círculo dentro do conjunto, as crianças responderam que não, porque essa peça não pertence ao conjunto A .

Uma criança foi ao quadro e colocou a peça com a forma de círculo o sinal de “Não pertence” e o nome do conjunto. No final a educadora deixou os meninos brincarem livremente com as peças dos blocos lógicos.

De seguida lancharam e posteriormente fizeram trabalhos de simetrias com tintas. Dobrou-se a folha branca, deixou-se cair tinta na zona do vinco do papel, dobrou-se novamente e friccionou-se. Quando se abriu o desenho estava simétrico. (**Figura 44**)



Figura 44 – Desenho de simetrias elaborado por aluno do bibe encarnado

Comentário crítico

Esta aula foi muito importante para mim, era a aula que precisava de ter visto antes do dia da aula surpresa. Os blocos lógicos dão para trabalhar inúmeros conceitos, já tinha visto as tabelas de dupla entrada e desta vez trabalharam-se os conjuntos. Foi uma aula muito bem estruturada e transmitiu muitos conhecimentos às crianças. A educadora é uma ótima profissional.

Quanto à actividade seguinte, as simetrias, são trabalhos muito interessantes para fazer após uma aula de Matemática, desta forma as crianças descomprimem e libertam a sua criatividade. Segundo Meur e Staes (1989) esta actividade proporciona à criança, organização espacial. Em que a criança é que vai escolher o seu ponto de referência para chegar a um determinado fim.

Sexta-feira, dia 27 de Março de 2009

Às 9h30 uma colega estagiária deu uma aula de Matemática de IV Dom de Froebel. Distribuiu as caixas dos Dons pelos alunos e explorou as características da caixa.

Contou a história “Dora no Jardim zoológico”.

A história era a seguinte:

A Dora no Jardim Zoológico

“Era uma vez uma menina chamada Dora que estava quase a fazer anos e pediu aos seus avós para a levarem ao jardim zoológico (Zoo). Os avós concordaram, dizendo-lhe que iriam no próximo sábado e que ela poderia levar alguns colegas da sua turma com ela, para comemorar o seu aniversário.

Ela ficou radiante e convidou meia dúzia de amigos do seu jardim-escola.

No Sábado de manhã, perto das 10 horas a campainha de casa da menina tocou e ela foi à porta. Eram os seus amiguinhos.

E ela disse-lhes:

- Esperamos aqui um pouco no jardim enquanto esperamos que os meus avós cheguem. Olhem, sentem-se já aqui no BANCO DO JARDIM já alguns de vocês, que eu vou lá dentro pedir à minha mãe para nos trazer um sumo de laranja e algumas cadeiras. (Pedi às crianças que construíssem o banco do jardim com o IV Dom de Froebel).



Entretanto os avós da Dora chegaram e foram todos juntos para o Zoo de autocarro.

Chegando ao pátio do zoo avistaram um lindo lago com uma dezena de peixinhos encarnados.



Depois de verem e contarem os peixinhos, continuaram a andar em direcção à bilheteira do zoo, quando de repente viram um lindo CARROSSEL (construíram o carrossel).

Todas as crianças quiseram ir andar e os avós da Dora deixaram.

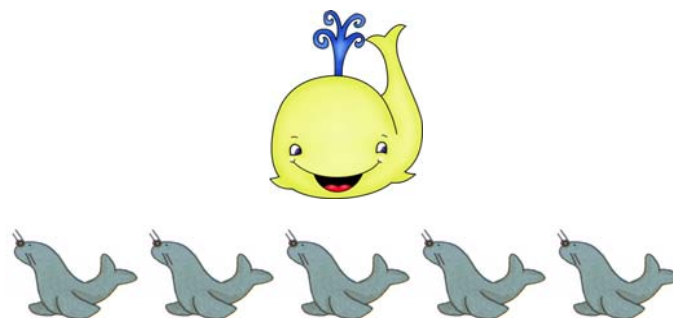
Depois de andarem no carrossel, foram comprar os bilhetes e entraram dentro do zoo.

Assim que entraram foram para o lado esquerdo, onde está o delfinário.

A Dora e os seus amiguinhos correram para lá.

Dentro daquela piscina gigante estavam meia dúzia de golfinhos, uma baleia e meia dezena de focas.





Passados alguns minutos, as bancadas encheram-se de visitantes e o espectáculo dos golfinhos começou.

A Dora estava muito feliz e agradeceu aos avós pelo dia maravilhoso que estava a ter.

E com pozinho mágicos de “prim lim pim pim” a nossa história chegou ao fim.”

A história foi inventada pela aluna e à medida que a contava, os meninos realizavam as construções. No decorrer da história a aluna estimulava o cálculo mental através de situações problemáticas do quotidiano.

De seguida, concluiu a aula procedendo à arrumação das peças nas caixas.

À medida que a aluna dava a aula, eu e mais duas alunas estagiárias fazíamos um inquérito aos alunos (**Figura 45**). Chamávamos um a um de modo a não incomodar a aula.

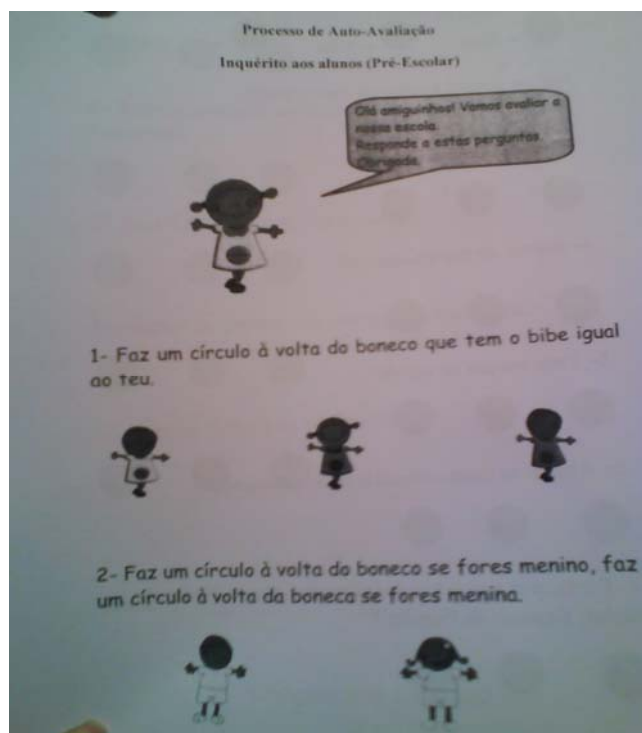


Figura 45 – Inquérito feito aos alunos

Às 10h30 foram para a ginástica, às 11h para a Informática e as 11h30 para a biblioteca.

Comentário crítico

A aluna que deu esta aula tem uma grande aptidão para ensinar, vê-se que gosta do que faz. Ela ficou fascinada com os materiais matemáticos e portanto tinha um grande gosto em utilizá-los nas suas aulas. Não tive com grande atenção à aula da aluna visto que estivesse a fazer questionários às crianças durante esse tempo.

Achei muito interessante, a escola propor a execução de um questionário às crianças. Sabendo as suas opiniões relativamente ao funcionamento das aulas e do relacionamento com colegas e educadora.

Segunda-feira, dia 30 de Março de 2009

Era altura de Roulement por isso estavam as duas turmas do bibe encarnado juntas.

Como estava a ser trabalhado o tema dos frutos e legumes, propus contar uma história sobre a batata, através de imagens A3, tal como se pode ver no capítulo 3.

Às 11h a minha colega estagiária fez o Jogo do loto dos animais. Foi distribuído por cada criança um cartão com quadrados com figuras de animais e oito quadrados brancos para irem tapando as figuras dos animais que tinham saído. Num saco tinha as figuras dos animais. Uma criança retirava uma de dentro do saco e mostrava à turma. Todos preenchiem o cartão, o primeiro a completar o cartão ganhava o Jogo.

De seguida, a outra colega estagiária organizou o comboio com os meninos com o intuito de irem fazer um Jogo no exterior.

Explicou as regras ainda no salão. No exterior fez a roda e pediu a uma criança que relembresse as regras. Fez o Jogo da batata quente. A bola era passada de mão em mão e faziam uma contagem até ao número dez, quem calhasse nesse número teria que responder a uma pergunta.

Comentário crítico

O Jogo do loto resultou muito bem. É um Jogo simples e as crianças gostaram e divertiram-se muito.

O Jogo da última colega, foi diferente do habitual e as crianças não perceberam muito bem. De qualquer modo sendo um Jogo de exterior as crianças divertiram-se.

Quarta-feira, dia 1 de Abril de 2009

Uma aluna estagiária deu uma aula de Tangram. Explorou o nome e a respectiva lenda do material. Disse às crianças para construírem o espelho da princesa com as sete peças do Tangram (**Figura 46**).

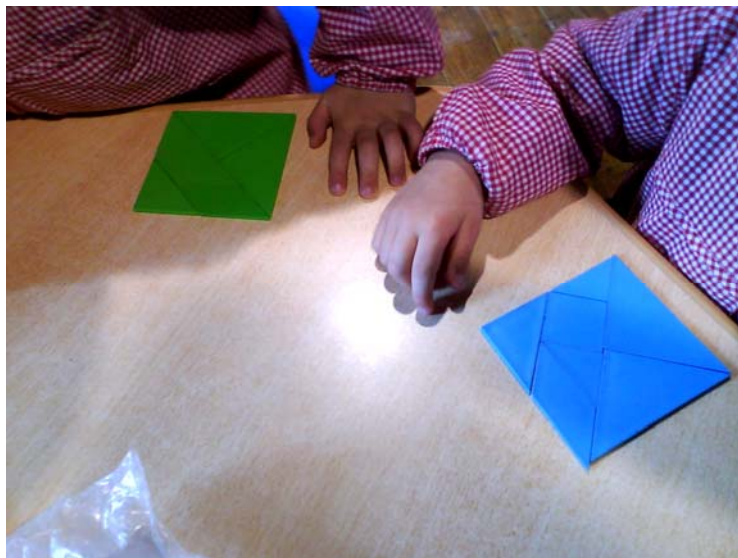


Figura 46 – Construção do “espelho da princesa” com o material Tangram.

Estimulou o cálculo mental através de situações problemáticas inseridas na história que contava. De seguida, os meninos construíram o gato com as 7 peças do material. No final, brincaram livremente com as peças antes de procederem à arrumação das mesmas.

Neste dia, arrumámos os armários do salão não tendo conseguido ver toda a actividade.

Às 10h45 a educadora sentou os meninos em U no chão do salão e chamou-me dizendo que iria dar uma aula (aula surpresa proposta pela educadora)

Deu-me uma folha A4 com 2 coelhos e umas flores e eu teria que contar uma história a partir dessa imagem. Iniciei a história, pedindo que os meninos dessem um nome aos coelhos.

Contei a história seguinte:

- Certo dia, os coelhos Vicente e Sofia andavam a passear e encontraram uma árvore com ovos da Páscoa.

- Acham que as árvores dão ovos? – Perguntei eu.

- Não – Responderam os meninos.

- Claro que não, esta árvore estava com ovos porque foram os gnomos que a enfeitaram. – Disse eu.

- Então, o que é que os coelhinhos pensaram? Vamos chamar os meninos do bibe encarnado e vamos pedir-lhes ajuda para pintarem os ovos. Mas, não podem dizer nada aos papás, vai ser uma surpresa, está bem? – Disse eu.

- Vamos fazer uma lista do que precisamos para podermos pintar.

- Tintas, pincéis...

E assim foi, pintaram os ovinhos todos e os pais não desconfiaram de nada. Durante a noite, os coelhinhos foram a todas as casas, deixando lá um convite para que os pais comparecessem no jardim às 9h da manhã porque iriam ter uma bela surpresa. No dia seguinte, logo pela manhã os meninos foram com os pais ver qual era a surpresa. Ficaram todos muito contentes e cada um levou o ovinho para casa e foram passar o Domingo de Páscoa com a família.

Os meninos adoraram a história, visto serem eles as personagens principais.

De seguida cantámos uma música sobre o coelhinho. As crianças queriam fazer o desenho sobre a história mas eu não aproveitei a ideia deles e fomos para o recreio. No entanto foi fantástico porque quando chegaram ao recreio, viram “ovos” nas árvores. Umas colegas do bibe azul tinham estado a fazer ovos com balões para os meninos pintarem, mas para secarem melhor penduraram nas árvores. Foi muito interessante porque parecia magia, uma menina veio ter comigo e disse:

- Tinhas razão! As árvores têm ovos!

Foi muito engraçado ver a reacção deles, foi uma boa coincidência.

Comentário crítico

Não pude assistir à aula da colega visto que estive a arrumar os armários, mas pelo feedback dado pela educadora, ela conseguiu dar uma aula organizada tendo sido positiva.

Quanto à minha aula, parece-me ter sido a aula mais gratificante que dei. As crianças gostaram muito e eu também. A educadora referiu que foi uma aula estruturada em que a história teve um princípio, meio e fim.

Quarta-feira, dia 15 de Abril de 2009

9h45 – Aula de Conhecimento do Mundo – Roda dos alimentos. Aula planificada e fundamentada no capítulo 3.

Às 11h a educadora deu uma aula de Matemática com o material Tangram.

Comentário crítico

“Há quem diga que os Tangrans são os mais antigos puzzles conhecidos. Sabe-se que o primeiro foi inventado na China há mais de 4mil anos e que se tornou um puzzle muito popular na Europa no século IX. (...)”

Os tangrans são obtidos a partir da dissecação de uma figura geométrica segundo determinadas condições, permitindo depois a obtenção de novas figuras através de recombinações das peças obtidas. Este fundamento geométrico permite que estes puzzles associem ao seu carácter lúdico bastante interesse didáctico.

O Tangram Chinês (**Figura 47**) é constituído por 7peças: 1 quadrado, 1 paralelogramo - equivalentes; 5 triângulos semelhantes entre si: 2 grandes e 2 pequenos, geometricamente iguais e 1 médio. Pegando nas 7 peças identificam-se, sem recorrer a qualquer cálculo ou instrumento auxiliar, apenas 4 comprimentos diferentes e 3 medidas de ângulos distintas (45° , 90° e 135°). Assim, é possível, para a comparação das figuras obter os perímetros de todas elas, tomando por unidade de comprimento o perímetro de uma peça qualquer à escolha. Verifica-se uma situação análoga a esta comparando as áreas das peças entre si, o que aliás é bastante mais simples do que para os perímetros”. (Lopes, Bernardes, Loureiro, Varandas, Oliveira, Delgado, Bastos e Graca. 1992. p.88)



Figura 47 - Tangram

A educadora contou uma história de uma princesa, esta tinha quebrado um espelho, com objectivo de fazerem a construção do quadrado. Questionou as crianças relativamente ao número de partes em que se partiu o espelho (7 partes) da princesa, se os sete bocados tinham todos a mesma forma, quais eram as formas. Seguindo a história, a educadora disse que no jardim da princesa havia muitos animais e fizeram a construção do pato (**Figura 48**).



Figura 48 – Construção do pato em Tangram

Posteriormente fez questões relacionadas com a dezena, meia dezena, uma dúzia e meia dúzia. Agruparam as peças e fizeram conjuntos. Fez interdisciplinaridade com o Conhecimento do Mundo quando falou que o pato é uma ave, é ovíparo, a mãe é a fêmea, o pai é o macho.

Questionou as crianças fazendo alguns cálculos mentais.

Comentário crítico

Esta aula, foi muito produtiva. A educadora fez alguns cálculos mentais e também algumas construções com o Tangram.

Uma aula dada pela educadora, geralmente, corre bem, ela é uma óptima profissional.

Sexta-feira, dia 17 de Abril de 2009

9h30 – Fomos assistir a aula de Cartilha Maternal da Cadeira de Investigação e Metodologia da Aprendizagem da Língua Portuguesa no Jardim de Infância, no bibe azul.

As duas colegas exploraram a lenga-lenga sobre “O Tempo”. De seguida, cada uma respectivamente fez a avaliação na Cartilha Maternal, enquanto a outra estava a orientar as crianças na mesa a fazer acordeões em papel.

O tempo perguntou ao tempo
Quanto tempo, o tempo tem?
O tempo respondeu ao tempo
Que o tempo tem tanto tempo
Quanto tempo
O tempo tem.

As colegas seguintes, como eram as últimas a apresentarem a aula, decidiram trabalhar o alfabeto completo. Levaram aventais e chapéus de cozinheiro para todas as crianças e fizeram “sopa de letras”. Colocaram em ordem todo o alfabeto, com a ajuda de uma régua com os respectivos lugares para todas as letras.

No final, seguiu-se a avaliação na Cartilha Maternal de cada estagiária.

Terminadas as aulas fez-se uma reunião acerca da avaliação das colegas que leccionaram.

Segunda-feira, dia 20 de Abril de 2009

Pelas 9h30 os meninos foram encaminhados para o salão, e foram para os seus lugares, como era dia de aula programada, tivemos que esperar que viesse a professora da orientação pedagógica. Como tal, as crianças não podiam ficar sem fazer nada, a educadora distribuiu uma ficha para pintarem.

Às 10h30 a minha colega deu aula de Matemática com o material Cuisenaire. Com as crianças sentadas nos seus lugares, a aluna distribuiu a caixa do material Cuisenaire e despejou-a na mesa. Distribuiu também uma folha de registos para que




as crianças realizassem um itinerário ao mesmo tempo que estava a ser registado numa cartolina, no quadro. A aluna ia contando uma história (**Figura 49**) de modo a que as crianças colocassem os passos correspondentes às peças do Cuisenaire no Itinerário (**Figura 50**). Durante a actividade a aluna propunha cálculos mentais.

Rita e a visita à quinta dos avós

Era uma vez uma menina chamada Rita que foi visitar os seus avós. Ela gostava muito de ir à casa dos avós, porque era uma quinta grande que tinha muitos animais. Saiu da escola e foi caminhando em direcção à quinta da sua avó Joaquina e do seu avô Joaquim, para isso deu **8 passos para a frente**. Passando por um lindo jardim que havia a meio do caminho viu meia dezena (5) de Borboletas.

Quantas  viu a Rita? (5) *(Uma criança foi colocar 5 borboletas no placar)*

Continuou a andar e deu **4 passos para baixo** e **7 passos para a esquerda**.






Quando reparou que estava mesmo a passar na rua que tinha o super-mercado que vendia os  que ela adorava. Entrou no super-mercado e comprou uma dezena (10) de . Quantos  comprou a Rita? (10) *(Uma criança foi colocar 10 rebuçados no placard)*

Saiu do super-mercado e deu **6 passos para baixo** e **2 passos para a direita**.

Estava muito contente, pois estava quase a chegar a casa dos seus avós.


Deu outros **3 passos para baixo** e **5 passos para a direita** e lá estavam os avós à sua espera.

E disseram-lhe: - Olá querida neta, estás boa? A escola hoje correu bem? Está na hora de irmos dar de comer aos animais. Vens ajudar-nos?!

- E foram os três dar de comer a 1  , 3  , 2  e meia dúzia (6)  de .

(Pedi a algumas crianças para irem colocar os animais no placard)

Quantos animais tinham os avós da Ritinha? (12 – uma dúzia)

E se de repente, de dentro da capoeira aparecessem 3  acabados de nascer.

Com quantos animais ficávamos ao todo? (15)

Depois de darem de comer a todos os animais foram para casa lanche, pois a avó Joaquina tinha preparado um lanche delicioso para a sua netinha Rita.

Figura 49 – História contada pela aluna estagiária

113

Comentário crítico

Este tipo de exercícios proporciona às crianças, uma maneira de obter organização espacial. Tendo em conta os autores Meur e Staes (1989) a criança irá dispor objectos dentro de um local delimitado para atingir um objectivo. Na realidade a criança, tem assinalado no papel quadriculado, o início, uns pontos de referência pelo meio do trajecto e o fim. Com essas referências terá que conseguir orientar o seu espaço na folha.

Segundo Moreira e Oliveira (2003 citado em Caldeira, 2009, p. 285) “As situações problemáticas envolvem a escolha de caminhos susceptíveis de serem trabalhadas com as crianças mais pequenas, desde que devidamente inseridas em contextos quotidianos e com níveis de complexidade adoptados a estas idades” Para Caldeira (2009, p.285) estas investigadoras referem que quando a criança realiza tarefas (encontrar) caminhos, está a treinar a sua capacidade de visualização espacial.

O sentido espacial é um conhecimento intuitivo do meio que nos cerca e dos objectos que nele existem. A compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o nosso mundo, que é intrinsecamente geométrico.

Para realizar algumas actividades com peças do Cuisenaire, pode-se utilizar a folha quadriculada (**Figura 50**) com as quadrículas de 1cm de lado.”

Às 10h50 iniciei a minha aula de Estimulação à Leitura. (encontra-se planificada e fundamentado no Capítulo 3)

A última aula foi de Conhecimento do Mundo. A outra aluna estagiária pediu-me que deixasse os meninos sentados em roda para que ela entrasse no salão mascarada de Cenoura (**Figura 51**).



Figura 51 – Aluna vestida de cenoura

A aluna simulou que se tinha perdido da horta e tinha ido parar ao jardim-escola. A estagiária explicou a importância da cenoura. Quais as suas propriedades e porque é benéfico comê-la. No final, a aluna deu um pedacinho de cenoura a cada criança, devidamente lavada e descascada, para que estas provassem.

Comentário crítico

Quando a aluna estagiária entrou no salão vestida de cenoura, os meninos ficaram estupefactos a olhar para ela. Foi uma ótima estratégia, é muito bom às vezes os adultos conseguirem colocar-se no lugar das crianças proporcionando-lhes assim bons momentos.

Também foi uma boa estratégia levar a cenoura descascada e cortada aos pedaços para as crianças provarem. É bom que as crianças tenham hipótese de provar e vivenciar as experiências.

Quarta-feira, dia 22 de Abril de 2009

Teste teórico de Cartilha Maternal da Cadeira de Investigação e Metodologia de Aprendizagem da Língua Portuguesa na ESE.

Sexta-feira, dia 24 de Abril de 2009

A colega estagiária deu aula programada de Estimulação à Leitura. Contou a história “Adivinha o quanto eu gosto de ti” (**Figura 52**), com os meninos sentados no tapete. De seguida fez algumas perguntas sobre a história.



Figura 52 – Capa do livro “Adivinha o quanto eu gosto de ti”

Posteriormente, a mesma aluna deu aula de Conhecimento do Mundo. Ainda com os meninos sentados no tapete, a aluna mostrou um cubo em três dimensões em que cada face tinha uma cor diferente e um ponto de interrogação. A estagiária chamava uma criança para rodar o dado, e a cor que saísse correspondia a perguntas sobre a Roda dos alimentos.

Por exemplo:

- A que sector da roda pertence este alimento?
- Quais as refeições mais importantes que devemos fazer?

Terminada a aula os meninos foram para a aula de música, Informática/ biblioteca.

Comentário crítico

Eu adorei esta aula, é uma história ternurenta. Gosto especialmente desta história porque tem uma moral sobre a amizade e de como é difícil por vezes demonstrar o quanto gostamos de outra pessoa. A aluna tem muita aptidão para contar histórias tendo feito interdisciplinaridade com a Matemática trabalhando o dobro e a metade.

Sexta-feira, dia 27 de Abril de 2009

Neste dia realizaram-se aulas programadas de supervisão pedagógica, para as alunas estagiárias do 4ºano. Pelas 9h35 uma aluna estagiária iniciou a aula de Conhecimento do Mundo que tinha como tema os “perigos que se podem encontrar na cozinha”. Sentou os meninos em roda e mostrou imagens com um menino:

- A mexer num fogão;
- A beber detergente;
- A entornar uma panela sobre ele.

E, explicou tudo o que não se deve mexer na cozinha, de seguida mostrou os pictogramas, os símbolos que estão nos frascos, de modo a que as crianças percebessem quais os perigos que os detergentes podem fazer.

Terminada a aula, fez uma roda com os meninos e a cantar passou a turma à colega seguinte. Posteriormente, a colega iria dar o mesmo tema, mas pondo em prática os conhecimentos leccionados anteriormente.

A aluna mostrou um placard, que continha a imagem de uma cozinha. Distribui tampas de plástico pelas crianças e estas ordenadamente teriam que ir colocar no

placard os perigos que encontramos numa cozinha. (por exemplo: as facas, os detergentes, etc.). De seguida, outra aluna estagiária agarrou numa garrafa de água (de plástico) que continha um símbolo de uma caveira, e fingiu que ia beber. Deste modo, foi repreendida e que teria que tomar atenção aos símbolos que estavam nas garrafas. Porque, em muitos sítios há pessoas que colocam detergentes dentro de garrafas de água, por isso é necessário ter muita atenção aos símbolos.

A actividade seguinte, que a aluna fez, foi o seguinte: distribuiu objectos pelas crianças, uns como o símbolo de perigo e outros não perigosos. As crianças teriam que colocar num arco vermelho os objectos perigosos e no arco verde os que consideravam não perigosos.

Comentário crítico

Gostei destas duas aulas, uma complementou a outra o que acho que foi uma boa solução para que os conhecimentos ficassem bem consolidados. A primeira aluna mostrou imagens num bom tamanho e com desenhos muito apelativos.

A segunda aluna conseguiu complementar muito bem o que foi dado na teoria.

Às 10h10 outra aluna iniciou a sua aula em que iria trabalhar o IV Dom de Froebel. Houve muita instabilidade antes de começar a aula, de qualquer modo a aluna fez a construção da mesa e das cadeiras. Não conseguiu fazer mais construções devido à indisciplina.

Às 10h35 a última aluna deu a aula de Estimulação à Leitura. Levou um fantoche que se chamava de Coquinhas. Depois explicou que não iria ler a história de um livro, porque só levava imagens e quando só tem imagens chama-se Álbum. Através das imagens, ia falando e ao mesmo tempo dava algumas regras de segurança.

Comentário crítico

Estas duas aulas finais não correram tão bem. A primeira estagiária não conseguiu ser muito dinâmica o que levou o grupo a dispersar rapidamente. A aula não foi positiva porque esteve sempre barulho durante a aula e aluna só fez uma construção.

A última aluna não conseguiu que a aula fosse positiva visto que, quando é pedido uma Estimulação à Leitura supõem-se que seja uma história. Esta para ter nexos tem que ter introdução, desenvolvimento e conclusão, o que não foi o caso da história que a aluna contou.

Às 11h20 fomos assistir à reunião de supervisão pedagógica.

Quarta-feira, dia 29 de Abril de 2009

Às 9h15 as crianças foram fazer a higiene, mais cedo, uma vez que nesse dia iriam a uma visita de estudo.

Às 9h30 fomos para o autocarro e dirigimo-nos para o museu Calouste Gulbenkian.

Quando lá chegámos, a educadora dividiu a turma em dois grupos, cada grupo teria uma acompanhante para a visita ao museu. Perguntaram-nos os nossos nomes e deram-nos uns autocolantes de modo a estarmos todos identificados e para que a acompanhante se pudesse dirigir a qualquer criança ou adulto sem que tivesse sempre a perguntar o nome. Quando entrámos mesmo dentro do museu, a senhora que fazia visita guiada sentou os meninos em roda e explicou que estavam num museu portanto teriam algumas regras a cumprir, tais como: não correr, não falar alto, não mexer em nada do que está exposto.

A monitora mostrou quadros e tapeçarias (**Figura 53 e 54**), ao mesmo tempo ia questionando as crianças, de modo a que estas prestassem atenção.



Figura 53 - Quadro "Natureza morta"

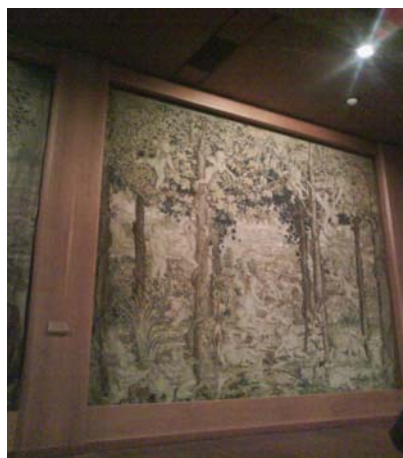


Figura 54 - Tapeçaria

Comentário crítico

Este dia foi muito agradável. Este tipo de situações também ajuda a que a criança se saiba comportar fora do espaço escola. As crianças fora da escola também conseguem obter conhecimentos. A monitora que nos guiou a visita foi muito atenciosa com as crianças, tentando explicar tudo de forma clara e sucinta.

“A visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos dado o carácter motivador que constitui a saída do espaço escolar. A componente lúdica que envolve, bem como a relação professor-alunos que propicia, leva a que estes se empenhem na sua realização. Contudo, a visita de estudo é mais do que um passeio. Constitui uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade.

Um dos objectivos das novas metodologias de ensino-aprendizagem é, precisamente, promover a interligação entre teoria e prática, a escola e a realidade. A visita de estudo é um dos meios mais utilizados pelos professores para atingir este objectivo, ao nível das disciplinas que leccionam. Daí que seja uma prática muito utilizada como complemento para os conhecimentos previstos nos conteúdos programáticos que assim se tornam mais significativos.”

(http://www.netprof.pt/netprof/servlet/getDocumento?TemalD=NPL0702&id_versao=11732)

Segunda-feira, 4 de Maio de 2009

Às 9h45 uma colega estagiária iniciou a aula de Conhecimento do Mundo, a qual tinha como tema a roda dos alimentos.

A aluna questionou as crianças sobre os diferentes grupos da roda dos alimentos. Explicou às crianças uma nova forma de perceber as quantidades que devemos comer, no que diz respeito a cada grupo alimentar.

A estagiária não mostrou a figura em roda mas separou os sectores em barras, uns maiores e outros menores consoante o tamanho dos sectores. A cor que escolheu foi o azul visto que todos os sectores contêm água. Fez perguntas relativas à quantidade de sectores em que a roda se divide e explicou todos os grupos pormenorizadamente. No final as crianças iriam às barras colocar os alimentos que pertenciam a cada sector (**Figura 55**).



Figura 55 – Sectores da roda dos alimentos

Às 10h os meninos foram para a aula de ginástica. Às 10h30 chegaram à sala novamente, comeram a bolacha e terminaram a actividade.

Às 11h a aluna mostrou uma imagem em tamanho de cartolina em que aparecia uma criança e um frigorífico com alimentos separados nas prateleiras (**Figura 56**). Consolidaram conhecimentos dizendo quais eram os grupos da roda dos alimentos.



Figura 56 – Alimentos separados em prateleiras

Comentário crítico

Gostei muito da estratégia adoptada pela estagiária. O facto de já se ter abordado o tema, representou uma mais-valia para a aluna quando esta colocou a roda dos alimentos em barras. É uma forma diferente de visualizar a Roda o que fez com que a aula fosse mais dinâmica. O facto de serem os alunos a completar as barras com imagens de alimentos também foi muito positivo.

A aluna foi criticada apenas pela imagem em que mostra uma criança pendurada no frigorífico, o que pode induzir as crianças a fazer o mesmo.

A actividade seguinte foi de área de Estimulação à Leitura, em que a aluna levou um livro em tamanho gigante forrado a feltro, o nome do livro era “ A horta do Sr. Lobo”. Explorou a capa e as imagens do livro. Fez também perguntas de interpretação da história.

A última actividade proposta foi o Jogo. A aluna levou os meninos para o exterior e dividiu a turma em quatro equipas (equipa azul, branca, encarnada e verde). No chão estava exposto 6 arcos em 4 filas e junto do último arco 8 por fila) uma caixa com imagens de animais, objectos e alimentos. Cada criança teria que ir em pé-coxinho até á respectiva caixa e retirar um alimento. No final todos juntos viram quantas imagens de alimentos cada grupo apanhou. A equipa vencedora foi aquele que apanhou mais imagens de alimentos.

Comentário crítico

As duas últimas aulas também foram positivas. Na Estimulação à Leitura a aluna, fez inflexões de voz e dinamizou a história. As imagens eram grandes e com muita cor, sendo assim, muito apelativas. O Jogo correu muito bem também.

Na minha opinião, nesta manhã a aluna utilizou boas estratégias o que fez com que as aulas fossem positivas.

Quarta-feira, dia 6 de Maio de 2009

Neste dia, dei as minhas aulas programadas. (Aula planificada e fundamentada no Capítulo 3)

Sexta-feira, dia 8 de Maio de 2009

Uma aluna estagiária iniciou a aula de Matemática, disse que a mãe lhe tinha pedido para fazer um recado, mas ela não tinha percebido muito bem então os meninos tinham que ajudar a decifrar o recado, era então para comprar:

- Um fruto amarelo e comprido. Qual será? (estagiária)
- Bananas (aluno)
- Então e um fruto redondo, cor-de-laranja e que dá um sumo maravilhoso? (estagiária).
- Laranja (criança).
- A minha mãe pediu que comprasse meia dezena de bananas, põe o dedo no ar, quem sabe quantas bananas tenho que comprar? (estagiária)
- 5 (criança).

E, assim foi colocando questões e mostrou uma “banca” de fruta real. E uma criança tinha que ir lá buscar meia dezena de bananas, outra criança colocou no chão o algarismo móvel correspondente ao número bananas. Fez o mesmo para meia dúzia de laranjas, uma criança retirava do cesto essa quantidade de fruta e outra ia buscar o algarismo móvel correspondente (**Figura 57**)

Repetiu o mesmo para outras frutas e no final contaram quantas peças de fruta, a mãe tinha pedido para comprar.



Figura 57 – Cestos de fruta

Terminada a aula, a aluna cantou uma música.

Comentário crítico

A aluna deu mais uma vez uma aula de Matemática e mais uma vez conseguiu surpreender. Teve uma estratégia muito boa e uma aula muito cuidada. Utilizou materiais não estruturados, através de fruta verdadeira. Fez cálculos mentais e utilizando também os Algarismos Móveis. Foi uma aula extremamente interessante.

Às 10h10 outra aluna deu uma aula de expressão plástica.

A aluna distribuiu por cada criança uma folha recortada em forma de cenoura, que depois de seca serviu para fazer uma dobragem e colagem de modo a ficar a três dimensões (**Figura 58**). As crianças pintaram a folha sabendo, à priori, qual o resultado obtido, visto que a aluna mostrou uma cenoura já pintada e colada (**Figura 59**).



Figura 58 - Cenoura pintada por aluno



Figura 59 – Cenoura – resultado final

Depois do trabalho estar concluído foi colocado no placard da entrada do salão.

Comentário crítico

Na minha opinião, quase todas as crianças gostam de fazer actividades de expressão plástica. Tal como referi no bibe amarelo, há crianças que têm medo de sujar as mãos. Nesta actividade voltou-se a repetir essa situação.

No final, todas as crianças gostaram de ver os seus trabalhos expostos no placard do salão.

Às 10h30 os meninos foram para as actividades de música e biblioteca /Informática. Enquanto decorriam as actividades, nós ficámos a arrumar os trabalhos nos dossiers dos alunos.

Quarta-feira, dia 13 de Maio de 2009

Neste dia, dei a aula programada de Matemática em que trabalhei o IV Dom de Froebel. Esta aula encontra-se descrita na secção das planificações (capítulo 3).

A aula que se seguiu foi um Jogo com arcos dado pela minha colega estagiária. Os arcos eram as casinhas. Ao som da música as crianças tinham que saltar para dentro da casinha, à medida que decorria o Jogo a aluna com a ajuda de um menino (que por motivos de saúde não pode correr) iam retirando arcos de modo a que no final do Jogo estivesse apenas um arco no chão. O aluno que se conseguisse manter no Jogo até ao fim ganhava.

Comentário crítico

Este Jogo já era conhecido das crianças, pelo que não foi difícil levá-las a perceber o que teriam que fazer. Como há um aluno na sala que não pode fazer esforços, ficou a ajudar a estagiária a retirar os arcos do chão quando a música parava. Foi uma boa estratégia. Como este menino não pode correr, sentiu-se útil, porque embora não estando a jogar, pode colaborar na concretização do mesmo.

Terminado o Jogo a educadora sentou os meninos no chão e chamou uma aluna com intuito de ela dar uma aula de Estimulação à Leitura (aula surpresa proposta pela educadora).

A educadora deu uma folha que continha uma imagem com um prato, uma colher e um garfo. A aluna teria que estimular as crianças para aquela imagem com o objectivo de serem eles a construir a história, a aluna teria que ir escrevendo. Ela não conseguiu construir, nem pedir para construir uma história, não tendo sido positiva a sua prestação.

Comentário crítico

A tarefa proposta não era muito fácil. A imagem que a educadora facultou, a meu ver, era um pouco complicada. A aluna não conseguiu que a aula fosse positiva.

Às 11h10 uma aluna estagiária do 2º ano deu uma aula de Conhecimento do Mundo, a qual foi filmada e assistida por uma professora de supervisão pedagógica.

A aluna mostrou um placard com uma imagem do céu, do mar e da terra. O tema era “os meios de transporte”. A aluna explicou que os transportes servem para nos levar da escola a casa, para nos levar a passear etc. Disse também a diferença entre os transportes aéreos, marítimos e terrestres, de uma forma muito reduzida. Depois da explicação, os alunos retiravam de dentro de um saco uma imagem de um meio de transporte e a aluna ia perguntando se o transporte era aéreo, marítimo ou terrestre.

Comentário crítico

A estratégia que a aluna utilizou era boa, embora ache que ela passou logo para a prática explicando pouco a teoria. Como a aula era filmada, a aluna mostrava-se bastante tensa o que não ajudou à sua prestação.

Sexta-feira, dia 15 de Maio de 2009

Às 9h50 a educadora iniciou a aula de Matemática com o material geoplano. A educadora disse às crianças que o que tinham em cima da mesa eram placas que são o geoplano e explicou que a forma de círculo e a forma de paralelepípedo não podem ser feitas neste material. De seguida, explicou que podemos ler os piquinhos na horizontal e na vertical. Colocou questões sobre a quantidade de picos na horizontal e de seguida pediu que fizessem uma simetria. Iniciaram colocando um elástico no meio do geoplano, separando este em duas partes iguais.

- Do lado esquerdo do geoplano, vamos representar a forma de um quadrado com 4 piquinhos e 3 espaços (educadora)

- Quantos são os piquinhos que o elástico não toca dentro do nosso quadrado? (educadora).

- 4 (criança).

- Agora vão pôr o elástico em 5 piquinhos e puxam o elástico para cima, de altura vai ter 3 piquinhos e quero que formem uma forma de rectângulo (educadora).

As crianças fizeram tal como mostra na **Figura 60**.

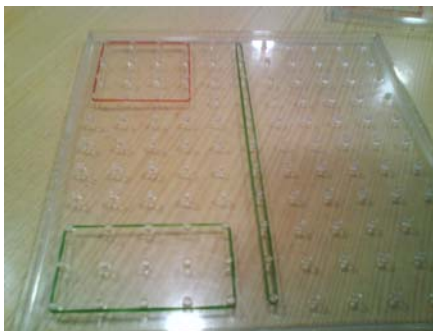


Figura 60 – Figuras geométricas no geoplano

- Imaginem que o nosso geoplano se vai dividir ao meio e vamos fazer uma simetria (**Figura 61**) (educadora).



Figura 61 – Simetria de figuras geométricas no geoplano

Terminada a actividade as crianças fizeram desenho livre no geoplano.

Comentário crítico

A aula correu muito bem. Ainda não tínhamos visto aulas de geoplano e deu para perceber bem que é um material que dá para trabalhar muitos conceitos.

Baseando-me em Serrazina & Matos (1988, p.13) “existem vários tipos de geoplano. O geoplano mais comum é feito com uma base onde se espetam pregos. Consiste de uma placa de madeira e pregos dispostos de modo a formarem uma malha, que pode ter diversas texturas. Ele é acompanhado por um conjunto de elásticos que vão permitir “desenhar”.

“Os geoplanos são utilizados com elásticos de várias cores, e podem ser complementados por papel pontado, quadriculado, isométrico e triangular.

Os geoplanos são um excelente meio para as crianças explorarem problemas geométricos, registando o seu trabalho no papel pontado. No ensino pré-escolar é conveniente a utilização de papel pontado que reproduza exactamente o espaçamento dos pregos do geoplano. Os alunos mais crescidos podem usar papel pontado impresso numa folha de papel A4.

Uma das grandes vantagens do geoplano é a sua mobilidade, o que faz com que os alunos se habituem a ver figuras em diversas posições. Outra das vantagens específicas do geoplano é que, ao contrário da folha de papel é um aparelho dinâmico, permitindo “desenhar” e “apagar” facilmente e possibilitando a aferição rápida de conjecturas.

O estudo da Geometria deve estar relacionado com o mundo real. Os alunos devem ser estimulados a explorar as relações espaciais envolventes e devem procurar exemplos de relações geométricas no mundo físico. Inicialmente a geometria deverá ser informal, os alunos devem lidar com objectos geométricos, cortar, colar, ajustar, montar e discutir as suas propriedades numa linguagem de todos os dias. Gradualmente irão traduzindo as suas experiências para uma linguagem mais precisa, incluindo definições e símbolos. Desta abordagem informal, haverá muitas oportunidades para uma descoberta activa, raciocínio indutivo, elaboração e teste de inferências e conjunturas e o desenvolvimento da percepção visual e da imaginação. Deve haver um cuidado em respeitar o ritmo dos alunos. Uma das contribuições da investigação realizada nesta área é a de que, mais do que nos outros tópicos, a boa compreensão de elementos menos elaborados determina a compreensão dos conteúdos mais avançados.” (Serrazina & Matos 1988, p.13)

Nesta obra (Serrazina & Matos, 1988, p.14) fazem referência às simetrias, dizendo que estas “fazem uma distinção entre um eixo de simetria e uma figura com eixos de simetria. O primeiro relaciona-se com uma transformação geométrica e a segunda é uma propriedade de certas figuras que se relaciona igualmente com as rotações. Dizemos que uma transformação com as propriedades da reflexão num espelho é uma simetria.”

Às 10h30 os meninos foram para as actividades de música, biblioteca e Informática.

Enquanto as crianças estavam nas actividades, nós estagiárias, estávamos a arrumar os trabalhos dos meninos nos dossiers.

Às 12h fomos dar os almoços e terminou mais um percurso na nossa vida, este era o último dia neste bibe. Foi muito marcante visto as crianças serem fantásticas e deixaram muitas saudades.

2.4.2.1 – Reflexão sobre o estágio no bibe encarnado

No dia 9 de Março de 2009, iniciei o estágio no bibe encarnado e confesso que estava demasiado preocupada, visto as aulas serem dadas no salão. O meu percurso não estava a ser brilhante e o medo de errar era enorme. Tentei ir confiante e não cometer os erros que cometi no bibe anterior. No segundo dia de estágio tive aula surpresa supervisionada (que também não teve muitos aspectos positivos). Daí em diante o sistema nervoso alterou-se, visto que a perspectiva inicial era de me esforçar ao máximo neste bibe para que pudesse ultrapassar as dificuldades sentidas anteriormente. Mas com esta aula acabei por desmotivar, a isto acresce o facto de ter adoecido. Fiz o estágio completo sem nunca faltar, de modo a aprender o máximo que conseguisse. Tal como já referi na reflexão anterior, com dedicação e vontade penso que todos os objectivos são alcançados.

Não consigo ter noção ao certo da minha prestação neste bibe, no entanto uma coisa é certa, senti grandes melhorias. Notei que já conseguia ir dar uma aula sem estar a tremer da cabeça aos pés. Tentei preparar-me melhor ao nível dos conteúdos e resultou. A dificuldade maior continua a ser no controle da disciplina dos meninos. Mas, por experiência própria, sei que quando nós tivermos a nossa sala, conseguimos ultrapassar essa dificuldade. Já trabalhei em jardins-de-infância e conseguia brincar, dar muito afecto e ser respeitada. Portanto, nesta fase será uma dificuldade a ultrapassar, arranjanado estratégias de retorno à calma, de forma a facilitar a interacção e a disciplina.

Quanto à educadora sempre se mostrou disponível, dando incentivos para que tudo corresse da melhor forma. Segundo ela a minha desvantagem era a falta de tempo, e isso não me deixava aperfeiçoar alguns aspectos tal como desejava.

Os aspectos positivos recaem sobre o profissionalismo dos docentes desta instituição e também ao esforço por nós feito. Considerando que tivemos muito pouco tempo para adquirir tanta informação penso que temos vindo a conseguir atingir os objectivos propostos. Adorei estagiar neste bibe e ganhei um grande afecto pelas crianças.

Quanto aos aspectos negativos apontados, eles incidem principalmente na minha falta de tempo, mas quanto a isso terei de me esforçar ainda mais, porque não posso deixar de trabalhar. Como já foquei anteriormente, um aspecto que devo melhorar é ao nível das estratégias de retorno à calma. Sendo que o estágio está a chegar à sua recta final que dizer que tenho de fazer um esforço ainda maior e colmatar essa dificuldade.

Concluindo, o estágio no bibe encarnado contribuiu para me sentir um pouco mais segura. Nem sempre devemos achar que não conseguimos sem antes passar pela experiência, isto é, achar que não iria ser capaz por causa das aulas serem dadas no salão, quando afinal superei essa contrariedade.

Gostei muito de estagiar no bibe encarnado. As crianças merecem tudo o que temos para lhes dar.

2.4.3 - 3º Momento de Estágio

Bibe

Azul

Segunda-feira, dia 18 de Maio de 2009

Às 9h30 os meninos foram para a sala e cantaram a música das boas-vindas:

Quando eu entro na minha escola!
Eu entro com alegria
e digo à professora
Bom dia! Bom dia!

A professora retribui da seguinte maneira:

Quando eu entro na minha escola!
Eu entro com alegria
e digo aos meus meninos
Bom dia! Bom dia!

Às 9h50 distribuímos os geoplanos pelos meninos.

A aula processou-se da seguinte forma:

- O espaço é a medida entre o quê? (educadora)
- Entre dois pregos. (aluno)
- Vamos fazer a primeira figura com dois espaços de comprimento e dois espaços de altura. Qual é a forma que vamos construir? (educadora)
- Quadrado. (aluno)
- Quantos pregos estão no interior da figura? (educadora)
- 9 (aluno)

A educadora desenhou a figura no quadro, de modo a que as crianças vissem melhor e pudessem contar. E repetiu a pergunta visto que a resposta não estava correcta.

- 1 (aluno)
- Estes, que contas-te são os que estão junto à fronteira. Quantos são? (educadora)
- 8 (aluno).
- Podemos também contar os preguinhos que estão no exterior e que não tocam na fronteira. Quantos são? (educadora)
- São 7 (aluno)
- Agora vamos fazer uma sequência. Têm a figura com a forma de quadrado e ao lado fazem a forma de um triângulo (educadora)
- (a educadora fazia ao mesmo tempo no geoplano e no quadro.)

- Quantos pontos têm em comum, há algum prego em que passem os dois elásticos? (educadora)

- 1 (disse a criança).

A educadora foi ao quadro apontar, para que todos os meninos vissem.

- Vamos continuar a nossa sequência, hoje vou só fazer estas duas figuras.

Qual é a figura que vem a seguir? (educadora)

- Quadrado (criança).

- E a seguir? (educadora)

- Triângulo.

Quando a criança se enganava, a educadora dizia para ela contar os espaços da base do triângulo que estava desenhado no quadro e perguntava se era igual ao que estava no geoplano dela, de seguida a criança ia para o lugar emendar o erro.

A educadora explicou também que quando está a fazer uma sequência e tem que passar para a fila de baixo do geoplano continua na outra linha com a figura seguinte ex: quadrado/ triângulo/quadrado/triângulo.

- Agora, tiramos os elásticos e vamos dividir o geoplano ao meio. Conta-se 5 espaços e coloca-se o elástico, no outro lado tem que ter o mesmo número de espaços. Vão fazer uma figura com a forma de triângulo em que a base tem 4 espaços e de altura 2 espaços. (educadora)

- Agora fazem uma figura com a forma de rectângulo, mas com os pregos da base do triângulo em comum. A figura com forma de rectângulo vai ter 4 espaços de comprimento e 6 espaços de altura. A seguir fazem um triângulo. Para isso deixam um espaço debaixo do rectângulo e medem um espaço de altura à direita e do lado esquerdo não tem espaço. (educadora)

Posteriormente, fizeram a simetria tal como mostra a **Figura 62**.

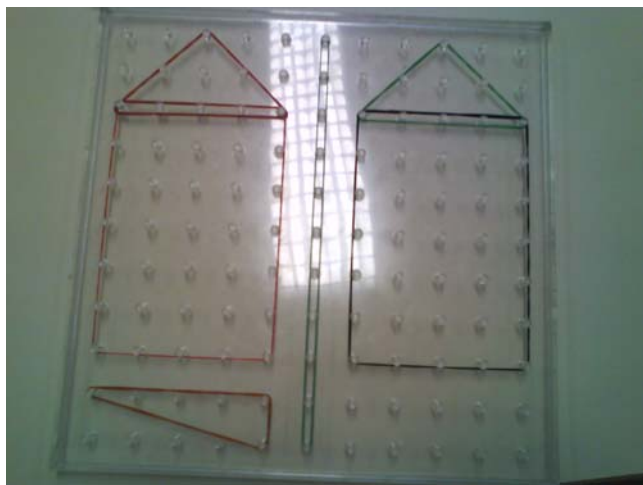


Figura 62 – Simetria no geoplano

No final, fizeram contas no quadro utilizando as medidas das figuras geométricas e passaram as figuras para papel pontado. Terminada a actividade alguns meninos foram buscar a capa para terminarem os trabalhos que tinham começado noutras aulas enquanto outros meninos iam à Cartilha Maternal.

Comentário crítico

A Cartilha Maternal que está na sala de aula é um livro de grandes dimensões. Este livro integra 25 lições que devem ser dadas durante o ano lectivo.

Tendo em conta o guia prático da Cartilha Maternal (1997) a ordem em que se dá o alfabeto pelo método João de Deus, é o seguinte: começa-se por estudar as vogais (i, u, o, a, e), depois as letras que têm apenas um valor (v, f, j, t, d, b, p, l, q), ou seja, só têm uma maneira de ler. No fim, aprendem as letras com dois ou mais valores (c, g, r, z, s, x, m, n). Tirando as lições das letras, existem outras pelo meio que ensinam várias regras e junções de letras (lh, ch, nh).

Na lição “am” a educadora começou por perguntar as regras e para que serve. O til serve para se ler as vogais pelo nariz e quando o “a” vem antes do metil, este nasala a vogal.

A criança leu a palavra “som” e disse a frase “ Eu vou aumentar o som”. Depois, leu a palavra “atum”, a educadora fez referência à sílaba forte visto que a palavra terminava em letra consoante e haver a excepção da terminação “am” e “em” que não fazem a sílaba forte.

Comentário crítico

A regra da sílaba forte, tal como vem explicado no Guia Prático da Cartilha Maternal (1997,p.57) é: “vogal em sílaba forte lê-se como se chama, em sílaba fraca, como se estivesse no final. Quando vemos uma palavra escrita, como podemos saber qual é a sílaba forte?”

- 1) Se a palavra tiver acento gráfico, essa sílaba é forte.
- 2) Olhamos para o fim da palavra e se ela acaba em **u, i, letra consoante** e não tiver noutro acento gráfico, essa é a sílaba forte.”

Existem algumas excepções e essas são: “o /am/ e /em/ que em fim de palavra não fazem forte a última sílaba. Só quando as palavras acabam em /im/, /om/, /um/ a última sílaba é forte.”

De seguida, a educadora chamou outra criança e colocou na página do “s” com o intuito da criança ler a palavra “Sigo”. No final, a criança leu a palavra e a frase que escolheu foi “Eu sigo atrás da Rosa”. Outras crianças leram as palavras “risada”, “foste” e “russo”. Enquanto os meninos estavam na Cartilha nós ajudávamos os outros meninos a fazer as propostas de trabalho.

Comentário crítico

Esta aula foi muito boa. A educadora foi muito prestável e tentou que víssemos muitas aulas. Deste modo iniciou com o geoplano, que a meu ver, é absolutamente fantástico para desenvolver o raciocínio que estas crianças de 5 anos têm.

Quanto à Cartilha Maternal, como já referi anteriormente é um método muito bem estruturado. As crianças já tinham muitos conhecimentos sobre a Cartilha e muitos deles já conseguiam ler frases.

Depois do almoço contei uma história o “Elefante Elmer” aos meninos do bibe azul A e B (**Figura 63**).

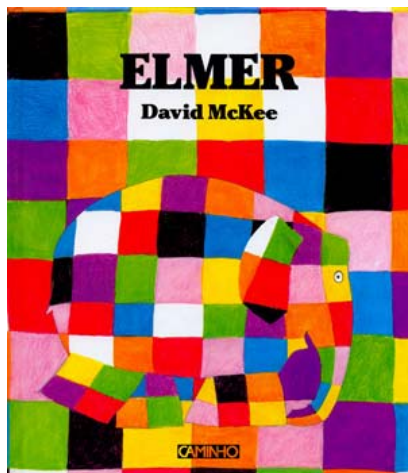


Figura 63 – o Elefante Elmer

Quarta-feira, dia 20 de Maio de 2009

Neste dia tivemos aula surpresa de supervisão pedagógica.

Propuseram à primeira aluna uma aula de Matemática com o material Cuisenaire. A estagiária questionou as crianças quanto ao material e pediu que construíssem a escada por ordem crescente. De seguida, fizeram a leitura da escada

por números pares e números ímpares. Fez ainda algumas situações problemáticas em que utilizou a adição e a subtração. Por exemplo: Eu tinha 9 rebuçados, dei 4 ao meu irmão, com quantos fiquei? As crianças iam à vez fazer os cálculos no quadro.

No final, brincaram livremente com as peças.

Às 10h05 deram-me um livro com vista a trabalhar a Estimulação à Leitura.

O livro chamava-se “Parabéns Docas” (**Figura 64**). contei a história fazendo alguma interdisciplinaridade com a Matemática, contando o número de setas que iam aparecendo nas páginas do livro e frisando a meia dúzia e a meia dezena. Escrevi num papel algumas palavras para que as crianças lessem.

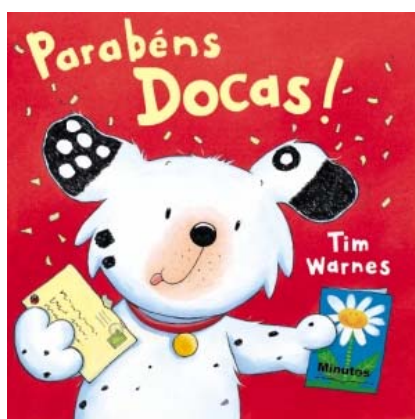


Figura 64 – Capa de livro “Parabéns Docas”

A aula correu bem, gostei muito, principalmente do elogio que me deram, em que se notava bastante a minha evolução desde o princípio do estágio.

Às 10h20 a outra colega deu um Jogo. Formou um comboio com os meninos e levou-os até ao ginásio. Colocou um CD de música e havia arcos no chão. Quando a música tocava andavam a correr pelo ginásio todo, quando a música parava tinham que ocupar um arco. Ganhava quem ficasse dentro do último arco.

Às 11h fomos para a reunião de supervisão pedagógica.

Comentário crítico

As aulas deste dia correram muito bem. A aluna a quem foi pedido Cuisenaire, fez um excelente trabalho improvisado, conseguindo criar uma história e elaborar situações problemáticas.

A minha aula, também correu bem, o que me fez ficar muito satisfeita. Soube muito bem, desta vez ouvir elogios da equipa de supervisão pedagógica.

A última aula também foi positiva, a aluna optou por fazer o Jogo no ginásio, o que foi uma boa estratégia.

Sexta-feira, dia 22 de Maio de 2009

Iniciou-se uma aula filmada com a educadora sobre a autonomia das crianças. A educadora explicou uma proposta de trabalho que ia distribuir. Explicou que um dos exercícios seria pedir que identificassem os ditongos. Perguntou: na palavra “peixe” qual é o ditongo? As crianças responderam acertadamente que era o “ei”.

Enquanto as crianças resolviam a proposta de trabalho algumas eram chamadas para ir à Cartilha. A professora abriu a Cartilha na página do netil.

- Como se lê esta letra? (educadora)

- nê (criança).

- Lê-se nê quando está antes da vogal.

Mostrou o “an” (educadora)

- Aqui o nê está depois da vogal por isso como se lê? (educadora)

- ãn (criança)

- Vamos ler esta palavra. (educadora)

- an-jo (criança)

- Diz uma frase para a palavra anjo. (educadora)

- Os anjos estão no céu. (criança)

Foi outra criança ler a palavra “brinca”

Comentário crítico

Na minha opinião foi muito interessante ver esta aula. Nunca imaginei que se testava a autonomia das crianças. Mas é muito bom para ver até que ponto as crianças conseguem fazer as coisas sozinhas ou se pedem ajuda.

De seguida, uma aluna estagiária começou a aula de Matemática com o material Cuisenaire. A aluna explicou que iriam fazer um itinerário e distribuiu uma folha com quadrículas para que as crianças preenchessem à medida que a aluna ia ditando.

Começou por dizer que o menino da história se chamava Tonecas e que este iria dar um passeio com os pais. Perguntou às crianças o que devemos levar para a praia. Objectos tais como: toalha de praia, protector solar etc. Seguindo a história, a aluna disse que os pais decidiram ir de transportes para a praia. Aqui a aluna fez interdisciplinaridade com Conhecimento do Mundo quando perguntou às crianças

quais eram os transportes que elas conheciam. Para ir para a praia, o Tonecas deu meia dúzia de passos para a direita (perguntou qual a peça que corresponde à meia dúzia), depois o autocarro andou 4 paragens na vertical. O Tonecas fartou-se de andar de autocarro e trocou de transporte, tendo ido para o comboio. O comboio andou o dobro de quatro para a esquerda e meia dezena na vertical. Depois andou uma dezena, de paragens, para a direita na horizontal e andou o dobro de 3 na vertical. Depois de uma longa viagem só falta metade de 4 paragens para o Tonecas chegar à praia. O itinerário (**Figura 65**) era demasiado grande o que ocupou bastante tempo.



Figura 65 – Itinerário com o Cuisenaire

Às 10h50 a aluna deu início a uma aula de expressão plástica. Distribuiu, por cada criança, uma folha branca A4 e pediu que fossem ao estojo buscar o tubo de cola batom.

A actividade pressupunha que as crianças fizessem um desenho livre (**Figura 66**) com a cola na folha de papel e como não se conseguia ver muito bem colocava-se por cima areia colorida de modo a dar muita cor ao desenho.



Figura 66 – Desenho elaborado por criança do bibe azul

Comentário crítico

A aula desta aluna tornou-se um pouco monótona, visto que o itinerário era muito grande.

A aula de expressão plástica foi muito simples, mas muito original. Gostei muito. Pode-se perceber que com poucos materiais se podem fazer actividades muito interessantes.

Segunda-feira, dia 25 de Maio de 2009

Os meninos do bibe azul foram para uma visita de estudo, nós fomos assistir a uma aula no bibe amarelo.

Uma aluna estagiária ia dar a sua aula programada.

A aluna começou por perguntar às crianças como tinha corrido o fim-de-semana. Disse que no fim-de-semana tinha ido visitar um amigo, mágico, mas que este estava muito triste porque não tinha ideias para os seus espectáculos, então emprestou-lhe uma cartola e a varinha para os meninos dizerem o que gostaram mais de fazer nesse fim-de-semana. Os meninos pegavam na varinha mágica batiam na cartola (**Figura 67**) e diziam “o que mais gostei foi...”



Figura 67 – Meninos a pegarem na varinha mágica

Às 9h50 a aluna encaminhou as crianças para o tapete com o intuito de dar a aula de Conhecimento do Mundo.

Mostrou um envelope com marcas de patas de gato, as crianças disseram que era uma carta. Quando abriu o envelope tinha lá dentro uma folha com pistas para um mapa. O mapa era um desdobrável em feltro (**Figura 68**) e iam-se colando as imagens, à medida que descobriam as pistas.



Figura 68 – Desdobrável em feltro

O tema da aula era “os transportes”, por isso a aluna colocou um CD que tocava o som dos transportes de modo a que as crianças descobrissem a qual correspondia e colocavam a imagem no placard.

Às 10h30 as crianças lancharam e foram para a aula de ginástica no ginásio.

Quando os meninos vieram da ginástica a aluna terminou a aula de Conhecimento do Mundo dando depois início à aula de Estimulação à Leitura, através de uma “televisão” em cartão.

A história chamava-se “Não abanem o barco” (**Figura 69**). A aluna usou um fantoche com a imagem de um gato (**Figura 70**) para contar a história. Os meninos estavam muito entusiasmados e gostaram muito.



Figura 69 – Imagem da história



Figura 70 – Fantoche

Comentário crítico

Esta aluna deu umas aulas muito boas. Ela tem uma voz meiga e é muito calma. Utilizou materiais muito bons o que fez com que o grupo estivesse sempre muito atento. Para crianças desta idade é preciso ser-se muito dinâmico e esta aluna conseguiu sê-lo. Na minha opinião foi uma aula exemplar.

Quarta-feira, dia 27 de Maio de 2009

Como havia aula surpresa de supervisão pedagógica na sala do bibe azul B, nós fomos assistir. À primeira aluna estagiária foi pedido que desse Matemática com os Calculadores Multibásicos (**Figura 71**).



Figura 71 – Calculadores Multibásicos

No início a aluna começou por explicar as regras: quando tirarem as placas da caixa não fazer barulho e não arrastar as placas na mesa. Relembrou as cores das peças e fez algumas situações problemáticas.

Fez contas com a regra da base 10. A aluna pediu que os meninos colocassem, na placa cinzenta que estava mais afastada, quatro peças amarelas, oito peças verdes, três encarnadas e uma peça azul. Leu a placa e pediu para a segunda placa, uma peça amarela, duas peças verdes, uma encarnada e duas peças azuis. Como já tinha indicado que iriam trabalhar na base 10, disse aos meninos para preencherem a placa verde. Nesta ficaram cinco peças amarelas, zero peças verdes, cinco peças encarnadas e três peças azuis. No final, colocou os resultados no quadro

e questionou as crianças de modo a dizer qual a casa das unidades, dezenas, centenas e milhares. Terminada a aula, procedeu à arrumação do material.

Cantou uma música e passou a turma à aluna que vinha a seguir. A aula seguinte era de Estimulação à Leitura. A aluna contou a história “As prendas de anos” em que as personagens principais eram o coelho e o ouriço. Fez uma boa entoação e inflexões de voz. No final deveria ter dito para lerem algumas palavras, mas como perdeu algum tempo na interpretação da história, não sobrou tempo para essa actividade.

Às 10h10 a aluna seguinte reuniu os meninos, fez um comboio e levou-os para o recreio. Fez o Jogo do “carteiro mais rápido”.

Dividiu a turma em 4 grupos. O primeiro menino de cada fila tinha o chapéu de carteiro, tinha que ir ao pé-coxinho, passar por uma sequência de arcos, agarrar numa carta e trazê-la para perto do grupo. Quando largava a carta tinha que dar o chapéu ao colega seguinte e repetir todo o processo. Ganhava o grupo mais rápido, ou seja, aquele que trouxesse todas as cartas primeiro.

Às 11h40 fomos assistir à reunião de supervisão pedagógica.

Comentário crítico

À primeira aluna foi pedido que trabalhasse o Calculador Multibásico. Nabais (s.d, p.11) explica que “o Calculador Multibásico, é constituído por um conjunto de três placas, com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta pedras em seis cores diferentes (10 amarelas, 13 verdes, 13 encarnadas, 10 azuis, 2 cor de rosa e 2 cor de lilás). Estas pedras encaixam umas nas outras, bem como nos orifícios das placas, formando “torres”.”

A meu ver, este material é muito educativo e faz com que a criança aprenda a compreender a Matemática na sua génese e a conseguir raciocinar para factos do dia-a-dia.

Acho que os métodos de aprendizagem, utilizados nesta escola são muito bons e dão oportunidade porque permite que a criança aprenda mecanismos através da compreensão e aprendem a pensar não unicamente através da memorização determinados conceitos.

Segundo Nabais (s.d, p. 61) “com este simples material é fácil a concretização de vários capítulos da aritmética, em especial das operações do cálculo elementar (as combinações das quatro operações).”

A aula seguinte foi de Estimulação à Leitura. A aluna fez uma óptima leitura embora tenha feito uma má gestão do tempo, não tendo conseguido que as crianças lessem algumas palavras.

Sexta-feira, dia 29 de Maio de 2009

A educadora pediu a uma aluna estagiária que desse uma aula de Estimulação à Leitura como aula surpresa. A aluna tinha que contar e dinamizar a lenga-lenga “A velha”. Leu a várias vezes e as crianças repetiam verso a verso. Uma das vezes pediu que batessem palmas quando passava de verso. Outra forma de dinamizar a lenga-lenga foi pedir que os meninos imitassem os sons dos animais pertencentes à história.

Às 10h30 – reunião com o Director da ESE e os membros da supervisão pedagógica. A reunião decorreu no Museu, com as turmas de professores e de mestrado. Foi feita uma avaliação do período de estágio anterior. Tirámos algumas dúvidas sobre a elaboração do relatório.

Fomos convidadas a comparecer no congresso da OMEP “Ser Criança no séc. XXI” que se realizava no dia 1 e 2 de Junho de 2009.

Segunda-feira, dia 1 de Junho de 2009

Congresso da OMEP - “Ser Criança no séc. XXI”

Assistimos à abertura do evento, em que um grupo de crianças (**Figura 72**) do Jardim-Escola da Estrela actuou, cantando algumas músicas como forma de boas-vindas.



Figura 72 – Actuação das crianças no Congresso da OMEP

Quem iniciou o congresso foi o Exmo. Senhor Secretário de Estado Adjunto e da Educação Professor Doutor Jorge Pedreira.

Às 10h30 com a coordenação de Dr. António Ponces de Carvalho, assistimos a uma gravação das acções espectaculares que a OMEP faz em vários bairros sociais. Com o trabalho e o esforço de muitos profissionais consegue-se ajudar as crianças que mais precisam.

Às 11h o Professor Doutor Eduardo Marçal Grilo falou sobre o tema “Para que serve o pré-escolar”.

Pelas 11h30 foi o intervalo em que se pode ter acesso à exposição e trabalhos das escolas. Terminado o intervalo assistimos a um grupo de dança Africano, que mostrava a sua cultura.

Às 12h interveio o Professor Doutor João Formosinho, como o tema “Educação de Infância e Integração dos serviços Sociais”.

Às 12h30 falou sobre o tema “Educação de Infância – Factor da cidadania” o Professor Doutor Guilherme de Oliveira Martins.

Por último interveio o Professor Doutor Ruben Cabral. A ele coube o tema “Educação da criança: Entre o mito ou a metáfora”

No final, antes da pausa para o almoço houve um pequeno debate.

Quarta-feira, dia 3 de Junho de 2009

Às 9h30 uma aluna estagiária começou a dar a sua aula de Matemática programada de supervisão pedagógica, eu não cheguei a assistir porque estava a preparar a minha aula que seria dada a seguir. A aluna deu um itinerário (**Figura 73**) com o material Cuisenaire.

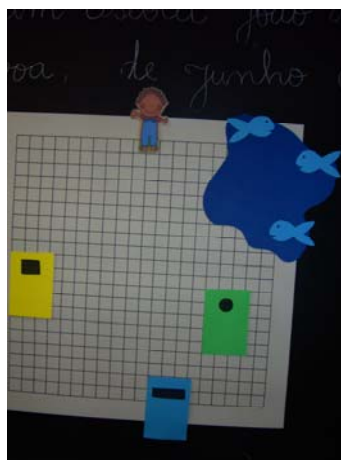


Figura 73 – Itinerário

Às 10h começou a minha aula de Conhecimento do Mundo. Aula planificada e fundamentada no 3º capítulo.

De seguida, a minha colega deu aula de Estimulação à Leitura, contando a história “O planeta Verde”. Teve um bom-tom de voz e fez inflexões de voz. Alternou a história com a leitura de palavras e frases.

Às 11h fomos para a reunião de supervisão pedagógica.

Comentário crítico

A aula da primeira colega, correu bem. Embora não tenha tido hipótese de assistir porque estava a preparar a minha aula que era a seguir.

A última aluna deu uma Estimulação à Leitura e correu muito bem, porque ela é muito expressiva e consegue ser muito dinâmica a contar histórias. Foi intercalando o contar da história com a leitura de palavras, através da Cartilha Maternal.

Sexta-feira, dia 5 de Junho de 2009

Neste dia havia aulas programadas de supervisão na sala do bibe azul B e nós fomos assistir.

Às 9h30 a aluna estagiária levou os meninos para o ginásio com o intuito de dar aula de Conhecimento do Mundo em que o tema seria a segurança na praia.

Com os meninos sentados no banco, a colega vestida de nadadora-salvadora explicava qual a função destas pessoas.

A estagiária tinha no chão objectos úteis para levar para a praia e outros que não o eram. As crianças tinham que escolher os que eram relevantes e a colega depois explicava porque era necessário levá-los para a praia. Por exemplo: garrafa de água, protector solar, braçadeiras, barbatanas, t-shirt branca, entre outros. À medida que os meninos escolhiam o objecto iam-no colocando dentro do saco de praia.

No outro lado do ginásio, a aluna improvisou uma praia, com toalhas, chapéu-de-sol (**Figura 74**) e um insuflável que fazia de mar. A estagiária separou a turma em dois grupos e fez um comboio de modo a irem para a praia. Levou todos os meninos e sentou-os nas toalhas.

Mostrou as bandeiras (**Figura 75**) que podemos encontrar na praia e explicou o significado de cada uma delas.



Figura 74 – Praia Improvisada



Figura 75 – Bandeiras da praia

A aluna teria mais assuntos a abordar mas esgotou o tempo e teve que levar os meninos para a sala de aula.

Comentário crítico

Na minha opinião, esta aula foi muito original, a aluna esforçou-se por fazer um cenário de praia e conseguiu. A meu ver, deu uma aula muito boa, fez apenas uma má gestão do tempo.

Às 9h55 a outra aluna estagiária disse para os meninos se sentarem em U e fez alguns exercícios de relaxamento.

A aula era de Matemática e trabalhou os conjuntos com material alternativo. Como o tema era a praia, a aluna iniciou aula dizendo que no fim-de-semana tinha ido à praia e que tinha apanhado muitas conchas. Colocou-as todas num arco e perguntou que nome se dava àquele conjunto. As crianças responderam que era um conjunto universal. Depois, disse que no sábado tinha apanhado meia dúzia de conchas e no mesmo dia apanhou mais 4. À medida que ia dizendo os valores uma criança ia colocando no arco as conchas respectivas. Depois perguntou quantas conchas ela tinha apanhado no sábado e uma criança respondeu logo 10.

De seguida, chamou uma criança para dar um nome ao conjunto. A criança deu-lhe o nome M e a aluna escreveu o nome no papel de cenário. Depois colocaram

o número de conchas dentro do conjunto (**Figura 76**). O cardinal do conjunto M é igual a 10 ($\#M=10$)



Figura 76 – Estagiária a ajudar aluno a colocar as conchas no conjunto

Deu indicações para formarem outro conjunto que tinha 15 conchas. E perguntou se tinha apanhado 10 no sábado e 15 conchas no domingo, quantas conchas tinha apanhado no total. As crianças responderam 25 e fizeram a reunião do conjunto.

Terminada a aula, a aluna seguinte cantou umas músicas e quando as crianças já estavam mais calmas, a aluna mostrou um livro gigante de modo a dar a aula de Estimulação à Leitura.

Comentário crítico

Esta aula de Matemática também foi bastante original, a aluna utilizou conchas como material estruturado. Ao trabalharem os conjuntos baseando a aula em factos reais para construir as situações problemáticas, esta tornou-se, na minha opinião, muito produtiva. Os alunos estavam muito atentos tendo sido uma aula positiva, segundo a educadora que avaliou.

O livro chamava-se “A Tina e o Mar”. A aluna pediu a uma criança que lesse o título da história. À medida que ia contando a história (**Figura 77**), com inflexões de voz, a aluna ia errando determinados aspectos das imagens para que os meninos a corrigissem.



Figura 77 – Estagiária a contar a história “A Tina e o mar”

No final, tinha uma cartolina com palavras e as crianças tinham que dizer onde pertenciam. Por exemplo: A Tina tinha medo do mar. A criança ia à cartolina e retirava a palavra Mar e colava na página correspondente.

Para terminar a aula, a aluna levou um búzio para que os meninos vissem e colocassem no ouvido para ouvirem o som do mar, à semelhança do que era falado na história.

Comentário crítico

A estratégia que a aluna utilizou foi muito interessante porque fazia com que as crianças estivessem com muita atenção. O livro tinha sido elaborado pela aluna, com imagens muito apelativas e de grandes dimensões.

Às 11h fomos para a reunião de supervisão pedagógica.

Segunda-feira, dia 8 de Junho de 2009

Às 9h30 os meninos foram para a sala e uma aluna ia dar uma aula programada de supervisão pedagógica de Matemática.

Com os alunos sentado em roda no chão a estagiária explicou que ia fazer um Jogo, e esse Jogo chamou “Jogo das sensações”. Perguntou quais eram os cinco sentidos e explicou-os.

Indicou as regras do Jogo, estas seriam as seguintes: todos os meninos teriam os olhos vendados a aluna distribuía peças que tinham uma forma geométrica no exterior e uma forma geométrica diferente no interior. A aluna pedia uma determinada

peça, a criança que tinha destapava os olhos e colocava-a no respectivo conjunto. (estavam linhas de fronteira no chão).

Fizeram quatro conjuntos, com as 4 formas diferentes que tinham. Trabalharam o conjunto falando no cardinal, maior, menor, igual, reunião, pertence e não pertence. No final colocou uma cartolina no chão e fizeram composições (**Figura 78**).



Figura 78 – Composição com figuras geométricas

Posteriormente, foram para as mesas terminar propostas de trabalho que tinham em atraso.

Comentário crítico

Achei que a aula da colega foi muito criativa. Quando se levam estratégias diferentes para a sala de aula, capta-se melhor a atenção das crianças. Na minha opinião, a aluna não é muito dinâmica a dar as aulas, o que depois se reflecte no comportamento das crianças, criando assim indisciplina.

Sexta-feira, dia 12 de Junho de 2009

Roullement

A educadora da nossa sala não estava e como só estava um menino do bibe azul ficámos no salão a fazer manjericos com cartolina e papel crepe, para os meninos levarem para casa.

Segunda-feira, dia 15 de Junho de 2009

Às 9h25 os meninos foram para a sala e uma aluna estagiária deu aula de Estimulação à Leitura através de uma lenga-lenga.

A aluna colocou a lenga-lenga no quadro e pediu aos meninos que a lessem:

O patinho amarelo

O patinho amarelo

Saiu do ovo

De manhã cedinho

Tudo é belo, tudo é novo

Gritou feliz o patinho

Os meninos disseram a lenga-lenga várias vezes em conjunto de modo a que a fixassem.

Comentário crítico

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a, p. 67) “o quotidiano da educação pré-escolar permitirá por exemplo, que as crianças vão utilizando adequadamente frases simples de tipos diversos: afirmativa, negativa, interrogativa, exclamativa, bem como as concordâncias de género, número, tempo, pessoa e lugar.”

“Esta aprendizagem baseia-se na exploração de carácter lúdico da linguagem, prazer em lidar com as palavras, inventar sons e descobrir as relações. As rimas, **as lenga-lengas**, os trava-línguas e as adivinhas são aspectos de tradição cultural portuguesa que podem ser trabalhados na educação pré-escolar. Também a poesia como forma literária constitui um meio de descoberta da língua e de sensibilização estética. Todas estas formas de expressão permitem trabalhar ritmos, elos que se ligam à expressão musical, facilitam a clareza da articulação e podem ainda ser meios de competência metalinguística, ou seja, de compreensão do funcionamento da língua.” (Ministério da Educação, 1997a, p.67)

A aluna não conseguiu dinamizar muito bem a lenga-lenga.

A meu ver, acho que se a aluna estava a dar um dia inteiro de aulas, estas deviam estar interligadas. O tema do patinho amarelo quanto a mim nada tinha a ver com o tema do vulcão.

De seguida, a aluna deu uma aula de Conhecimento do Mundo em que ia falar do vulcão. Mostrou uma imagem (**Figura 79**) e explicou as partes constituintes do vulcão: cratera, lava, chaminé, cone, magma e câmara magmática. À medida que ia explicando ia colocando as palavras na imagem, estas estavam com as sílabas divididas (por cores) e as crianças leram as palavras.



Figura 79 – Imagem de vulcão

Posteriormente, juntou as mesas e com as crianças à volta, fez a experiência do vulcão. A aluna levou um tabuleiro com o “vulcão” (**Figura 80**) e explicou o procedimento da experiência.



Figura 80 – Vulcão de laboratório

Encheram a chaminé com vinagre e depois colocaram uma colher de bicarbonato de sódio. Como esta mistura faz reacção provoca a erupção do vulcão. As crianças gostaram muito de ver a experiência.

Comentário crítico

É fundamental fazer estas experiências com crianças desta idade, visto ser nesta altura que estão aptas a todo o conhecimento científico. Segundo Rockwell, Williams e Sherwood. (1996, p.9) “As crianças são cientistas natas”.

Tendo em conta Martins et al. (2009, p.12) é durante as observações que realiza nas acções que desenvolve, acompanhada ou autonomamente, que começa a formar as suas próprias ideias sobre os fenómenos que a rodeiam, sejam eles naturais ou induzidos.”

Sherwood (1997) refere que com esta actividade pretende que a criança aprenda algum vocabulário científico, tal como vulcão, reacção química, dióxido de carbono, gás, vinagre, bicarbonato de sódio, entrar em erupção, combinar, misturar, formar, brincar, fazer de conta, latente, inactivos e lava.

Segundo Martins et al. (2009, p.13) “as crianças têm capacidades para compreender conceitos científicos elementares”. É errado que os adultos achem que as crianças não conseguem perceber os conceitos científicos porque as crianças estão numa fase em que conseguem pensar abstractamente sobre determinados conteúdos.

“Um das experiências que todas as crianças deviam fazer é construir um vulcão a brincar. Os filmes de desenhos animados de televisão estão cheios de imagens de cidades, sociedades e acampamentos na selva inundados por lava, por isso a maioria das crianças têm uma imagem visual da erupção da lava de um vulcão. Não podemos reproduzir o calor e a fusão e a actividade da erupção de uma lava de um vulcão verdadeira. Podemos fingir que está a acontecer e, claro, podemos reproduzir esta actividade vulcânica à vista.” (Sherwood, 1997, p.155)

Eu gostei desta aula e as crianças também gostam muito de ver e de participar na experiência. Com esta aula, as crianças puderam visualizar o que se passa quando um vulcão entra em erupção. É uma aprendizagem que fica consolidada porque foi visualizada, não foi apenas falado teoricamente, o que é muito positivo.

A aluna levou os meninos para o exterior com o intuito de propor um Jogo. Este tinha o nome de “vulcão mágico”. A aluna dividiu a turma em quatro equipas, cada equipa tinha 4 bolas (uma para cada membro da equipa). Mais à frente estava um vulcão fictício e o objectivo do Jogo era acertar com as bolas no interior do vulcão. A equipa que tivesse acertado com mais bolas ganhava o Jogo.

Quarta-feira, dia 17 de Junho de 2009

A colega estagiária deu uma aula sobre a segurança na praia. Entrou na sala com um vestido de praia, boné e saco de praia e fingiu que se tinha enganado e que supostamente queria ir para a praia. Os meninos iam ajudando a retirar do saco os objectos que são necessários levar para a praia. À medida que os meninos tiravam os objectos a aluna explicava para que servia cada objecto. No final passou o protector solar por cada menino para que eles cheirassem.

Pelas 9h55 mostrou as diferentes bandeiras que podemos encontrar na praia. A aluna dizia mal as frases para que as crianças a corrigissem, por exemplo: Quando a bandeira está vermelha eu posso ir sempre à água?

Mostrou as seguintes bandeiras: vermelha, verde, amarela, xadrez (quando o nadador-salvador não está a vigiar) e azul (a praia está limpa).

Às 10h05 distribuiu uma proposta de trabalho por cada criança, para que estas tivessem algo que fazer enquanto 2/3 meninos de cada vez pintavam uma bandeira para ficar na sala (**Figura 81**).



Figura 81 – Bandeira pintada pelos meninos do bibe azul

Foi uma actividade criativa, tal como mostra a figura 81 e as crianças adoraram porque tiveram hipótese de pintar com as mãos (**Figura 82**), colar conchas e areia.



Figura 82 – Crianças a pintarem as mãos para decalque na bandeira

Comentário crítico

Gostei da aula da colega, foi dinâmica e a aluna conseguiu explicar bem os conceitos de uma forma prática em que foram as crianças a seleccionar os objectos correctos.

Quanto à actividade de expressão plástica, quanto a mim foi muito criativa e as crianças adoraram.

Sexta-feira, dia 19 de Junho de 2009

Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional das alunas do 4ºano (Licenciatura em Educação de Infância)

Às 9h05 uma aluna estagiária iniciou a sua prova pela aula de Conhecimento do Mundo. O tema da aula era o maracujá. Com as crianças sentadas em roda no chão, a aluna distribuiu um maracujá por cada criança. Questionou as crianças quanto ao cheiro e falou-lhes da planta de onde nasce o maracujá. Esta chama-se maracujazeiro e é uma planta trepadeira. Levou uma pequena parte da planta para os meninos verem, explicou que é uma planta de grandes dimensões por isso só pode levar aquele bocadinho e mostrou uma imagem em A3 do maracujazeiro. Explicou que

o maracujá tem origem nos países tropicais e através de um Mapa-mundo mostrou a localização do Brasil.

De seguida, passou um copinho com maracujá, para as crianças provarem. As reacções foram as mais diversas: uns gostaram, outros não e outros nem quiseram provar. Acabando a prova do fruto, a aluna sugeriu fazerem uma mousse de maracujá. Mostrou a receita num placard e disse os ingredientes que iriam utilizar:

- 2 Pacotes de natas
- 1 Lata de leite condensado
- 1 Lata de polpa de maracujá

A aluna distribuiu um chapéu de cozinheiro a todas as crianças, e com a ajuda de alguns meninos juntaram todos os ingredientes numa misturadora. Depois de batido a aluna colocou a mousse numa taça e explicou que como aquela ainda tinha que ir ao frigorífico, ela tinha outra taça de mousse que tinha feito em casa para os meninos provarem.

No final, a aluna distribuiu um caderno de receitas, para os meninos ajudarem as mães e encaminhou-os para as mesas.

Às 9h35 iniciou a aula de Matemática com material alternativo de modo a trabalhar os conjuntos.

Tinha um saco transparente com bolas feitas em papel, a aluna disse para as crianças imaginarem que eram maracujás. Todas as crianças tinham um saco com as bolas. E a aluna questionou quanto ao número de maracujás que cada criança tinha. A aluna pediu que as meninas fizessem um conjunto com meia dezena de maracujás e os meninos que fizessem outro com meia dúzia. De seguida, a aluna fez duas linhas de fronteira no quadro e chamou uma menina para colocar 2 maracujás amarelos com bostick, dentro do conjunto. Chamou, depois, um menino para colocar no outro conjunto 3 maracujás azuis. Deram os nomes aos conjuntos em que o primeiro era o A e o segundo R. Escreveram por baixo dos conjuntos respectivamente $\#A=2$ e $\#R=3$. Fizeram exercícios com o símbolo pertence e não pertence.

Às 9h55 pediu que guardassem tudo e explicou as regras do Jogo que ia dar no exterior. O objectivo era fazer uma salada de frutas com imagens. A caixa tinha bolinhas de esferovite e as imagens lá dentro. A turma foi separada em dois grupos e a primeira criança de cada fila tinha que ir ao pé-coxinho até à caixa e trazer uma imagem e colocá-la numa tigela. Ganhava o Jogo quem, no tempo previsto, tivesse mais fruta na tigela.

Às 10h10 foram para a sala e a aluna distribuiu uma proposta de trabalho para os meninos enquanto alguns iam à Cartilha. A aluna teve que dar a letra “S” frisando todas as regras dadas até essa lição.

Comentário crítico

Na minha opinião, a colega fez uma ótima prova. Como já tinha visto aulas anteriormente e não tinham corrido muito bem, fiquei muito surpreendida com a sua prestação. Gostei muito que a aluna tivesse levado o fruto para as crianças provarem. Acho que no geral a aluna se manteve sempre calma o que ajudou bastante.

Às 10h35 outra aluna tinha como tema da sua prova, a visão. Iniciou com aula de Conhecimento do Mundo, dando uma adivinha para que as crianças tentassem descobrir qual era o tema que ela ia tratar.

A adivinha era:

Lá no alto
Do cabeça
Moram duas capelinhas
Eu deixo de ver tudo
Se fecham as janelinhas.

Resposta: Visão

A aluna mostrou um olho feito em esferovite e outro num placard. Perguntou se alguém sabia para que servem as sobrancelhas e explicou que estas servem para proteger do suor que cai da testa, de modo, a que não vá para o olho. As pestanas fazem com que o pó que anda no ar não entre para dentro do olho. As pálpebras, abrem e fecham o olho, é uma espécie de cortina. Mostrou que o nosso olho é redondo e que a isso se chama globo ocular.

Comentário crítico

Esta aluna tinha tudo para dar uma aula positiva. Deu um tema que, quanto a mim, é interessante ainda mais porque levou materiais muito apelativos. O tema foi a visão e o autor Rockwell et al. (1998), explica da seguinte forma “Como funcionam os olhos?

Os olhos têm de receber luz de uma fonte de luz exterior que reflecte os objectos do ambiente. A luz e as cores representadas pela luz batem nos objectos e deslocam-se até ao olho. A luz passa através da córnea, uma substância transparente que cobre o olho, para uma substância aquosa denominada de humor aquoso. Em ambos os lados do humor aquoso encontra-se um disco muscular circular chamado íris. A íris é a parte colorida do olho. Na íris existem pigmentos de cor que nos conferem a cor dos olhos. Na realidade, a íris é um músculo que se expande e se contrai de modo a permitir a entrada de luz adicional no olho. A parte central escura chama-se pupila e é aí que a luz passa através do cristalino para a parte central aquosa semi-sólida (humor vítreo) antes de atingir a retina. A retina transforma o sinal luminoso em impulsos nervosos que podem ser enviados ao cérebro através do nervo óptico.

Quando a posição do cristalino se encontra equilibrada em relação à retina, uma pessoa tem uma visão normal.” (Rockwell et al., 1998, p. 137)

A aula não correu muito bem, porque a aluna não conseguiu ser dinâmica. Na minha opinião, não utilizou as estratégias adequadas também. Por exemplo, a altura em que fala das pessoas cegas, deveria ter levado óculos para que todos os meninos pudessem perceber o que é “viver às escuras”. As crianças como não estavam a participar acabavam por falar com os colegas do lado originando disciplina.

Posteriormente, falou um pouco das pessoas cegas. Do tipo de escrita deles, que objectos usam, tais como a régua e o porão, mostrou também uma folha escrita em Braille. Para que as crianças percebessem melhor as dificuldades de uma pessoa cega, a estagiária levou uns óculos tapados com papel autocolante preto e uma bengala para que uma criança utilizasse.

Às 11h05 disse aos meninos para irem para os lugares e deu a aula de Matemática. A aluna afixou no quadro um placard com alguns bonecos e os respectivos nomes. Ao lado de cada boneco tinha um algarismo que correspondia ao número de irmãos que cada um tinha. Ao lado desse placard, colocou outro com uma tabela. Essa tabela, tinha quatro colunas: boneco de papel, nome dos alunos, número de irmãos e peça do Cuisenaire. O objectivo seria que a criança olhasse para o

primeiro placard e preenchesse o segundo placard, por exemplo: o boneco masculino que é o Vasco tem 3 irmãos o que corresponde à peça verde clara do Cuisenaire (**Figura 83**).





	Nome do aluno	Número de irmãos	Peça do Cuisenaire
	Vasco	3	
	Teresa	5	

Figura 83 – Tabela (Cuisenaire)

A aluna deu como terminada a aula antes de concluir o exercício, visto que fez uma má gestão de tempo.

A aula seguinte foi um Jogo no exterior. A aluna dividiu a turma em quatro filas. Em frente os alunos tinham uma fileira de arcos e teriam que os percorrer ao pé-coxinho, fazendo o percurso de ida e volta. Não se percebeu bem o objectivo do Jogo, tornando-se um pouco confuso.

Às 11h25 aula de Cartilha, aluna deu a lição do “r”. Para as outras crianças, a aluna distribuiu uma proposta de trabalho para trabalhar a letra “c”.

Segunda-feira, dia 22 de Junho de 2009

Às 9h30 foram para a sala e a educadora escreveu no quadro duas frase para as crianças copiarem.

Cópia

A Bela vai à aula e leva uma boneca ao colo.

A Bela é muito amiga da Boneca.

As crianças fizeram a cópia e quando a terminavam, faziam as propostas de trabalho que tinham em atraso, nós íamos ajudando quando as crianças tinham dúvidas.

Mais tarde, a educadora propôs a uma aluna estagiária dar um Jogo como aula surpresa. A aluna dividiu a turma em quatro grupos. O primeiro de cada fila colocava uma máscara com a face de um animal. Tinham um circuito de arcos para passar e quando chegavam ao fim do circuito tinham que recolher a imagem do alimento desse

animal. Quando a criança chegava com a imagem do alimento passava a máscara ao colega seguinte e assim sucessivamente. Ganhava o Jogo, a equipa mais rápida. No final, a estagiária pediu a todos os meninos que se sentassem e contou quantos alimentos cada equipa tinha apanhado, com o intuito de verificar qual tinha sido a equipa vencedora e a que tinha ficado em 2º, 3º e 4º lugares.

As crianças brincaram livremente até à hora de irem almoçar.

Comentário crítico

O Jogo que a colega escolheu foi o Jogo das estafetas. Este Jogo já era conhecido das crianças portanto elas estavam muito empolgadas.

A aluna teve uma boa atitude, ao sentar o grupo todo no final, com o objectivo de discutirem quem seria o grupo vencedor. Tinha havido um pouco de batota e isso foi conversado no final.

Quarta-feira, dia 24 de Junho de 2009

Às 9h30 os meninos foram para a sala e uma aluna estagiária deu aula de Estimulação à Leitura. Apresentou um livro gigante o qual se intitulava de “Mariana e a Missão Primavera” (**Figura 84**).

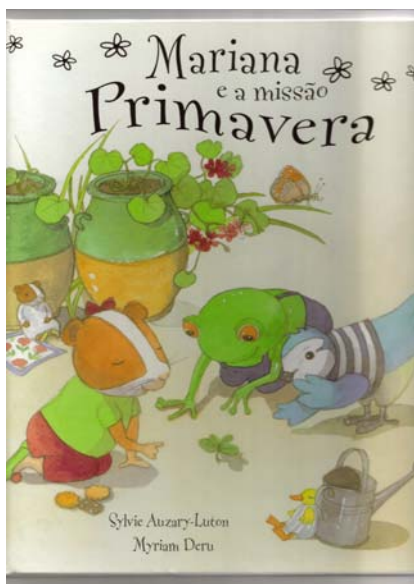


Figura 84 – Capa do livro “Mariana e a missão Primavera”

Era uma história muito interessante que falava de como plantar e tratar uma semente, ao mesmo tempo, falava também do “carinho” que se deve dar às plantas, para que elas cresçam saudáveis.

Às 10h15 a aluna distribuiu uma proposta de trabalho (**Figura 85**). Nessa proposta de trabalho as crianças tinham letras e teriam que pintar apenas as letras vogais. O outro exercício, tinha palavras em que apenas faltava uma vogal e a criança tinha que preencher o espaço em branco, por exemplo: mor_ngo.



Figura 85 – Proposta de trabalho

Enquanto as crianças faziam a proposta a estagiária ligou o computador e o projectador de vídeo para dar a aula de Conhecimento do Mundo. Explicou a diferença entre os frutos e legumes. E os diferentes tipos de semente que podemos encontrar. No final, da teoria passou à prática e distribuiu uma venda por cada criança. Depois de todos os meninos terem os olhos vendados, a aluna colocou em cima da mesa, de cada criança, um fruto ou um legume (**Figura 86**). A criança através do tacto e do olfacto teria que dizer o nome do fruto ou legume que tinha na mão.



Figura 86 – Feijão-Verde e venda para os olhos

Comentário crítico

Nesta altura, pode-se dizer que as aulas já corriam bem melhor que de início. A aluna conseguiu dar uma aula muito boa, tanto ao nível da Estimulação à Leitura como de Conhecimento do Mundo. Nesta última, tenho apenas a dizer que fez uma má gestão do tempo de resto foi muito interessante o Jogo das sensações que a aluna proporcionou, onde a criança de olhos vendados teria que descobrir qual o fruto/legume que tinha na mão, através do tacto e do olfacto.

Sexta-feira, dia 26 de Julho de 2009

Como ia haver a festa de fim de ano, às 9h30 os meninos do jardim-escola juntaram-se todos no salão a ensaiar as músicas.

Às 10h30 os meninos foram para a sala e era a minha aula programada. Aula planificada e fundamentada no capítulo 3.

Segunda-feira, dia 29 de Junho de 2009

Uma aluna estagiária iniciou contando a história “A ovelhinha que veio para o jantar” (**Figura 87**), fez inflexões de voz e contou a história num tom teatral, o que chamou a atenção das crianças. No final, mostrava uma palavra, a criança lia e tinha que ver a que página pertencia.



Figura 87 – Livro “ A ovelhinha que veio para o jantar”

Às 10h15 disse aos meninos para se sentarem nos seus lugares e distribuiu uma proposta de trabalho.

Para dar a aula de Matemática a aluna utilizou uma receita (**Figura 88**). Como na história falavam de sopa de legumes, a aluna decidiu fazer um bolo de cenoura na sala de aula.



Figura 88 – Aluna a dar aula de Matemática através da confecção de um bolo

Chamou uma criança e pediu que colocasse 4 colheres de farinha, depois chamou outra criança e disse que este bolo tinha que levar mais uma dose de farinha, que era o dobro de 4. Perguntou quanto era o dobro de quatro e qual tinha sido a quantidade final de farinha. A resposta seria 12. De seguida colocaram o açúcar e depois os ovos. A aluna pediu que colocassem 4 ovos e de seguida disse que precisavam do triplo dos mesmos, “quantos ovos faltam colocar na tigela?”, questionou

ela. Como as crianças não estavam a conseguir perceber o que era o triplo, a aluna utilizou rebuçados para explicar que o triplo era 4 ovos vezes três, ou seja 12 ovos.

Fizeram o resto da receita, que era o seguinte:

- 1 Copo de leite
- 1 Colher de canela
- Cenoura ralada
- 1 Colher de azeite

Misturou tudo com a batedeira e colocou numa forma. Pediu na cozinha que colocassem no forno e a sobremesa foi o bolo feito pelos meninos.

Para consolidarem os conhecimentos, os alunos foram para os seus lugares e fizeram uma proposta de trabalho de Matemática.

As crianças teriam que escrever os dados, a indicação e a operação (**Figura 89**).

Por exemplo:

Dados	Indicação	Operação
2	$2+4+6=12$	2
4		4
6		+ 6
		<hr/>
		12

Figura 89 – Operação realizada pelas crianças

Comentário crítico

A meu ver, esta Estimulação à Leitura foi a melhor ou das melhores que vi até hoje. A aluna interpretou de uma forma muito cómica, a história. Foi um momento muito divertido.

Na aula de Matemática, a aluna foi muito criativa, ao utilizar uma receita para dar a aula. Trabalhou noções, como o dobro, o triplo e metade.

Sexta-feira, dia 3 de Julho de 2009

Às 9h30 os meninos foram para a sala e eu ia dar a minha aula programada de Matemática mas como estavam poucos meninos, a educadora propôs que eu lesse uma história, sendo assim ficou a ser a minha aula surpresa proposta pela educadora.

Contei a história Rã-tástico. Esta história é muito pequena e para ocupar o tempo devia ter feito mais perguntas de interpretação ou fazer leitura de algumas frases. Questionei as crianças apenas para três palavras. Como a turma já estava mais composta, acabei por dizer às crianças para se sentarem nos seus lugares com o intuito de fazerem um desenho sobre a história e de seguida dar início à minha aula de Matemática. (Ver planificação e fundamentação no capítulo 3)

Como eu não fiz leitura com as crianças, relativamente ao livro que tinha contado, a educadora escreveu uma frase no quadro e eu tinha que ajudar os meninos a ler através da Cartilha Maternal.

Comentário crítico

O livro já era meu conhecido, o que tornou mais fácil o contar da história. De qualquer maneira, penso que não se adequa muito aos 5 anos. É uma história pequena, embora com umas ilustrações apelativas. No final de contar a história, não me ocorria perguntas de interpretação para fazer, percebi que a história não tinha muita coisa para explorar.

No final, a educadora acabou por escrever uma frase no quadro para eu ler com os meninos através da Cartilha Maternal. Embora tenha falado baixo, consegui ajudar nas alturas pertinentes.

Segunda-feira, dia 6 de Julho de 2009 e Quarta-feira, dia 8 de Julho de 2009

Como se aproximava da data da prova prática, pedimos para ir para as salas onde as íamos realizar. Deste modo, passei a semana na sala do bibe encarnado.

Todo o grupo de estagiárias reuniu com a educadora com o objectivo de mostrar as planificações, pedir auxílio e tirar dúvidas quanto às aulas que íamos dar.

Nesses momentos que estivemos com os meninos tivemos a possibilidade de conviver com eles e algumas estagiárias aproveitaram para dar algumas aulas com o objectivo de treinar um pouco para a prova.

Sexta-feira, dia 10 de Julho de 2009

Dia da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional

Às 9h05 começou uma aluna a dar aula de Conhecimento do Mundo, o tema era o papel.

A aluna sentou as crianças em semicírculo e começou por perguntar se os meninos sabiam de que era feito o papel. Explicou que este provinha da madeira e passou pelas crianças uns pedaços de madeira (uns cortados em rodelas e um pedaço de tronco).

- Já sabem que o papel vem das árvores, acham que se corta uma fatia fininha do tronco e sai uma folha de papel? - Perguntou a estagiária.

Para responder a esta questão a aluna mostrou uma maquete que mostrava o processo do fabrico do papel numa fábrica. Explicou todo o processo, desde a árvore até ao resultado final, que é a folha de papel.

De seguida, distribuiu um envelope por cada criança. Lá dentro estavam vários tipos de papel, tais como: papel de acetato, papel de embrulho, papel vegetal, etc.

Deu exemplos da utilização de cada papel, por exemplo, o papel vegetal serve para forrar as formas dos bolos e serve também para decalcar. A aluna distribuiu um lápis a cada aluno e uma folha branca e os alunos fizeram um desenho para decalcar. O papel de embrulho serve para embrulhar os presentes e levou uma amostra.

Comentário crítico

Esta aula, foi muito criativa e a aluna levou uma maquete feita por ela, extremamente bem elaborada. A aluna conseguiu que as crianças percebessem que as folhas vêm das árvores e qual o processo por que passam até ficar em folha de papel. Deu exemplos e as crianças puderam participar.

Como o tempo já estava a passar a aluna encaminhou as crianças para os seus lugares com vista a dar aula de Matemática, através de material alternativo.

Em cada lugar estava uma cerca feita em madeira e no meio da mesa tinham porcos feitos em madeira. Deu indicações, tais como: colocar 5 porcos dentro da cerca. Depois colocavam o algarismo móvel espetado com um pau na maquete. De seguida, disse para colocarem 4 porcos do lado esquerdo da cerca, mas do lado de fora. Faziam o mesmo processo de colocarem o algarismo móvel. Deste modo,

trabalharam as contagens bem como a lateralidade. Durante a aula a aluna colocava questões problemáticas através de cálculos mentais e no quadro.

Comentário crítico

Durante a preparação da aula, a aluna, estava com uma certa dificuldade em saber que material usar para dar a aula de Matemática, de modo a ser uma sequência do seu tema. Optou por utilizar os porcos de madeira, dando uma aula com material alternativo. Escolheu os porcos porque na aula de Conhecimento do Mundo, explicou que o papel provém da madeira, portanto como os porcos são feitos em madeira utilizou-os.

A aula correu muito bem, a aluna é muito serena e conseguiu que as crianças fizessem o que ela pedia. Teve uma atitude muito correcta quando chamou uma criança e esta foi a correr ter com ela, a aluna repreendeu a criança, e calmamente lhe disse para voltar ao seu lugar e fazer o trajecto a andar.

Posteriormente, a aluna levou os meninos para o outro lado do salão e sentou os em filas. Contou a história “ A fada da cor” (**Figura 90**) feita em vários tipos de papel. As páginas eram feitas com papel de alumínio, vegetal e de lustro.



Figura 90 – Capa do livro “A fada da cor”

No final de ouvirem a história foram para o recreio, em comboio, para jogarem ao Jogo da reciclagem. Um Jogo de estafetas em que a criança tinha que levar os jornais para a reciclagem.

Comentário crítico

A aula de Estimulação à Leitura foi bem sucedida. O livro que levou foi elaborado pela aluna, tendo sido feito com vários tipos de papel. Cada folha era diferente o que fez com que o livro fosse de um material muito apelativo e original.

Eu não cheguei a assistir ao Jogo visto que fiquei a ajudar a colega seguinte a preparar o espaço para as suas aulas.

Às 10h20 outra colega estagiária iniciou a sua aula de Conhecimento do Mundo em que o tema era a Índia. A aluna enfeitou o salão (**Figura 91**), com tecidos, velas, incensos e com um tapete (imitando os tapetes indianos).



Figura 91 – Salão enfeitado para aula sobre a Índia

Quando as crianças entraram no salão, tinham uma música de fundo indiana e sentaram-se no tapete. O cenário estava muito bem feito e as crianças estavam muito atentas. A estagiária começou por dar a aula de Conhecimento do Mundo. Introduziu o tema através de uma (suposta) viagem realizada por ela, mostrando desse modo onde se localiza a Índia através de um mapa Mundi, bem como a bandeira desse país.

Deu a conhecer algumas características do povo indiano bem como a sua gastronomia e indumentária. A estagiária ia vestida com um Sari para que as crianças pudessem ver de perto como se veste uma indiana (**figura 92**).



Figura 92 – Aluna com o Sari vestido

Deu oportunidade às crianças de conhecerem alguns pontos de interesse da Índia através de imagens e da prova de alguns doces típicos do país.

Comentário crítico

Esta aluna teve muita criatividade para a sua aula. O ambiente ficou completamente indiano: entrava-se e cheirava a incenso, os tecidos envolviam todo o ambiente; a aluna estava vestida com o Sari. Ficou tudo maravilhoso.

A aluna conseguiu transmitir as características do povo indiano. Esta aula foi excelente.

A aluna estagiária encaminhou as crianças para a mesa com a finalidade de dar a aula de Matemática através do material estruturado, Tangram. A aluna contou uma história de modo a que as crianças realizassem a construção do barco. À medida que faziam a construção propunha a concretização de situações problemáticas bem como contagens. Finalizada a actividade, os alunos arrumaram o material e foram encaminhados para o tapete.

A estagiária mostrou a capa do livro “Lili e o Jardim da Índia” (**Figura 93**). Questionou as crianças sobre o que achavam de que tratava o livro. Contou a história com dinamismo e de modo teatral.



Figura 93 – Capa do livro “Lili e o jardim da Índia”

No final da história propôs que as crianças fechassem os olhos e fizessem uma “viagem” até à Índia. Através dessa “viagem”, a aluna deu a conhecer, cheirar e provar alguns produtos característicos da Índia. Provaram manga e coco e viram alguns tipos de chá.

A actividade seguinte seria um Jogo de estafetas, chamado de “O Auto – Riquexó mais rápido”. O Riquexó é um meio de transporte da Índia e a aluna levou feito em cartão. As crianças teriam que entrar para o Riquexó e contornar os arcos. A equipa mais rápida ganhava o Jogo. Como a aluna não geriu bem o tempo das actividades, não conseguiu fazer o Jogo com os meninos.

Comentário crítico

A aluna contou a história de uma forma muito expressiva, num bom tom de voz e fez inflexões, contudo perdeu a noção das horas e já não teve tempo para fazer a última actividade que era o Jogo, tendo sido penalizada na classificação final.

Às 12h outra aluna começou a dar a sua aula.

A primeira aula que a aluna deu foi de Estimulação à Leitura. Dispôs a crianças em filas e convidou-as a assistirem a um teatro “O rei dos pomares”.

A aluna estagiária colocou-se por trás do fantocheiro, contando a história com fantoches. Como música de fundo a aluna escolheu “as Quatro Estações” de Vivaldi. À medida que ia contando a história, interagiu com as crianças com o objectivo de colocar questões relativas à narração.

De seguida, a aluna juntou três mesas e os meninos sentaram-se nos lugares propostos. A aula seguinte teve como tema “a origem da compota”.

A estagiária levou compotas e todos os ingredientes e utensílios necessários para a elaboração das mesmas. Foi colocando questões sobre as compotas apelando

ao conhecimento prévio dos alunos. Mostrou algumas imagens com o processo do fabrico da compota.

No final, simularam a confecção de uma compota e provaram umas que a aluna levou.

Terminado o Conhecimento do Mundo, a aluna deu início à aula de Matemática. As crianças permaneceram nos mesmos lugares. A aluna contou uma história, de modo a introduzir, ao longo da mesma, as construções: banco do jardim e poço com o IV Dom de Froebel.

A actividade final foi o Jogo no exterior. A aluna dividiu a turma em dois grupos e entregou crachás (equipa das maçãs e equipa dos pêssegos). Encostadas à parede estavam duas árvores em esferovite, cada uma delas tinha maçãs e pêssegos pendurados. O primeiro menino de cada fila tinha um chapéu e um cesto. A criança teria que apanhar apenas a fruta que estava identificada na sua equipa. Ganhava a equipa mais rápida. No início do Jogo, a aluna tinha nomeado um chefe de cada fila que tinha a função de, no final, contar o número de frutas apanhadas.

Comentário crítico

Nas aulas desta aluna houve sempre um pouco de indisciplina. Teve umas ideias originais mas nem sempre as conseguiu pôr em prática da melhor maneira. Não foi uma aula positiva na opinião dos elementos de supervisão pedagógica.

Às 13h30 iniciei a minha aula em que o tema era a tartaruga. (aula planificada e fundamentada no capítulo 3)

Terminada a aula, os meninos foram para o recreio e tivemos reunião com as professoras de supervisão pedagógica. Estas falaram sobre a prestação de cada uma individualmente e no final juntámo-nos todas para que nos dissessem as notas da Prova.

Quarta-feira, dia 15 de Julho de 2009

Jogos e brincadeiras livres

Sexta-feira, dia 17 de Julho de 2009

Os alunos já não tinham aulas, portanto brincavam livremente.

A actividade que os meninos fizeram foi de expressão plástica, em que preencheram um desenho com canetas de feltro, fazendo apenas pintinhas.

Segunda-feira, dia 20 e Quarta-feira dia 22 de Julho de 2009

Realizámos as provas teóricas.

De dia 24 de Julho a 30 de Julho de 2009

Ajudámos na elaboração dos placards (**Figura 94**) de boas vindas para os alunos que iniciaram as aulas em Setembro, para o salão.



Figura 94 – Placard de Boas vindas

Com este placard e este desenho deixámos, a nossa marca neste Jardim-Escola.

Recordo com saudade, todos os bons momentos que aqui passei, e que de certeza deixam uma marca profunda para toda a vida.

2.4.3.1 – Reflexão sobre o estágio no Bibe Azul

Na segunda-feira dia 19 de Junho iniciámos o estágio no bibe azul, ou seja, o nosso último momento de estágio. A ansiedade era cada vez maior, isto é, o facto de estar no último momento de estágio indicava estar muito perto do dia da Prova Prática.

Relativamente ao bibe azul, tenho a dizer que foram crianças fantásticas. Gostei muito de ajudar os meninos a fazer os seus trabalhos, bem como a tirar dúvidas de como ler determinadas palavras.

A educadora foi extraordinária, recebeu-nos muito bem e ajudou-nos em tudo o que precisávamos. Deu para entender que a nossa vinda para esta escola veio redobrar o trabalho de todos os docentes, tanto do Jardim-Escola como na ESE. Sinto-me grata pela ajuda que todos nos prestaram.

Relativamente a este momento de estágio, considero que foi muito positivo. Muito trabalhoso mas talvez por isso, muito compensador. Sei que me esforcei e que tive a recompensa por isso.

Estava preocupada relativamente ao facto de não conseguir ajudar as crianças na leitura (através do Método da João de Deus) ou mesmo nos cálculos. São crianças que são extremamente estimuladas e estão muito atentas a tudo. As nossas fraquezas são percebidas por elas e foi isso que neste momento de estágio tentei superar.

O dia da Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional foi realmente, o mais complicado. Foi tudo muito trabalhoso e muito dispendioso também. Mas, dentro dos possíveis correu bem. A minha prestação podia ter sido melhor embora me tenha sentido feliz. Diverti-me muito, ri e brinquei com os meninos ao mesmo tempo que tentava ensinar-lhes alguns conceitos.

Falando de um modo geral, foi uma ótima experiência, sinto que aprendi muito e principalmente por saber que até este momento consegui cumprir a minha parte. Com muita luta, porque tenho que trabalhar muito para ter, o que tenho. Felizmente, tenho muita garra e não sou de abandonar o meu sonho ao primeiro obstáculo. E assim continuarei, a tentar lutar pelo meu futuro.

CAPÍTULO III – PLANIFICAÇÕES

3.1 – Planear

A planificação é elaborada e serve para organizar o trabalho, reflectir sobre os conteúdos e métodos de trabalho a utilizar e materiais mais adequados à aprendizagem. A planificação serve também para estabelecermos metas a atingir com os alunos numa determinada aula.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a, p.26) é referido que “planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais à sua realização”.

Baseando-me ainda nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a), planear pressupõe que o educador conheça a turma, criança a criança, bem como o seu núcleo familiar de modo a perceber o contexto em que a criança vive. Desta forma, o educador poderá promover aprendizagens, tendo em conta, que as crianças são todas diferentes e que, embora tenham a mesma idade podem estar em níveis de desenvolvimento diferentes. Assim, todas acompanharão o ensino e terão oportunidades de ter uma boa aprendizagem.

O educador terá a tarefa de planear as suas aulas de uma forma a que estas sejam estimulantes e com estratégias desafiadoras, desta forma, o aluno interessar-se-á e ao conseguir atingir as metas, torna-se mais confiante e com uma auto-estima elevada.

3.2 - Modelo T de aprendizagem – A Planificação

É fundamental perceber qual a metodologia utilizada no jardim-escola onde efectuei o estágio. Deste modo, passo a apresentar o modelo T de aprendizagem de Martiniano Pérez (s.d.).

Com o intuito de perceber as características mais relevantes relativamente à sociedade do conhecimento, Pérez (s.d.) atribui como matéria-prima o conhecimento. A criança, através desta sociedade do conhecimento faz uma aprendizagem substituindo desse modo, o ensino por transmissão. O conhecimento deve ser organizado frente a dados e informações.

Na sociedade do conhecimento ensina-se para que haja um pensamento “sistémico e sintético” havendo assim um desenvolvimento de habilidades e capacidades” com o objectivo de que haja uma mente bem ordenada.

As planificações desenvolvidas durante o estágio tinham uma estrutura semelhante à que poderemos ver na **tabela 5**. Esta contém o cabeçalho em que irá constar a identificação (jardim-escola, educadora, estagiária) data e faixa etária. Nas linhas seguintes virá apresentada a área a ser trabalhada, os conteúdos e os procedimentos. Na linha abaixo, acrescem as competências. No final da folha virá descrito os materiais utilizados na elaboração da actividade.

Tabela 5 – Modelo T de aprendizagem

Jardim-Escola		
Faixa etária:	<div style="border: 1px dashed black; padding: 5px;"> Estagiária: Turma: Número: </div>	
Duração:		
Educadora:		
Data:		
Área:		
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
Materiais:		

Considerando Pérez (s.d., p.40) no modelo T, integramos para um curso escolar completo estes elementos (tabela 5):

- **Capacidades – destrezas:** indicam os objectivos fundamentais cognitivos (três capacidades e quatro destrezas por capacidade), que esperamos desenvolver.
- **Valores – atitudes:** Mostram os objectivos fundamentais afectivos (três valores e quatro atitudes por valor) que pretendemos desenvolver.
- **Conteúdos (conhecimentos):** Apresentam-se em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos (unidades de aprendizagem) que se pretende aprender ao longo do ano escolar. Cada unidade divide-se entre três e seis distintas.
- **Métodos/procedimentos:** apresentam-se entre nove e doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem aprendidas no curso escolar.

Por outras palavras, penso que será necessário explicar de uma forma sucinta certos conceitos inerentes à tabela acima mencionada.

Pérez (s.d., p.7) designou determinados conceitos da seguinte forma:

- **“Conteúdo:** Uma forma de saber. Existem dois tipos fundamentais de conteúdos: saber sobre conceitos (conteúdos conceptuais) e saber sobre feitos (conteúdos factuais).
- **Métodos e procedimentos:** São uma forma de fazer.
- **Capacidade:** Habilidade geral que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo.
- **Destreza:** Habilidade específica que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade.
- **Atitude:** Um conjunto de atitudes constitui um valor.
- **Valor:** Estrutura-se e desenvolve-se por meio de atitudes. Uma constelação de atitudes associadas entre si constitui um valor. A componente fundamental de um valor é afectiva.”

Para o autor (Pérez, s.d., p.40), “o modelo T é uma forma simples que se apresenta numa só folha, nesta vai constar “todos os elementos do currículo e da cultura organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar. Trata-se de uma fotografia cultural ou curricular. (...)”

As unidades de aprendizagem ou blocos de conteúdo integrados no modelo T de área ou disciplina desenvolvem-se de uma maneira mais detalhada e sequenciada em modelos T concretos, do modo seguinte:

- Título do modelo T de unidade de aprendizagem e temporalização (de 6 a 12 semanas), segundo a entidade da unidade.
- Identificação dos objectivos fundamentais em forma de capacidades - destrezas e valores – atitudes: seleccionam-se do Modelo T de área ou disciplina duas capacidades e três destrezas por capacidade e dois valores e três atitudes por valor. Desta maneira fixamos os objectivos de unidade de aprendizagem.
- Identificação dos meios para conseguir os objectivos: Do modelo T de área ou disciplina seleccionam-se os conteúdos correspondentes e seus capítulos desenvolvem-se e aumentam entre três e seis subcapítulos. Os métodos/procedimentos concretizamo-los de maneira mais detalhada e específica.”

Relativamente às minhas planificações, estas eram diárias, deste modo acabam por ir contra o que autor define como sendo de temporização de 6 a 12 semanas.

Quanto às competências, tive a oportunidade de me aperceber que nem sempre coloquei o número de objectivos fundamentais por capacidade e por valores. Também temos que considerar que estava a fazer planos diários, o que faz com que não houvesse tantos objectivos a cumprir como se fosse para 6 a 12 semanas. Apenas este ano tive contacto com este modelo de planificação e posso constatar que é de fácil leitura e muito organizado.

Por vezes, não senti grande facilidade na elaboração das mesmas visto serem diferentes do método que estava habituada anteriormente. Gostei deste modelo de planificação, porque vai de encontro a todas as necessidades dos alunos.

3.3 Planos de aula

3.3.1 Planos de aula do Bibe amarelo

Bibe
Amarelo

Tabela 6 – Plano de aula extra dada no bibe amarelo – 1ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 3anos (bibe amarelo)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 21/01/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Estimulação à Leitura		
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Exploração de uma história Infantil 	<ul style="list-style-type: none"> - Contar, no tapete, a história “Galinha Ruiva” através de imagens em folhas A4. - Explorar a história, tendo em consideração que as crianças estão a estudar os animais da Quinta. -Explicar às crianças que irão receber uma ficha de consolidação de saberes (anexo), encaminhando-os assim para a mesa. 	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão oral e escrita ✓ Organização/informação ✓ Fluidez mental • Orientação espaço-temporal ✓ Saber se situar ✓ Memorização ✓ Capacidade de reconhecer 		<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser organizado ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador

Materiais: - Folhas A4 com os desenhos que ilustram a história da “Galinha Ruiva”

- Ficha de consolidação de saberes (anexo)

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

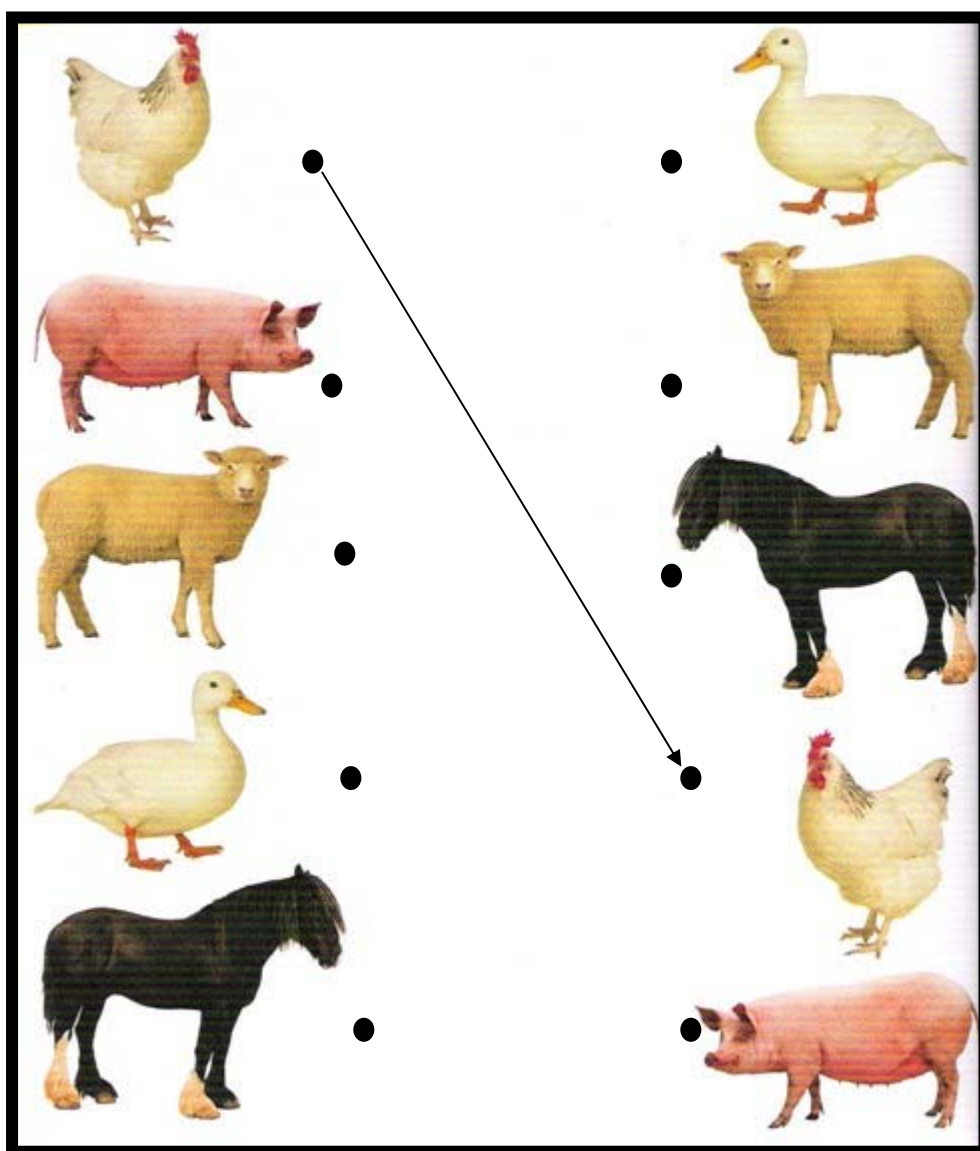
Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Jardim – Escola

Nome: _____

Data: _____ Bibe amarelo A

- Liga os animais iguais.



Proposta de trabalho realizada por Ana Luísa Oliveira nº2 MEPE

Relato da aula:

Contextualizei a história que ia contar com o tema que estava a ser abordado na altura, que eram os animais da quinta.

Perguntei se eles se lembravam que estavam a trabalhar os animais da quinta, pedindo de seguida que nomeassem alguns.

Iniciei a história da “Galinha Ruiva” (**Figura 95**), contando e mostrando imagens, por mim desenhadas, em formato A4. Durante a história as crianças cantaram uma canção sobre a galinha, e passado um pouco, uma música sobre moinho. No final, falei sobre a moral da história. A moral assentava sobre a amizade e a entreaajuda.



Figura 95 – Galinha Ruiva

Comentário crítico fundamentado

Para esta actividade optei por contar uma história através de imagens A4, com as crianças sentadas no tapete. Nesta fase, informei-me acerca do tema que estava a ser tratado, de modo, a escolher a história que iria contar.

Segundo Marques (1991) temos que saber como vamos contar as histórias, um dos elementos fundamentais assenta em tentar proporcionar a esse momento um ambiente calmo e familiar. Ao contar a história, o adulto deve deixar que a criança exponha as suas dúvidas, deixando outro colega responder, se este souber. Quando o educador faz uma questão em relação à história e a resposta que obteve não foi a correcta, não deve corrigir de imediato mas sim questionar o grupo e tentar obter a resposta correcta em conjunto.

O educador por vezes deve-se questionar sobre quais histórias ler e como a seleccionar, de modo, a corresponder ao gosto das crianças. Tendo em conta a idade a que se dirige optei pela história da “Galinha Ruiva”, através de 6 imagens.

Segundo o autor Marques (1991,p.33), “os pais e educadores de infância podem seleccionar vários tipos de livros de histórias: livros só com gravuras; livros com gravuras e palavras, conjunto de cartões com a história sequenciada. Qualquer deste género de livros é aconselhável, se a sua escolha corresponder ao gosto da criança. Quero dizer com isto, que é de evitar a imposição de livros de histórias de que a criança não goste, ainda que a publicidade ou os adultos o recomendem.

Só quem nunca reparou no sorriso de uma criança que mostra saber o rumo que a história tomará nas páginas seguintes, é que pode duvidar disto. Um sorriso assim é uma marca exemplar de inteligência. Só quem nunca presenciou a alegria de uma criança pequena ao identificar-se com o personagem de uma história, é que pode duvidar das conveniências em ler, repetidamente, os livros preferidos”.

Quando se conta uma história devemos ter um objectivo a cumprir, esse objectivo assenta no facto de uma história transmitir uma mensagem. É muito importante que a criança entenda a história para que os valores que esta transmite sejam clarificados. Tal como refere a autora Formosinho “A história permite que se estabeleçam posteriormente estratégias de clarificação e valores.” (Formosinho, 1996,p.95)

Esta história passa os valores de espírito de entreajuda e amizade, isto é, as pessoas devem ser amigas das outras e ajudá-las quando for necessário e desse modo poderem desfrutar de bons momentos todos juntos. No caso da história, ninguém quis ajudar a galinha enquanto esta fazia o pão, mas no final já todos os animais queriam comê-lo. A galinha acabou por partilhar o pão apenas com os seus filhos visto que ninguém ajudou para a elaboração do mesmo. Se todos tivessem colaborado teria havido um momento de lazer, o que acabou por não acontecer.

Escolhi a história da “Galinha Ruiva” em que as personagens eram animais fazendo assim interdisciplinaridade com a área de Conhecimento do Mundo.

No final da aula, propus que as crianças se dirigissem para os seus lugares, nas mesas, para elaborarem uma proposta de trabalho. As propostas de trabalho são um complemento às actividades que elaboramos e um instrumento que possibilita ao professor analisar o grau de dificuldades dos alunos.

Deste modo, o educador deverá ter em conta que nem todas as crianças estão ao mesmo nível de aprendizagem, devendo assim diversificar as propostas apresentadas. (Ministério da Educação, 1997 b).

Eu gosto particularmente de elaborar propostas de trabalho, assim é uma forma de avaliar se as crianças perceberam ou não o que foi leccionado.

Reflexão

Gostei muito de dar esta aula, foi a primeira aula. Contar histórias sempre foi uma coisa que adorei fazer, dramatizava-as e as crianças adoravam. Tive apenas a chamada de atenção para o tamanho das imagens. Eram em tamanho A4 e a educadora disse que deveriam ser maiores para que todas as crianças vissem.

“Não se esquecer de escolher livros com ilustrações grandes e nítidas ou com fotografias de pessoas, lugares, animais, objectos e acções com que as crianças tenham qualquer tipo de experiência, para que tenham uma base de interpretação. (Hohmann, Banet & Weikart, 1979, p.227)

Tabela 7 – Plano de aula programada dada no bibe amarelo – 2ª aula

Jardim-Escola

Faixa etária: 3anos (bibe amarelo)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 28/01/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Expressão e comunicação: Expressão Motora		
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver um jogo. “As formiguinhas”. (Seguimento da história” A cigarra e a formiga”)		- Explicar às crianças como se vai proceder o jogo: as crianças estão em duas filas e estão 2 arcos no chão em frente a elas a uns metros de distância; as crianças fazem a posição da formiga carregando em cima uma almofada. De seguida, os dois primeiros elementos de cada fila terão que ir de cócoras até ao arco de modo a deixar lá a almofada. No final, têm de ir a correr para que o elemento seguinte repita o procedimento tocando-lhe na mão para que este possa jogar. - Ordenar as crianças em duas filas; -Explicar que o mais rápido a chegar, ganha o jogo.
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Expressão Corporal ✓ Equilíbrio Orientação espaço-temporal ✓ Noção de tempo ✓ Saber-se situar ✓ Interpretar 		<ul style="list-style-type: none"> Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar Responsabilidade ✓ Ser organizado ✓ Ser interessado

Materiais: Dois arcos, almofadas.

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Visto que a colega tinha contado a história da “Cigarra e da Formiga”, eu inventei o jogo das formiguinhas. Este constava em ter duas filas de crianças e dois arcos, à frente, afastados. Cada criança tinha uma almofadinha, que teria que a carregar nas costas até ao arco. Jogavam dois meninos de cada vez (os primeiros de cada fila) e ganhava a fila mais rápida e a que tivesse mais almofadinhas dentro do arco.

Não havia muito espaço para fazer esta actividade dentro da sala de aula, este seria um jogo apropriado para o exterior.

Comentário crítico fundamentado

O jogo é uma forma das crianças se socializarem e dessa forma interiorizam algumas regras, visto que um jogo para ser jogo tem que ter regras.

Segundo Elkonin (1998,p.19) “chegamos à conclusão de que o jogo é uma actividade em que se reconstroem, sem fins utilitários directos, as relações sociais”.

Tendo em conta Duarte (2009, p.20) o jogo é uma actividade lúdica com um carácter sério (...). A seriedade do jogo implica uma fuga do mundo real (...) Considera-se, desta forma, o jogo como sendo uma preparação para a vida séria pela conquista de autonomia, da personalidade, e até de esquemas práticos que a actividade adulta tem necessidade.

Dohme (2007, p. 21) quando refere que “outra característica do jogo é ter um fim em si mesmo, os jogadores entram no mundo lúdico e praticam diversas acções com vontade, às vezes com extremo vigor, mas sabem que têm a garantia de voltar ao “mundo real” quando o jogo terminar”.

Em situação de jogo, conseguimos notar quem se quer evidenciar mais e que é mais recatado. O jogo, tem o objectivo de fazer com que todas as crianças estejam autónomas e que ganhem auto-estima.

Quando tencionamos fazer um jogo com as crianças e mesmo que queiramos mudá-los de espaço, devemos explicar as regras ainda dentro sala. Neste caso, expliquei as regras enquanto as crianças estavam sentadas no tapete.

Segundo Duarte (2009, p.11) “todos os jogos deverão estar sujeitos a regras: se considerarmos a regra como limitação ao jogo, e no seu desenrolar, poderemos definir que não existem jogos sem regras”.

Relativamente às competências a atingir, pretende-se nesta fase que a criança ganhe equilíbrio no momento em que carrega nas costas a almofada sem a deixar cair no chão.

Tendo em conta Dohme (2007, p.22) “com o jogo, podemos trabalhar o desenvolvimento físico, intelectual, artístico, criativo, dos sentidos, afectivo, social e ético. Ele colabora tanto no aperfeiçoamento físico, como na destreza, no equilíbrio e acuidade dos sentidos, como no aperfeiçoamento mental, desenvolvendo a atenção, a memória, o raciocínio e a lógica e, ainda, no aperfeiçoamento do relacionamento social, como o convívio com regras e a vida em equipa.”

Reflexão

Esta aula foi dada como aula extra de modo a ganhar mais experiência. Não correu muito bem. A educadora disse que demorei demasiado tempo a explicar as regras, o que acabou por saturar as crianças e começaram a dispersar a atenção. Quando coloquei as crianças em filas eles começaram a sair dos lugares. A explicação que me foi dada foi que, se as crianças estão em filas, apenas vêem as cabeças uns dos outros. Sendo assim eles para verem a criança que está a jogar, acabam por sair do lugar. O facto de haver tanta agitação, foi porque, pelo que a educadora disse, os meninos estavam muito empolgados para jogar e acabavam por não querer estar nas filas. Não se chegou a terminar o jogo porque perdi o controlo da turma. Sendo esta uma aula extra a educadora deixou que as minhas colegas de grupo me ajudassem a formar as filas e a distribuir as almofadas, mas quem teria que coordenar a aula era eu, sozinha.


Tabela 8 – Plano de aula programada dada no bibe amarelo – 3ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 3anos (bibe amarelo)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 13/02/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Estimulação à Leitura






Conteúdos		Procedimentos/ Métodos	
Leitura do livro Rã-tástico 		<ul style="list-style-type: none"> - Contar, no tapete, a história “Rã-tástico” através de um livro com imagens a 3D. - Explorar o livro, tendo em consideração a capa, as cores, os números (através de números móveis) e as formas. - Explicar, quando se chega à página das 10 rãs, a quantidade através da colocação de números móveis na parede. - Explicar a proposta de trabalho (ver anexo), em que, as crianças, terão que pintar o número de rãs correspondente ao Número que está escrito. Esta tarefa será feita na mesa. 	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão oral e escrita ✓ Organização/informação ✓ Fluidez mental • Orientação espaço-temporal ✓ Saber se situar ✓ Memorização ✓ Capacidade de reconhecer 		<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser organizado ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador 	

Materiais: livro, algarismos móveis (1 a 10), bostick, proposta de trabalho e lápis de cor
Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Jardim-Escola

- ✓ Pinta as rãs que correspondem ao número apresentado.

4	
1	
3	
5	
2	

Nome.

Data:

Proposta de trabalho realizada por Ana Luísa Oliveira nº2 MPE

Relato da aula:

Às 9h30 as crianças tiveram aula de música. No decorrer dessa actividade fui preparar o espaço para dar a minha aula.

Neste dia foi a minha aula programada. Vesti-me de rã e escondi-me dentro da despensa da sala. As crianças foram encaminhadas para a sala com um grande suspense sobre o que iria acontecer. Quando estavam todas sentadas eu bati à porta e saí da despensa a falar com o peluche que seria a rãzinha Fernando (**Figura 96**). As crianças estavam estupefactas a olhar para mim. Continuei a minha dramatização e perguntei ao grupo quem eram eles e onde é que eu estava. Eles, muito inocentemente, responderam que eram os meninos do bibe amarelo.



Figura 96 - Eu, vestida de rã.

Eu, passei a apresentar-me como sendo a Rã Mãe e o fantoche a rã Fernando visto serem as personagens da história que eu ia contar. Dei a aula de Estimulação à Leitura através do livro Rã-tástico. Fiz inflexões de voz e pedi que fizessem alguns gestos com o desenrolar da história.

No final, contavam 10 rãs e coloquei os algarismos móveis no placard de modo a que as crianças contassem. De seguida, encaminhei-as para as mesas com o objectivo de elaborarem uma proposta de trabalho em que teriam que pintar a quantidade de rãs correspondente ao algarismo que estava no quadrado.

Comentário crítico fundamentado

Tal como já referi anteriormente, a leitura de histórias é fundamental na vida das crianças. Elas gostam muito se for bem lida e bem encenada ainda gostam mais. Foi o que tentei fazer com a ajuda do meu fato de rã e do meu fantoche de rã. É fundamental perceber que a comunicação não verbal pode “constituir um suporte da comunicação oral e ser trabalhada independentemente: expressar e comunicar sentimentos através de gestos ou mímica” (Ministério da Educação, 1997a, p.68)

Durante a leitura fazia algumas pausas de modo a questionar as crianças para o que estavam a ver. Com este livro houve a possibilidade de explorar as formas e o número.

Os autores Castro e Rodrigues (2008, p.13) esclarecem que “as primeiras experiências de contagem têm, obrigatoriamente, que estar associadas a objectos concretos”. À medida que contava e apontava as rãs ia colocando os algarismos móveis na parede, desse modo as crianças estavam a contar e a visualizar o algarismo correspondente ao mesmo tempo. Dai ter elaborado a proposta de trabalho seguinte. A actividade era exactamente a mesma, daí não ter havido grande dificuldade na execução da mesma.

Reflexão

Devo notar que esta aula foi diferente das que as crianças estão habituadas. Talvez tenha ajudado o facto de ter ido vestida de Rã. As crianças estavam estupefactas a olhar para mim. No início da aula nem me estavam a reconhecer. Consequentemente foi muito interessante ver a reacção delas.

Escolhi ler esta história visto que as imagens eram a 3D e achei que chamaria a atenção das crianças. Correu muito bem.


Depois da exploração da capa do livro fiz interdisciplinaridade com a Matemática visto que no final da história contavam o número de convidados para uma festa. Consegui manter a disciplina enquanto estavam no tapete e também quando estavam nas mesas. Por outras palavras, penso que o segredo do sucesso desta aula se baseou no facto de ir vestida de rã, o que fez com que a minha postura fosse diferente acabando por dar a aula a “brincar” com as crianças.

Tabela 9 – Plano de aula programada dada no bibe amarelo – 4ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 3anos (bibe amarelo)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 13/02/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

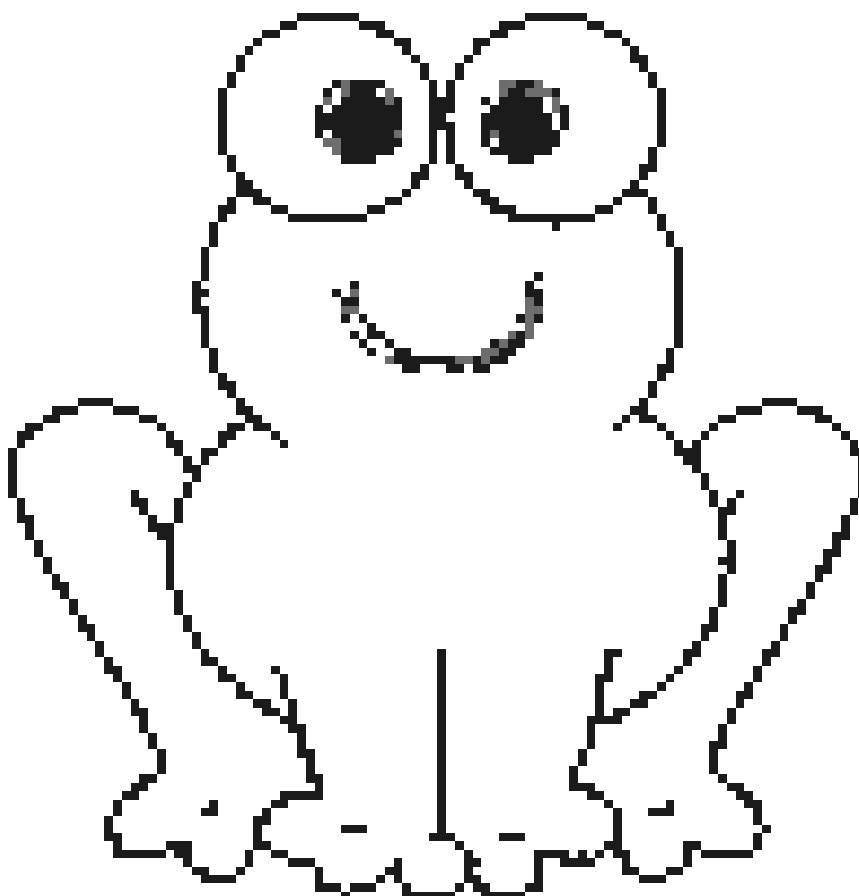
Número: 2

Área: Conhecimento do Mundo			
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos	
<p>Apresentar um power point relativo ao ciclo de vida de uma rã</p> 		<p>- Mostrar o power point em que mostra o ciclo de vida de uma rã.</p> <p>-Explicar slide a slide todos os passos do ciclo de vida.</p> <p>-Mostrar uma rã viva para que as crianças tenham uma melhor noção do que foi falado.</p> <p>- Explicar que vão para a mesa, fazer picotagem de uma imagem de uma rã (anexo)</p>	
Capacidades/Destrezas	Competências		Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão do Oral ✓ Fluidez mental ✓ Organizar informação • Orientação espaço-temporal ✓ Interpretar ✓ Relacionar 			<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador

Materiais: projector de vídeo e portátil, rã, proposta de trabalho (picotagem)

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem



Relato da aula:

A aula seguinte era de Conhecimento do Mundo, programei fazer uma apresentação em Power Point mas como o projector de vídeo não estava a funcionar acabei por mostrar a surpresa que levei para as crianças, enquanto a educadora tentava solucionar o problema. Levei uma rã verdadeira dentro de uma caixinha para que todos pudessem ver.

Depressa conseguiram colocar o projector a funcionar e disse lhes que mais tarde voltaria a mostrar a rã. A apresentação mostrava o ciclo de vida de uma rã, começando nos ovos, passando pela fase de girinos até ser rã. O impacto de mostrar em Power Point é maior porque as crianças gostam e estão com mais atenção. Deveria ter explicado melhor os slides, mas estava com receio de utilizar termos que eles não fossem perceber. No final, coloquei as crianças todas em roda e pus um banco no meio com a rã para que todas pudessem ver (**Figura 97**).



Figura 97 - Visualização de uma rã

A experiência da criança em ver o animal, enquanto ser vivo, é única. Deste modo tentei ao máximo proporcionar essa vivência. O que me levou a trazer uma rã foi o facto de estas crianças serem da cidade e não terem acesso, pelo menos algumas, a este tipo de experiência.

Como já estavam há muito tempo sentados fiz com eles uns exercícios de relaxamento (**Figura 98**). Estavam todos sentados e pedi que esticassem as pernas e batessem com os pés no chão, batessem palmas, entre outros movimentos. No fim disse-lhes para darem um grito muito forte. Eles adoraram e eu também. No final, encaminhei-os para as mesas para uma actividade de picotagem.



Figura 98 - Exercícios de relaxamento

Comentário crítico fundamentado

As crianças adoram ver através de projecção de imagens. Coloquei apenas 6 imagens que mostravam desde o ovo até à rã no seu estado adulto. Foi uma aula mais complicada de dar porque não queria utilizar termos difíceis. Embora a criança com esta idade esteja predisposta a um novo vocabulário. Senti-me mais insegura nesta actividade.

Segundo Botelho (2009, p.139) “as principais formas de integrar as TIC (tecnologia de informação e comunicação) no processo educativo são as seguintes:

1. Recurso para a Organização Escolar
2. Instrumento para a aprendizagem
3. Recurso didáctico
4. Conteúdo curricular
5. Entre outros (...)

Outra das funções que lhes estão reservadas é a de auxiliar pedagógico. Para os alunos e professores com o objectivo de facilitar o trabalho de escrita, cálculo, consulta, desenho, etc. No processo ensino-aprendizagem assumem um especial relevo os Programas Educativos que se caracterizam por: introdução do computador no acto de ensino-aprendizagem, existência de interacção entre o aluno e a máquina.”

Esta autora refere também que “os professores para além de serem capazes de planear, realizar e avaliar actividades de ensino-aprendizagem tirando partido das TIC, os formandos devem ser capazes de situar estas tecnologias num novo paradigma do conhecimento e da aprendizagem”. (Botelho, 2009, p. 154)

Optei por dar menos tempo de teoria, visto que as crianças desta idade também não têm tanta capacidade de concentração. Sentei as crianças em roda e coloquei no meio um banco, fui buscar uma caixa transparente com uma rã viva e pus em cima do banco. As crianças gostaram muito, chamei grupos de 2/3 meninos de cada vez e iam ver a rã. Estavam todos muito entusiasmados. O que aconteceu foi que os meninos que já tinham visto a rã começaram a destabilizar o grupo. Não foi nada que não se esperasse visto não ter arranjado uma estratégia para os ocupar após a visualização da rã.

“ O princípio básico é começar por uma experiência activa com coisas reais e depois representar a experiência de modos diversos. Isto permite a apresentação de novos objectos ou coisas vivas (...).” (Hohmann et al., 1979,p.219)

Os exercícios de relaxamento que optei por fazer resultaram. Tendo em conta Hohmann e Weikart (2003, p. 231) “ as transições são períodos em que as crianças mudam de uma actividade ou experiência para a seguinte. As transições são importantes porque criam uma atmosfera para a experiencia subsequente. Assim, o objectivo é fazer destas mudanças potencialmente perturbadoras um momento que venha a ser, para as crianças, tão calmo e interessante quanto possível.”

A actividade de picotagem tem como objectivo desenvolver a motricidade fina, tendo sido por isso que a utilizei.

Reflexão

Este dia, quanto a mim foi fantástico. Diverti-me e sei que as crianças gostaram. Tiveram a oportunidade de visualizar uma rã verdadeira, o que muitas crianças nunca tinham visto. Acho que é essencial para a criança ter contacto com os seres vivos. Estas conhecem muitas coisas porque vêem através dos meios de comunicação social embora por vezes não tenham o contacto puro com a natureza.

Tabela 10 – Plano de aula programada dada no bibe amarelo – 5ª aula

Jardim-Escola

Faixa etária: 3anos (bibe amarelo)

Duração: 20min


Educadora:

Data: 13/02/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Expressão e comunicação: Expressão motora			
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos	
<p>Jogo: Rãzinhas no Nenúfar</p> 		<ul style="list-style-type: none"> - Sentar as crianças, numa roda, à volta de três arcos; -Explicar as regras do jogo: estão quatro crianças, em pé, á volta dos três arcos e quando o som parar eles terão que saltar para um arco. Quem ficar de fora perde o jogo e escolhe outro colega para jogar. -Chamar quatro crianças para estarem de pé á volta dos arcos; - Tocar um instrumento musical. - Quando o som parar quem ficar de fora dos arcos perde o jogo. 	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão Corporal ✓ Equilíbrio • Orientação espaço-temporal ✓ Noção de tempo ✓ Saber-se situar ✓ Interpretar 		<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador 	

Materiais: 3 arcos, instrumento musical

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

A última área a ser dada nesta manhã, foi o Jogo. Fiz o tradicional jogo das cadeiras, mas com arcos e chamei-lhe “Rãzinhas nos nenúfares”. As crianças eram as rãs e os arcos os nenúfares. Elas divertiram-se muito.

Comentário crítico fundamentado

O jogo seleccionado foi uma adaptação do jogo tradicional – “Jogo das cadeiras”. É um jogo simples em que todas as crianças puderam jogar.

As crianças estavam sentadas em círculo com os arcos no meio da roda. Desta forma, as crianças conseguem ver as reacções umas das outras e acabam por colaborar mais umas com as outras.

Segundo Hohmann et al. (1979, p. 130) “ o tempo de trabalho em círculo é a oportunidade de todas as crianças participarem num grande grupo, partilhando e demonstrando as suas ideias (...). No tempo de trabalho em círculo, a criança pode descobrir que há coisas realmente divertidas que se fazem com outras pessoas e que, como parte de um grande grupo, pode às vezes, ser ela quem dirige e outras vezes ser dirigida”.

Tendo em conta Vayer e Trudelle (1999, p. 100) “ o jogo é uma outra forma de abordar o mundo, a que implica a liberdade e a autonomia em relação ao que é determinado ou em relação às regras sociais”.

Neste jogo, coloquei sempre um arco a menos que o número de crianças, resultou bem e as crianças estavam entusiasmadas. Uma das crianças, tocava a pandeireta e esta tinha autonomia para decidir o tempo de jogo.

Tendo em conta os mesmos autores (Hohmann et al., 1979, p.290) devemos notar que “ o jogo das cadeiras é um bom jogo de correspondência um a um. Com crianças pequenas, é melhor manter o número de cadeiras constante e igual ao número de crianças que entram no jogo, para que, quando a música pára, cada criança encontre um lugar.”

Reflexão

Tendo sido esta a última aula da manhã, posso considerar que foi uma manhã bastante positiva. As aulas correram muito bem e diverti-me muito a dá-las.

Quanto ao jogo, era um jogo já conhecido, o que facilitou. Participei no jogo também, tendo colocado algumas crianças a tocar a pandeireta e a serem elas

próprias a controlar o tempo de jogo. Com este género de jogos as crianças socializam, participam e ganham autonomia.

Para Dohme (2007, p.25) “os jogos contêm desafios que usam habilidades individuais ou conjuntas dos membros de uma equipa para conquistá-los. Neste contexto, a criança exercitará a sua autonomia, pois ela deverá analisar situações, fazer escolhas, tomar decisões”.

Tabela 11 – Plano de aula programada dada no bibe amarelo – 6ª aula

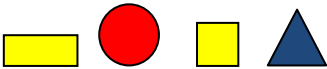
Jardim-Escola

Faixa etária: 3anos (bibe amarelo)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 02/03/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Matemática			
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos	
✓ Conjuntos (blocos lógicos) 		✓ Sentar as crianças no tapete. ✓ Mostrar o diagrama de conjuntos em cartolina duplex. ✓ Colocar no cardinal um algarismo móvel. ✓ Colocar no conjunto o número de elementos correspondente ao algarismo, com os atributos ditados no momento. ✓ Encaminhar as crianças às mesas de modo a preencherem uma proposta de trabalho (anexo)	
Capacidades/Destrezas	Competências		Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio lógico ✓ Organização/informação ✓ Fluidez mental • Orientação espaço-temporal ✓ Saber se situar ✓ Memorização ✓ Capacidade de reconhecer 			<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser organizado ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador

Materiais: Cartolina duplex, números móveis (1 a 10), bostick, proposta de trabalho e cola.

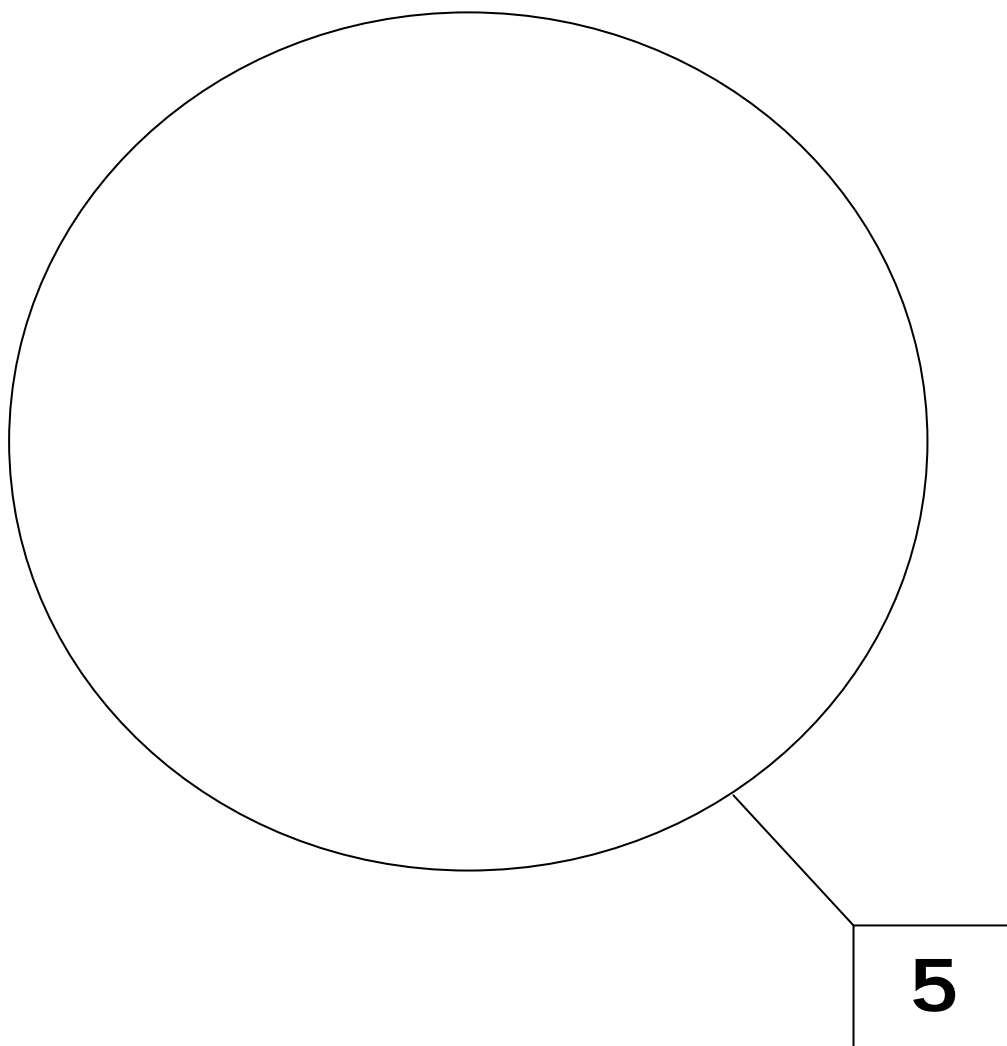
Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Jardim-Escola

Ficha 1

- ✓ Coloca no conjunto o número de elementos correspondente ao algarismo, com os seguintes atributos: forma triangular, tamanho pequeno, fino de espessura e de cor amarela.



Nome.

Data:

Proposta de trabalho realizada por Ana Luísa Oliveira nº2 MEPE

Relato da aula:

Quando iniciei a aula, disse às crianças para se sentarem e fizemos uns exercícios de relaxamento. Mantive-os sentados no tapete e fui buscar uma cartolina-duplex em que estava desenhado um diagrama de Venn. Entretanto apercebi-me que com eles sentados em U nem todos conseguiriam ver o placard e coloquei-os em filas. As crianças nesse momento destabilizaram e não consegui dar a aula visto que não estava a manter a disciplina.

O objectivo da aula seria: uma criança retira um algarismo móvel e coloca no cardinal do diagrama, depois escolheria uma criança e dizia uns determinados atributos para a colarem com as peças dos blocos lógicos dentro da fronteira. Como não estava a correr muito bem acabei por me enervar e transparecer isso para o grupo. Os alunos começaram a ficar desinteressados, e errei na altura em que espalhei as peças dos blocos no chão, porque foram todos buscar peças. O que aumentou a indisciplina.

Decidi levá-los para as mesas para fazerem uma proposta de trabalho que seria igual ao que estariam a fazer no tapete. Nesse momento o tempo da minha aula terminou.

Comentário crítico fundamentado

Devia ter pensado melhor no espaço antes de começar a aula. “Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças possam fazer e aprender. (...) A reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação do espaço e as potencialidades educativas dos materiais permite que a sua organização vá sendo modificada de acordo com as necessidades e evoluções do grupo.” (Ministério da Educação, 1997a, p.37-38) Segundo Zabalza (2001, p.119) “quando planificamos a utilização dos espaços para a nossa aula, temos que ter em conta uma série de princípios de diverso tipo: psicológico (as necessidades das crianças), arquitectónicos, estéticos, de segurança, etc. e naturalmente também de tipo didáctico”

Nabais (s.d., p.3) defende que as crianças devem aprender Matemática a construir. “Construir Matemática concretamente, com materiais concretos e reais”.

Com base nas ideias do autor Cunha e Nascimento (2005) os blocos lógicos favorecem o desenvolvimento de aquisição de conceitos, de manipulação dos materiais, associação de atributos bem como a formação de conjuntos.

Ao efectuar este exercício pretendia que as crianças identificassem o algarismo (**Figura 99**) pedido consoante o atributo estabelecido, tendo como objectivo a interiorização da contagem. Utilizei os algarismos móveis, para Nabais (s.d) este material sendo colorido e resistente é utilizado pela criança para representar quantidades.



Figura 99 – Algarismos móveis

É fundamental que a criança nesta idade consiga memorizar mais que um atributo de uma vez só. Para Hohmann et al. (1979, p.264) “memorizar duas coisas ao mesmo tempo e descrever uma coisa de maneiras diferentes requer processos mentais”. Desta forma a criança aprende a raciocinar e a conseguir discriminar apenas a informação que pretende trabalhar.

Reflexão:

Esta aula não correu de uma forma muito positiva. Inicialmente coloquei as crianças em círculo, mas senti que havia meninos que não estavam a conseguir ver o placard.

Naquele instante decidi colocá-los em filas o que gerou muita confusão. Agravou-se a instabilidade quando pensei que ao iniciar a actividade os meninos iriam prestar atenção. Espalhei as peças dos blocos lógicos no chão para que fosse mais fácil eles visualizarem mas foram todos buscar as peças, sem que lhes dissesse para tal fazerem. Fiz tudo para continuar a tentar manter a disciplina mas não consegui. Esta aula foi, de facto muito complicada. Foi uma aula muito exaustiva quanto à preparação dos materiais, e na elaboração da proposta de trabalho, que lamento não ter sido possível concretizá-la da melhor forma.

O problema da minha aula foi não ter pensado bem como ia colocar o material no decorrer da aula. Hoje não faria da mesma maneira, teria colocado o placard num local bem fixo, sentava as crianças em semi-círculo para que todas vissem. À medida que chamava um menino, ao placard, teria que arranjar estratégias para estimular o resto da turma. Foi pena, porque acho que seria uma aula interessante e principalmente, uma aula de blocos lógicos diferente.

3.3.2 – Planos de aula do bibe encarnado

Bibe Encarnado

Tabela 12 – Plano de aula extra dada no bibe encarnado – 7ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 4anos (bibe encarnado)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 30/03/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número.2

Área: Estimulação à Leitura		
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos	
<p>História sobre a batata</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Contar, no tapete, a história sobre a batata, através de imagens em A3. - Explorar as imagens, tendo em consideração o teor destas. Tal como, a explicação de como se planta batatas. - Acabada a história, falar com as crianças acerca do tema de modo a perceber se interiorizaram a mesma. - De seguida, juntar um grupo de cada vez com 4 crianças e dar oportunidade de carimbarem com a batata. - As restantes crianças ficam nos lugares a fazer um desenho livre. 	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão oral e escrita ✓ Organização/informação ✓ Fluidez mental • Orientação espaço-temporal ✓ Saber-se situar ✓ Memorização ✓ Capacidade de reconhecer 	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser organizado ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador 	

Materiais: História em folhas A3, tintas e batatas

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Como se estava a dar o tema de frutos e legumes, propus contar uma história sobre a batata, através de imagens A3. A história explicava como plantar uma batata e qual a melhor altura da apanha da mesma (**Figura 100**).



Figura 100 – Desenho da história – Quando se deve apanhar a batata

De seguida, passei pelos meninos uma batata com casca, para que pudessem mexer e cheirar.

Posteriormente, fizeram carimbos de batata. Enquanto um pequeno grupo de crianças fazia a carimbagem os outros meninos faziam um desenho sobre a história.

Comentário crítico fundamentado

O objectivo desta aula recaiu sobre o facto de estar a ser abordado nesta altura os alimentos, assim ao contar esta história as crianças perceberiam qual o processo pelo qual passa a batata desde que é plantada a semente até à sua apanha. No final, foram feitas algumas perguntas de interpretação com vista a perceber se os conhecimentos tinham sido interiorizados. Terminada a história passei uma batata pelas crianças, para que estas pudessem tacteá-la e cheirá-la. Acho que é muito importante a criança vivenciar as situações. A criança aprende quando vê, mexe e cheira.

Segundo Vayer e Trudelle (1999,p. 35) “ a criança aprende por si própria através das suas acções e interacção com o ambiente imediato”.

Terminada a actividade propus que as crianças fizessem carimbagem da batata. A expressão plástica permite que a criança seja criativa e critica quanto aos seus trabalhos. As crianças tiveram oportunidade de escolher as cores com que queriam carimbar bem como o carimbo (desenho da batata), visto que havia carimbos de batata com diversas formas.

Enquanto um pequeno grupo estava a fazer a carimbagem, as restantes crianças estavam nos seus lugares a elaborar um desenho livre. Tendo em conta Rodrigues (2002,p.14), “a educação artística nas escolas deve permitir que criança se exprima livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias e emoções.” A criança deve poder expressar o que está a sentir e o que está a vivenciar naquele momento, até porque muitos meninos fizeram o desenho relativo à história contada anteriormente.

Vayer, Maigre e Coelho. (2003, p. 98) refere que “ a actividade gráfica e o desenho...são em primeiro lugar experiências. Implicam uma situação estável.”

Reflexão

Esta aula foi dada como aula extra. Utilizei o tema da batata visto que nesta altura a temática que estava a ser dada era a alimentação. O objectivo era que as crianças percebam como se semeia uma batata e como ela se desenvolve.

No final tiveram a oportunidade de mexer e cheirar uma batata com casca. Penso que foi uma aula interessante até porque as crianças estavam entusiasmadas. Quanto à actividade seguinte, foi de carimbagem da batata. As crianças também gostaram muito de efectuar os trabalhos, visto que utilizavam as cores que queriam e carimbavam livremente na folha.


As críticas que tive foram relacionadas com o tamanho das imagens, porque eu desenhei em folhas de tamanho A3, mas em algumas imagens dividi a folha ao meio, o que fez com que os desenhos ficassem em tamanho A4.

Tabela 13 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 8ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 4anos (bibe encarnado A)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 15/04/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Conhecimento do Mundo	
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos
<p>Roda dos Alimentos</p> 	<ul style="list-style-type: none"> - Com as crianças sentadas em U, explicar como se divide a roda dos alimentos bem como as proporções necessárias para uma alimentação saudável. - Mostrar a Roda dos alimentos que está exposta na sala de modo a que percebam melhor quais os alimentos que estão em cada sector. - Colocar com a ajuda das crianças os alimentos que faltam na roda (cartolina). - Dar exemplos reais do tipo de alimentação que as crianças fazem. - Explicar que vão para a mesa, fazer uma proposta de trabalho em que terão que pintar os alimentos correctos a uma alimentação saudável e fazer uma cruz sobre os que não pertencem a uma alimentação saudável.
Capacidades/Destrezas	Competências
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão do Oral ✓ Fluidez mental ✓ Organizar informação • Orientação espaço-temporal ✓ Interpretar ✓ Relacionar 	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador

Materiais: imagem da Roda dos Alimentos, proposta de trabalho (anexo), lápis de cor

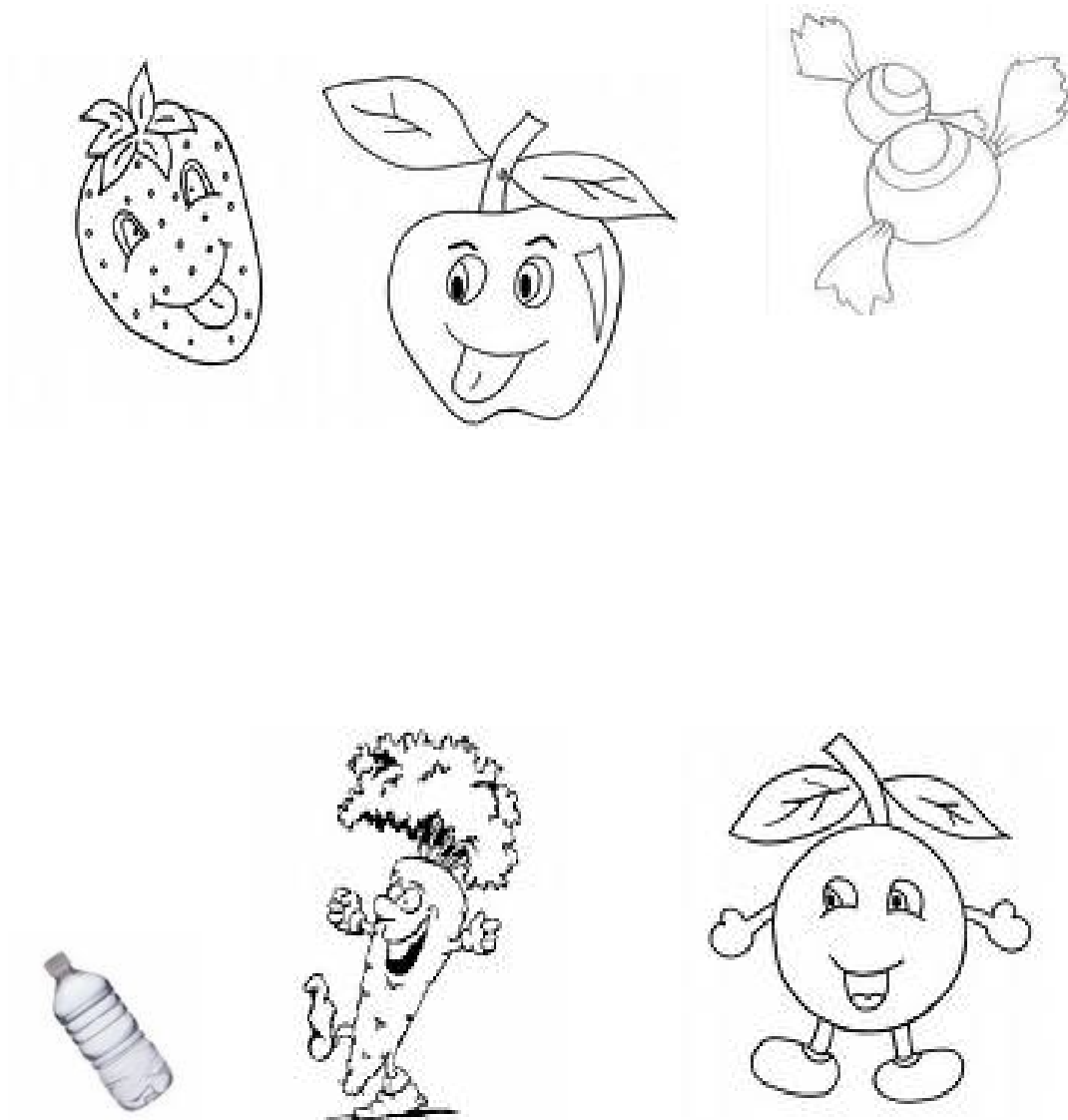
Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Jardim-Escola

Bibe encarnado A

- ✓ Pinta os alimentos que fazem parte da roda dos alimentos.



Nome:

Data:

Proposta de trabalho realizada por Ana Luísa Oliveira nº2 MPE

Relato da aula:

Propus à educadora dar esta aula com a finalidade de obter mais experiência. Afixei a roda dos alimentos no quadro (**Figura 101**) e expliquei a diferença entre os tamanhos dos sectores.

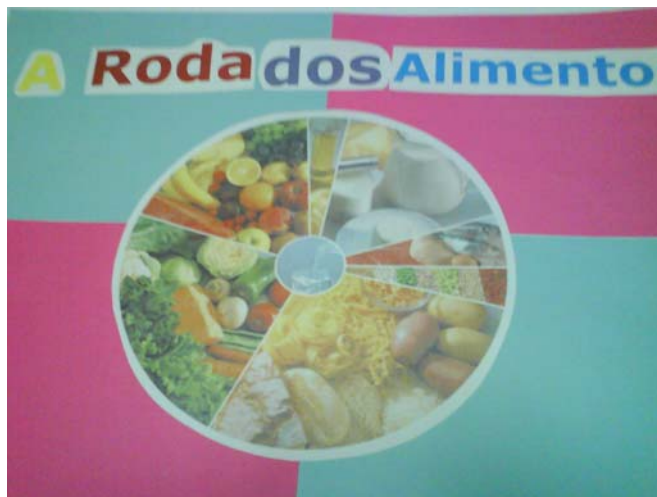


Figura 101 - Roda dos alimentos

De seguida, tinha outra roda dos alimentos, (**Figura 102**) que tinha apenas um alimento por sector. contei uma história, em que tinha conhecido um cozinheiro e que ele tinha uma grande dificuldade em perceber quais os alimentos que pertenciam a cada sector então decidi pedir ajuda aos meninos do bibe encarnado.

Tinha as imagens dos alimentos, mas em desenho “animado” e eles teriam que colocar no respectivo sector. Podiam sempre consultar a roda anteriormente mostrada.



Figura 102 – Roda dos alimentos por preencher

As crianças estavam interessadas e todos queriam participar.

Comentário crítico fundamentado

Na realidade achei fundamental dar esta aula (**Figura 103**), visto que, a roda dos alimentos está em constantes alterações, e as crianças devem ter presente na sua vida o que consta na roda para terem uma alimentação saudável. A roda dos alimentos deixou de se dividir em apenas 5 grupos passando a 7, estando a água a ocupar o lugar do meio, visto ser imprescindível à vida. Os grupos têm tamanhos diferentes porque devem ser consumidos em diferentes proporções diariamente.

(<http://www.confagri.pt/PoliticaAgricola/Temas/SegurancaAlimentar/Documentos/doc37.htm>)

Nesta aula, as crianças faziam a actividade através da tentativa e erro, podendo sempre recorrer à roda dos alimentos completa.

Vayer e Trudelle (1999, p.35) referem que “é o processo de tentativa e erro que lhe permite transformar em capacidades o que no início da vida não eram senão possibilidades”.

Após a actividade, as crianças foram para as mesas elaborar uma proposta de trabalho. O trabalho nas mesas é fundamental para além de estarem a consolidar os conhecimentos na opinião dos autores Vayer et al. (2003, p.98) “ A mesa permite concretizar o agrupamento”. Deste modo, as crianças aprendem a partilhar os lápis e socializam-se com o grupo.



Figura 103 – Eu a dar a aula sobre a roda dos alimentos

Reflexão:

Esta aula foi das mais gratificantes que dei. Gostei especialmente desta aula porque achei que os materiais que elaborei, estavam criativos. A educadora colocou algumas críticas entre as quais:

- Tamanho das imagens muito pequenas, se voltar a repetir fazer em maiores dimensões.
- Devia ter explorado mais a roda dos alimentos, visto ter sido a primeira aula que tiveram deste tema.

Tabela 14 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 9ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 4anos (bibe encarnado)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 20/04/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Estimulação à Leitura		
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos
<ul style="list-style-type: none"> História “Ruca não quer comer” As refeições 		<ul style="list-style-type: none"> - Sentar as crianças em U; - Contar a história “Ruca não quer comer”. - Explicar as três refeições principais – pequeno-almoço, almoço e jantar, referindo o que devemos comer em cada refeição. - De seguida, fazer uma roda com as crianças e distribuir um cartão com uma fita (para pendurarem ao pescoço) com a imagem dos alimentos. - À medida que eu vou dizendo os alimentos, a criança coloca-se de pé e a junção desses alimentos dará origem a refeições.
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Expressão oral e escrita ✓ Organização/informação ✓ Fluidez mental • Orientação espaço-temporal ✓ Saber-se situar ✓ Memorização ✓ Capacidade de reconhecer 		<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser organizado ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador

Materiais: história em folhas A3, cartões com as imagens dos alimentos da Roda dos Alimentos

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Às 10h50 iniciei a minha aula de Estimulação à Leitura.

Comecei por sentar os meninos no chão, em filas e contei a história do “Ruca não quer comer” (Figura 104).



Figura 104 – Livro “ O Ruca não quer comer”

Depois de contar a história distribuí pelas crianças uma imagem, de um alimento, agarrada a um cordel para colocarem ao pescoço. O objectivo era formarem refeições saudáveis.

Como demorei muito tempo a distribuir os alimentos pelas crianças já não tive tempo de fazer a actividade proposta.

Comentário crítico fundamentado

Tal como já foi fundamentado anteriormente, a leitura da história é deveras importante para a criança e é fundamental que estas sejam feitas num tamanho grande para “prender” a atenção da criança. Segundo Agüera (2008, p.34) devemos “procurar contos breves e com personagens com as quais as crianças se sintam identificadas, ou em que identifiquem amigos ou membros da família.” A personagem Ruca é, nesta fase, uma grande influência para as crianças, daí que elas tenham estado com muita atenção à história.

Como estava a ser dado o tema da alimentação, expliquei as três refeições mais importantes do dia (pequeno-almoço, almoço e jantar), embora na reunião de supervisão tenha sido focado que não são apenas três refeições importantes mas sim cinco. O pequeno-almoço, o almoço, o lanche, o jantar e a ceia.

Expliquei que o **pequeno-almoço** era a refeição mais importante visto que estamos um longo período (noite) sem comer.

O **almoço** é a segunda refeição do dia, costuma ser por volta do meio-dia e normalmente consta de um prato de sopa, um prato principal e a sobremesa.

O **lanche** serve para saciar temporariamente a fome de uma pessoa. O **jantar** é a refeição da noite, que é parecido com o almoço e por fim, a **ceia**, esta toma-se antes de deitar para que o corpo não fique tantas horas sem alimento, as crianças geralmente bebem um copo de leite.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Refei%C3%A7%C3%A3o>

Devia ter tido mais cuidado com a gestão do tempo e do espaço pois “a distribuição do tempo relaciona-se com a organização do espaço. A utilização do tempo depende das experiências e oportunidades educativas proporcionadas pelos espaços. O tempo, o espaço e a sua articulação deverão adequar-se às características do grupo e necessidades da criança.” (Ministério da Educação, 1997a, p.40)

Reflexão:

O livro “O Ruca não quer comer” deu-me algum trabalho a elaborar visto que o aumentei para tamanho A3,colando e plastificando cada imagem. Ficou um livro muito giro porque tinha umas imagens muito boas e com muita cor. De tanto trabalhar o livro em casa acabei por ter a história bem decorada. Consegui contá-la com alguma agilidade o que me deixou bastante satisfeita. Surgiu-me a ideia de, através de imagens as crianças formarem refeições. Hoje, já não faria a mesma estratégia visto que não consegui dar essa actividade. Fiz uma má gestão de tempo. Se fosse hoje, provavelmente, poderia fazer a mesma actividade mas já não recorria ao cordel, para as crianças colocarem a imagem ao pescoço. Poderia apenas dar a imagem para a mão. De qualquer maneira seria uma actividade para ter a duração de 20 min e não como complemento a uma Estimulação à Leitura.

Tabela 15 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 10ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 4anos (bibe encarnado A)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 06/05/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Estimulação à Leitura		
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos	
Leitura de história “Vamos todos viajar”	<p>- Com as crianças sentadas em U, mostrar imagens em cartolina, de forma sequenciada, com a finalidade de contar a história “Vamos todos viajar”.</p> <p>- Conversar com eles sobre os meios de transportes, perguntando pelas vivências das crianças ao nível dos meios de transporte que já utilizaram.</p>	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão do Oral ✓ Fluidez mental ✓ Organizar informação • Orientação espaço-temporal ✓ Interpretar ✓ Relacionar 	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Criatividade ✓ Ser observador ✓ Ter imaginação 	

Materiais: Imagens da história “vamos todos viajar” em tamanho A3

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Iniciei a aula dando Estimulação à Leitura sob o tema dos Transporte. contei a história “Vamos todos viajar”. Como a história era muito grande, eu elaborei história através de imagens em cartolina (**Figura 105 e 106**) em que mostrava todos os transportes. Apesar da participação das crianças não consegui que fosse uma história com introdução, desenvolvimento e conclusão.



Figura 105 – Imagem de livro “Vamos todos viajar I”



Figura 106 – Imagem do livro “Vamos todos viajar II”

Comentário crítico fundamentado

Tal como já referi anteriormente a história foi elaborada com imagens em tamanho A3 para que as crianças visualizassem melhor as imagens. Não foi uma aula positiva porque não consegui fazer uma história com introdução, desenvolvimento e conclusão. As crianças geralmente anseiam o final da história e isso não aconteceu, tal como Agüera (2008, p.34) refere, o educador deve “ter a habilidade para que o final do conto seja surpreendente, mas do agrado das crianças, isto é, que de algum modo coincida com o que possam esperar”.

No final, conversámos sobre os meios de transporte e tentei perceber em que quais deles as crianças já tinham andado. Foi muito interessante porque acho fundamental ouvir as crianças e que estas partilhem as suas experiências.

“A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar”. (Ministério da Educação, 1997a, p.67)

Reflexão

A razão que levou a que não fosse uma aula positiva foi o facto de eu ter retirado apenas imagens do livro de histórias, de modo a encurtá-la. Como nas vésperas da aula demorei muito tempo a colar as imagens e a plastificá-las não tive tempo de inventar uma história, pensando que o conseguiria fazer quando fosse dar a aula. Aprendi que quando vamos dar uma aula não podemos ir a pensar que as coisas nos vão ocorrer naquele momento. Devemos preparar sempre muito bem as aulas.

Tabela 16 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 11ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 4anos (bibe encarnado A)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 06/05/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Conhecimento do Mundo		
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos
Os transportes		<ul style="list-style-type: none"> - Com as crianças sentadas nas cadeiras, explicar a diferença entre os transportes aéreos, marítimos e terrestres. - Mostrar três cartolinas em que estará desenhado respectivamente, uma cidade, um céu e um mar. - Distribuir de forma aleatória por algumas crianças imagens de transportes de modo a que os coloquem na cartolina correcta. - Explicar a proposta de trabalho que consiste em fazer correspondência entre o transporte e o local onde este se desloca. (anexo)
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão do Oral ✓ Fluidez mental ✓ Organizar informação • Orientação espaço-temporal ✓ Interpretar ✓ Relacionar 		<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador

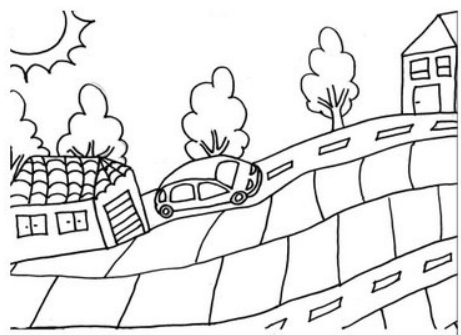
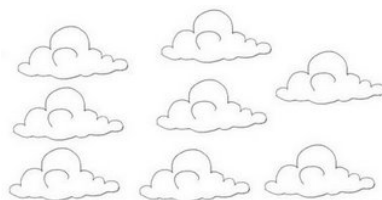
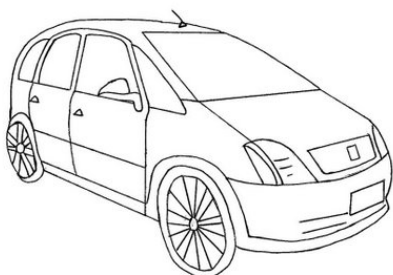
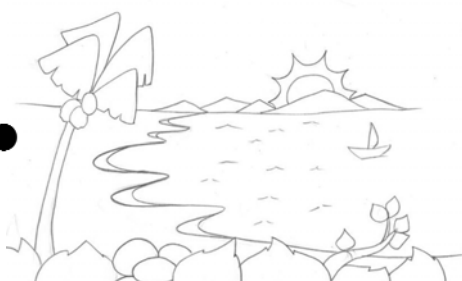
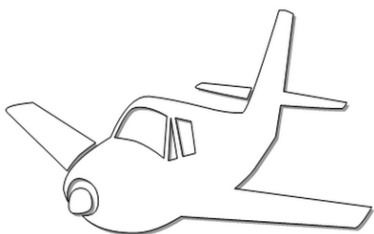
Materiais: três cartolinas, imagens de transportes e proposta de trabalho.

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Jardim-Escola

- 1- Faz a correspondência.
- 2- Pinta a teu gosto.



Nome:

Data:

Proposta de trabalho realizada por Ana Luísa Oliveira nº2 MEPE

Relato da aula:

Dei a aula de Conhecimento do Mundo sobre os meios de transporte. Coloquei no quadro três cartolinas (uma com o desenho de um céu, outra com o desenho de uma cidade e outra com o mar (**Figura 107**)). As crianças teriam que colocar as imagens nos locais adequados, após a explicação de cada um dos meios de transporte.



Figura 107 – Três cartolinas - Para correspondência entre o transporte e o meio em que circulam.

No final, falámos sobre as vivências de cada um em que as crianças tinham que dizer os meios de transporte em que já andaram.

Terminada a actividade, as crianças foram para as mesas e fizeram uma proposta de trabalho: Tinham que fazer a correspondência entre o transporte e o meio em que estes circulam.

Comentário crítico

Como na aula anterior tínhamos tratado do tema dos transportes, nesta aula seria para colocar em prática os conhecimentos adquiridos. De seguida, mostrei as cartolinas com uma cidade, um céu e o mar. As crianças retiravam uma imagem de um transporte e colocavam na cartolina certa. Desta forma trabalhava-se a memória e a criança teria que conseguir interpretar as imagens e relacioná-las com a cartolina.

Reflexão:

Gostei desta aula. As crianças estavam atentas e todas queriam participar. Gostaram imenso da actividade visto que eram elas a ir colocar a imagem na cartolina e assim brincavam um pouco com as imagens. Por exemplo: colocavam dois aviões virados um para o outro como se fossem chocar, entre outras brincadeiras.

Fui criticada por não fazer exercícios de relaxamento de uma actividade para a outra, visto que seriam as duas dadas no mesmo espaço.

Tabela 17 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 12ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 4anos (bibe encarnado A)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 06/05/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Jogo			
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos	
Jogo dos transportes		<ul style="list-style-type: none"> - Fazer grupos de 2/3 crianças no chão, de modo a que montem um puzzle, no material esponja, relativo a um meio de transporte. - Depois de cada grupo ter o seu puzzle completo, vamos unir todos os puzzles dando origem a um tapete. - As crianças sentam-se à volta do tapete, e uma das crianças levará os olhos vendados. Ao som de palmas ou de uma música cantada a criança anda sobre o tapete, quando o som parar terá que parar também. - Retira-se a venda dos olhos, o quadrado que a criança estiver a pisar terá que ser identificado bem como dizer qual o tipo de transporte: aéreo, terrestre ou marítimo. 	
Capacidades/Destrezas	Competências		Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão Corporal ✓ Equilíbrio • Orientação espaço-temporal ✓ Noção de tempo ✓ Saber se situar ✓ Interpretar 	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Criatividade ✓ Ser observador ✓ Ter imaginação ✓ 		

Materiais: puzzle em esponja.

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Encaminhei as crianças para o ginásio para fazer um jogo. Dividi a turma em 6 grupos. Cada grupo teria que montar um puzzle em esponja (cada quadrado tinha uma figura de um transporte desmontável (**Figura 108**)), de seguida fizemos uma roda com os meninos sentados no chão e juntámos os quadrados todos ficando com a forma de um tapete (**Figura 109**).



Figura 108 – Puzzle em esponja

Depois, eu chamava um menino de cada vez e vendava-lhe os olhos, as outras crianças batiam palmas enquanto a que tinha os olhos vendados rodava. No quadrado em que calhasse, após as palmas, retirava-se a venda e a criança tinha que dizer qual o meio de transporte (aéreo, terrestre ou marítimo).



Figura 109 – Puzzle dos transportes

Correu muito bem o jogo, porque eles nunca tinham jogado assim e adoraram.

Comentário crítico fundamentado

Este jogo pressupunha que as crianças trabalhassem a motricidade fina ao conseguirem montar o puzzle. Tendo em consideração Hohmann et al. (1979, p.297) “durante os anos pré-escolares, as crianças têm cada vez mais consciência das relações espaciais dos objectos e são cada vez mais capazes de encaixar coisas e separá-las. Uma criança de três ou quatro anos (...) faz puzzles (...) e nesse processo, faz algumas descobertas funcionais (...) há coisas que têm de ser cuidadosamente alinhadas para caberem no seu recipiente; cada peça do puzzle encaixa no seu sítio próprio.”

No final do cada puzzle estar montado, algumas crianças montaram o tapete. Este tipo de jogos ajudam a que a criança aprenda a respeitar os colegas e a socializarem-se em grande grupo.

O jogo tinha a finalidade de consolidar os conhecimentos previamente trabalhados. A criança estaria de olhos vendados e teria que andar sobre o tapete enquanto os colegas batiam palmas. Quando o som parava a criança destapava os olhos e teria que dizer qual o meio de transporte em que estava a pisar. Segundo Hohmann et al. (1979, p. 328) “podem fazer-se muitos dos jogos de parar e começar com instrumentos musicais. As crianças podem liderar à vez, fazendo os próprios sinais para indicarem quando é que os jogadores devem começar a tocar e quando é que devem parar”.

Reflexão:

Este jogo deu para ver que nem sempre as crianças conseguem trabalhar em grupo. Na fase de montar o puzzle havia um grupo de 3/4 crianças por quadrado e algumas crianças não deixavam os colegas ajudar no seu encaixe. Na fase seguinte do jogo, as crianças estavam muito entusiasmadas. O jogo correu muito bem.

Tabela 18 – Plano de aula programada dada no bibe encarnado – 13ª aula**Faixa etária:** 4anos (bibe encarnado A)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 13/05/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Expressão e comunicação: domínio da Matemática			
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sólido geométrico: paralelepípedo As faces do paralelepípedo têm a forma de rectângulo e são iguais duas a duas (4ºDom de Froebel) ✓ Cálculos mentais ✓ Cálculos de subtracção no quadro 		<ul style="list-style-type: none"> - Distribuir uma caixa do IV Dom de Froebel por cada criança; - Explicar como se procede a abertura da caixa, bem como uma revisão do sólido geométrico (paralelepípedo) - Contar a lenga-lenga “8 soldadinhos”, começando por pedir que façam a construção dos soldados. - Estimular o cálculo mental, através da lenga-lenga visto que se vai retirar sempre um soldadinho, elaborando algumas situações problemáticas e cálculos de subtracção através dos algarismos móveis. - No final fazer a construção da cama visto que a lenga-lenga termina dizendo que o último soldadinho se deitou cansado. Fazer mais uns cálculos mentais. - Acabada a aula procede-se à arrumação do material. 	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio lógico-matemático ✓ Fluidez mental ✓ Interpretar • Orientação espaço-temporal ✓ Memorização ✓ Relacionar 		<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser organizado ✓ Ser esforçado 	

Materiais: Caixas de 4º Dom de Froebel, imagens de soldadinhos, algarismos móveis

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Neste dia, dei a aula programada de Matemática em que trabalhei o IV Dom de Froebel. Comecei a aula falando que íamos fazer a construção dos soldados (**Figura 110**). Contava uma lengalenga (**Figura 111**) e à medida que a ia contando as crianças iam retirando as peças, tal como acontecia na lenga-lenga.

Houve alguma confusão porque nós (alunas) aprendemos a fazer a construção de maneira diferente do que aquela que a educadora ensinou aos meninos. Os alunos não perceberam bem o que estavam a fazer e eu demorei muito tempo a ajudar na construção, não tendo conseguido fazer a outra construção que tinha colocado na planificação. A construção que ficou em falta foi a “cama” também com o IV Dom de Froebel, visto que o último soldado se tinha deitado cansado, era uma boa construção para fazer no seguimento da lenga-lenga.



Figura 110 – Aula de IV Dom de Froebel

<p>Os oito soldados</p> <p>Os 8 soldados Seguiram o cadete Fugiu 1 para casa Só ficaram 7.</p> <p>Os 7 soldados Foram apaular papéis 1 picou o pé Só ficaram 6.</p> <p>Os 6 soldados Acharam uns brincos 1 foi ao ourives Só ficaram 5.</p> <p>Os 5 soldados Perderam um sapato 1 foi procurá-lo Só ficaram 4.</p>		<p>Os 4 soldados Foram lavar os pés Caiu um ao rio Só ficaram 3.</p> <p>Os 3 soldados Foram passear os bois 1 fugiu com medo Só ficaram 2.</p> <p>Dos 2 soldados 1 era tambor e fez trum trum trum.</p> <p>Deitou-se 1 cansado não ficou nenhum.</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Figura 111 – Lenga-lenga – Os 8 soldados

Comentário crítico fundamentado

Cada criança tinha uma caixa de IV Dom de Froebel. Segundo Prestes (1896) o material utilizado no jardim-de-infância deve ser considerado como um instrumento pelo qual se possa interpretar o mundo exterior e como meio de uma actividade espontânea. Prestes (1896,p.33) explica que “o IV Dom de Froebel tem a forma de paralelepípedos, cujo comprimento corresponde a duas vezes a largura e quatro vezes a altura. Estas dimensões guardam entre si as mesmas proporções que as dos tijolos comuns, e, por isso, já se têm dado a estas partes do quarto dom a denominação de tijolos. Esta forma faz com que a criança compreenda mais distintamente a significação dos termos horizontal e perpendicular”.

A criança com este material tem a possibilidade de manipular e de ser criativa. À medida que ia contando a lenga-lenga apresentava alguns cálculos para que as crianças fizessem mentalmente. Desse modo, fazia também algumas situações problemáticas.

Mais uma vez houve uma má gestão de tempo não tendo sido possível fazer a segunda construção.

Reflexão:

Esta aula iniciou-se com um pouco de indisciplina. Neste dia as crianças estavam um pouco agitadas e não foi fácil iniciar a aula. Depois de 5 minutos da aula ter começado, passaram pelo salão quase todas as crianças da escola, o que perturbou a aula.

No final, ao falar com a educadora percebi que as crianças perderam o interesse visto que estas tinham aprendido a fazer a construção dos soldados de uma forma diferente à que eu estava a fazer (o que nos foi ensinado).

3.3.3 – Planos de aula do Bibe Azul

Bibe
Azul

Tabela 19 – Plano de aula programada dada no bibe azul – 14ª aula


Jardim-Escola

Faixa etária: 5anos (bibe Azul A)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 3/06/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Conhecimento do Mundo		
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> Reciclagem - Política dos 4 R's Ecopontos 	<ul style="list-style-type: none"> - Organizar o espaço da sala, inicialmente com as crianças nas mesas, entrar na sala vestida de homem e fazer um pequeno diálogo acerca da reciclagem. - Explicar o que é a política dos 4 R's e fazer uma revisão sobre as cores dos ecopontos; - Encaminhar as crianças para as almofadas; - Fazer a separação do lixo, que vão num saco misturado, em ecopontos de cartolina; - Distribuir, por cada criança, um separador de livros relativo aos ecopontos. 	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Expressão do Oral ✓ Fluidez mental ✓ Organizar informação Orientação espaço-temporal ✓ Interpretar ✓ Relacionar 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador 	

Materiais: saco com "lixo", ecopontos em cartolina, separadores de livros

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato de aula:

Às 10h começou a minha aula de Conhecimento do Mundo. Eu tinha combinado com a colega anterior, que fizesse um pouco de surpresa com a pessoa que ia entrar na sala. As crianças estavam sentadas nos seus lugares, quando eu entrei na sala vestida de “homem do lixo”. Fiz um pouco de teatro e expliquei que ia dar uma aula sobre a reciclagem. Expliquei os 4 R's, reduzir, reutilizar, reciclar e recuperar. Disse também o que devíamos fazer para reciclar, bem como os seus benefícios.

O outro momento da aula era mais prático, encaminhei as crianças para o chão e coloquei em cima da mesa 3 ecopontos (**Figura 112**). Chamei três crianças para que fossem os chefes de cada ecoponto, isto é, quando a criança ia colocar o lixo no ecoponto o chefe teria que verificar se estava correcto ou não.



Figura 112 - Ecopontos

Dei embalagens vazias às crianças e elas iam colocando nos respectivos ecopontos. As crianças gostaram muito da actividade.

No final distribuí um separador de livros a cada criança, com a imagem dos ecopontos.

Comentário crítico fundamentado

Esta aula iniciou-se com uma pequena dramatização. Em que ia vestida de homem do lixo (**Figura 113**).



Figura 113 – Eu, vestida de homem do lixo

Expliquei o quão é importante reciclarmos e como o devemos fazer. Expliquei também a política dos 4 R's. As crianças repetiram várias vezes os termos: Reduzir, Reutilizar, Reciclar e Recuperar. Mais tarde, escrevi as palavras no quadro para que as pudessem visualizar.

É muito importante que as crianças tenham noção que devemos preservar o meio ambiente, segundo Almeida (2002, p.20) “a educação ambiental é definida como um processo de formação contínua, onde os conhecimentos, competências e motivações conduzem a um sentido de participação e empenho capaz de contribuir para a resolução dos graves e complexos problemas de um mundo em rápida transformação, no sentido de defender, preservar e melhorar a qualidade ambiental.” A minha actividade seguinte foi colocar em prática o que tinha sido abordado. É fazendo que as crianças aprendem por isso, coloquei os 3 ecopontos e as crianças teriam que ir distribuir o “lixo” pelos ecopontos correctos.

Reflexão:

Gostei bastante desta aula. As crianças gostaram muito da segunda parte da aula. Chamaram-me a atenção pelo facto de não ter levado imagens, ou mesmo um PowerPoint, para ilustrar palavras como “aterro sanitário”. Desta forma teria ficado mais explícito para as crianças se pudessem ter visto um exemplo. Ao visualizarem acabam por conseguir interiorizar melhor.

O que também foi focado na reunião é que não deveria ter ido vestida de homem do lixo, mas sim de mulher do lixo porque poderia querer passar para as crianças a ideia de que só os homens trabalham no lixo. Não foi essa a minha intenção, as crianças adoraram a minha caracterização e eu também.

Tabela 20 – Plano de aula programada dada no bibe azul – 15ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 5anos (bibe Azul A)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 26/06/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Estimulação á leitura		
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos
<ul style="list-style-type: none"> História “ Ana Gotinha de Água” 		<ul style="list-style-type: none"> - Com as crianças sentadas em U nas almofadas, fazer suspense com a entrada vestida de Gota de água. - Contar a história através de um livro com imagens A3. - Fazer perguntas de interpretação do texto. - Solicitar a leitura de algumas palavras/frases durante a leitura da história.
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio ✓ Interpretar • Classificação ✓ Observar ✓ Vocabulário 		<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador

Materiais: imagens A3 da história “ Ana Gotinha de água”, roupa de gotinha

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Iniciei a aula dando Estimulação à Leitura, com um livro em A3 com a história “Ana Gotinha de Água” (**Figura 114**).



Figura 114 – Capa do livro “Ana Gotinha de Água”

Disse aos meninos para se sentarem nas almofadas e disse-lhes que tinha que ir chamar alguém lá fora. Eles ficaram muito calados e eu fui vestir um fato de gota de água. Eles adoraram encenação porque para além da história ter o meu nome, eu ia vestida daquela forma. contei a história, fiz inflexões de voz e intercalei com frases para as crianças lerem. Levava escrito numa cartolina: “Lago da Verdade” e “A água da Terra deve ser Protegida”, para que as crianças lessem fazendo as correções adequadas no momento certo.

Comentário crítico fundamentado

À medida que ia contando a história fazia algumas perguntas de interpretação bem como a solicitação para a leitura de algumas palavras e frases durante a mesma. Esta história não tinha legendas, mas coloquei numa cartolina uma frase: “A água da Terra precisa de ser protegida” e “Lago da Verdade” para que as crianças lessem através da Cartilha Maternal.

Segundo Deus, (1876 como citado em Ruivo 2009, p.114) “A cartilha Maternal “não apresenta os 6 ou 8 abecedários do costume, senão um, do tipo mais frequente, e não todo, mas por partes, indo logo combinando esses elementos conhecidos em palavras que se digam, que se ouçam, que se entendam, que se expliquem, de modo que, em vez do principiante apurar a paciência numa repetição néscia, se familiarize com as letras e os seus valores na leitura animada de palavras inteligíveis”

Tendo em conta Ruivo (2009, p. 114) “Com o método a criança familiariza-se com as letras e os seus valores fonéticos pois já no seu tempo João de Deus evidenciava a relação estreita entre o domínio da linguagem e o da leitura/ escrita.

Com a Cartilha Maternal, João de Deus deu às crianças do país uma hipótese de serem cidadãos mais respeitados e capazes de lutarem pelos seus interesses e de intervirem na sociedade em que estavam inseridos.

João de Deus valorizou os aspectos visuais apresentando as palavras segmentadas por sílabas recorrendo aos tons preto/cinza. O recurso a estruturas gráficas artificiais, indicando a divisão da palavra em sílabas gráficas, permite obter a decomposição das palavras sem quebrar a unidade gráfica (e sonora) das mesmas. A metodologia de João de Deus recusa-se a tratar as sílabas independentemente das palavras em que estão inseridas.”

Reflexão:

Adorei dar esta aula, estava bastante à vontade com a história, talvez por ter sido eu a desenhá-la e adaptá-la a esta idade. Consegui fazer inflexões de voz e dramatizar algumas cenas. As crianças estavam de tal maneira “presas” à história que por vezes queriam antecipar o final.

O método de leitura é muito bom, consegui, através das regras, ajudar a ler algumas palavras quando as crianças se enganavam.

Tabela 21 – Plano de aula programada dada no bibe azul – 16ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 5anos (bibe Azul A)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 26/06/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Conhecimento do Mundo			
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Ciclo da água 		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Organizar o espaço da sala, com as crianças nas mesas explicar a importância e rever o ciclo da água. ✓ Explicar o ciclo da água, as crianças irão preencher uma cartolina com os elementos fundamentais do ciclo. Rever os fenómenos de evaporação, condensação, solidificação e precipitação. 	
Capacidades/Destrezas	Competências		Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Classificação ✓ Observar ✓ Identificar • Orientação espaço-temporal ✓ Interpretar ✓ Relacionar 			<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador

Materiais: Cartolina duplex, elementos do ciclo da água no material Eva

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Mostrei um saco preto grande e tentei que as crianças adivinhassem o que estava lá dentro. Como não adivinhavam tirei uma cartolina duplex em branco e expliquei-lhes que eu queria dar-lhes uma aula sobre o ciclo da água (área de Conhecimento do Mundo) mas o cartaz tinha-se estragado, então teriam que ser os meninos a construí-lo. Eu levava o ciclo da água feito em musgami, mas em partes, eles é que iam colar as peças na cartolina. E ao mesmo tempo que iam colocando as peças do ciclo (**Figura 115**) íamos revendo os estados da água, bem como os fenómenos pelos quais a água passa, tal como: a solidificação, condensação, evaporação e fusão.

Fui sempre ajudando na elaboração do placard (**Figura 116**) e no final foram colocados os nomes dos estados pelas quais a água passa.



Figura 115 – Ciclo da água

Terminado o placard expliquei o ciclo da água revendo os fenómenos de evaporação, condensação, solidificação e precipitação



Figura 116 – Elaboração do placard do ciclo da água

Fui perguntando várias vezes os quatro fenómenos para que ficasse bem consolidada a matéria.

Comentário crítico

Optei por utilizar esta estratégia, visto que as crianças já tinham dado várias vezes o ciclo da água. Desta forma, seria uma recapitulação do tema. Foi uma forma abstracta de trabalhar o tema, visto que as crianças teriam que perceber aos poucos em que se ia colocando as figuras como iria ficar o ciclo. Desta forma, trabalhou-se a memorização e o pensamento abstracto.

Reflexão:

Desta manhã de aulas esta foi aquela em que senti mais dificuldade embora tentasse não demonstrar. As crianças colaboraram e eu fazia tudo para ir colocando questões a todas para que não houvesse indisciplina na sala de aula. Foi uma forma diferente de trabalhar o ciclo da água e por isso penso que foi positivo.

Tabela 22 – Plano de aula programada dada no bibe azul – 17ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 5anos (bibe Azul A)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 26/06/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Jogo	
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos
Jogo de tabuleiro “Jogo da água” <ul style="list-style-type: none"> Ciclo da água 	<ul style="list-style-type: none"> Organizar o espaço da sala, com as crianças sentadas em roda. Dividir a turma em três equipas (verde, azul e amarela), distribuir uma gotinha de água em cartolina de cores por cada criança. Colocar no meio o jogo de tabuleiro em tamanho gigante. Explicar as regras de jogo. Estas consistem em rodar o dado, e consoante o número que calhar colocar a gotinha nessa casa. No percurso de jogo, irá haver casas da sorte e do azar, em que a criança terá que responder a questões ou retroceder casas respectivamente. As questões colocadas serão relacionadas com o tema abordado na aula anterior, ciclo da água bem como da história “Ana gotinha de água”. A primeira equipa a terminar o percurso ganha o jogo.
Capacidades/Destrezas	Competências
<ul style="list-style-type: none"> Classificação ✓ Observar ✓ Identificar Socialização ✓ Conviver ✓ Dialogar 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador

Materiais: jogo de tabuleiro em tamanho grande, dado gigante em peluche

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Às 11h30 disse aos meninos para se sentarem em roda no chão. No meio deles coloquei um jogo de tabuleiro feito em cartolina duplex. Era o “jogo da água” (**Figura 117**), este funcionava por equipas e cada uma tinha um pino (equipa: amarela, azul e verde). O jogo tinha casas com números e outras com pontos de interrogação, quando calhavam nesta última casa tinham que responder a uma questão, relacionada com a história e com o ciclo da água dado anteriormente.



Figura 117 – jogo de Tabuleiro

Distribuí uma gotinha de água em cartolina a cada criança, de modo a identificar cada equipa e iniciaram o jogo. A primeira equipa a chegar ganhava o jogo.

Comentário crítico fundamentado

Este jogo também foi diferente do que as crianças estão habituadas. Optei por fazê-lo desta forma visto que assim haveria hipótese de fazer interdisciplinaridade com a área de Estimulação à Leitura e de Conhecimento do Mundo dados anteriormente.

Segundo Almeida (2002, p.20) “importa esclarecer o significado do conceito de interdisciplinaridade, colocando-o numa posição intermédia de um crescendo relacional, entre disciplinas, entre a pluridisciplinaridade e a transdisciplinaridade. No campo da interdisciplinaridade situam-se todas as situações intermédias que correspondem a um leque mais ou menos alargado e/ou conseguido de combinações de saberes”. Penso que nesta altura era necessário seleccionar um jogo em que as crianças se divertissem e que ao mesmo tempo testassem os seus conhecimentos. Daí, ter escolhido um jogo de tabuleiro em que as crianças jogaram em equipas. **(Figura 118)**



Figura 118 – Concretização do jogo

A primeira equipa a chegar à casa da Chegada ganhava o jogo. Nesse momento houve um pouco de atrito entre os grupos. As crianças nesta idade ainda têm mau perder. É difícil conseguirem lidar com o sentimento de perda nesta altura.

Para Dohme (2007, p. 28) “ para alguns, a palavra vencer pode parecer forte e até em oposição à cooperação, pois se subentende confronto e submissão. Mas, vencer pode ser entendido como superação de obstáculos, uso satisfatório de habilidades, do conjunto de habilidades.”

Reflexão:

Esta aula foi muito boa. As crianças testaram os seus conhecimentos sobre outras áreas e divertiram-se. É um tipo de jogos a que não estão muito habituados a jogar. De início tornou-se muito complicado que todos percebessem, por exemplo, que não podiam atirar o dado para cima do jogo.

As perguntas colocadas nos cartões foram pertinentes visto que questionava em relação ao livro “Ana Gotinha de Água” e ao Ciclo da Água.

Tabela 23 – Plano de aula programada dada no bibe azul – 18ª aula**Jardim-Escola****Faixa etária:** 5anos (bibe azul A)**Duração:** 20min**Educadora:****Data:** 03/07/2009

Estagiária: Ana Luísa Oliveira

Turma: Mestrado de Educação
pré-escolar

Número: 2

Área: Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática		
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos
<ul style="list-style-type: none"> ✓ III e IV Dom de Froebel ✓ Cálculos mentais <ul style="list-style-type: none"> - Adição - Subtração - Noção de quantidades 		<ul style="list-style-type: none"> - Distribuir uma caixa de III e IV Dom de Froebel por cada criança; - Contar uma história baseada na “Ana Gotinha de Água”. - Fazer a construção do poço e da escadaria. - Estimular o cálculo mental (intercalado nas construções, elaborando algumas situações problemáticas e cálculos mentais bem como realização de proposta de trabalho.
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio lógico-matemático ✓ Fluidez mental ✓ Interpretar • Orientação espaço-temporal ✓ Memorização ✓ Relacionar 		<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser organizado ✓ Ser esforçado

Materiais: Caixas de III e IV Dom de Froebel, imagens de gotinhas de água e de flores.

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem.

Relato da aula:

Esta aula, foi dada num dia diferente das anteriores mas continuei a usar o mesmo tema da “Ana Gotinha de Água”. Uns dias depois e as crianças lembravam-se perfeitamente da história que lhes tinha contado.

Comentário crítico fundamentado

Nesta aula foram trabalhados o III e IV Dons de Froebel, este último já foi fundamentado anteriormente portanto aqui mostrarei a explicação de Prestes (1896,p.33) sobre o III Dom.

“O III Dom de Froebel é constituído por cubos de madeira divididos em cada uma das suas dimensões. (um cubo dividido em 8 cubinhos de uma polegada)”.

Este material é muito didáctico porque a criança utiliza a sua imaginação para concretizar as construções. Com os dois dons juntos acresce um pouco a dificuldade. É fenomenal ver como as crianças com 5 anos já conseguem ter tanta agilidade em agarrar os Dons.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar “os materiais de construção usados na educação pré-escolar permitem uma manipulação dos objectos no espaço e uma exploração das suas propriedades e relações em que assentam aprendizagens matemáticas. A utilização de diferentes materiais dá à criança oportunidades de resolver problemas lógicos, quantitativos e espaciais. (Ministério da Educação, 1997a, p. 75)

Durante a aula fui dando indicações para cálculos mentais e para situações problemáticas para fazer na proposta de trabalho.

“Importa que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que as debatam com outra criança, num pequeno grupo, ou mesmo com todo o grupo, apoiando a explicação do porquê da resposta e estando atento a que todas as crianças tenham oportunidade de participar no processo de reflexão”. (Ministério da Educação, 1997a, p.78)

É fundamental que o educador proponha os cálculos para que ajude as crianças a pensarem sobre as situações que estão a ser faladas.

Reflexão:

Correu muito bem esta aula. Na verdade estava com um pouco de receio visto que não tinha corrido muito bem a minha outra aula de Dons. Desta vez, optei por pedir mais ajuda à educadora para que nada falhasse. Esta educadora foi sempre muito prestável e ajudou sempre no que podia. A última pergunta da proposta de trabalho foi um pouco complicada para as crianças, a educadora acabou por me pedir desculpa visto que foi ela que me disse para o fazer. E só no próprio dia se apercebeu que as crianças não conseguiriam fazer o cálculo. De qualquer maneira eu ajudei as crianças a perceberem o raciocínio da operação.

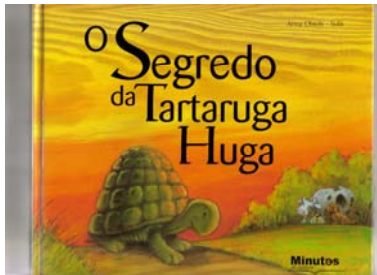
3.3.4 – Plano de aula Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional

Prova Prática

Dia: 10/07/2009

Bibe Encarnado A

Tabela 24 – Plano de aula prova prática – 19ª aula

<p>Área: Estimulação à Leitura Duração: 20 minutos</p>		
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos	
<p>História “O Segredo da Tartaruga Huga”</p>  <p>-</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Sentar as crianças em filas. - Apresentar-me como tartaruga Huga, tendo em conta que vou vestida de tartaruga. -Mostrar um livro grande com imagens A3, que conta a história “ O segredo da tartaruga Huga”. - Durante a leitura da história fazer perguntas de interpretação oralmente - No final, como a história termina com uma festa com música, colocar a um CD com música a tocar para os meninos cantarem e dançarem. 	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Expressão do Oral ✓ Fluidez mental ✓ Organizar informação • Orientação espaço-temporal ✓ Interpretar ✓ Relacionar 		<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador

Materiais: Livro “O segredo da tartaruga Huga”, fato de tartaruga, CD, rádio.

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Às 13h30 iniciei a minha aula sob o tema da tartaruga.

Comecei por contar a história “O Segredo da Tartaruga Huga” (**Figura 119**) através de um livro de grandes dimensões. Eu ia vestida de tartaruga, o que facilitou para que os meninos estivessem mais atentos.

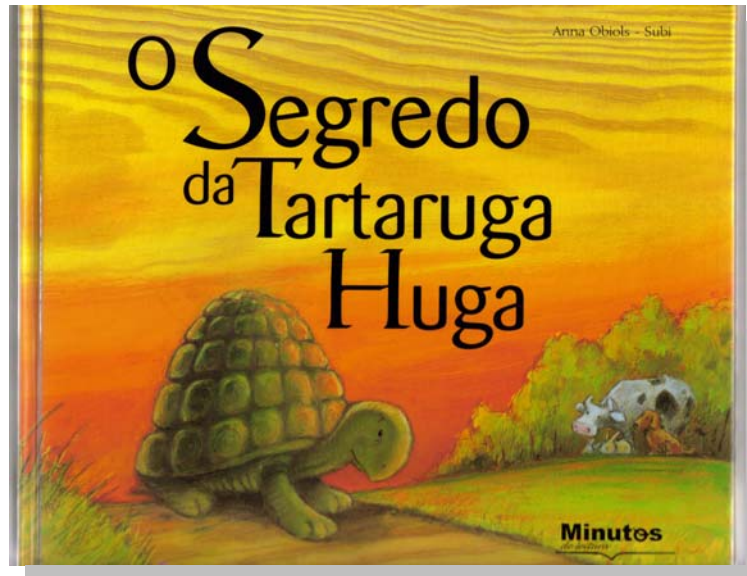


Figura 119 - Capa do livro “ O Segredo da Tartaruga Huga”

Contei a história fazendo inflexões de voz e um pouco de teatro. Como a história terminava com uma festa, eu coloquei a música do Panda vai à Escola para os meninos dançarem. Fizemos em conjunto o esquema da música e foi muito divertido.

Comentário crítico

Elaborei um livro gigante, com imagens muito coloridas e bonitas. Tal como já foi fundamentado anteriormente os livros com imagens grandes ajudam a que a criança esteja mais atenta, porque está a ver bem e acaba por se identificar com as personagens da história.


Reflexão:

Esta era um dia de muito nervosismo, então optei por ir vestida de tartaruga. Dessa maneira, ajudou-me a descontrair e as crianças adoraram. Todas queriam mexer no fato e na carapaça. contei a história e no final coloquei uma música para que as crianças dançassem. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997a, p.59) “o acompanhamento da dança, ligam a expressão motora à dança e também à expressão musical. Identificar e designar as diferentes partes do corpo, bem como a sua nomeação, ligam a expressão motora à linguagem”. A música que escolhi foi do CD “Panda vai à escola”, esta pressupõe uma coreografia em que as crianças trabalham a “esquerda” / “direita”, “frente” / “trás” bem como os membros do corpo, mexendo um de cada vez.

Foi a estratégia que arranjei para que as crianças descontraíssem porque a aula seguinte iria ser no mesmo espaço.

Gostei muito da aula de Estimulação à Leitura, naquele momento passou-me o nervosismo e diverti-me imenso.

Tabela 25 – Plano de aula prova prática – 20ª aula

Área: Conhecimento do Mundo		
Duração: 20 min		
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos	
<p>A tartaruga</p> <ul style="list-style-type: none"> - De que se alimenta? - Como se distingue de macho e fêmea? - A que classe pertence? - Como tratar a tartaruga? - Quais as suas características? 	<ul style="list-style-type: none"> - Com as crianças sentadas em U, apresentar imagens A3, que mostram como são as tartarugas. - Explicar como se alimentam, como vivem, a que classe pertencem, quais as características e o que devemos fazer para que a tartaruga seja saudável. - No final, mostrar uma tartaruga, deixando-a andar pelo chão permitindo que as crianças mexam na mesma. 	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio ✓ Analisar ✓ Organizar informação • Classificação ✓ Observar ✓ Identificar ✓ Caracterizar • Sociabilização ✓ Conviver ✓ Dialogar 		<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador • Cooperação

Materiais: Imagens A3 da Tartaruga, tartaruga (ser vivo).

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Iniciei a aula de Conhecimento do Mundo mostrando umas imagens de tartarugas em tamanho A3, expliquei as diferenças que existem entre o macho e a fêmea, o tipo de alimentação que fazem bem como o tipo de reprodução. Passado algum tempo fui buscar a minha tartaruga verdadeira. Alguns meninos quiseram tocar nela. A tartaruga era muito grande e estava sempre a andar pelo salão e os meninos estavam a gostar muito. Depois coloquei-a num recipiente e mostrei a caixa de alimento dela e deixei que alguns meninos lhe dessem comida.

Comentário crítico fundamentado

Esta aula era de Conhecimento do Mundo. Por vezes estas são as aulas mais difíceis de dar visto terem termos mais complexos e científicos.

Levei imagens, em tamanho A3, coladas em cartolina. Quanto a mim muito apelativas, com algumas das características da tartaruga. Expliquei que nascem de um ovo (**Figura 120**), a diferença entre o macho e a fêmea, que são animais ovíparos, como é o habitat delas e como devemos tratá-las como animal doméstico (**Figura 121**).



Figura 120 – Reprodução e nascimento da tartaruga



Figura 121 - Tartaruga

No final, mostrei uma tartaruga grande e real e as crianças adoraram. São experiências que ficam na lembrança das crianças. Deixei que elas mexessem na tartaruga e que lhe dessem de comer.

Na área de Conhecimento do Mundo o que parece essencial é que “quaisquer que sejam os assuntos abordados e o seu desenvolvimento, são os aspectos que se relacionam com os processos de aprendizagem: a capacidade de observar, o desejo de experimentar, a curiosidade e o desejo de aprender”. (Ministério da Educação, 1997a, p.85) Concordo inteiramente com esta citação visto que acho que as crianças aprendem melhor ao visualizarem e ao tocarem daí ter recorrido a uma tartaruga real para que a aula fosse mais produtiva.


Segundo Martins et al. (2009,p.12) “é durante as observações que realiza nas acções que desenvolve, acompanhada ou autonomamente, que começa a formar as suas próprias ideias”. Assim, a criança ao visualizar, compreende melhor o que está ao seu redor, quanto a mim essa é uma questão fundamental.

Ainda considerando os mesmos autores (2009) quando trabalhamos os animais devemos explicar a que classe pertencem, e quais as suas características, tais como: a cor, revestimento, a alimentação, respiração, a locomoção, a reprodução. etc. Para que tudo fique bem explícito e para que as crianças compreendam de onde provem o animal, há esses aspectos a focar. Por vezes, podemos achar que são nomes mais complexos para dizer a uma criança, mas nesta idade a criança está apta a desenvolver um vasto vocabulário.

Reflexão

Foi uma aula muito produtiva, as crianças estavam muito entusiasmadas até porque a tartaruga era muito grande e andava pelo salão inteiro muito rapidamente. Foi uma aula positiva e que me agradou imenso dar. A crítica que tive foi que devia ter mostrado logo de início a tartaruga em vez de ter deixado para o fim. Eu usei essa estratégia, porque quanto a mim, foi uma prenda para o fim da aula. Todas as crianças tiveram oportunidade de mexer na tartaruga.

Tabela 26 – Plano de aula prova prática – 21ª aula

<p>Área: Jogo Duração: 20 minutos</p>		
Conteúdos		Procedimentos/ Métodos
<p>“Jogo da tartaruga”</p> <p>✓ Estafeta</p> 		<ul style="list-style-type: none"> - Dividir a turma em duas equipas. - Explicar as regras do jogo, as quais consistem em que, a primeira criança de cada fila se deve colocar de gatas e outra criança coloca-lhe uma almofada nas costas. Terá um determinado percurso a percorrer sem deixar cair a almofada. A primeira equipa, a terminar, ganha o jogo.
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Esquema corporal • Equilíbrio • Socialização ✓ Conviver ✓ Dialogar 		<ul style="list-style-type: none"> • Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar • Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador • Cooperação

Materiais: Duas almofadas.

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

Posteriormente dividi a turma em dois grupos em filas. Expliquei que iriam jogar ao jogo da tartaruga mais rápida. O primeiro aluno de cada fila tinha que ir com uma almofada (**Figura 122**) nas costas até uma marcação (no chão) e voltar sem deixar cair a almofada. A fila mais rápida ganhava.



Figura 122 – Almofada com a forma de tartaruga

Comentário crítico fundamentado

O jogo que escolhi foi o típico, jogo de estafetas. As crianças estavam há demasiado tempo sentadas e precisavam de se mexer um bocadinho. Expliquei as regras do jogo. Considerando Duarte (2009, p.16), “não existem jogos sem regras”.

Houve um menino que não quis jogar e eu não consegui contornar esse problema. Este menino tem mau perder portanto preferiu não jogar a colocar a hipótese de perder. O que deveria ter feito, seria com uma conversa tentar que ele fosse jogar. Mas naquele momento de tensão fiquei sem saber como agir. Acabei por dizer que a equipa dele tinha perdido porque ele não quis jogar. Não foi a melhor atitude, assumo que errei, mas tenho também que considerar que os nervos, a tensão de ter o tempo contado não ajudaram a que pudesse raciocinar naquele momento.

Para Balancho e Coelho (1996) como em citado de Duarte (2009, p. 28) através da motivação, consegue-se que os alunos encontrem motivos para aprender e para se aperfeiçoar, descobrir e rentabilizar as suas capacidades. Referem que a importância da motivação manifesta-se em todas as actividades.

Segundo Duarte (2009, p.29) “a motivação designa-se por auto-motivação quando, parte do próprio aluno e o próprio tenta atingir os seus objectivos pelos próprios meios. Referimo-nos a heteroavaliação quando o aluno não tem motivos interiores para se dedicar às matérias em estudo, tornando-se necessário que o professor incentive o aluno (através de estímulos), de forma a facilitar a aprendizagem (...) Existem diversas formas de motivar, mas todas deverão assentar em experiencias interessantes, que conduzem a um fim valioso.”


Os autores Hohmann et al. (1979, p.113) referem que “ nessas situações, os adultos precisam de ajudar as crianças a resolver os seus conflitos, auxiliando-as a encararem outras alternativas e formas de agir mais apropriadas”

Para Dohme (2007, p. 28) “ nos jogos, a criança aprende a cooperar, não de maneira forçada ou superficial, mas de forma profunda, pois a cooperação entre os membros de uma mesma equipa é questão de sobrevivência, uma vez que é necessário para vencer.”

Reflexão

Esta aula foi um pouco mais confusa, porque as crianças estavam muito empolgadas e não ficavam nas filas respectivas. Ocorreu o problema com o menino que não queria jogar o que acabou por complicar um pouco a minha prestação visto que não consegui ter a atitude correcta naquele momento.

Tabela 27 – Plano de aula prova prática – 22ª aula

Área: Expressão e comunicação – Domínio da Matemática Duração: 20 minutos		
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> Cuisenaire ✓ Construção (manipulação das peças. ✓ Cálculos mentais ✓ Situações problemáticas 	<ul style="list-style-type: none"> - Organizar o espaço da sala. - Encaminhar as crianças para os seus lugares nas mesas. - Relembrar as cores e valores das peças de Cuisenaire. - Distribuir por cada criança uma imagem de tartaruga. - Solicitar que construam uma piscina para a tartaruga. - De acordo com as construções efectuadas, fazer questões, tais como: <ul style="list-style-type: none"> - Quantas peças do material Cuisenaire, tem a tua piscina? - Quem usou a peça cor-de-rosa na construção da piscina? - Entre outras questões (consoante o que as crianças construírem). - Criar situações problemáticas com finalidade de fazer cálculos mentais. - No final, proceder á arrumação do material. 	
Capacidades/Destrezas	Competências	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Raciocínio lógico ✓ Fluidez mental ✓ Observar ✓ Analisar Classificação ✓ Comparar Manipulação 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito ✓ Saber ouvir ✓ Saber aceitar Responsabilidade ✓ Ser interessado ✓ Ser respeitador Cooperação 	

Materiais: Cuisenaire, imagem de tartaruga.

Plano sujeito a alterações sempre que necessário.

Planificação baseada no Modelo T de Unidade de Aprendizagem

Relato da aula:

A aula final era de Matemática com o material Cuisenaire.

As crianças tinham que construir uma piscina com as peças que quisessem. Depois eu perguntava o valor da piscina. Depois de construídas eu pedia que colocassem uma determinada peça dentro da piscina e fazíamos cálculos mentais. Posteriormente pedi que fizessem degraus, tinham que ser dois que no total valessem 6 unidades, ou seja, duas peças de 3 unidades (verde-clara). As crianças não entenderam muito bem o que pedi, talvez não tenha formulado bem a questão.

Terminada a aula, os meninos foram para o recreio e tivemos reunião com as professoras de supervisão pedagógica.

Comentário crítico fundamentado

Esta aula de Cuisenaire foi a primeira que dei com este material como tal vou referir a o interesse pedagógico deste material segundo Caldeira (2009, p.240) “Para além do desenvolvimento da lógica Matemática, o material Cuisenaire possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores. De forma a estimular a criatividade e a experimentação. Este material é aconselhado desde a Infantil até ao ensino básico.

O interesse pedagógico deste material situa-se em termos matemáticos, em aspectos de:

- Iniciação à matemática;
- Desenvolvimento da criatividade
- Compreensão da noção de número;
- Relações de grandeza;
- Noção de par e ímpar;
- Manipulação das operações numéricas;
- Resolução de situações problemáticas;
- Múltiplos e divisores de um número inteiro;
- Simetrias
- Frações e números decimais;
- Perímetros
- Áreas;
- Volumes”

“O material Cuisenaire pode ser utilizado em “demonstrações” feitas pelo professor, mas não será demais lembrar que ele foi concebido principalmente como instrumento de investigação e descoberta nas mãos dos alunos”. Caldeira (2009, p.240) Segundo Serrazina (1990 citado em Caldeira 2009, p.240) as “investigações têm constatado que os estudantes que utilizam materiais manipulativos na construção de conceitos têm melhores resultados, que os que não o fizeram, pois os alunos são indivíduos activos que constroem, modificam e integram ideias a interaccionar com o mundo físico, os materiais e os seus colegas”.

“Este material, é considerando um material estruturado, este é formado por 241 barras (**Figura 123**). São prismas quadrangulares com 10 cores e com dez comprimentos diferentes.

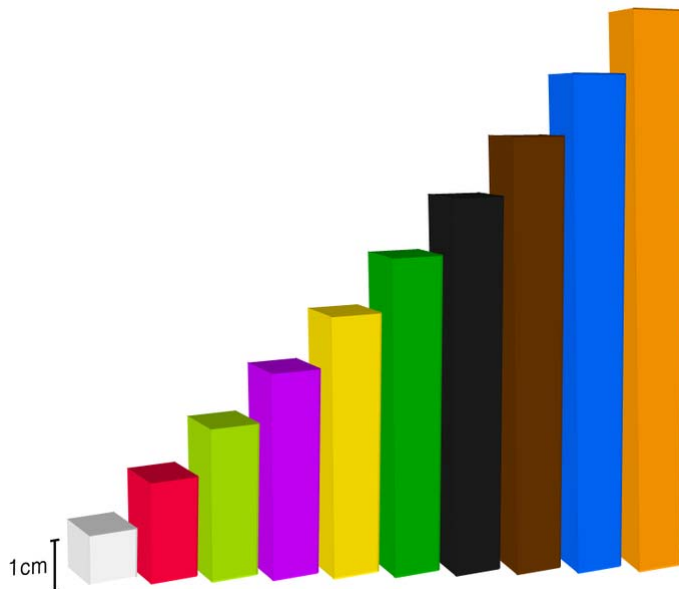


Figura 123 – Peças do material Cuisenaire

As peças são vulgarmente de madeira, em que os seus tamanhos variam entre 1cm a 10cm. A peça branca é a peça padrão e serve de medida a todas as outras peças. A peça branca vale uma unidade. Esta peça tem face quadrada com 1 cm² de área.” (Caldeira, 2009, p.244)

A actividade que propus para esta aula, é considerada uma actividade livre com algumas situações problemáticas intercaladas. Eu, pedia algumas construções mas as crianças elaboravam-nas livremente, isto é, com o número de peças que cada uma quisesse.

Segundo Caldeira (2009) “Este exercício serve para as crianças se familiarizarem com o material fazendo assim espontaneamente as primeiras descobertas. Elas fazem composições planas ou em posição vertical representando casas com portas e janelas, muros de jardim, arcos, linhas férreas, animais, meninos, enfim, uma infinidade de coisas...e o que a sua imaginação lhes proporcione.

No decorrer deste jogo livre, e ao estimularmos a respectiva aprendizagem, a criança desenvolve muitas capacidades e destrezas, sobre as quais edificará mais tarde, o seu conhecimento matemático. Jogando, conseguirá fazer as seguintes descobertas:

- As peças da mesma cor são do mesmo comprimento;
- As peças do mesmo comprimento têm a mesma cor;
- As peças de diferentes cores têm diferentes comprimentos;
- Só é possível conseguir comprimentos iguais unindo pelas extremidades determinadas peças;
- As peças são feitas de tal maneira que tudo o que se construa com elas é igual a um número total de peças brancas (esta vale uma unidade e qualquer número natural é decomponível em unidades).” (p.244)

Reflexão:

Este jogo foi basicamente um jogo livre, era suposto eu estar mais dinâmica para que as crianças não destabilizassem. Gostei da aula, por utilizar uma estratégia diferente para trabalhar conceitos como a dúzia, a meia dúzia etc.

CAPITULO IV – DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO

Este capítulo aborda a avaliação e subdivide-se nas diversas áreas trabalhadas: Conhecimento do Mundo, Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita e Matemática.

4 – A avaliação

Na opinião de Lemos, Neves, Campos, Conceição e Alaiz (1993, p. 42) “os resultados da avaliação expressam-se nos registos de forma diferenciada que pode ir de pontuações definidas numa escala contínua (exemplo: 0 a 100) ou numa escala descontínua (exemplo: 1 a 5), escalas qualitativas (exemplo: Insuficiente, Suficiente, Bom) ou até frases descritivas de uma situação ou atitude, como no caso dos incidentes críticos.

É a partir desta diversidade de resultados que os professores constroem uma representação do desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e tomam decisões sobre o processo de ensino”.

Tendo em conta a opinião de Lemos et al. (1993) acima descrita, tenho a referir que de facto é importante expressar registos de forma diferenciada, com o intuito de perceber as dificuldades sobre cada aluno, bem como as suas aquisições de conteúdos.

Segundo Pérez (s.d. p. 41) “pretende-se avaliar os objectivos programados e seu nível de consecução, por meio de uma escala de observação sistemática, individualizada e qualitativa. Nela incluem-se as três capacidades – as quatro destrezas por capacidade do Modelo T de área ou disciplina. Com os três valores e quatro atitudes por valor do mesmo elabora-se outra escala de observação sistemática. Deste modo estamos a avaliar o nível de consecução dos objectivos ao finalizar o ano escolar.”

Através deste modelo de aprendizagem temos a possibilidade de avaliar várias competências, estando estas descritas na planificação.

Tendo em conta as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997a, p.27) “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança.”

Lemos et al. (1993, p. 27) refere que “a avaliação, considerada parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, assume um papel preponderante devido à função formativa que desempenha. A avaliação formativa, apresentada no novo sistema de avaliação do ensino como a principal modalidade de avaliação, consiste no acompanhamento permanente da natureza e qualidade da aprendizagem de cada aluno, orientando a intervenção do professor de modo a dar-lhe a possibilidade de tomar as decisões adequadas às capacidades e necessidades dos alunos.”

Concordo com as citações referidas anteriormente uma vez que é necessário identificarmos as dificuldades de cada aluno para posteriormente adaptarmos a estratégia a utilizar na aula.

Na opinião de Wiggins (1989 como citado em Fernandes, 2005, p.63-64) a definição de “avaliação autêntica podem ser as seguintes:

- A avaliação inclui apenas tarefas contextualizadas;
- A avaliação utiliza problemas complexos;
- A avaliação deve contribuir para que os alunos desenvolvam o mais possível as suas competências;
- A avaliação exige a utilização funcional de conhecimentos dos conteúdos disciplinares;
- A tarefa e as suas exigências são conhecidas antes da situação de avaliação;
- A avaliação exige uma certa forma de colaboração entre pares;
- A correcção tem em conta as estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas pelos alunos;
- Os critérios de correcção são determinados fazendo referência às exigências cognitivas das competências visadas;
- A auto-avaliação faz parte da avaliação.”

Tenho a referir que concordo com as ideias do autor, considerando a avaliação como uma tarefa complexa, tanto na preparação das propostas a serem realizadas pelos alunos, como na correcção das mesmas, e ainda criando os critérios e parâmetros de avaliação para, por fim, classificar cada trabalho com o objectivo de ter uma noção das capacidades de cada aluno.

Outro aspecto não menos importante é a auto-avaliação, pois é deveras importante saber se o aluno tem noção da sua prestação ao longo de um determinado tempo.

É referido por Méndez (2002, p.40) “ a aprendizagem e, simultânea e consequentemente, a avaliação devem estar orientadas e dirigidas para um currículo –

como ideia global de princípios e marco conceptual de referência que concretiza, em práticas específicas, a educação como projecto social e político – e para o ensino que nele se deve inspirar. Devemos igualmente reconhecer que uma boa avaliação torna boa a actividade do ensino e boa a actividade de aprendizagem. Estabelece-se, assim, uma relação simétrica e equilibrada entre cada um dos elementos que compõem o “currículo total”, considerado como meio ideal de aprendizagem e como tempo e lugar de intercâmbio no qual se constroem cooperativa e solidariamente as aprendizagens escolares”.

De facto, nós educadores temos a obrigação de ensinar, mas ensinar seguindo determinados critérios. Com isto refiro-me que ao longo de um determinado tempo são tratados vários assuntos, criadas várias propostas de trabalho e actividades e que posteriormente a avaliação recai sobre os temas já trabalhados e abordados.

Perrenoud (1999, p.71) “ a avaliação não é, em princípio, um objectivo em si, mas um meio de verificar se os alunos adquiriram os conhecimentos visados. Recomenda-se, toda a via quando se ensina, ter uma ideia bastante precisa da maneira como se procederá para avaliar os conhecimentos o que evita introduzir uma grande ruptura entre os conteúdos e as modalidades do ensino e as exigências no momento da avaliação.”

Concordo com o autor Perrenoud (1999), pois é de realçar que as actividades ou propostas elaboradas com o intuito de avaliar, têm que ser muito bem estruturadas, contendo os conteúdos abordados e redigidas de forma a não criar dúvidas pelos alunos durante a resolução das mesmas.

4.1 – Área de Conhecimento do Mundo

“A curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas e também, das artes.” (Ministério da Educação, 1997a, p. 79)

Concordando com estes factos, posso acrescentar que, as crianças na idade pré-escolar são muito curiosas, estando em constante aprendizagem e interrogando os pais, educadores e pessoas próximas com muitos “porquês”. Assim sendo, a área de Conhecimento do Mundo é uma das mais propícias e desenvolver questões e temas do nosso quotidiano.

4.1.1– Contextualização e Metodologia

No dia 15 de Abril de 2009 leccionei uma aula no bibe encarnado cujo tema era a Roda dos Alimentos (a planificação encontra-se na tabela 12). A aula foi dada para 24 crianças pois 4 faltaram nesse dia.

A metodologia utilizada foi a elaboração de uma proposta de trabalho, esta continha 6 imagens em que as crianças teriam que pintar os alimentos correctos pertencentes à Roda dos Alimentos. Uma das imagens era considerada intrusa, e seria pretendido que as crianças pintassem cinco imagens.

Segundo Ferreira (2007, p.184) “ As fichas foram utilizadas após a leccionação dos conteúdos, por períodos curtos de ensino-aprendizagem, para os professores verificarem a aprendizagem desses conteúdos, no mesmo momento e na totalidade dos alunos, possibilitando, desta forma, detectarem as suas dificuldades”.

Distribuí as propostas de trabalho e dei 15 minutos para a elaboração da mesma. A classificação atribuída vai de 0 a 100%, cuja classificação será a seguinte (tabela 28):

Tabela 28 – Classificação quantitativa e qualitativa

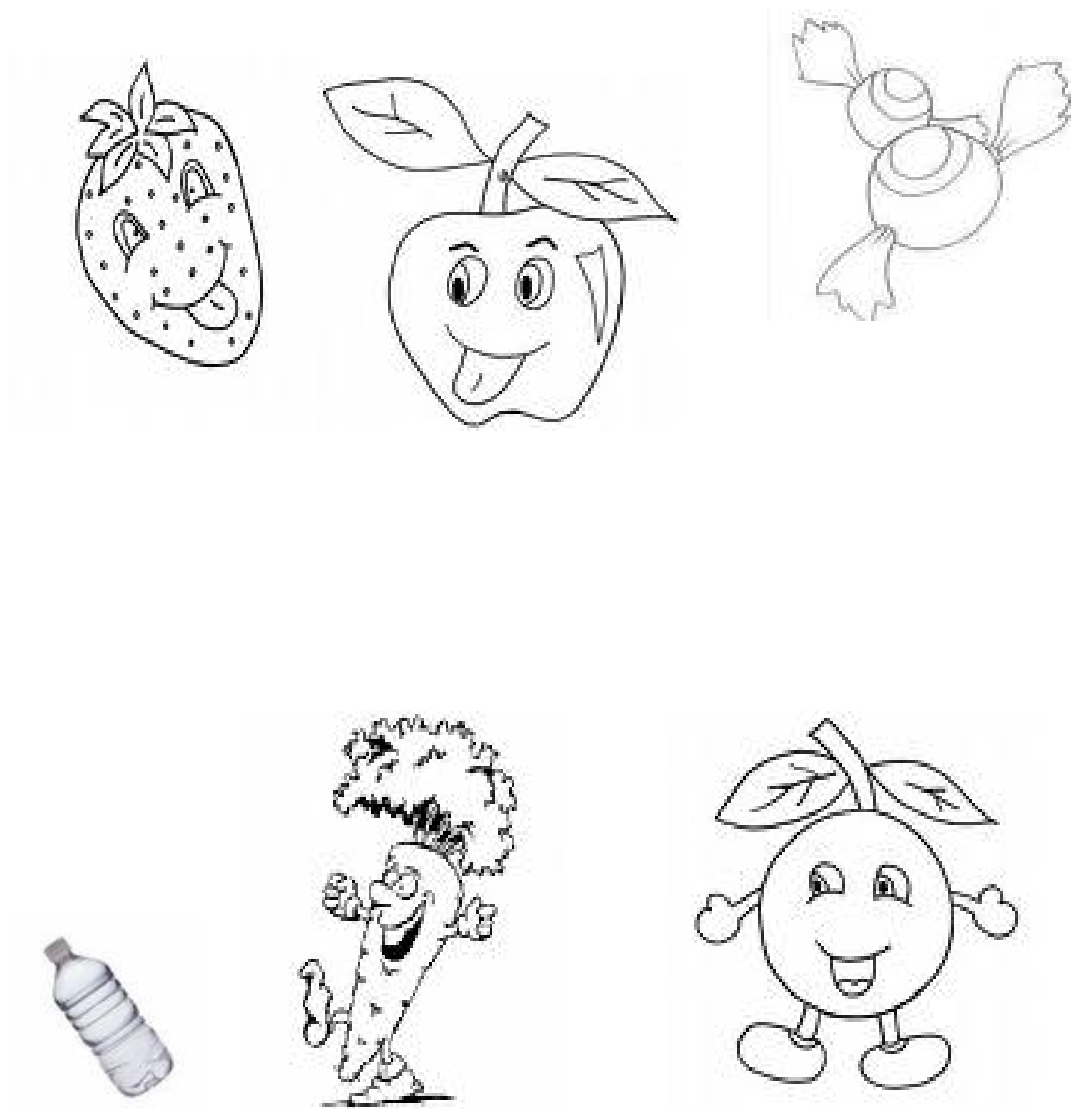
Insuficiente	Suficiente	Suficiente+	Bom	Muito Bom	Excelente
0% a 49%	50% a 59%	60% a 69%	70% a 79%	80% a 89%	89% a 100%

4.1.2 - Proposta de Trabalho

Jardim-Escola

Bibe encarnado-A

- 3- Pinta os alimentos que fazem parte da roda dos alimentos.



Nome:

Data:

Proposta de trabalho realizada por Ana Luísa Oliveira nº2 MEPE

4.1.3 - Descrição dos Parâmetros e Critérios












O objectivo da resolução da proposta de trabalho, por parte dos alunos era identificar 5 das 6 imagens existentes na mesma, ou seja, os alunos tinham que reconhecer 5 alimentos pertencentes à Roda dos Alimentos. Uma vez que existe uma imagem não pertencente à Roda (intruso) os alunos foram penalizados se o identificassem. Desta forma, decidi dar a seguinte classificação (Tabela 29): 20% por cada imagem bem identificada pelo aluno. No caso de o aluno identificar a imagem intrusa, este será penalizado com menos 20%.

Tabela 29 – Classificação atribuída à actividade de Conhecimento do Mundo














Parâmetros	Critérios	Cotação
Identificação de 5 alimentos pertencentes à Roda dos Alimentos	Identificou 5 imagens	100%
	Identificou 4 imagens	80%
	Identificou 3 imagens	60%
	Identificou 2 imagens	40%
	Identificou 1 imagem	20%
	Não identificou imagens	0%
	Imagem intrusa	- 20%

4.1.4 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo

Tabela 30 – Grelha de avaliação da actividade de Conhecimento do Mundo

Alunos	Parâmetros /Critérios							Classificação
	Identificação de 5 alimentos pertencentes à Roda dos Alimentos							
	Identificou 5 imagens	Identificou 4 imagens	Identificou 3 imagens	Identificou 2 imagens	Identificou 1 imagem	Não identificou imagens	Identificou 1 (intruso)	
1								100%
2								80%
3								100%
4								100%
5								100%
6								100%
7								100%
8								100%
9								80%
10								80%
11								80%

Relatório de Estágio Profissional

12								80%
13								100%
14								100%
15								80%
16								100%
17								100%
18								60%
19								100%
20								100%
21								80%
22								80%
23								80%
24								80%
25	F	F	F	F	F	F	F	F
26	F	F	F	F	F	F	F	F
27	F	F	F	F	F	F	F	F
28	F	F	F	F	F	F	F	F

Legenda – F – Faltou

4.1.5 - Interpretação da Grelha de Avaliação

Ao observar o seguinte gráfico podemos constatar que 54% dos alunos obteve o valor máximo pretendido (Excelente), 42% dos alunos teve “Muito Bom” e apenas 4% dos alunos teve “Bom”.

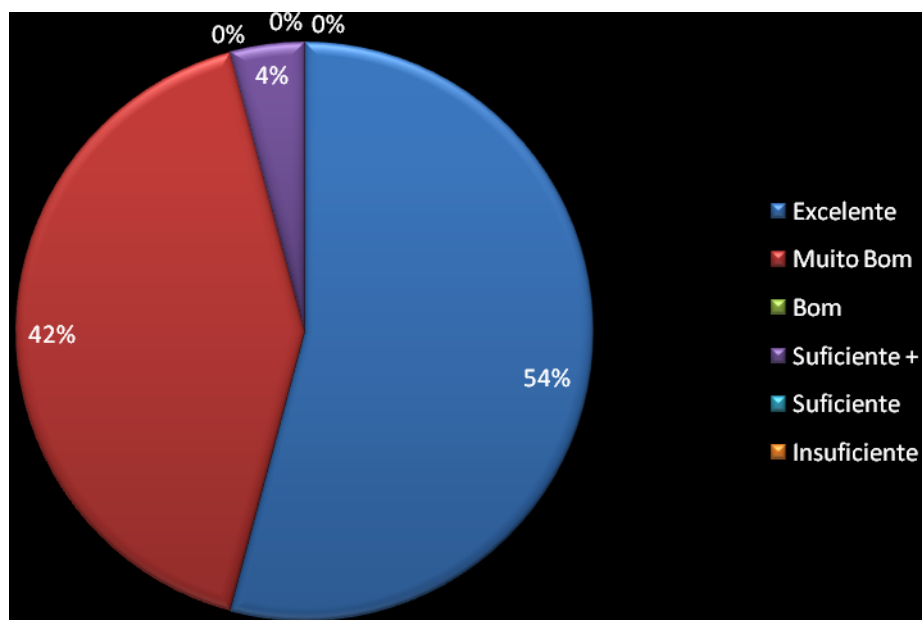


Gráfico 1 - Resultados obtidos na proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo

Podemos concluir que a proposta de trabalho foi bem resolvida pelos alunos visto que todos conseguiram obter um bom resultado. Tudo indica que os conhecimentos ficaram bem consolidados.

4.2 – Área de Estimulação à Leitura e Abordagem à Escrita

“Cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitam às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como receptores.” (Ministério da Educação, 1997a, p. 68)

É fundamental que o educador proporcione momentos de comunicação entre os alunos (aluno/aluno e aluno/professor) desta forma estes conseguirão expressar-se de uma forma mais correcta. O professor/educador é o modelo das crianças, portanto terá que estabelecer diálogos correctos, isto é, terá que ter um cuidado maior da forma como se exprime. O aluno deve ser valorizado pelas suas intervenções, assim este ganha confiança em falar para o grupo.

“O modo como o educador lê para as crianças e utiliza os diferentes tipos de texto constituem exemplos de como e para que serve ler. Na leitura de uma história o educador pode partilhar com as crianças as suas estratégias de leitura, por exemplo, ler o título para que as crianças possam dizer do que trata a história, prevejam o que vai acontecer a seguir, identificar os nomes e as actividades dos personagens”. (Ministério da Educação, 1997a, p.70)

Concordo com esta citação descrita anteriormente, quanto a mim, o facto de deixarmos as crianças lerem o título e pensarem sobre o tema da história contribui para que a criança trabalhe a sua imaginação. Desta forma, a criança também consegue transmitir ao grupo as suas ideias sem grandes hesitações, como já foi referido em cima.

4.2.1– Contextualização e Metodologia

O método que utilizei para esta aula foi por observação directa. Iniciei a aula contando a história “Ana Gotinha de Água” intercalando com perguntas de interpretação bem como a leitura de “Lago da Verdade”. Sendo este um dos locais onde se passou a história.

Assim, na tabela 32 apresentada, registei a avaliação bem como os resultados obtidos dos respectivos alunos interrogados.

Ferreira (2007, p.129) refere “a importância da utilização do questionamento oral ao aluno durante a realização de uma tarefa. Este, integrado na observação, permite a recolha de informações detalhadas sobre o processo de aprendizagem”.

O mesmo autor (Ferreira, 2007, p.200) diz que “ o questionamento oral, estruturado, por questões de resposta curta, dirigidas individualmente foi bastante utilizado pelos professores durante o processo ensino-aprendizagem com finalidades avaliativas.”. Dessa forma era possível o professor perceber as dúvidas dos alunos e “intervir no momento em que estas surgiam”.

Acho que é importante fazer perguntas de interpretação oralmente, visto que através das mesmas podemos ficar com uma noção mais nítida, no momento, sobre a compreensão da matéria por parte do aluno.

4.2.2 - Descrição dos Parâmetros e Critérios

Para completar uma classificação de 100% decidi distribuí-los da seguinte forma: 25% para avaliar a interpretação do texto e 75% para a avaliação em relação à leitura através da Cartilha Maternal. A classificação apresenta-se discriminada na tabela 31.

- Compreendeu a história

A história “Ana Gotinha de Água” abordava o tema da poluição da água e de como esta é importante para o planeta. As histórias devem transmitir uma moral e isso deve ser compreendido pelas crianças.

- Respondeu às perguntas com clareza

As perguntas devem ser bem elaboradas pelo educador, de modo a que as crianças percebam e respondam claramente ao que é pedido.

- Demonstrou interesse pela história

Para cativar o interesse das crianças é preciso encontrar uma história apelativa contendo imagens grandes. O educador deve ser dinâmico de modo a captar a atenção das crianças do princípio ao fim da história.

- Leu correctamente

Os alunos devem ler correctamente o que lhes é pedido, tendo em conta as regras da Cartilha Maternal.

- Identificou os valores das consoantes

Nesta história, um dos locais onde a acção decorre é no “Lago da Verdade”, este foi um dos motivos pelo qual eu escolhi que os alunos lessem essas palavras.

Pretendi perceber se as crianças sabiam os valores da letra /g/ e da letra /r/, visto serem as duas que tinham 2 valores.

- Leu correctamente as vogais

É importante perceber se as crianças conseguem fazer correctamente a leitura das vogais visto que estas se lêem de maneiras diferentes consoante o seu posicionamento na palavra.

- Identificou a sílaba forte

Nas palavras **Lago** e **Verdade**, as crianças teriam que identificar a sílaba forte de cada uma das palavras, explicando que a sílaba forte é a penúltima porque a palavra não termina em /i/, /u/ ou letra consoante.

Tabela 31 - Classificação atribuída à aula de Estimulação à Leitura

Parâmetros	CrITÉrios	Cotação	Classificação
Interpretação da história “Ana Gotinha de água” Leitura de “Lago da Verdade” através da Cartilha Maternal	Compreendeu a história	10%	100%
	Respondeu com clareza às perguntas	10%	
	Demonstrou interesse pela história	5%	
	Leu Correctamente	15%	
	Identificou os valores das consoantes (/g/ e /r/)	20% (10%+10%)	
	Leu correctamente as vogais	20%	
	Identificou a sílaba forte Lago da verdade	20% (10%+10%)	

4.2.3 – Grelha de avaliação da Área de Estimulação à Leitura

Tabela 32 - Grelha de avaliação da área de Estimulação à Leitura

Alunos	Parâmetros /critérios							Classificação
	Interpretação da história “Ana Gotinha de água” e leitura de “Lago da Verdade” através da Cartilha Maternal							
	Compreendeu a história	Respondeu com clareza às perguntas	Demonstrou interesse pela história	Leu Correctamente	Identificou os valores das consoantes (G e R)	Leu correctamente as vogais	Identificou a sílaba forte	
1	10%	10%	5%	5%	10%	20%	20%	80%
2	10%	10%	5%	0%	10%	10%	10%	55%
3	5%	5%	5%	10%	20%	20%	10%	75%
4	10%	10%	5%	10%	20%	10%	20%	85%
5	0%	10%	5%	5%	20%	10%	20%	70%
6	10%	10%	5%	10%	10%	20%	10%	75%
7	0%	10%	5%	10%	10%	20%	20%	75%
8	5%	5%	5%	10%	20%	20%	10%	75%
9	10%	10%	5%	15%	20%	20%	20%	100%
10	10%	10%	5%	10%	20%	10%	20%	85%

Relatório de Estágio Profissional

11	10%	5%	5%	15%	20%	20%	20%	95%
12	5%	10%	5%	10%	10%	20%	20%	80%
13	10%	10%	0%	0%	10%	10%	10%	50%
14	10%	10%	5%	15%	20%	20%	20%	100%
15	10%	10%	5%	10%	10%	20%	20%	85%

4.2.4 - Interpretação da grelha de avaliação

Ao observar o seguinte gráfico podemos constatar que 20% dos alunos obteve o valor máximo pretendido (Excelente), 34% dos alunos teve “Muito Bom”, 33% dos alunos teve “Bom” e 13% dos alunos teve “Suficiente”, não se tendo verificado resultados “Suficiente +” nem “Insuficiente”.

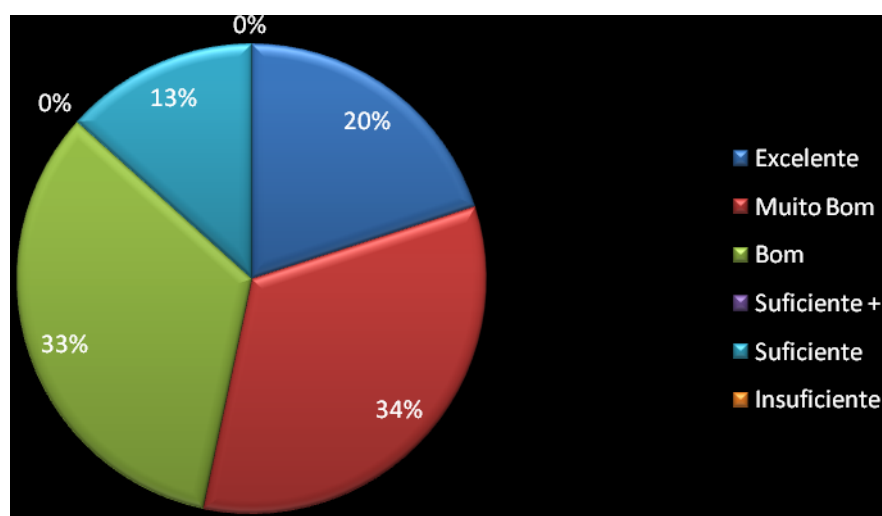


Gráfico 2 - Resultados obtidos na aula de observação de Estimulação à Leitura

Neste gráfico podemos verificar que existe uma maior diversidade de resultados uma vez que as crianças não se encontram todas ao mesmo nível de aprendizagem. Podemos constatar que as crianças demonstraram interesse pela história escolhida uma vez que durante a leitura da mesma, as crianças estavam ansiosas, tentando adivinhar o final da história.

4.3 – Área de Matemática

Nesta instituição trabalha-se muito a Matemática, desta forma, as crianças trabalham o raciocínio lógico-matemático e a conseguirem interpretar situações problemáticas que servirão posteriormente para resolver questões do dia-a-dia.

“ As crianças vão espontaneamente construindo noções Matemáticas a partir das vivências do dia-a-dia. O papel da Matemática na estruturação do pensamento, as suas funções na vida corrente e a sua importância para aprendizagens futuras, determina a atenção que lhe deve ser dada na educação pré-escolar, cujo o quotidiano oferece múltiplas possibilidades de aprendizagens Matemáticas.

Cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, internacionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções Matemáticas.” (Ministério da Educação, 1997a, p. 73)

Estas citações referem que a aprendizagem da Matemática é fundamental visto que diariamente a utilizamos, portanto o educador deve conseguir levar para a sala de aula questões que partam de vivências do dia-a-dia, para que as crianças consolidem os conhecimentos adquiridos. A Matemática pode ser trabalhada de diversas formas e com inúmeros materiais. A utilização de materiais estruturados é fundamental para que as crianças aprendam noções de espaço.

4.3.1– Contextualização e Metodologia

No dia 3 de Julho de 2009 dei a aula de Matemática onde utilizei o III e IV Dons de Froebel tendo como objectivo a elaboração de duas construções (poço e escadaria). À medida que os alunos iam fazendo as construções ia propondo situações problemáticas. Estas eram resolvidas numa proposta de trabalho previamente distribuída, sendo a mesma corrigida no quadro. É muito importante a elaboração de propostas de trabalho para que, em grupo, as crianças encontrem uma resposta e reflectam sobre a mesma.

4.3.3 - Descrição dos Parâmetros e Critérios

Para completar uma classificação de 100% decidi distribuí-los da seguinte forma:

- É autónomo na resolução da actividade

Este ponto foi bastante valorizado, visto que a criança deve ser autónoma na sua aprendizagem. Refiro-me ao facto da criança elaborar a situação problemática autonomamente, isto é, sem ser necessário uma explicação prévia ou mesmo a sua elaboração no quadro.

- Calcula somas

Pretende-se que o aluno consiga calcular somas com o resultado correcto.

- Calcula diferenças

O aluno deve ser capaz de calcular diferenças com o resultado correcto.

- Resolve situações problemáticas

- Elaborou as duas construções com o III e IV Dons de Froebel

Com esta aula é pretendido que a criança faça as duas construções perante as regras pré-estabelecidas.

- Indica os algarismos das unidades e das dezenas

Através deste parâmetro pretende-se perceber se a criança, na escrita, coloca correctamente os algarismos das unidades e dezenas nos respectivos lugares.

- Identifica dúzia/dezena e quarteirão

Neste item o objectivo era perceber se a criança já tem noções de dúzia, dezena e quarteirão.

- Resolveu correctamente as operações (operação+ resultado)

Por fim, pretendia-se observar se a criança resolvia as operações, colocando o seu resultado no local previsto para o mesmo.

Tabela 33 - Classificação atribuída à aula de Matemática

Parâmetros	Critérios	Cotação	Classificação
Resolução de duas situações problemáticas	É autónomo na resolução da actividade	20%	100%
	Calcula somas	10%	
	Calcula diferenças	10%	
	Resolve situações problemáticas	10%	
	Elaborou as duas construções com o III e IV Dom de Froebel	20% (10%+10%)	
	Identifica algarismo das unidades e das dezenas	10% (5%+5%)	
	Identifica dúzia/dezena/quarteirão	10% (2%+2%+6%)	
	Resolveu correctamente as operações (operação+resultado)	10% (5%+5%)	

4.3.4 – Grelha de avaliação da proposta de trabalho de Matemática

Tabela 34 - Grelha de avaliação da proposta de trabalho de Matemática

Alunos	Parâmetros e critérios								Classificação
	Resolução de duas situações problemáticas								
	É autónomo na resolução	Calcula Somas	Calcula diferenças	Resolve situações problemáticas	Elaborou 2 construções	Identifica algarismo das unidades e dezenas	Identifica dúzia/dezena/Quarteirão	Resolveu correctamente as operações, colocou o resultado	
1	0%	10%	0%	10%	10%	10%	10%	0%	50%
2	20%	10%	10%	10%	20%	10%	10%	5%	95%
3	20%	10%	0%	10%	20%	5%	10%	10%	85%
4	0%	10%	0%	10%	20%	10%	4%	2,5%	56,5%
5	20%	10%	10%	10%	20%	10%	10%	10%	100%
6	20%	10%	10%	10%	20%	10%	10%	10%	100%
7	0%	10%	10%	0%	10%	10%	6%	0%	46%
8	20%	10%	10%	10%	20%	10%	10%	10%	100%
9	20%	10%	0%	10%	10%	10%	10%	5%	75%

Relatório de Estágio Profissional

10	20%	10%	10%	10%	20%	10%	10%	10%	100%
11	20%	10%	10%	10%	20%	10%	10%	10%	100%
12	0%	10%	0%	10%	20%	10%	8%	5%	63%
13	20%	10%	10%	10%	20%	10%	10%	10%	100%
14	20%	10%	10%	10%	20%	10%	10%	0%	90%
15	20%	10%	10%	10%	20%	10%	10%	10%	100%

4.3.5 - Interpretação da grelha de avaliação

Ao observar o seguinte gráfico podemos constatar que 10 alunos obtiveram o valor máximo pretendido (Excelente), pode-se verificar que nas restantes fatias do gráfico circular existe um aluno com uma classificação entre “Insuficiente” e “Muito Bom”.

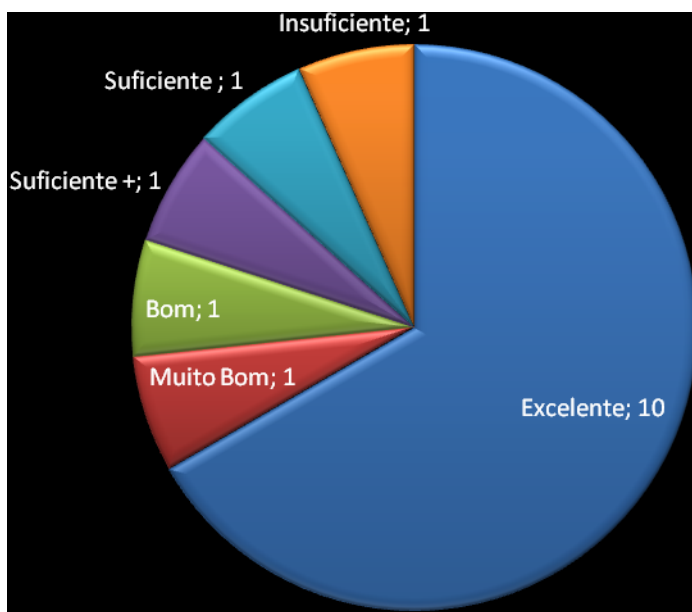


Gráfico 3 – Resultados obtidos na proposta de trabalho de Matemática

Esta foi uma aula que se pode considerar positiva, visto que estas crianças estão habituadas a raciocinar e, por conseguinte, conseguem facilmente resolver situações problemáticas. Exceptuando alguns alunos cujo ritmo de trabalho é menos rápido o que se veio a reflectir no resultado dos mesmos.

CAPITULO V – Reflexão Final

5.1 – Reflexão

Ao longo do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar, vim a aperceber-me que ser um bom educador não é assim tão fácil como parece, pois este facto veio a confirmar-se durante a prática pedagógica.

Foram meses de muito trabalho, as aulas ocuparam muito tempo, bem como a preparação das mesmas.

O estágio veio ajudar a ver a realidade de um jardim-escola e o relatório recaiu sobre a obtenção de respostas a situações e as dificuldades, por vezes sentidas, e que a reflexão feita ao longo do estágio veio clarificar.

Durante o estágio tive oportunidade de ver alunos desmotivados ou menos interessados nos conteúdos em questão. A partir deste pequeno obstáculo decidi investigar mais sobre a motivação dos alunos, sabendo que talvez conseguisse obter mais interesse por parte deles se a aula fosse mais dinâmica, no entanto o dinamismo também não é a única solução.

O facto de o aluno estar a recusar algo que o educador lhe pede, pode não estar relacionado com a escola em si, pois a criança pode estar a manifestar-se ou a querer evidenciar-se, por inúmeras razões.

Segundo Drew, Olds e Olds Jr. (1994, p. 19) “ não me parece que o facto de uma criança se negar a ler tenha alguma coisa a ver com a leitura, ou que o facto de não lhe apetecer estudar Matemática tenha a ver com a Matemática em si. Normalmente existe sempre uma razão para ela agir desta forma. Quando tenho tempo para chamar a criança à parte e procurar saber o que se passa, consigo, por vezes, resolver o problema.”

Concordo plenamente com a citação acima mencionada pois comigo aconteceu uma criança se recusou a participar numa actividade e eu deveria ter agido desta forma.

É de salientar que com a prática pedagógica consegui ter uma noção mais realista do que é leccionar, pois não é só ensinar a ler e a escrever. Pude constatar que leccionar envolve muitos aspectos, desde a rotina diária às aulas propriamente ditas, bem como a avaliação.

Uma das tarefas muito importantes de um educador é de perceber as dificuldades de cada aluno. Desta forma, a avaliação para mim tem vários objectivos, um deles será a nota final da proposta de trabalho mas, também proporciona conhecer

as dificuldades de cada aluno, o que permite trabalhar essas dificuldades posteriormente.

O Jardim-Escola é como se fosse uma segunda casa para as crianças, onde têm que respeitar as regras pré-estabelecidas, isto, de uma forma geral serve preparação para o quotidiano de uma vida futura.

De acordo com Cury (2004, p.74) “ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão diferença no mundo. As suas lições de vida marcam para todos os solos conscientes e inconscientes dos seus alunos. O tempo pode passar e as dificuldades podem surgir, mas as sementes de um professor fascinante nunca serão destruídas”.

É muito importante que o educador seja sempre um marco na vida de uma criança. Será o meu objectivo enquanto educadora, ensinar e ao mesmo tempo conseguir ter uma relação próxima dos alunos. Para que estes cresçam de forma saudável e felizes. Tendo em conta Felgueiras (2008, p.9) “o educador tem de ter um grande respeito pela criança, tem que estar pronto para aceitar as ideias dela, as soluções que ela propõe.”

“Aprender brincando. Se tivermos sentido de humor, se soubermos ver e fazer as coisas pelo outro lado, pelo lado luminoso e, se em vez de levantarmos barreiras, abirmos caminhos, poderemos educar e ensinar com êxito. Rir e fazer rir é um grande trunfo na mão. Outro é a confiança que tivermos na criança e a autoconfiança que lhe soubermos inculcar”. (Felgueiras, 2008, p.8)

5.2 – Limitações

As limitações que encontrei para a elaboração do relatório, incidiram sobre a falta de tempo e de conseguir gerir o tempo de estágio, as aulas e a elaboração do relatório. Foram meses de muito trabalho, visto que quando íamos dar aulas tínhamos materiais para construir e ocupava muito tempo. Quanto a mim, o que foi mais complicado foi no início, quando não sabíamos bem o que tínhamos que observar durante o estágio. Acabámos por estar a observar tudo o que se passava, o que a meu ver teria sido mais benéfico centrar a nossa observação em temas específicos.

5.3 - Novas pesquisas

Este trabalho foi muito benéfico para a minha vida profissional contudo, como foi um trabalho que abordou temas diversificados, muitos deles ficaram por explorar pormenorizadamente.

Fascinou-me o tema dos jogos. Com estes podemos trabalhar inúmeras capacidades nas crianças. Portanto, em primeiro lugar penso que este será um tema que querei explorar de futuro.

Os materiais matemáticos estruturados, utilizados nesta instituição, também me chamaram especialmente a atenção. São materiais que têm muitos potenciais mas o educador tem que saber bem como utilizá-los para trabalhar as suas várias vertentes.

Para uma vida futura, o educador deve estar em constante aprendizagem. Quanto a mim, estes dois temas foram, sem dúvida, os que senti mais vontade de investigar. Mas, como é óbvio como profissional, terei que tentar averiguar um pouco mais de todas as áreas.

BIBLIOGRAFIA

- Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância – Actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.
- Alarcão, I (1995). *Supervisão de professores e inovação educacional*, Aveiro: centro de investigação, difusão e intervenção educacional.
- Almeida; A. (2002). *Abordar o Ambiente na Infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Borrás, L. (2002). *Manual da educação infantil*. Amadora: Marina Editores.
- Botelho, A.T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma pratica educativa na escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento, Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educacion, Málaga, Espanha.
- Caldeira, M.F. (2009). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educacion, Málaga, Espanha.
- Cardoso, C. & Valsassina, M. M. (1988). *Arte Infantil linguagem plástica*, Lisboa: Editorial Presença, Lda.
- Castro, J.P & Rodrigues, M. (2008) *O sentido de número e organização de dados – textos de apoio para educadores de infância*, Lisboa: Ministério da Educação.
- Cordeiro, M. (2008). *O Livro da Criança – Do 1 aos 5 anos*. 3ªedição. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Correia, M.C (1993). *Blocos lógicos – Jogos de matemática*. Porto: Edições ASA
- Cunha, N.H.S & Nascimento, S.K. (2005). *Brincando, aprendendo e desenvolvendo o pensamento matemático*. Brasil: Editora Vozes
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, Professores Fascinantes*. Portugal: Editora Pergaminho.
- Deus, M.L.(1997) *Guia Prático da Cartilha Maternal*. Lisboa: Associação de Jardins-Escola João de Deus.
- Dohme, V. (2007). *O valor educacional dos jogos*. Brasil: Editora Vozes.

- Drew, W.; Olds, A. & Olds Jr., H.F. (1994). *Como Motivar os seus alunos – Actividades e Métodos para responsabilizar os alunos*. Espanha: Plátano Edições Técnicas.
- Duarte, A.J. (2009). *O jogo e a criança*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus
- Elkonin, D.B. (1998). *Psicologia do Jogo*. Brasil: Martins Fontes
- Felgueiras, B. (2008). *O Livro das Brincadeiras*. Lisboa: Arte Plural Edições
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: Desafios às teorias, Práticas e Políticas*, Lisboa: Texto Editores.
- Ferreira, C.B (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*, Porto: Porto Editora.
- Gesell, A. (1979). *A criança dos 0 aos 5 anos*, Lisboa: Publicação Dom Quixote.
- Hohmann, M. & Weikart, D.P. (2003). *Educar a criança*. Lisboa: Serviço de educação e bolsas Fundação Calouste Gulbenkian
- Hohmann, M.; Banet, B. & Weikart, D.P. (1979). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Lemos, V.; Neves, A.; Campos, C.; Conceição, J.M. & Alaiz, V. (1993). *A nova avaliação da aprendizagem – O direito ao sucesso*. Lisboa: Texto Editora
- Lopes, A., Bernardes, A.; Loureiro, C.; Varandas, J.M.; Oliveira, M.J.; Delgado, M.J.; Bastos, R. & Graça, T. (1992). *Educação Hoje – Actividades matemáticas na sala de aula*. Cacém: Texto Editora.
- Marques, R. (1991). *Educação Hoje – Ensinar a ler, aprender a ler – Um Guia para Pais e Educadores*, Lisboa: Texto Editora.
- Martins, I.; Veiga, M.L.; Teixeira, F.; Vieira, C.; Vieira, R.; Rodrigues, A.; Couceiro, F.; Pereira, S. (2009). *Despertar para a ciência – Actividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Ministério da Educação
- Méndez, J.M. (2002). *Avaliar para Conhecer, examinar para Excluir*. Lisboa: Edições ASA
- Meur, A. & Staes, L. (1989). *Psicomotricidade, Educação e Reeducação*, Brasil: Editora Manole LTDA.
- Ministério da Educação (1997a). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da educação – Departamento da Educação Básica

- Ministério da Educação (1997b). *Reflectir sobre a linguagem escrita*. Lisboa: Ministério da Educação
- Nabais, J.A. (s.d). *À Descoberta da Matemática com o Calculador Multibásico*. Rio de Mouro: Educa
- Pérez, M.(s.d). *O currículo como Marca da Sociedade do Conhecimento*. Seminário Internacional I.Madrid: Universidad Complutense
- Perrenoud, P. (1993). *Práticas Pedagógicas – Profissão Docente e Formação, perspectivas sociológicas*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Perrenoud, P. (1999). *Avaliação da Excelência à Regulação das Aprendizagens – Entre Duas Lógicas*, Porto Alegre: Artmed
- Prestes, G.(1896). *Plano de um jardim-de-infância*. In: Revista do jardim-de-infância, S. PauloV1, Brasil
- Reis, M.P. (2008). *A relação entre os pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educacion, Málaga, Espanha.
- Rockwell, R.; Williams, R. & Sherwood, E.A. (1996). *Todos têm um corpo, ciência da cabeça aos pés*. Lisboa: Coleção Horizontes Pedagógicos, Divisão Editorial – Instituto Piaget.
- Rodrigues, D. (2002). *A infância da Arte, a arte da infância*, 1ªedição,Porto: Edições Asa.
- Ruivo, I.M.S. (2009). – *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educacion, Málaga, Espanha.
- Sequeira, M.F. (2000). *O Contributo da Biblioteca Escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Serrazina, M. & Matos, J.M. (1988). *O geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de professores de matemática.
- Sherwood, E. (1997). *Mais ciência para crianças*. Lisboa: Instituto Piaget

- Silva, C.F.; Nossa, P.N.S. & Silvério, J.M. (2000). *Incidentes críticos na sala de aula, Análise comportamental aplicada (ACA)*. Coimbra: Colecção Nova Era, Educação e sociedade.
- Sousa, B. A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. 1º vol. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, M. R. (1999). *Metodologia do ensino da música para crianças*. Porto: Gailivro.
- Stern, A. (1974). *Aspectos e técnicas da pintura de crianças*. Lisboa: Editora Livros horizonte.
- Vayer P. (1989). *O Diálogo Corporal – A acção educativa para a criança de 2 e 5 anos*. Brasil: Editora Manole LTDA
- Vayer, P.& Trudelle, D. (1999). *Como aprende a criança*. Lisboa: Horizontes pedagógicos, Instituto Piaget
- Vayer, P., Maigre. A. & Coelho, M.L. (2003). *O Jardim-Escola*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.
- Veríssimo. A.(2000). *Registos de observação na avaliação do rendimento escolar dos alunos*. Porto: Areal Editores.
- Zabalza, M. (2001). *Didáctica da Educação infantil*. 3ªEdição. Madrid: Edições ASA.
- Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. São Paulo (Brasil): Artmed.